A Cabala Mística

Dion Fortune

Título original: *Mystical Qabalah*

Publicação Original em 1935.

I. A IOGA DO OCIDENTE

1. São poucos os estudantes de ocultismo que sabem alguma coisa a respeito da fonte de onde surgiu a sua tradição. Muitos deles sequer sabem que existe uma Tradição Ocidental. Os eruditos sentem-se perplexos diante dos subterfúgios a das defesas intencionais de que se valeram tanto os iniciados antigos como os modernos para ocultar-se, a concluem que os poucos fragmentos que ainda nos restam dessa literatura não passam de contrafações medievais. Muito se espantariam eles se soubessem que esses mesmos fragmentos, suplementados por manuscritos que jamais se permitiu saírem das mãos dos iniciados, a complementados por uma tradição oral, ainda são transmitidos até hoje nas escolas de iniciação, constituindo a base do trabalho prático da ioga do Ocidente.

2. Os adeptos das raças cujo destino evolutivo consiste em conquistar o plano físico desenvolveram uma técnica ióguica própria que se adapta aos seus problemas especiais a às suas necessidades peculiares. Essa técnica baseia-se na bem conhecida, mas pouco compreendida Cabala, a Sabedoria de Israel.

3. Poder-se-á perguntar por que as nações ocidentais teriam qualquer razão para procurar a sua tradição mística na cultura hebraica. A resposta a essa questão será facilmente compreendida por aqueles que estão familiarizados com a teoria esotérica relativa às raças a sub-raças. Tudo tem uma fonte. As culturas não brotam do nada. As sementes de cada nova fase de cultura devem surgir necessariamente da cultura anterior. Não podemos negar que o judaísmo foi a matriz da cultura espiritual européia, quando recordamos que tanto Jesus como São Paulo eram judeus. Nenhuma outra raça além da judia poderia ter fornecido a base para uma nova revelação, visto que nenhuma outra raça abraçava um credo monoteísta. O panteísmo e o, politeísmo tiveram seus dias de esplendor, mas uma nova cultura, mais espiritual, se tomou necessária. As raças cristãs devem sua religião à cultura judia, assim como as raças budistas do Oriente devem a sua à cultura hindu.

4. O misticismo de Israel fornece os fundamentos do moderno ocultismo ocidental, a constitui o fundo teórico com base no qual se desenvolveram os rituais ocultistas do Ocidente. Seu famoso hieróglifo, a Árvore da Vida, é o melhor símbolo de meditação que possuímos, exatamente porque é o mais compreensível.

5. Não é minha intenção escrever um estudo histórico sobre as fontes da Cabala, mas, antes, mostrar o emprego que dela fazem os modernos

estudantes dos Mistérios. Embora as raízes de nosso sistema estejam na tradição; não há razão alguma para que esta nos escravize. Uma técnica empregada nos dias que correm é um processo que está em pleno desenvolvimento, pois a experiência de cada trabalhador a enriquece a se torna parte integrante da herança comum.

6. Não devemos necessariamente seguir tais a tais atitudes ou manter tais a tais idéias apenas porque os rabinos que viveram antes de Cristo assim o determinaram. O mundo não deteve sua marcha na era dos rabinos, e vivemos hoje uma nova revelação. Mas o que era verdadeiro - em princípio no passado é verdadeiro - em princípio - na atualidade e, por conseguinte, de muito valor para nós. O cabalista moderno é o herdeiro da Cabala antiga, mas cabe-lhe reinterpretar a doutrina a reformular o método à luz da revelação atual, caso queira extrair dessa herança algum valor prático para si.

7. Não pretendo que os modernos ensinamentos cabalísticos, tal como os que aprendi, sejam idênticos aos dos rabinos pré-cristãos, mas afirmo que esses ensinamentos são os legítimos descendentes daqueles, constituindo o desenvolvimento natural que deles proveio.

8. Quanto mais próxima estiver da nascente, mais pura será a água do rio. Para descobrir os princípios primeiros, devemos it à fonte-mãe. Mas um rio recebe muitos afluentes em seu curso, a estes não estão necessariamente poluídos. Se desejamos descobrir se a água desses afluentes é pura ou não, basta-nos compará-la com a corrente original; se ela passa por esse teste, da impede que se misture com as águas principais a aumente sua força. Ocorre o mesmo com uma tradição: o que não é antagônico deve ser assimilado: Devemos sempre testar a pureza de uma tradição no que respeita aos princípios primeiros, mas devemos igualmente julgar a vitalidade de uma tradição por sua capacidade de assimilação. Apenas a fé morta não recebe' fluências do pensamento contemporâneo.

9. A corrente original do misticismo hebraico recebeu muitas adições. A sua culminação ocorreu entre os nômades adoradores de estrelas da Caldéia, onde Abraão, em sua tenda, rodeado pelos rebanhos, ouvia a voz de Deus. Mas Abraão defrontava-se também com um sombrio pano de fundo, em que vastas formas se moviam semi-distintas. A misteriosa figura de um grande rei-sacerdote, "nascido sem pai, sem mãe, sem descendência, que não tinha nem princípio nem fim", concedeu-lhe a primeira ceia eucarística de pão a vinho após a batalha com os reis do vale, os sinistros reis de Edom, "que governaram antes que houvesse um rei em Israel, cujos reinos eram forças desorganizadas".

10. De geração em geração, podemos traçar o relacionamento dos príncipes de Israel com os reis-sacerdotes do Egito. Abraão a Jacó por lá passaram; José a Moisés estiveram intimamente associados à corte dos adeptos reais. Quando lemos que Salomão se dirigiu a Hiram, rei de Tiro, solicitando-lhe homens a materiais para a construção do Templo, aprendemos que os famosos Mistérios de Tiro devem ter influenciado profundamente o esoterismo hebraico. Quando lemos que Daniel foi educado nos palácios da Babilônia, aprendemos que a sabedoria dos Magi deve ter sido acessível aos iluminati hebreus.

11. A antiga tradição mística dos hebreus possuía três escrituras: os Livros da Lei e dos Profetas, que conhecemos como Velho Testamento; o Talmude, ou coleção de comentários eruditos sobre aquele; e a Cabala, ou interpretação mística do mesmo livro. Desses três livros, dizem os antigos rabinos que o primeiro é o corpo da tradição; o segundo, a sua alma racional; e o terceiro, o seu espírito imortal. Os homens ignorantes lêem com proveito o primeiro; os homens eruditos estudam o segundo; mas o sábio medita sobre o terceiro. É realmente muito estranho que a exegese cristã jamais tenha buscado as chaves do Velho Testamento na Cabala.

12. No tempo de Nosso Senhor, havia três escolas de pensamento religioso na Palestina: a dos fariseus a dos saduceus, sobre os quais temos muitas informações nos Evangelhos, e a dos essênios, a quem nunca se faz referência. A tradição esotérica afirma que o menino Jesus ben Joseph, na idade de doze anos, foi encaminhado, pelos eruditos doutores da Lei, que O ouviram a Lhe reconheceram o valor, à comunidade essênia localizada nas proximidades do Mar Morto, para ali ser treinado na tradição mística de Israel, a que Ele permaneceu nessa comunidade até dirigir-se a João, a fim de receber o batismo no rio Jordão antes do início de Sua missão, empreendida aos trinta anos. Seja como for, o fato é que a frase final do "Pai nosso" é puro cabalismo. Malkuth, o Reino, Hod, a Glória, Netzach, o Poder, constituem o triângulo básico da Árvore da Vida, tendo Yesod, o Fundamento ou Receptáculo de Influências, como ponto central. Quem formulou essa oração conhecia muito bem a Cabala.

13. O esoterismo cristão baseia-se na Gnose, que, por sua vez, radica tanto no pensamento grego como no egípcio. O sistema pitagorico constitui uma adaptação dos princípios cabalísticos ao misticismo grego.

14. A seção exotérica da Igreja Cristã,organizada pelo Estado, perseguiu a aniquilou a seção esotérica, destruindo-lhe toda a literatura a lutando por apagar da história humana a própria lembrança de uma doutrina gnóstica. Registra a história que as termas a as padarias de Alexandria foram fomentadas durante seis meses com os manuscritos retirados da

grande biblioteca. Pouco nos restou da herança espiritual da sabedoria antiga. Tudo o que estava acima do solo foi arrancado, e é apenas com a escavação dos antigos monumentos encobertos pela areia que estamos começando a redescobrir-lhe os fragmentos.

15. Só depois do século XV, quando o poder da Igreja começou mostrar sinais de fraqueza, ousaram os homens confiar ao papel a tradicional Sabedoria de Israel. Os eruditos declaram que a Cabala é uma fantasia medieval, pois não lhe podem traçar a sucessão desde os manuscritos primitivos. Mas aqueles que conhecem o sistema de trabalho das fraternidades esotéricas sabem que toda uma cosmogonia a toda uma psicologia podem !0, r ocultadas num hieróglifo que, para o não-iniciado, não tem qualquer sentido. Esses estranhos a antigos diagramas foram passados de geração para geração, e a explicação que os acompanha, transmitida apenas verbalmente, de modo que a verdadeira interpretação jamais se perdeu. Quando existia alguma dúvida quanto à explicação de algum ponto abstruso, recorria-se ao hieróglifo sagrado, e a meditação sobre ele comunicava o que gerações de trabalho meditativo haviam nele infundido. Sabem muito bem os místicos que, se alguém medita sobre um símbolo ao qual a meditação do passado associou certas idéias, tal pessoa terá acesso a essas mesmas idéias, ainda que o hieróglifo jamais lhe tenha sido explicado por aqueles que receberam a tradição oral "da boca ao ouvido".

16. A força temporal organizada da Igreja expulsou seus rivais de campo a destruiu-lhes os vestígios. Pouco sabemos das sementes que brotaram a logo foram cortadas durante a Idade Negra, mas o misticismo é inerente à raça humana e, embora a Igreja tenha destruído todas as raízes tradição em sua alma grupal, os espíritos devotos de seu próprio rebanho redescobriram a técnica da união entre a alma a Deus a desenvolveram uma ioga característica, estreitamente semelhante à ioga Bhakti do Oriente. A literatura do catolicismo é rica em tratados sobre teologia mística que relam uma familiaridade prática com os estados superiores de consciência, embora apresentem uma concepção um tanto quanto ingênua da psicologia desse fenômeno, revelando assim a pobreza de um sistema que não dispõe da experiência fornecida pela tradição.

17. A ioga Bhakti da Igreja Católica só é adequada àqueles cujo temperamento é naturalmente devocional a que descobrem no auto-sacrifício amoroso a sua expressão mais espontânea. Mas nem todos têm esse temperamento, e é uma pena que o Cristianismo não tenha outros sistemas a oferecer aos seus devotos. O Oriente, por ser tolerante, é sábio, a desenvolveu vários métodos ióguicos. Cada um desses métodos pode ser

seguido com exclusão dos outros, sem que para isso tenha de negar aos outros métodos o valor como meio de acesso a Deus.

18. Em conseqüência dessa deplorável limitação de nossa teologia, muitos devotos ocidentais recorrem a métodos orientais. Para aqueles que são capazes de viver em condições orientais a trabalhar sob a imediata supervisão de um guru, essa escolha poderá revelar-se satisfatória, mas ela raramente dá bons resultados quando esses mesmos devotos seguem vários sistemas sem outra supervisão além da de um livro a sob as condições que regem a vida no Ocidente.

19. É por essa razão que recomendo às raças brancas o sistema tradicional do Ocidente, pois este se adapta perfeitamente à sua constituição física. Esse sistema produz resultados imediatos e, quando praticado sob a supervisão adequada, não afeta o equilíbrio mental ou físico - como acontece com desagradável freqüência quando se utilizam sistemas impróprios - e ainda estimula uma excepcional vitalidade. É essa vitalidade peculiar dos adeptos que deu origem à tradição do "elixir da vida". Conheci várias pessoas em minha vida que mereciam o título de adepto, a sempre me surpreendi com a extraordinária vitalidade que exibiam.

20. Por outro lado, só posso endossar o que todos os gurus da tradição oriental sempre afirmaram, ou seja, que qualquer sistema de desenvolvimento psico-espiritual só pode ser seguido adequadamente a em segurança sob a supervisão pessoal de um mestre experiente. Por essa razão, embora me proponha a fornecer nestas páginas os princípios da Cabala mística, não creio que seja prudente dar também as chaves de sua prática, mesmo que, pelos termos de minha própria iniciação, eu não estivesse proibida de fazê-lo. Mas por outro lado, não considero justo para com o leitor comunicar-lhe informações erradas ou deformadas. Assim, na medida de meus conhecimentos a de minha crença, posso afirmar que as informações dadas neste livro são exatas, ainda que, em certo aspecto, incompletas.

21. Os Trinta a Dois Caminhos Místicos da Glória Oculta são sendas da vida, a aqueles que desejam desvendar-lhes os segredos não têm outra saída senão trilhá-los. Assim eu própria fui treinada, todos os que desejam sujeitar-se à disciplina devem fazê-lo, a eu indicarei com prazer o caminho que todo aspirante sério deverá seguir.

II. A ESCOLHA DE UM CAMINHO

1. Nenhum estudante jamais realizará qualquer progresso no desenvolvimento espiritual se saltar de um sistema a outro, utilizando ora algumas afirmações do Novo Pensamento, ora alguns exercícios de respiração a posturas meditativas da ioga, para prosseguir depois com algumas tentativas nos métodos místicos de oração. Cada um desses sistemas tem o seu valor, mas esse valor só é real se o sistema é praticado integralmente. Representam eles os exercícios calistênicos da consciência, a têm por objetivo desenvolver gradualmente os poderes mentais. O seu valor não reside nos exercícios em si, mas nos poderes que despertarão se forem praticados com perseverança. Se decidimos empreender nossos estudos ocultos com seriedade a fazer deles algo mais do que leituras de entretenimento, devemos escolher nosso próprio sistema a perseverar nele até chegarmos, se não ao seu objetivo final, pelo menos a resultados práticos definitivos e à intensificação permanente da consciência. Uma vez isso alcançado, podemos, não sem vantagem, experimentar os métodos que foram desenvolvidos em outros Caminhos, a formar uma técnica a uma filosofia eclética; mas o estudante que pretende ser um eclético antes de ter obtido muita prática jamais será mais do que um diletante.

2. Todo aquele que tem alguma experiência prática dos diferentes métodos do sistema espiritual sabe que o método deve ser adequado ao temperamento, devendo adaptar-se também ao grau de desenvolvimento do estudante. Os ocidentais, especialmente aqueles que preferem o Caminho oculto ao místico, buscam geralmente a iniciação num estágio de desenvolvimento espiritual que um guru oriental consideraria extremamente imaturo. Todo método que pretende ser adequado para o Ocidente deve ter em seus graus inferiores uma técnica que possa ser galgada como uma escada por esses estudantes que carecem de maturidade; instá-los a atingir imediatamente as alturas metafísicas é tarefa inútil na grande maioria dos casos, a que apresenta, ademais, o agravante de impedir o início no trabalho da senda.

3. Para que um sistema de desenvolvimento possa ser aplicado no Ocidente, cumpre-lhe preencher certos requisitos bem definidos. Em primeiro lugar, a sua técnica elementar deve ser facilmente compreendida pelas mentes que não são absolutamente místicas. Em segundo lugar, as forças que essa técnica põe em movimento a fim de estimular o desenvolvimento dos aspectos superiores da consciência devem ser suficientemente poderosas a concentradas para penetrar os organismos relativamente densos do ocidental médio, que é completamente incapaz de perceber vibrações sutis. Em terceiro lugar, como poucos europeus - devido

ao dharma racial de desenvolvimento da matéria - têm a oportunidade ou a inclinação para levar uma vida reclusa, as forças empregadas devem ser manipuladas de tal maneira que permaneçam disponíveis durante os breves períodos que o homem ou a mulher modernos, no início do Caminho, roubam de suas atribuições diárias para se entregarem à prática. Ou seja, essas forças precisam ser manipuladas por meio de uma técnica que permita ao estudante concentrar-se a desconcentrar-se com facilidade, porque não é possível manter elevadas tensões psíquicas nas duras condições da vida de um indivíduo de uma cidade européia. A experiência tem demonstrado com regularidade infalível que os métodos de desenvolvimento psíquico que são efetivos a satisfatórios para o recluso, produzem estados neuróticos a colapsos na pessoa que procura segui-los suportando concomitantemente as tensões da vida moderna.

4. Tanto pior para a vida moderna, poderia alguém dizer, aduzindo esse fato inegável como um argumento para modificar nosso modo de vida ocidental. Longe de mim afirmar que nossa civilização é perfeita ou que a sabedoria nasceu a morrerá conosco, mas parece-me razoável concluir que, se nosso Karma (ou destino) nos fez encarnar num corpo de um certo tipo e temperamento racial, é precisamente essa disciplina a essa experiência que os Senhores do Karma consideram que precisamos enfrentar nesta encarnação, e que não avançaremos na causa de nossa evolução se evitarmos a ambas ou delas fugindo. Presenciei inúmeras tentativas de desenvolvimento espiritual que eram simples evasões dos problemas da vida, a desconfio de qualquer sistema que envolva um rompimento com a alma grupal da raça. Pouco me impressiona também a dedicação à vida superior que se manifesta por modos peculiares de vestir a agir ou pela maneira de cortar ou de não cortar os cabelos. A verdadeira espiritualidade jamais faz propaganda de si própria.

5. O dharma racial do Ocidente é a conquista da matéria densa,~& pudéssemos compreender tal fato, teríamos a explicação para muitos dos problemas existentes nas relações entre Oriente a Ocidente. Para podermos conquistar a matéria densa a desenvolver a mente concreta, fomos dotados pela nossa herança racial de um corpo físico e um sistema nervoso peculiares, assim como outras raças, como a mongólica e a negra, foram dotadas de outros tipos.

6. É insensato aplicar a um tipo de constituição psicofísica os métodos de desenvolvimento adaptados a outro organismo, pois esses métodos não produzirão os resultados adequados ou produzirão resultados imprevistos e, com toda probabilidade, possivelmente indesejáveis. Dizer isso não é condenar os métodos ocidentais, nem menosprezar a constituição

ocidental, que é como Deus a fez, mas reafirmar o velho adágio de que "mel para um, veneno para outro".

7. O dharma do Ocidente difere do dharma oriental. Será, portanto, aconselhável tentar implantar os ideais orientais num homem ocidental? A fuga ao plano terrestre não é a sua linha de progresso. O ocidental normal e são não deseja escapar da vida; seu objetivo é conquistá-la a dar-lhe ordem e harmonia. Só os tipos patológicos desejam "morrer à meia-noite, sem dor", libertando-se da roda do nascimento a da morte; o temperamento ocidental normal deseja "vida, mais vida".

8. É essa concentração da força vital que o ocultista ocidental busca em suas operações. Ele não tenta escapar da matéria refugiando-se no espírito a deixando a terra inconquistada atrás de si arrumar-se como puder, mas procura, antes, trazer a Divindade até a humanidade a fazer a Lei Divina reinar até mesmo sobre o Domínio das Sombras. É esse o motivo que justifica a aquisição dos poderes ocultos no Caminho da Mão Direita, e que explica por que os iniciados não abandonam tudo em favor da União Divina, mas cultivam a Magia Branca.

9. A Magia Branca consiste na aplicação de poderes ocultos para fins espirituais e é ela que propicia boa parte do treinamento a do desenvolvimento do aspirante ocidental. Conheço alguma coisa a respeito de muitos sistemas e, em minha opinião, a pessoa que tenta renunciar ao cerimonial trabalha com grande desvantagem. O desenvolvimento que se obtém no Ocidente por meio apenas da meditação é um processo lento, pois a substância mental sobre a qual se tem de operar e a atmosfera mental na qual o trabalho se deve cumprir são muito resistentes. A única escola de ioga ocidental puramente meditativa é a dos quacres, a penso que eles concordam em que seu caminho se destina a poucos: a Igreja Católica combina a ioga mântrica com a ioga Bhakti.

10. É por meio das fórmulas que o ocultista seleciona a concentra as forças com as quais deseja operar. Essas fórmulas baseiam-se na Árvore Cabalística da Vida, a seja qual for o sistema com que esteja trabalhando, seja imaginando as formas de Deus do Egito, seja evocando a inspiração Iacchus com cantos a danças, o ocultista tem o diagrama da Árvore no fundo de sua mente. É por meio do simbolismo da Árvore que os iniciados ocidentais se disciplinam, a esse diagrama fornece a estrutura essencial de classificação à qual todos os outros sistemas podem ser referidos. O Raio sobre o qual o aspirante do Ocidente trabalha manifestou-se em diversas cultural e desenvolveu uma técnica característica em cada uma delas. O iniciado moderno opera um sistema sintético, utilizando, às vezes, um método egípcio e, noutras, um método grego ou mesmo druida, pois esses

diferentes sistemas estão mais bem adaptados aos seus diferentes propósitos a condições. Em todos os casos, contudo, a operação que realiza está estreitamente relacionada com os Caminhos da Árvore, em que é mestre. Se possui o grau que corresponde à Sephirah Netzach, ele pode operar com a manifestação da força desse aspecto da Divindade (conhecida pelos cabalistas sob o nome de Tetragrammaton Elohim), seja qual for o sistema que tenha escolhido. No sistema egípcio, seria a Isis da Natureza; no grego, Afrodite; no nórdico, Freya; no druida, Keridwen. Em outras palavras, ele possui os poderes da Esfera de Vênus, seja qual for o sistema tradicional que esteja utilizando. Ao alcançar um grau em um sistema, ele tem acesso aos graus equivalentes de todos os outros sistemas de sua tradição.

11. Mas, embora ele possa utilizar esses outros sistemas quando a ocasião se apresenta, a experiência prova que a Cabala fornece o melhor plano fundamental e o melhor sistema para o adestramento do estudante, antes que ele esteja apto a fazer experiências com os sistemas pagãos. A Cabala é essencialmente monoteísta; os poderes que ela classifica são sempre encarados como mensageiros de Deus a não como Seus companheiros. Esse princípio estabelece o conceito do governo centralizado do Cosmo a do controle da Lei Divina sobre todas as manifestações - princípio muito necessário que todo estudante das Forças Arcanas deve assimilar. É a pureza, a sanidade e a clareza dos conceitos cabalistas resumidos na fórmula da Árvore da Vida que faz desse hieróglifo um símbolo admirável para as meditações que visam exaltar a consciência, dando-nos a justificativa para chamar a Cabala de "ioga do Ocidente".

III. O MÉTODO DA CABALA

1. Ao expressar-se a respeito do método da Cabala, disse um dos antigos rabinos que, se desejasse um anjo vir à Terra, teria ele de tomar a forma humana para poder conversar com os homens. O curioso sistema simbólico que conhecemos como Árvore da Vida é uma tentativa de reduzir à forma diagramática as forças a fatores não só do universo manifesto como também da alma humana, de correlacioná-los mutuamente a de ordená-los como num mapa, para que as posições relativas de cada unidade possam ser compreendidas, de modo a traçar-lhes as relações mútuas. Em resumo, a Árvore da Vida é um compêndio de ciência, psicologia, filosofia a teologia.

2. O estudante da Cabala trabalha de maneira exatamente oposta à do estudante das ciências naturais: este formula conceitos sintéticos; aquele

analisa conceitos abstratos. Não é preciso dizer, contudo, que, para se analisar um conceito, ele deve antes ser integrado num sistema. Alguém deve, por conseguinte, ter imaginado os princípios que estão resumidos no símbolo sobre o qual incide a meditação do cabalista. Quais foram os primeiros cabalistas que idearam todo o esquema? Os rabinos são unânimes quanto a esse ponto: foram os anjos. Em outras palavras, foram seres de outra ordem de criação, diferente da humana, que conferiram ao povo eleito a sua Cabala.

3. Para a mente moderna, isso pode parecer uma afirmação tão absurda quanto a doutrina de que são as cegonhas que trazem os bebês. Mas, se estudarmos os vários sistemas místicos à luz da religião comparada, descobriremos que todos os illuminati estão de acordo quanto a esse ponto. Todos os homens a mulheres que tiveram experiências práticas da vida espiritual afirmam que foram adestrados pelos seres divinos. Seríamos muito tolos se negássemos testemunhos tão numerosos, especialmente aqueles de nós que nunca tiveram qualquer experiência pessoal dos estados superiores de consciência.

4. Dirão alguns psicólogos que os anjos dos cabalistas a os deuses e manus de outros sistemas são os nossos próprios complexos reprimidos; outros, de visão menos estreita, afirmarão que esses seres divinos são as capacidades latentes de nosso próprio eu superior. Para o místico devocional, essa é uma questão que lhe interessa muito pouco; ele obtém resultados, e apenas isso lhe importa; mas o místico filósofo, ou, em outras palavras, o ocultista, faz reflexões sobre a matéria a chega a certas conclusões. Estas, contudo, só podem ser entendidas quando sabemos com exatidão o que entendemos por realidade a quando temos uma clara linha de demarcação entre Q subjetivo e o objetivo. Todo aquele que está familiarizado com o método filosófico conhece a dificuldade de estabelecer esses pontos.

5. As escolas indianas de metafísica têm sistemas filosóficos muito elaborados a complexos que procuram definir essas idéias a torná-las concebíveis; e, embora gerações de videntes tenham dedicado suas vidas a essa tarefa, os conceitos permanecem ainda tão abstratos que só depois de um longo curso de disciplina, que no Oriente se chama ioga, toma-se a mente capaz de compreendê-los.

6. O cabalista trabalha de maneira diversa. Ele não tenta elevar a mente nas asas da metafísica até atingir o ar rarefeito da realidade abstrata; ele formula um símbolo concreto que o olho pode ver, a com ele representa a realidade abstrata que nenhuma mente humana pode conceber.

7. É esse, exatamente, o mesmo princípio da álgebra. Que x represente a quantidade desconhecida, y a metade de x, e z algo que conhecemos. Se começarmos por fazer experiências com y e descobrirmos sua relação com z, y deixará em breve de ser totalmente desconhecido; teremos descoberto pelo menos algo a respeito dele; e, se formos suficientemente hábeis, poderemos, no final, expressar y nos termos de z, a assim começarmos a entender.

8. Existem muitos símbolos que são empregados como objetos de meditação; a cruz, na cristandade; as formas de Deus no sistema egípcio; os símbolos fálicos em outras fés. O iniciado utiliza esses símbolos como meios para concentrar a mente a nela introduzir certos pensamentos, evocando determinadas idéias a estimulando determinados sentimentos. O iniciado, contudo, utiliza de modo diverso o sistema simbólico; ele o utiliza como uma álgebra, por meio da qual é capaz de ler os segredos dos poderes desconhecidos; em outras palavras, ele utiliza o símbolo como um meio de guiar o pensamento no Invisível a no Incompreensível.

9. E como ele faz isso? Utilizando um símbolo composto, porquanto um símbolo unitário não serviria ao seu propósito. Contemplando um símbolo composto como a Árvore da Vida, ele observa que existem relações definidas entre as suas partes. Há algumas partes sobre as quais conhece alguma coisa; há outras sobre as quais pode intuir algo, ou, em outras palavras, a respeito das quais pode ter um "palpite", raciocinando em função dos princípios primeiros. A mente salta de um princípio conhecido a outro conhecido, e, assim fazendo, atravessa as mais diversas distâncias, para falar metaforicamente; é como um viajante no deserto que conhece a localização de dois oásis a que faz uma marcha forçada entre ambos. Ele jamais se atreveria a lançar-se ao deserto partindo do primeiro oásis a desconhecendo a localização do segundo; mas, ao fim de sua jornada, ele não apenas terá conhecido muito mais coisas a respeito das características do segundo oásis, como também terá observado o terreno que se encontra entre ambos. Assim, marchando de um oásis a outro, para frente a para trás no deserto, ele gradualmente o explora; no entanto o deserto é incapaz de sustentar-lhe a vida.

10. Ocorre o mesmo com o sistema cabalístico de notação. As coisas que ele traduz são inimagináveis - e, no entanto, a mente, correndo de um símbolo a outro, é capaz de pensar nessas coisas; e, embora tenhamos de nos contentar em ver através de um vidro esfumado, temos toda razão para esperar que, ao fim, vejamos essas coisas diretamente a as conheçamos por completo, pois a mente humana se desenvolve por meio do exercício, a aquilo que no início era tão inimaginável quanto a matemática para uma

criança que não consegue resolver suas contas, chega ao limiar de nossa compreensão. Pensando sobre uma coisa, formamos conceitos sobre ela.

11. Parece verdade que o pensamento se originou da linguagem, não a linguagem do pensamento. Aquilo que as palavras são em relação ao pensamento, os símbolos o são no que respeita à intuição. Por mais curioso que possa parecer, o símbolo precede a elucidação; é por isso que afirmamos, no início desta obra, que a Cabala é um sistema em desenvolvimento, não um monumento histórico. Temos hoje muito mais coisas a extrair dos símbolos cabalísticos do que nos tempos da antiga revelação, pois nosso conteúdo mental é mais rico em idéias. Por exemplo, muito mais rica é hoje para o biólogo a Sephirah Yesod, na qual operam as forças do crescimento a da reprodução, do que o era para o antigo rabino. A Esfera da Lua resume tudo que se refere ao crescimento e à reprodução. Mas essa Esfera, tal como é representada na Árvore da Vida, localiza-se nos Caminhos que conduzem a outras Sephiroth; por conseguinte, o cabalista biólogo sabe que deve haver certo relacionamento definido entre as forças resumidas em Yesod a as forças representadas pelos símbolos consignados a esses Caminhos. Meditando sobre esses símbolos, ele obtém vislumbres de relações que não se revelariam quando se considera apenas o aspecto material das coisas; e, quando ele tenta trabalhar esses vislumbres no material de seus estudos, descobre que aí se ocultam indícios importantes. Dessa maneira, na Árvore, uma coisa leva a outra, e a explicação das causas ocultas surge das proporções a das relações dos vários símbolos individuais que compõem esse poderoso hieróglifo sintético.

12. Cada símbolo, ademais, admite diferentes interpretações nos diferentes planos e, por meio de suas associações astrológicas, pode ele ser referido aos deuses de qualquer panteão, abrindo, assim, novos a vastos campos de aplicação, nos quais a mente viaja sem descanso, pois um símbolo leva a outro numa cadeia contínua de associações, a ambos se confirmam mutuamente, da mesma maneira como os fios de muitos ramos se reúnem num hieróglifo sintético, sendo cada símbolo passível de interpretação nos termos de qualquer plano em que a mente possa estar funcionando.

13. Esse poderoso a abrangente hieróglifo da alma humana a do Universo, graças à associação lógica de símbolos, evoca imagens na mente; essas imagens, porém, não se desenvolvem ao acaso, mas seguem uma linha de associações bem definidas na Mente Universal. O símbolo da Árvore é, para a Mente Universal, o que o sonho é para o eu individual - um hieróglifo sintético, oriundo da subconsciência, que representa as forças ocultas.

14. O universo é, na realidade, uma forma mental projetada pela mente de Deus. A Árvore Cabalística pode ser comparada a uma imagem onírica que surge da subconsciência de Deus a dramatiza o conteúdo subconsciente da Divindade. Em outras palavras, se o universo é o produto final da atividade da mente do Logos, a Árvore é a representação simbólica do material rude da consciência divina a dos processos pelos quais o universo veio à existência.

15. Mas a Árvore não se aplica apenas ao Macrocosmo, a sim, também, ao Microcosmo, que, como sabem todos os ocultistas, é uma réplica em miniatura daquele. Eis a razão por que a adivinhação é possível. Essa arte tão pouco compreendida a tão caluniada tem por base filosófica o Sistema de Correspondências representado pelos símbolos. As correspondências entre a alma humana e o universo não são arbitrárias, mas surgem de identidades em desenvolvimento. Certos aspectos da consciência foram desenvolvidos em resposta a certas fases de evolução e, por conseguinte, incorporaram os mesmos princípios; conseqüentemente, reagem às mesmas influências. A alma humana é como um lago que se comunica com o mar por meio de um canal submerso; embora aparentemente o lago esteja cercado de terra, seu nível de água baixa ou se eleva com as marés, por obra dessa conecção oculta. Ocorre o mesmo com a consciência humana; existe uma conecção subterrânea entre as almas individuais e a alma do mundo, a essa comunicação se acha profundamente encerrada nos escaninhos mais primitivos da subconsciência, e é por essa razão que participamos do fluxo a refluxo das marés cósmicas.

16. Cada símbolo da Árvore representa uma força ou um fator cósmico. Quando a mente se concentra no símbolo, ela se põe em contato com essa força; em outras palavras, um canal superficial, um canal na consciência, se estabelece entre a mente consciente do indivíduo a um fator particular da alma do mundo, e é por esse canal que as águas do oceano refluem para o lago. O aspirante que utiliza a Árvore como seu símbolo de meditação estabelece ponto por ponto a união entre a sua alma e a alma do mundo. Essa união resulta num tremendo influxo de energia para a alma individual, e é esse influxo que lhe confere poderes mágicos.

17. Mas, assim como o universo deve ser governado por Deus, assim também a multifacetada alma humana deve ser governada por seu deus - o espírito humano. O eu superior deve governar o seu universo, pois, do contrário, haveria força em desequilíbrio a cada fator governaria o seu próprio aspecto, fazendo estalar a guerra entre eles. Teríamos, então, o domínio dos Reis de Edom, cujos reinos eram forças desequilibradas.

18. Temos, assim, na Árvore, um hieróglifo da alma do homem a do universo, bem como nas lendas que a história da evolução da alma a do Caminho da Iniciação associam a ela.

IV. A CABALA NÃO-ESCRITA

1. O ponto de vista do qual abordo a Cabala Sagrada difere, nestas páginas, até onde eu saiba, do adotado por todos os outros escritores que se ocuparam do assunto, pois, para mim, a Cabala é um sistema vivo de desenvolvimento espiritual, não uma curiosidade histórica. Poucas pessoas, mesmo entre aquelas que se interessam pelo ocultismo, sabem que há uma tradição esotérica ativa em nosso meio, que se transmite por meio de manuscritos particulares a "de boca a ouvido". E menos pessoas ainda sabem que essa tradição consiste na Cabala Sagrada, o sistema místico de Israel. Mas onde poderíamos buscar a nossa inspiração oculta, a não ser na tradição legada pelo Cristo?

2. A interpretação da Cabala não se encontra, contudo, entre os rabinos do Israel Externo, que são hebreus apenas pela carne, mas entre aqueles que são o povo escolhido segundo o espírito - em outras palavras, os iniciados. A Cabala, como a compreendo, tampouco é um sistema puramente hebreu, pois ela foi suplementada, durante a Idade Média, por muitos conhecimentos alquímicos a pela estreita associação a este extraordinário sistema simbólico que é o Tarô.

3. Por conseguinte, em minha apresentação do assunto, não recorro muito à tradição, em apoio às minhas concepções, bem como à prática moderna, quanto aqueles que fazem use da Cabala como seu método de técnica oculta. Poder-se-ia alegar contra mim que os antigos rabinos nada sabiam de alguns dos conceitos aqui expostos. Replico que seria mesmo impossível que eles os conhecessem, pois tais idéias não eram conhecidas em seus dias, resultando, ao contrário, do trabalho dos herdeiros do Israel Espiritual. De minha parte - embora não pretenda desviar ninguém dos ensinamentos do mundo antigo a querendo, no tocante aos assuntos de precisão histórica, que estes permaneçam sujeitos à correção de todo aquele que estiver mais informado do que eu a respeito desses assuntos (e seu número é legião) -, atribuo escassa importância à tradição quando ela impede o livre desenvolvimento de um sistema de tanto valor como a Cabala Sagrada, a utilizo as obras de meus predecessores como uma pedreira de onde retiro as pedras para construir minha cidadela. Mas não me limito a essa pedreira por qualquer ordem de que tenha conhecimento,

colhendo também o cedro do Líbano e o ouro de Orfir, se isso convém ao meu propósito.

4. Fique bem claro, portanto, que não digo "Este é o ensinamento dos amigos rabinos", mas sim "Esta é a prática dos modernos cabalistas, que constitui, para nós, assunto de vital importância, por se tratar de um sistema prático de desenvolvimento espiritual"; é a ioga do Ocidente.

5. Depois de me ter assim precavido, na medida do possível, contra a acusação de não ter feito aquilo que jamais pretendi fazer, julgo conveniente definir agora minha própria posição, no que toca à erudição a às qualificações gerais para a tarefa a cumprir. No que concerne à erudição real, estou na mesma classe de William Shakespeare, pois tenho pouco latim e nenhum grego, conhecendo do hebraico apenas o aspecto cultivado pelos ocultistas, ou seja: a habilidade para transliterar a difícil escrita hebraica em função dos cálculos gemátricos. Da acusação de não possuir nenhum conhecimento do hebraico enquanto língua, sou inocente.

6. Não sei se este franco reconhecimento de minhas deficiências servirá para desarmar as críticas; não há dúvida de que se alegará contra mim e não sem justificativas - que uma pessoa assim tão mal-equipada não deveria empreender a tarefa. Posso perguntar, em minha defesa, se alguém, encontrando um homem ferido, deveria, na ausência de qualificação médica, recusar-se a socorrê-lo e a dar-lhe a ajuda que pudesse, esperando, ao contrário,.a chegada da assistência qualificada? Minha obra sobre a Cabala tem a natureza dos primeiros socorros. Procuro desvelar um inestimável sistema até agora negligenciado, a por mais desqualificada para a tarefa que eu possa ser, procuro chamar a atenção para as suas possibilidades a restaurar-lhe o lugar adequado como chave do ocultismo ocidental; e é minha esperança que esta obra possa atrair a atenção dos eruditos a animá-los a continuar a tarefa de tradução a investigação dos manuscritos cabalísticos, que constituem, até agora, um veio do qual apenas os afloramentos superficiais foram aproveitados.

7. Posso alegar, contudo, uma qualificação para a minha tarefa: nos últimos dez anos, vivi a existi na Cabala Prática; utilizei-lhe os métodos tanto subjetiva como objetivamente, até que eles se tomassem parte de mim mesma, a conheço por experiência própria os resultados psíquicos a espirituais que podem produzir, tanto quanto seu incalculável valor como método de manipulação mental.

8. Aqueles que desejam utilizar a Cabala como sua ioga não precisam obter necessariamente um extenso conhecimento da língua hebraica; tudo o de que precisam é ler a escrever os caracteres hebraicos. A

Cabala moderna ganhou certificado de naturalização nas línguas ocidentais, mas retém, e deve reter, as suas Palavras de Poder em hebraico, que é a língua sagrada do Ocidente, assim como o sânscrito é a língua sagrada do Oriente. Muitos são aqueles que se opuseram ao livre emprego dos termos sânscritos na literatura ocultista, a poderiam eles objetar ainda mais fortemente contra o emprego de caracteres hebraicos; mas sua utilização é inevitável, porquanto cada letra é também um número, a os números que as letras compõem são não apenas uma importante pista para o seu significado, mas podem também expressar as relações existentes entre diferentes idéias a poderes.

9. Segundo MacGregor Mathers, no admirável ensaio que constitui a introdução de seu livro, a Cabala é comumente classificada sob quatro categorias:

a Cabala Prática, que trata da magia talismânica a cerimonial; a Cabala Dogmática, que consiste na literatura cabalística;

a Cabala Literal, que trata do use das letras e dos números; e a Cabala Não-escrita, que consiste no conhecimento correto da maneira pela qual os sistemas simbólicos estão dispostos na Árvore da Vida, e a respeito da qual diz MacGregor Mathers: "Nada mais posso dizer sobre esse ponto, nem mesmo se eu o recebi ou não." Mas, como essa valiosa sugestão foi desenvolvida pela falecida Sra. MacGregror Mathers em sua introdução à nova edição do livro ("Simultaneamente à publicação da Cabala, em 1887, ele recebeu instruções de seus mestres ocultos para preparar o que posteriormente se tornou a sua escola esotérica"), é justificável dizer que, embora Mathers tenha recebido a Cabala Não-escrita, .esta deixou por alguns anos de ser não-escrita, pois, após uma disputa com esse autor, Aleister Crowley, o conhecido autor a erudito, publicou integralmente o conjunto. Seus livros são agora raros a difíceis de encontrar e, por serem muitos estimados pelos esoteristas mais eruditos, seu valor se tomou extraordinário a raramente chegam às livrarias de sebo.

10. A violação de um juramento iniciático é um assunto sério a uma coisa que, de minha parte, não pretendo fazer; mas não acredito em nenhuma autoridade que me impeça de coletar a comparar todo o material disponível já publicado sobre qualquer assunto a de interpreta-lo de acordo com a minha melhor habilidade. Nestas páginas, é ao sistema referido por Crowley que recorro para complementar os pontos sobre os quais silenciam MacGregor Mathers, Wynn Westcott a A. E. Waite, principais autoridades modernas da Cabala.

11. Quanto a ter recebido eu própria qualquer conhecimento da Cabala Não-escrita, seria muito inconveniente para mim, tanto quanto o foi para MacGregor Mathers, discorrer sobre esse ponto; e, seguindo seu clássico exemplo de enterrar a cabeça na areia a balançar a cauda, volto à consideração do material de que disponho.

12. A essência da Cabala Não-escrita repousa no conhecimento da ordem em que determinadas séries de símbolos estão dispostas na Árvore da Vida. Essa Árvore - Otz Chiim - consiste em Dez Sephiroth Sagradas, dispostas num padrão particular a unidas por linhas, as quais recebem o nome de Trinta a Dois Caminhos da Sepher Yetzirah, ou Emanações Divinas (ver Lhe Sepher Yetzirah, de Wynn Westcott). Aqui está um dos "labirintos" ou armadilhas em que se deleitavam os rabinos. Se contarmos os Caminhos, descobriremos que há vinte a dois, não trinta a dois deles; mas, para seus propósitos, os rabinos trataram as próprias Dez Sephiroth como Caminhos, enganando dessa maneira os não-iniciados. Os dez primeiros Caminhos da Sepher Yetzirah estão, portanto, atribuídos às Dez Sephiroth, a os vinte e dois seguintes, aos próprios Caminhos reais. Vemos, assim, que também as vinte a duas letras do alfabeto hebraico podem ser associadas aos Caminhos, sem discrepâncias ou sobreposições. Associam-se também a eles os vinte a dois trunfos do Tarô, os Atus, ou Moradas de Thoth. No que concerne às cartas do Tarô, há três autoridades dignas de nota: o Dr. Encausse, ou "Papus", o escritor francês; o Sr. A. E. Waite; a os manuscritos da Ordem da Aurora Dourada, de MacGregor Mathers, que Crowley publicou sob sua própria responsabilidade. Essas três autoridades apresentam pontos de vista muito diferentes. Quanto ao sistema dado pelo Sr. Waite, diz ele: "Há um outro método conhecido pelos iniciados". É razoável supor que esse seja o método utilizado por Mathers. Papus discorda de ambos em seu método, mas, como seu sistema violenta muitas vezes as correspondências com os padrões da Árvore - a prova final de todos os sistemas -, a como os sistemas de Mathers a Crowley se ajustam admiravelmente, penso que podemos concluir com exatidão que o método de ambos constitui a ordem tradicional correta, a pretendo ater-me a ele nestas páginas.

13. Os cabalistas depuseram, ademais, sobre os Caminhos da Árvore, os signos do Zodíaco, os planetas a os elementos. Ora, existem doze signos, sete planetas a quatro elementos, perfazendo vinte a três símbolos. Como se ajustam eles aos vinte a dois Caminhos? Aqui está outra "emboscada", mas a solução é simples. No plano físico, encontramo-nos no elemento Terra e, por essa razão, tal símbolo não aparece nos Caminhos que conduzem ao Invisível. Deixemos de lado esse símbolo a teremos vinte a dois símbolos, que correspondem perfeitamente, corretamente colocados, aos trunfos do

Tarô, pois eles se esclarecem mutuamente de forma notável a fornecem as chaves da Astrologia Esotérica a da adivinhação do Tarô.

14. A essência de cada Caminho reside no fato de que ele constitui a união de duas Sephiroth. Só podemos compreender-lhe o significado levando em conta a natureza das Esferas unidas na Árvore. Mas uma Sephirah não pode ser entendida num único plano: ela tem uma natureza quádrupla. Os cabalistas o afirmam claramente ao dizerem que existem quatro mundos (ver MacGregor Mathers, *The Qabalah Unveiled*).

Atziluth, o mundo Arquetípico, ou Mundo das Emanações; o Mundo Divino;

Briah, o Mundo da Criação, também chamado Khorsia, o Mundo dos Tronos;

Yetzirah, o Mundo da Formação a dos Anjos;

Assiah, o Mundo da Ação; o Mundo da Matéria.

15. Afirmam eles, também, que as Dez Sephiroth Sagradas têm, cada uma, seu próprio ponto de contato com cada um dos Quatro Mundos dos cabalistas. No Mundo Atzilútico, elas se manifestam por meio dos Dez Nomes Sagrados de Deus; em outras palavras, o Grande Imanifesto, simbolizado pelos Três Véus Negativos da Existência, que pendem atrás da Coroa, manifesta-se em dez diferentes aspectos, representados pelos diferentes Nomes utilizados para denotar a Divindade nas Escrituras hebraicas. Esses Nomes são traduzidos de diversas maneiras na Versão Autorizada, e o conhecimento de seu verdadeiro significado, aliado ao das Esferas às quais esses Nomes pertencem, permite-nos elucidar muitos enigmas do Velho Testamento.

16. No mundo Briático, as Emanações Divinas manifestam-se=por meio dos Dez Poderosos Arcanjos, cujos nomes exercem um importante papel na Magia Cerimonial; são eles os vestígios gastos a apagados dessas~Palavras de Poder que constituem os "bárbaros nomes de evocação" da Magia medieval, "nenhuma de cujas letras pode ser alterada". A razão disso é que, em hebraico, uma letra é também um número, a os números de um Nome têm um significado importante.

17. No Mundo Yetzirático, as Emanações Divinas manifestam-se, n$o

por meio de um único ser, mas através de diferentes tipos de seres, chamados de Hostes ou Coros Angélicos.

18. O Mundo Assiático não é, estritamente falando, o Mundo da Matéria, se o encurarmos do ponto de vista Sephirótico, mas antes os planos astral a etéreo inferiores, que, juntos, formam a base da matéria. No plano físico, as Emanações Divinas manifestam-se por meio do que poderíamos chamar, com propriedade, de Dez Chakras Cósmicos, porque esses centros de manifestação correspondem perfeitamente aos centros que existem no corpo humano. Os chakras consistem no Primum Mobile, ou Primeiro Remoinho, a Esfera do Zodíaco, os sete planetas a os elementos - perfazendo o total de dez.

19. Pelo que precede, pode-se observar que cada Sephirah se compõe, em primeiro lugar, de um chakra cósmico; em segundo lugar, de uma hoste angélica de seres, Devas ou Archons, Principalidades ou Poderes, de acordo com a terminologia empregada; em terceiro lugar, de uma Consciência Arquiangélica, ou Trono; a em quarto lugar, de um aspecto especial da Divindade. Deus como Ele é, em Sua Integridade, está absolutamente oculto atrás dos Véus Negativos da Existência, sendo, por essa razão, incompreensível à consciência humana não-iluminada.

20. Podemos considerar corretamente as Sephiroth como macrocósmicas a os Caminhos como microcósmicos, pois as Sephiroth, unidas, como às vezes o são nos velhos diagramas, por um raio de luz, ou por um punho provido de uma espada de fogo, representam as sucessivas Emanações Divinas, que constituem a evolução criadora, ao passo que os Caminhos representam os estágios sucessivos do desdobramento da compreensão cósmica na consciência humana; nas imagens antigas, uma serpente enrodilhada aparece às vezes nos ramos da Árvore. Trata-se da serpente Nechushtan, "que morde a própria cauda", símbolo da sabedoria a da iniciação. As espirais dessa serpente, quando corretamente dispostas na Árvore, cruzam todos os Caminhos a servem para indicar a ordem na qual eles devem ser enumerados. Com a ajuda desse hieróglifo, toma-se muito fácil dispor os símbolos estampados pelas tabelas em suas posições corretas na Árvore, desde que tais tabelas apresentem os símbolos na ordem exata. Em alguns livros modernos, considerados como autoridades sobre o assunto, não se dá a ordem correta, pois seus autores acreditam, aparentemente, que essa ordem não deva ser revelada ao não-iniciado. Mas, como essa ordem é corretamente explicitada em alguns livros antigos e, de mais a mais, na própria Bíblia e na literatura cabalística, não vejo razão para confundir os estudantes com informações espúrias. A recusa à divulgação de algum assunto pode ser justificável, mas como se pode explicar a transmissão de informações que semeiam a confusão? Ninguém será perseguido hoje por seus estudos em ciências heterodoxas, de modo que existe um único objetivo para ocultar os ensinamentos referentes à teoria do universo e à filosofia que dela resulta, a de maneira alguma aos

métodos da Magia Prática, a esse objetivo é reter o monopólio do conhecimento que confere prestígio, se não poder.

21. De minha parte, acredito que tal egoísmo exclusivista constitui, antes, a ruína do movimento oculto do que a sua salvaguarda. Trata-se do antigo pecado de reter o conhecimento de Deus nas mãos de um clero e nega-lo aos que se encontram fora do c1ã sagrado; retenção que se justificava quando as pessoas eram selvagens, mas que é absolutamente injustificável no caso do estudante moderno. Além do mais, pode-se obter a informação desejada consultando-se a literatura existente ou adquirindo-se, em troca de valores muitos elevados, livros que são hoje muito raros. É certamente a disponibilidade de muito tempo a de muito dinheiro que constitui o teste de habilidade para a obtenção da Sabedoria Sagrada.

22. Não duvido de que estarei sujeita às críticas dos auto-constituídos guardiões desse conhecimento, os quais poderão afirmar que seus preciosos segredos foram traídos. A isso replico que não estou traindo nada que seja secreto, mas coordenando o que já foi revelado ao mundo a que é de natureza simples a bem conhecida. Quando tive acesso pela primeira vez a certos manuscritos, eu acreditava que eles eram secretos a desconhecidos para o mundo em geral, mas uma familiaridade maior com a literatura ocultista revelou que a informação já havia sido comunicada fragmentariamente por meio dessa mesma literatura. Muitas coisas, de fato, que os iniciados juraram manter em segredo já haviam sido publicadas pelos próprios Mathers a Wynn Westcott, a já em 1926 encontramos, numa nova edição da obra de Mathers sobre a Cabala, publicada sob a supervisão de sua viúva (que lhe conhecia certamente as intenções), muitas das tabelas que publico nestas páginas. Como esses catálogos de seres foram originalmente conferidos ao mundo por Isaías, Ezequiel a diversos rabinos medievais, podemos afirmar, com propriedade, que, em razão do tempo transcorrido, essas listas não pertencem a nenhum autor determinado. Em todo caso, a propriedade de tais idéias foi adquirida do autor original a não de um determinado comentarista posterior, a esse autor, segundo a própria Cabala, é o arcanjo Metatron.

23. Muito do que era outrora conhecimento comum foi reunido e ocultado sob o juramento de segredo do iniciado. Crowley zomba de seus mestres porque eles o obrigaram ao silêncio com juramentos terríveis a então "lhe confiaram o alfabeto hebraico para que o salvaguardasse".

24. A filosofia da Cabala é o esoterismo do Ocidente. Nela encontramos exatamente a mesma cosmogonia apresentada pelas Estâncias de Dyzian, que foram a base da obra de Mme. Blavatsky. Ela encontrou nessa obra a estrutura da doutrina tradicional, que expôs em seu grande

livro, A doutrina secreta. A cosmogonia cabalística é a gnose cristã. Sem ela, nosso sistema religioso fica incompleto, e é essa lacuna que constitui a fraqueza do Cristianismo. Os primitivos padres, como diz o adágio familiar, "jogaram a criança fora juntamente com a água do banho". Um estudo ainda que superficial da Cabala revela que esse sistema subministra as chaves essenciais dos enigmas das Escrituras em geral a dos livros proféticos em particular. Existirá alguma razão para que os iniciados dos tempos modernos encerrem todo esse conhecimento numa caixa secreta a se sentem sobre a tampa? Se eles consideram que estou errada em passar informações cuidadosas sobre assuntos que julgam sua prerrogativa privada, replico que este é um país livre e que cada um tem direito às suas próprias opiniões.

V. A EXISTÊNCIA NEGATIVA

1. Quando o esoterista procura formular a sua filosofia no intuito de comunicá-la aos outros, defronta-se ele com o fato de que o seu conhecimento das formas superiores de existência resultou de um processo diferente do pensamento habitual a de que esse processo só tem início quando se ultrapassa o próprio pensamento. Portanto, é apenas nessa região da consciência transcendente ao pensamento que podemos conhecer a compreender a forma superior das idéias transcendentais, a apenas aqueles de nós que são capazes de utilizar esse aspecto da consciência estão aptos a comunicar essas idéias em sua forma original. Se procuramos comunicar tais idéias a pessoas que não tiveram experiência alguma desse modo de consciência, precisamos cristalizá-las na forma, pois do contrário não conseguiremos comunicar nenhuma impressão adequada. Os místicos utilizaram todos os símiles imagináveis na tentativa de comunicar suas impressões; os filósofos perderam-se num labirinto de palavras, a tudo isso de nada serviu para o adestramento da alma não-fulminada. Os cabalistas, contudo, utilizam outro método. Eles não tentam explicar à mente um conteúdo com o qual ela não é capaz de trabalhar, mas dão-lhe uma série de símbolos em que deve meditar, a estes lhe permitem armar gradualmente uma escada cognitiva para com esta subir às alturas que estão fora de seu alcance. A mente é tão incapaz de compreender a filosofia transcendental quanto o olho o é de ver a música.

2. A Arvore da Vida - e devemos enfatizar esta afirmação _ constitui antes um método do que um sistema. Aqueles que a formularam estavam perfeitamente cientes de que, para se obter a clareza de visão, cumpre circunscrever o campo dessa mesma visão. Muitos filósofos fundaram seus sistemas no Absoluto, mas essa é uma fundação movediça, visto que a

mente humana não pode definir ou compreender o Absoluto. Outros tentaram utilizar uma negativa como fundamento, declarando que o Absoluto é e sempre será incognoscível. Os cabalistas não empregam qualquer desses artifícios, limitando-se a afirmar que o Absoluto é desconhecido para o estado de consciência normal dos seres humanos.

3. Por conseguinte, em função dos objetivos de seu sistema, os cabalistas lançam o véu sobre certo ponto da manifestação, não porque nada há aí para descobrir, mas porque a mente, como tal, não pode ultrapassar esse ponto. Quando a mente humana atingir o seu estágio mais alto de desenvolvimento, a quando a consciência conseguir desligar-se dela, ficando, por assim dizer, sobre seus ombros, poderemos então penetrar os Véus da Existência Negativa, como são eles chamados. Mas, tendo em vista os propósitos práticos, só podemos entender a natureza do cosmo se estivermos dispostos a aceitar os Véus como convenções filosóficas, compreendendo que eles correspondem a limitações humanas a não a condições cósmicas. A origem das coisas é inexplicável nos termos de nossa filosofia. Por mais longe que remontemos em nossas pesquisas às origens do mundo da manifestação, encontraremos sempre um estágio de existência anterior. É apenas quando aceitamos lançar o Véu da Existência Negativa sobre o caminho que remonta aos primórdios que podemos obter uma base na qual se pode fundar a Causa Primeira. E essa Causa Primeira não é uma origem desprovida de raízes, mas, antes, uma Primeira Aparição no plano da manifestação. A mente não pode it mais além, mas devemos lembrar sempre que cada mente remonta a distâncias diferentes e, para algumas, o Véu deve ser lançado num determinado ponto e, para outras, em outro bem distante. O homem ignorante não vai além da concepção de Deus como um ancião, de longa barba branca, sentado num trono dourado a dando ordens à criação. O cientista caminhará um pouco mais antes de se ver obrigado a lançar um véu a que chama éter, e o filósofo avançará ainda mais um pouco antes de lançar um véu a que chama Absoluto, mas o iniciado caminhará mais do que todos, pois aprendeu a avançar por meio dos símbolos, a os símbolos são para a mente o que as ferramentas são para as mãos - uma aplicação ampliada de seus poderes.

4. O cabalista toma como ponto de partida a Kether, a Coroa, a Primeira Sephirah, que ele simboliza pelo número Um, a Unidade, a pelo Ponto no Círculo. Sobre essa Sephirah, ele lança os três Véus da Existência Negativa. Esse processo difere bastante da tática de começar no Absoluto, tentando remontar à evolução, e, embora possa não comunicar um conhecimento imediatamente claro a completo da origem de todas as coisas, ele faculta, não obstante, um ponto de partida à mente. E sem um ponto de partida não temos esperança de chegar a um fim.

5. O cabalista, portanto, começa, quando pode, no primeiro ponto que está ao alcance da consciência finita. Kether equivale à forma mais transcendental de Deus que podemos conceber, cujo Nome é Ehieh, traduzido na Versão Autorizada da Bíblia como "Eu sou", ou, mais explicitamente, o Ser Puro, Que Existe por Si Mesmo.

6. Mas essas palavras não passam de palavras e, como tais, são incapazes de comunicar uma impressão à mente. Para que tenham sentido, é precise relacioná-las a outras idéias. Só poderemos compreender Kether quando estudarmos Chokmah, a Segunda Sephirah, sua emanação; a só quando contemplarmos o desenvolvimento completo das Dez Sephiroth estaremos prontos para nos aproximar de Kether, mas, dessa vez, aproximar-nos-emos com os dados que nos fornecem a chave de sua natureza. Quando se trabalha com a Árvore, é mais sábio manter a marcha do que se deter num único ponto até dominá-lo, pois uma coisa explica a outra, e é da compreensão das relações entre os diferentes símbolos que surge a iluminação. Repetimos novamente: a Árvore é um método de utilizar a mente, não um sistema de conhecimento.

7. Mas, por enquanto, não nos estamos ocupando do estudo das Emanações, a sim das origens que a mente humana é capaz de penetrar. Por mais paradoxal que possa parecer, podemos remontar muito mais às origens quando lançamos os Véus sobre elas do que quando tentamos penetrar as trevas. Portanto resumiremos a posição de Kether numa sentença, a qual talvez tenha pouco sentido para o estudante que se aproxima do assunto pela primeira vez, embora ele a deva conservar na mente, pois seu significado só ficará mais claro posteriormente. Ao faze-lo, atemo-nos à antiga tradição esotérica de dar ao estudante um símbolo para incubar até que este rebente a casca, dentro da mente, porquanto uma instrução explícita nada lhe diria. A sentença germinal que lançamos na mente subconsciente do leitor é essa: "Kether é a Malkuth do Imanifesto". Diz Mathers (op. cit.): "O oceano sem limites da luz negativa não ,procede de um centro, pois não o possui. Ao contrário, é essa luz negativa que concentra um centro, o qual é a primeira das Sephiroth manifestas, Kether, a Coroa."

8. Essas palavras, em si mesmas, contêm contradições a são incompreensíveis; a luz negativa é simplesmente uma maneira de dizer que a coisa descrita, embora tendo certas qualidades em comum com a luz, não é, no entanto, luz tal como a entendemos. Essa sentença é bem pouco elucidativa no que respeita àquilo que pretende descrever. Ela nos diz para não cometer o erro de pensar na luz como luz, mas não nos diz como devemos concedera-la em sua essência, a isso pela simples razão de que a mente não está equipada com as imagens que podem representá-la; por

conseguinte, devemos deixá-la até que o nosso crescimento nos permita faze-lo. Não obstante, embora essas palavras não nos falem tudo o que gostaríamos de conhecer, elas comunicam certas imagens à imaginação; essas imagens caem na mente subconsciente a daí são evocadas quando as idéias correlatas penetram essa Esfera. O método cabalístico, utilizado praticamente como a ioga do Ocidente, permite, desse modo, o crescimento progressivo da compreensão.

9. Os cabalistas reconhecem quatro planos de manifestação, a três planos de ~estação, ou Existência Negativa. O primeiro destes chama-se ALIV, ou Negatividade; o segundo,ALNSOPH, o Ilimitado; e o terceiro,AIIV SOPHAUR, a Luz Ilimitada. É este último plano que concentra a Sephirah Kether. Esses três termos correspondem aos três Véus da Existência Negativa que pendem sobre Kether; em outras palavras, eles são os símbolos algébricos com os quais podemos pensar naquilo que transcende o pensamento, mas que ocultam, ao mesmo tempo, o que representam; são as máscaras das realidades transcendentes. Se pensarmos nos estados de existência negativa nos termos de algo que conhecemos, incorreremos em erro, pois, seja o que for que eles possam ser, eles não podem ser o que pensamos, porquanto são imanifestos. A expressão "Véus", por conseguinte, ensina-nos a utilizar essas idéias como fichas, desprovidas de valor em si mesmas, mas úteis para nós em nossos cálculos. Essa é a verdadeira utilização de todos os símbolos; eles velam o que representam, até que possamos reduzi-los a termos compreensíveis, permitindo-nos utilizar, em nossos cálculos, idéias que de outra maneira seriam inconcebíveis. E como a essência da Árvore reside no fato de que seus símbolos se elucidam mutuamente graças às suas posições relativas, esses Véus servem como o andaime do pensamento, habilitando-nos a marcar nossas posições em regiões ainda não-cartografadas. Esses Véus, ou símbolos não-concretos, não têm nenhum valor para nós, a menos que um lado do Véu confine com uma terra conhecida. Os Véus, embora ocultem o que representam, permitem-nos ver claramente aquilo para o que servem de estrutura. Essa é a sua função, a única razão pela qual são utilizados. É apenas devido às nossas limitações que necessitamos desses símbolos insolúveis, mas a mente disciplinada na filosofia esotérica aprende rapidamente a trabalhar com essas limitações, aceitando o véu como símbolo daquilo que está além de seu alcance. Assim é o Caminho do desenvolvimento da sabedoria, pois a mente cresce com aquilo de que se alimenta, até que, subindo um dia a Kether, possa ela erguer os braços, desvendar o Véu a contemplar a Luz Ilimitada. O esoterista não limita a si mesmo declarando que o Desconhecido é Incognoscível, pois ele é, acima de tudo, um evolucionista, a sabe que o que está fora de nosso alcance hoje poderá ser alcançado no amanhã do tempo cósmico. Ele sabe, também, que

o tempo evolutivo é um assunto individual nos planos internos, sendo medido (não regulado) pela revolução da Terra em tomo de seu eixo.

10. Esses três Véus - AIN, Negatividade; AIN SOPH, o Ilimitado; e AIN SOPH AUR, a Luz Ilimitada -, embora não possamos esperar compreendê-los, sugerem, não obstante, certas idéias às nossas mentes. A Negatividade implica o Ser ou a existência de uma natureza que não podemos compreender. Não podemos conceber uma coisa que é e que, no entanto, não é; por conseguinte, devemos conceber uma forma de ser da qual nunca tivemos qualquer experiência consciente; uma forma de ser que, de acordo com nossos conceitos de existência, não existe e, no entanto, se assim podemos nos expressar, existe de acordo com a sua própria idéia de existência. Para empregar as palavras de um grande sábio: "Há muito mais coisas no céu a na Terra do que as sonhadas por nossa filosofia".

11. Entretanto, embora digamos que a Existência Negativa está fora do alcance de nossa compreensão, isso não significa que estejamos fora do âmbito de sua influência. Se assim fosse, poderíamos rejeitá-la por não-existente no que nos diz respeito, a nosso interesse por ela terminaria em definitivo. Ao contrário, embora não tenhamos acesso direto ao seu ser, tudo o que conhecemos como existente tem suas raízes nessa Existência Negativa, de maneira que, embora não possamos conhecê-la diretamente, temos dela uma experiência indireta. Em outras palavras, embora não possamos conhecer-lhe a natureza, conhecemos seus efeitos, da mesma maneira como ignoramos a natureza da eletricidade, embora sejamos capazes de utilizá-la em nossas vidas, estando habilitados, pela nossa experiência sobre seus efeitos, a chegar a certas conclusões concernentes pelo menos às qualidades que ela deve possuir. Aqueles que penetraram mais profundamente no Invisível comunicaram-nos descrições simbólicas por meio das quais podemos virar nossas mentes na direção do Absoluto, ainda que não possamos alcançá-lo. Eles falaram da Existência Negativa como Luz: "Ain Soph Aur, a Luz Ilimitada." Falaram da Primeira Manifestação como Som: "No princípio era a Palavra." Certa vez, disse-me um homem - um adepto, se é que jamais houve algum: "Se quer saber o que Deus é, posso dizê-lo numa única palavra: Deus é pressão." Imediatamente, uma imagem brotou em minha mente, seguida de uma compreensão. Pude conceber a corrente da vida fluindo por todos os canais da existência. Senti que uma compreensão genuína da natureza de Deus me tinha sido comunicada. E, no entanto, se alguém tentar analisar as palavras, nada há nelas; não obstante elas tiveram o poder de comunicar uma imagem, um símbolo, à mente, e a mente, operando no reino da intuição, situado além da esfera da razão, alcançou uma compreensão, ainda que essa compreensão não possa ser reduzida à esfera do pensamento concreto senão como uma imagem.

12. Precisamos compreender claramente que, nessas regiões altamente abstratas, a mente não pode utilizar senão símbolos: mas esses símbolos têm o poder de comunicar compreensões às mentes que sabem como utiliza-los; eles são as sementes de pensamento, de onde brota o entendimento, ainda que não sejamos capazes de expandi-los a uma realização concreta.

13. Pouco a pouco, como uma maré ascendente, a compreensão vai concretizando o Abstrato, assimilando a expressando, nos termos de sua própria natureza, coisas que pertencem a outra Esfera; a cometeríamos um grande erro se tentássemos provar, com Herbert Spencer, que, por ser uma coisa desconhecida em razão da capacidade mental que no presente possuímos, essa coisa será para sempre Incognoscível. O tempo e a evolução aumentam não só o nosso conhecimento, como também a nossa capacidade; e a iniciação, que é a casa de força da evolução, antecipando a produção das faculdades necessárias, permite à consciência do adepto atingir vastas compreensões, até então abaixo do horizonte mental humano. Essas idéias, embora claramente apreendidas por ele através de um outro modo de conscientização, não podem ser comunicadas a alguém que não partilha desse modo de conscientização. Ele só pode expressá-las numa forma simbólica; mas toda mente que, de alguma maneira, experimentou esse modo mais amplo de funcionamento será capaz de assimilar essas idéias, embora seja incapaz de traduzi-las na esfera da mente consciente. É por essa razão que, na literatura da ciência esotérica, encontramos idéias germinais como "Deus é pressão" a "Kether é a Malkuth da Existência Negativa". Essas imagens, cujo conteúdo não pertence à nossa Esfera, são como os germes masculinos do pensamento que fecundam o óvulo da compreensão correta. Em si mesmas, elas brilham momentaneamente na consciência como um relâmpago fugidio de compreensão, mas sem elas o óvulo do pensamento filosófico seria infértil. Ao contrário, impregnado por elas, embora sua substância seja absorvida a perdida no próprio ato de impregnação, esse óvulo se transforma, pelo crescimento, no germe sem forma do pensamento e, por fim, após a devida gestação além do limiar da consciência, a mente dá à luz uma idéia.

14. Se desejamos obter o melhor de nossas mentes, devemos aprender a conceder-lhes esse período de latência, essa impregnação por alguma coisa que está fora de nosso plano de existência, permitindo-lhe a gestação além do limiar da consciência. As invocações de uma cerimônia de iniciação têm por objetivo atrair essa influência impregnante para a consciência do candidato. Eis a razão por que os Caminhos da Árvore, que são os estágios de iluminação da alma, estão intimamente associados ao simbolismo das cerimônias iniciáticas.

VI. OTZ CHIIM, A ÁRVORE DA VIDA

1. Para podermos compreender o significado de qualquer Sephirah particular, devemos antes analisar as linhas gerais da OTZ CHUM, a Árvore da Vida, como um todo.

2. Trata-se de um hieróglifo, ou seja, de um símbolo composto, com o qual se procura representar o cosmo em toda a sua complexidade, e também a alma do homem nas relações que esta mantém com aquele; a quanto mais estudamos esse símbolo, mais descobrimos que ele constitui uma representação perfeitamente adequada do que procura expressar; utilizamo-lo da mesma maneira pela qual o engenheiro ou o matemático utiliza sua régua de cálculos - para investigar a calcular as complexidades da existência, tanto visível como invisível, seja na natureza externa, seja nas profundezas ocultas da alma.

3. Como se pode observar pelo Diagrama III (no final do livro), o hieróglifo consiste na combinação de dez círculos dispostos de determinada maneira a unidos entre si por linhas. Os círculos são as Dez Sephiroth Sagradas a as linhas constituem os Caminhos, que perfazem o total de vinte e dois.

4. Cada Sephirah (forma singular do substantivo plural Sephiroth) representa uma fase de evolução e, na linguagem dos rabinos, as Dez Esferas recebem o nome de Dez Emanações Sagradas. Os Caminhos entre elas são fases da consciência subjetiva, os Caminhos ou graus (do latim gradus, "degrau"), através dos quais a alma desenvolve a sua compreensão do cosmo. As Sephiroth são objetivas; os Caminhos são subjetivos.

S. Permitam-me lembrar-lhes mais uma vez que não exponho a Cabala tradicional dos rabinos como uma curiosidade histórica, mas sim como uma estrutura edificada por gerações inteiras de estudantes - todos iniciados e, dentre eles, alguns adeptos - que fizeram da Árvore da Vida seu instrumento de desenvolvimento espiritual a trabalho mágico. Essa é a Cabala moderna, a Cabala alquímica, como também a chamaram por vezes, que abrange muitas coisas estranhas à tradição rabínica, como se verá em seu devido tempo.

6. Consideremos, agora, a disposição geral e o significado da Árvore. Observemos que os círculos que representam as Sephiroth estão dispostos em três colunas verticais (Diagrama I), a que, no topo da coluna central, acima de todos os outros elementos, formando o vértice superior do triângulo das Sephiroth, está a Sephirah Kether, à qual nos referimos no capítulo anterior. Citando novamente as palavras de MacGregor Mathers,

"O oceano sem limites da luz negativa não procede de um centro, pois não o possui. Ao contrário, é essa luz negativa que concentra um centro, o qual é a primeira das Sephiroth manifestas, Kether, a Coroa."

7. Mme. Blavatsky extraiu de fontes orientais a expressão "o ponto no círculo" para expressar o Primeiro Impulso de manifestação, e a idéia está contida na expressão rabínica Nequdah Rashunah, o Ponto Primordial, título que se aplica à Sephirah Kether.

8. Mas Kether não representa uma posição no espaço. O Ain Soph Aur é descrito como um círculo cujo centro está em toda parte a cuja circunferência não está em nenhum lugar - expressão que, como tantas outras no ocultismo, é inconcebível, mas que, não obstante, apresenta uma imagem à mente e, por conseguinte, condiz com seu propósito. Kether, portanto (e, na verdade, todas as outras Sephiroth), é um estado ou uma condição da existência. Devemos ter sempre em mente que os planos não se superpõem uns aos outros no Empíreo, tal como os pavimentos de um edifício, constituindo, antes, estados de ser ou estados de existência de tipos diferentes. Embora esses estados se desenvolvam sucessivamente no tempo, eles se manifestam simultaneamente no espaço, pois todos os tipos de existência estão presentes no ser, por mais simples que este seja, a poderemos compreender melhor essa afirmação se lembrarmos que o ser humano consiste em um corpo físico, emoções, mente a espírito, a que todos esses aspectos ocupam simultaneamente o mesmo espaço.

9. Quem já observou, numa solução saturada, em um líquido aquecido, como vão se formando cristais ao se baixar a temperatura, tem uma imagem adequada para simbolizar a Sephirah Kether: tomemos de um copo de água fervente a nele dissolvamos o máximo de açúcar que for possível dissolver. Então, à medida que a mistura for se esfriando, veremos os cristais de açúcar irem se tomando visíveis novamente. Se o leitor fizer realmente essa experiência, não se contentando apenas em ler sobre ela, obterá um conceito através do qual poderá imaginar a existência da Primeira Manifestação oriunda do Imanifesto Primordial: o líquido está transparente a sem forma; mas uma mudança ocorre nele, a os cristais começam a aparecer, sólidos, visíveis a definidos. Podemos imaginar semelhante mudança ocorrendo na Luz Ilimitada a Kether se cristalizando nessa Luz.

10. Não pretendo, por enquanto, aprofundar a natureza de qualquer uma das Sephiroth, mas apenas indicar o esquema geral da Árvore. Voltaremos muitas a muitas vezes ao assunto no curso destas páginas, até alcançarmos um conceito compreensivo desse hieróglifo, mas essa compreensão só poderá ser atingida gradualmente. Se despendermos muito

tempo num ponto particular, sem que antes o estudante tenha entendido o conceito geral, nossa tarefa será inútil, pois ele não compreenderá a importância desse conceito no esquema como um todo. Os próprios rabinos conferem a Kether os títulos de Segredo dos Segredos a Altura Inescrutável, sugerindo, assim, que a mente humana muito pouco pode esperar conhecer sobre Kether.

11. É digno de nota que o Judaísmo Exotérico, de cujas responsabilidades o Cristianismo é o desafortunado herdeiro, não apresenta qualquer concepção das Emanações ou da sobreposição das Sephiroth. Ele declara simplesmente que Deus fez o mar a as montanhas a as feras do campo, e visualizamos esse processo - se é que realmente o visualizamos - como o trabalho de um artífice celestial que molda cada nova fase de manifestação e assenta o produto final no lugar que lhe corresponde no universo. Essa concepção atrasou por séculos o avanço da ciência européia. Os homens de ciência tiveram, afinal, de romper com a religião a sofrer a perseguição como heréticos, a fim de chegarem à concepção da evolução que foi explicitamente ensinada na Tradição Mística de Israel - tradição, aliás, com a qual os autores do Velho Testamento estavam inquestionavelmente familiarizados, pois suas obras estão repletas de referências a implicações cabalísticas.

12. A Cabala não concebe Deus como um artífice que cria o universo etapa por etapa, mas pensa em diferentes fases de manifestação evoluindo umas das outras, como se cada Sephirah fosse um lago que, uma vez cheio, transbordasse num lago inferior. Citando novamente MacGregor Mathers: oculto numa bolota, existe um carvalho com suas bolotas e, oculto em cada uma destas, existe um carvalho com as suas bolotas. Assim, cada Sephirah contém a potencialidade de tudo que a segue na escala da manifestação descendente. Kether contém todas as outras Sephiroth, que são em número de nove; a Chokmah, a segunda, contém as potencialidades de todas as suas oito sucessoras. Mas, em cada Sephirah, apenas um aspecto de manifestação se acha desenvolvido; as Sephiroth subseqüentes permanecem em estado latente a as precedentes são recebidas pôr refração. Cada Sephirah é, portanto, uma forma pura de existência em sua essência; a influência das fases precedentes de evolução é externa à Sephirah, que recebe esses influxos por refração. Tais aspectos, cristalizando-se, por assim dizer, nos estágios anteriores, não se encontram mais em solução na corrente exteriorizada de manifestação, que procede sempre do Imanifesto por meio do canal de Kether. Quando, por conseguinte, desejamos descobrir a natureza essencial, a base de manifestação, de um tipo particular de existência, encontramo-la meditando sobre a Sephirah à qual essa existência corresponde em sua forma primordial. Existem quatro formas ou mundos pelos quais os cabalistas concebem a Árvore, a

deveremos considerá-los em seu devido tempo. Referimo-nos agora a eles para que o estudante possa contemplar essa imagem em perspectiva.

13. O estudante encontrará uma valiosa ajuda nos capítulos de Lhe Ancient Wisdom, de Annie Besant, que tratam das fases de evolução. Essa obra lança muita luz sobre o assunto com que estamos nos ocupando, embora o sistema de classificação nela utilizado difira do nosso.

14. Concebamos Kether, portanto, como uma fonte que flui para um recipiente, o qual, uma vez cheio, transborda para outra fonte, que, por sua vez, enche outro recipiente e o transborda. O Imanifesto flui sempre sob pressão para Kether, até a evolução chegar à extrema simplicidade da forma de existência do Primeiro Manifesto. Formam-se assim todas as possíveis combinações, experimentando-se todas as possíveis permutas. Ação é reação estereotipizam-se, impedindo, em conseqüência, novos desenvolvimentos, a não ser por meio da associação mútua das combinações. A força forma todas as possíveis unidades; a fase subseqüente de desenvolvimento dessas unidades consiste na sua combinação em estruturas mais complexas. Quando isso ocorre, tem início uma nova a mais organizada fase de existência; tudo o que já havia evoluído permanece, mas aquilo que agora evolui é mais do que a soma das partes previamente existentes, pois novas capacidades vêm à existência.

15. Essa nova fase representa uma alteração do modo de existência. Assim como Kether cristaliza a Luz Ilimitada, a segunda Sephirah, Chokmah, cristaliza, da mesma forma, a Kether nesse novo modo de ser, nesse novo sistema de ações a reações, que deixaram de ser simples a diretas e se tomaram complexas a indiretas. Temos, então, dois modos de existência, a simplicidade de Kether e a relativa complexidade de Chokmah; ambas são tão simples que nenhuma espécie de vida conhecida por nós poderia subsistir nelas; não obstante, elas são as precursoras da vida orgânica. Poderíamos dizer que Kether é a primeira atividade da manifestação, o movimento; é um estado de pura gênese, Rashith ha Gilgalim, os Primeiros Remoinhos, o início dos Movimentos Giratórios, como os chamam os cabalistas, o Primum Mobile, na expressão dos alquimistas. Chokmah, a Segunda Sephirah, recebe dos rabinos o título de Mazloth, a Esfera do Zodíaco. Encontramos aqui o conceito do círculo com seus segmentos. A criação avança. Do Ovo Primordial surge a Serpente que morde a própria cauda, como relata Mme. Blavatsky, em suas inestimáveis fontes de simbolismo arcaico, A doutrina secreta a Ísis sem véu.

16. De maneira similar àquela pela qual Kether transbordou para Chokmah, esta, por sua vez, transborda para Binah, a Terceira Sephirah. Os Caminhos trilhados pelas Emanações nesses transbordamentos sucessivos

são representados na Árvore da Vida por um Relâmpago Brilhante ou, em alguns diagramas, por uma Espada Flamejante. Observar-se-á, no Diagrama 1, que o Relâmpago Brilhante procede de Kether a caminha para fora a para baixo, no sentido da direita, alcançando Chokmah a daí retomando horizontalmente, à esquerda, até estabelecer a Sephirah Binah. O resultado é uma figura triangular sobre o diagrama, que recebe o nome de Triângulo das Três Supremas, ou Primeira Trindade, o qual é separado das demais Sephiroth pelo Abismo, que a consciência humana normal não consegue cruzar. Aqui estão as raízes da existência, ocultas aos nossos olhos.

VII. AS TRÊS SUPREMAS

1. Tendo considerado em linhas gerais o desenvolvimento das três primeiras Emanações Divinas, estamos agora em posição de compreender lhes mais profundamente a natureza e o significado, pois podemos estuda-las em seu relacionamento mútuo. Esse é o único meio de estudar as Sephiroth, pois uma única Sephirah, considerada em separado, carece de sentido. A Árvore da Vida é essencialmente um esquema de relações, tensões e reflexos (Diagrama 11).

2. Os livros rabínicos atribuem muitos nomes curiosos às Sephiroth, e muito aprendemos ao considerá-las, uma vez que toda palavra, nesses livros, tem um significado importante, a nenhuma delas é utilizada superficialmente ou com vistas à mera fantasia poética; todas têm a precisão dos termos científicos, o que, de fato, são.

3. O significado da palavra Kether, como já observamos, é Coroa. Chokmah significa Sabedoria a Binah, Compreensão. Mas, pendente dessas últimas Sephiroth, existe uma Terceira Sephirah, curiosa a misteriosa, que nunca é representada no hieróglifo da Árvore; trata-se da Sephirah invisível Daath (Conhecimento), que resulta da conjunção de Chokmah a Binah e que atravessa o Abismo. Afirma Crowley que Daath é uma outra dimensão das demais Sephiroth, constituindo o vértice de uma pirâmide cujos ângulos básicos correspondem a Kether, Chokmah a Binah. A meu ver, Daath representa a idéia da compreensão a da consciência.

4. Tentemos, agora, elucidar as Três Supremas de acordo com o método da Cabala mística, que consiste em prover a mente com todas as correspondências a símbolos conferidos às Esferas, deixando à contemplação o trabalho de estabelecer as devidas relações.

5. Teremos a oportunidade de observar que essas três Sephiroth, acrescidas de uma quarta Sephirah misteriosa, apresentam o simbolismo relativo à cabeça, que, no homem arquetípico, representa o nível mais elevado de consciência. Se buscarmos na literatura rabínica outros nomes que se lhes possam aplicar, descobriremos muitos outros símbolos referentes à cabeça aplicados a Kether; esses símbolos, embora não se refiram especificamente às demais Sephiroth, abrangem também as outras duas Esferas Supremas, pois estas representam aspectos de Kether num plano inferior.

6. Os rabinos conferem a Kether, entre outros títulos, que não precisamos analisar no momento, os seguintes: Arik Anpin, o Rosto Imenso, A Cabeça Branca, A Cabeça que Não É. O símbolo mágico de Kether, de acordo com Crowley, é um velho rei barbado visto de perfil. Diz MacGregor Mathers: "O simbolismo do Rosto Imenso diz respeito a um perfil graças ao qual só podemos ver uma face do rosto; ou, como se diz na Cabala, `Nele tudo é lado direito'." O lado esquerdo, voltado para o Imanifesto, é para nós como o lado escuro da Lua.

7. Mas Kether é, em primeiro lugar, a Coroa. Ora, a Coroa não é a cabeça, mas repousa nela a sobre ela. Por conseguinte, Kether não é a consciência, mas sim o material rude da consciência, do ponto de vista microcósmico, e o material rude da existência, do ponto de vista macrocósmico. Como já observamos, podemos considerar a Árvore da Vida de duas maneiras; podemos concebê-la como sendo o universo ou a alma do homem, e esses dois aspectos se iluminam mutuamente. Nas palavras da Tábua de Esmeralda, de Hermes: "Como é em cima, tal é embaixo."

8. Kether diferencia-se em Chokmah a Binah antes de alcançar a existência fenomenal, a os cabalistas chamam essas duas Sephiroth de Abba, o Pai Supremo, a Ama, a Mãe Suprema. Binah recebe também o nome de Grande Mar, a Shabathai, a Esfera de Saturno. Na seqüência de nosso estudo, descobriremos que as Sephiroth recebem sucessivamente os nomes das Esferas planetárias, mas Binah é a primeira das emanações a ser assim assinalada; Kether recebe o nome de Primeiro Remoinho, a Chokmah, a Esfera do Zodíaco.

9. Ora, Saturno é o Pai dos Deuses; ele é o maior dos velhos deuses que precederam as divindades olímpicas governadas por Júpiter. Nos títulos secretos atribuídos às camas do Taro, o Caminho de Saturno chama-se, de acordo com Crowley, o Grande Senhor da Noite dos Tempos.

10. Kether diferencia-se numa potência ativa masculina, Chokmah, e numa potência passiva feminina, Binah, a ambas as potências situam-se no topo de duas colunas laterais formadas pelo alinhamento vertical das Sephiroth em seu enquadramento na Árvore da Vida. A coluna da esquerda chama-se Severidade; a da direita, sob Chokmah, chama-se Misericórdia; a do meio, sob Kether, chama-se Suavidade, a recebe também o título adicional de Coluna do Equilíbrio. Essas duas colunas representam os dois pilares encontrados no Templo do Rei Salomão a também em todas as Lojas de Mistérios, constituindo o próprio candidato, quando permanece entre eles, a Coluna Medial do Equilíbrio.

11. Deparamos, aqui, com a idéia expressa por Mme. Blavatsky segundo a qual a manifestação não pode ocorrer antes da diferenciação dos Pares de Opostos. Kether diferencia seus dois aspectos como Chokmah a Binah, e é então que ocorre a manifestação. Temos, assim, nesse triângulo supremo, formado pela Cabeça Que. Não É, pelo Pai a pela Mãe, o conceito radical de nossa cosmogonia. Voltaremos muitas vezes a essa idéia, recebendo, em cada retorno, mais a mais iluminações. Estes capítulos iniciais não pretendem tratar exaustivamente de nenhum dos pontos, pelas razões já aduzidas, uma vez que o estudante que não esteja familiarizado com o assunto (e existem pouquíssimos estudantes que estão familiarizados com ele) ainda não tem o equipamento mental necessário que lhe permita apreciar o significado de um estudo mais detalhado; estamos, no momento, empenhados em reunir esses elementos; no devido tempo, começaremos a dispô-los num templo vivo e a estudá-los em detalhes.

12. Binah, a Mãe Superior (distinta de Malkuth, a Mãe Inferior, a Noiva de Microprosopos, a Isis da Natureza, a Décima Sephirah), apresenta dois aspectos, a estes distinguem-se como Ama, a Mãe Estéril Obscura, a Aima, a Mãe Fértil Brilhante. Já observamos que essa Sephirah se chama Grande Mar, Marah; a palavra Marah não significa apenas Amargo, mas é também a raiz de Maria, a aqui nos encontramos novamente com a idéia da Mãe, no início virgem, a depois com a criança concebida pelo Espírito Santo.

13. Pela associação de Binah com o mar, somos lembrados de que essa Sephirah se originou primordialmente nas águas; do mar nasceu Vênus, a mulher arquetípica. A associação a Saturno sugere a idéia da idade primordial: "Antes que os deuses que fizeram os deuses bebessem até fartar-se (...)", a lembra as rochas mais antigas: "Na sombria quietude do vale (...) sentava-se Saturno, de cabelos cinzentos, quieto como uma pedra." Max Heindel localiza os Senhores da Forma entre as fases mais antigas da evolução, a uma obra inspiracional em minha posse, Lhe Cosmic Doctrine, fala dos Senhores da Forma como as Leis da Geologia.

14. Considerando novamente o simbolismo das duas colunas laterais da Árvore, descobrimos que Chokmah a Binah representam a Força e a Forma, as duas unidades de manifestação.

15. Nada ganharíamos, por enquanto, penetrando mais profundamente nas ramificações sem fim desse simbolismo, pois ele nos levaria para além das três Sephiroth já estudadas. Consideraremos, porém, a misteriosa Sephirah Daath, que nunca aparece na Árvore e à qual não se atribui nenhum. nome divino ou coro angélico, visto que não possui nenhum símbolo cósmico planetário ou elemental, como as demais Esferas da Árvore.

16. Como já observamos, Daath resulta da conjunção de Chokmah e Binah. O Pai Supremo, Abba, desposa a Mãe Suprema, Ama, a Daath é o resultado dessa união. Como os cabalistas conferem curiosos nomes a Daath, será interessante observar alguns deles.

17. No verso 38 do Book of Concealed Mystery (tradução inglesa de Mathers da tradução latina de Knorr von Rosenroth), lê-se: "Pois o Pai e a Mãe estão perpetuamente unidos em Yesod, o Fundamento (a nona Sephirah), mas ocultos sob o mistério de Daath, o Conhecimento"; a lemos, no verso 40, a propósito de Daath: "O homem que diz, Sou o Senhor, esse cairá (...) Yod (a décima letra do alfabeto hebraico) é o fundamento do Conhecimento do Pai; mas todas as coisas chamam-se Byodo, ou seja, todas as coisas se aplicam a Yod, a quem esse discurso diz respeito. Todas as coisas se combinam na língua que está oculta na mãe. Ou seja, graças a Daath, o Conhecimento, por meio do qual a Sabedoria se combina com a Compreensão, e o Caminho da Beleza (Tiphareth, a Sexta Sephirah) com a sua noiva, a Rainha (Malkuth, a Décima Sephirah); a essa é a idéia oculta, ou alma, que penetra toda a Emanação. Daath abre-se para aquilo que dele procede; isto é, Daath é ele próprio o Caminho da Beleza, mas também o Caminho Interno, a que se referia Moisés; a esse Caminho está oculto na Mãe, e é o meio de sua conjunção." Se observarmos que Yod é idêntico ao lingam do sistema hindu; a que Kether, Daath e o Caminho da Beleza, Tiphareth, a Sexta Sephirah, estão alinhados no Pilar Medial da Árvore, que equivale à espinha dorsal do homem, o microcosmo; a que Kundalini está enrolada em Yesod, também no Pilar Medial, descobriremos aqui uma importante chave para aqueles que estão equipados para utilizá-la.

18. Na obra Greater Holy Assembly, verso 566 (tradução de Mathers), lemos o seguinte, a respeito da Cabeça de Microprosopos, cujo corpo é considerado como um hieróglifo do cosmo: "Da Terceira Cavidade provêm mil vezes mil conclaves a assembléias, a nessa Cavidade se localiza a morada de Daath, o Conhecimento. A abertura dessa Cavidade

localiza-se entre duas outras cavidades, a todos esses conclaves estão repletos em ambos os lados. Eis o que lemos nos Provérbios: `E os conclaves estarão cheios de Conhecimento (Daath)'. E essas três cavidades se expandem sobre todo o corpo, por todos os lados, unificando o corpo, e o corpo está contido nelas, por todos os lados, a assim, por meio do corpo, elas se expandem a se difundem."

19. Se recordarmos que Daath está situada no ponto em que o Abismo corta o Pilar Medial, a que no Pilar Medial se localiza o Caminho da Flecha, o caminho que a consciência trilha quando o sensitivo se eleva para os planos, a que nesse local também está Kundalini, observaremos que em Daath reside o segredo tanto da geração quanto da regeneração, a chave para a manifestação de todas as coisas por meio da diferenciação em pares de opostos a da sua união num terceiro elemento.

20. É assim que a Árvore revela seus segredos aos cabalistas.

21.O Segundo Triângulo na Árvore da Vida é constituído pelas Sephiroth Chesed, Geburah a Tiphareth. Chesed forma-se pelo desdobramento de Binah, estando localizada no Pilar da Misericórdia, à direita, imediatamente abaixo de Chokmah; o ângulo do Relâmpago Brilhante, que é utilizado para indicar o curso das emanações na Árvore, dirige-se para baixo, cruzando o hieróglifo à direita, de Binah no topo do Pilar da Severidade até Chesed, que ocupa a seção média do Pilar da Misericórdia. O Relâmpago volta-se novamente a dirige-se na horizontal, através do hieróglifo, em direção ao Pilar da Severidade, em cuja seção média se encontra a Sephirah Geburah. O símbolo da força emanante desce uma vez mais para baixo e à direita, constituindo a Sephirah Tiphareth, que ocupa o centro mesmo da Árvore no Pilar da Suavidade ou do Equilíbrio. Essas três Sephiroth constituem o triângulo funcional seguinte que devemos considerar, a embora não pretendamos penetrar profundamente em seu simbolismo antes de completarmos nossa observação esquemática de todo o sistema, cumpre dizer algumas palavras para esclarecer-lhes o significado a conferir-lhes um lugar no conceito que estamos formulando. Esse conceito é tão vasto a tão complexo em seus detalhes que a tentativa de ensiná-lo exaustivamente de A à Z resultaria em confusão. Seu significado só é revelado ao estudante gradualmente, pois um aspecto interpreta o outro. Meu método de ensinar a Árvore pode não ser o ideal do ponto de vista do pensamento sistemático, mas acredito que ele é o único que capacitará o iniciante a "pegar o jeito" do assunto. Foi na Árvore que obtive meu próprio treinamento místico, a vivi a respirei em sua companhia por'muitos a muitos anos, de modo que me sinto competente para falar dela do ponto de vista do misticismo prático, pois conheço, por minha própria experiência, as dificuldades de dominar o sistema cabalístico,

aparentemente tão intrincado, abstrato a volumoso e, no entanto, tão compreensível e satisfatório quando temos as chaves de sua interpretação.

22. Antes de considerarmos o Segundo Triângulo da Árvore como uma unidade, devemos conhecer o significado das Sephiroth que o compõem. Chesed significa Misericórdia ou Amor; pode chamar-se também Gedulah, Grandeza ou Magnificência, e a ela se atribui a Esfera do planeta Júpiter. Geburah significa Força a recebe também o título de Pachad, Temor; a ela se atribui a Esfera do planeta Marte. Tiphareth significa Beleza, e a ela se atribui a Esfera do Sol. Quando os deuses dos diversos panteões pagãos são correlacionados com as Esferas na Árvore, os deuses sacrificados referem-se a Tiphareth e, por essa razão, a Cabala cristã a chama de Centro Cristológico.

23. Temos agora material suficiente para fazer uma observação a respeito do Segundo Triângulo. Júpiter, o governante e legislador benéfico, é contrabalançado por Marte, o Guerreiro, a força ígnea a destrutiva, a ambas as esferas são equilibradas em Tiphareth, o Redentor. No Triângulo Supremo, temos a Sephirah primária emanando um par de opostos que expressam os dois lados de sua natureza, Chokmah, Força, a Binah, Forma, Sephiroth masculina a feminina, respectivamente. No Segundo Triângulo, temos os pares de opostos que encontram seu equilíbrio num terceiro elemento, localizado no Pilar Medial da Árvore. Deduzimos disso que o Primeiro Triângulo deriva seu significado da esfera que o antecede a que o Segundo Triângulo deriva seu significado daquilo que o triângulo anterior emana. No Primeiro Triângulo, encontramos uma representação das forças criativas da substância do universo; no Segundo, temos uma representação das forças que governam a vida em evolução. Em Chesed reside o rei sábio a bondoso, o pai de seu povo, que organiza o reino, constrói as indústrias, promove a instrução a implanta os benefícios da civilização. Em Geburah temos um rei guerreiro, que conduz o seu povo à guerra, defende o reino dos assaltos dos inimigos, estende-lhe os limites por meio da conquista, pune o crime e aniquila os malfeitores. Em Tiphareth, temos o Salvador, sacrificado na Cruz para a salvação de seu povo, colocando, assim, Geburah em equilíbrio com Gedulah, ou Chesed. Descobrimos, aqui, a esfera de todos os deuses solares e deuses curadores benéficos. Vemos, assim, que as misericórdias de Gedulah e as severidades de Geburah se unem para a cura das nações.

24. Atrás de Tiphareth, atravessando a Árvore, estende-se Paroketh, o Véu do Templo, que corresponde, num plano inferior, ao Abismo que separa as Três Supremas do resto da Árvore. Como o Abismo, o Véu marca uma cisão na consciência. O modo de mentalização num lado da cisão difere, em espécie, do modo de mentalização que prevalece no outro.

Tiphareth é a Esfera superior, à qual a consciência humana normal pode elevar-se. Quando Felipe disse ao Mestre, "Mostra-nos o Pai", Jesus replicou, "Aquele que viu a Mim viu também ao Pai". A mente humana só pode conhecer de Kether aquilo que se reflete em Tiphareth, o Centro Cristológico, a Esfera do Filho. Paroketh é o Véu do Templo, que se rasgou no instante da Crucificação.

25. Chegamos, agora, em nossa breve observação preliminar, ao Terceiro Triângulo, composto das Sephiroth Netzach, Hod a Yesod. Netzach é a Sephirah básica do Pilar da Misericórdia, Hod é a Sephirah básica do Pilar da Severidade, a Yesod é o Pilar Medial da Suavidade ou do Equilíbrio, em alinhamento direto com Kether a Tiphareth. Assim, o Terceiro Triângulo é uma réplica exata do Segundo Triângulo num arco inferior.

26. O significado de Netzach é Vitória, e a ela se atribui a Esfera do planeta Vênus; o significado de Hod é Glória, e a ela se atribui a Esfera do planeta Mercúrio; o significado de Yesod é Fundamento, e a ela se atribui a Esfera da Lua.

27. Na medida em que se pode chamar o Segundo Triângulo, com alguma propriedade, de Triângulo Ético, pode-se muito bem chamar o Terceiro Triângulo de Triângulo Mágico; e, se atribuirmos a Kether a Esfera do Três em Um, a Unidade indivisa, e a Tiphareth a Esfera do Redentor ou Filho, poderíamos justificadamente referirmo-nos a Yesod como a Esfera do Espírito Santo, o lluminador; essa é uma atribuição da Trindade Cristã que se enquadra melhor ao contexto da Árvore do que a sua atribuição às Três Supremas, que coloca o Filho no lugar de Aba, o Pai; e o Espírito Santo no lugar de Ama, a Mãe, e é obviamente irrelevante a motivo de inúmeras discrepâncias nas correspondências a nos simbolismos. Temos, aqui, um exemplo do valor da Árvore como um método de meditação probatória; as atribuições corretas adornam a Árvore por meio de ramificações infindas de simbolismo, como vimos quando consideramos Binah como a Mãe; o simbolismo errôneo incorreto desintegra-se a revela as suas bizarras associações quando se tenta seguir uma cadeia de correspondências. É assombrosa a multidão de ramificações de cadeias associativas que se podem seguir quando a atribuição é correta. É como se apenas a extensão de nosso conhecimento pudesse limitar a extensão das cadeias associativas; estas abrangem a ciência, a arte, a matemática, as épocas da história, a ética, a psicologia e a fisiologia. Foi esse método peculiar de utilizar a mente que, com toda a probabilidade, deu aos antigos o seu prematuro conhecimento da ciência natural, conhecimento cuja confirmação precisou esperar a invenção de instrumentos de precisão. Temos indícios desse método na análise de sonhos da psicologia analítica.

Poderíamos descrevê-lo como o poder da mente subconsciente de utilizar símbolos. Constitui uma experiência instrutiva tomar uma massa confusa de símbolos a observá-los ajustarem-se durante a meditação sobre a Árvore, elevando-se à consciência, em longas cadeias de associação, tal como numa análise de sonhos.

28. Netzach é a Esfera da Deusa da Natureza, Vênus. Hod é a Esfera de Mercúrio, o análogo grego do Thoth egípcio, Senhor dos Livros a da Sabedoria. Da oposição de ambos, resulta um terceiro elemento em equilíbrio, que vem a ser Yesod, a Esfera da Lua. Temos, assim, um Triângulo composto pela Senhora da Natureza, pelo Senhor dos Livros a pela Senhora da Feitiçaria; em outras palavras, a subconsciência e a superconsciência correlacionadas no psiquismo.

29. Quem quer que esteja familiarizado com o misticismo prático, sabe que são três os caminhos da superconsciência - o misticismo devocional, que corresponde a Tiphareth; o misticismo natural, de raízes dionisíacas, que corresponde à Esfera de Vênus, Netzach; e o misticismo intelectual, de vinculação ocultista, que corresponde a Hod, a Esfera de Thoth, Senhor da Magia. Tiphareth, como veremos no diagrama da Árvore, pertence a um plano mais elevado do que o dos componentes do Terceiro Triângulo; Yesod, por outro lado, está muito perto da Esfera da Terra.

30. Atribuem-se a Yesod todas as divindades de simbolismo lunar: a própria Luna; Hécate, que rege a Maria Negra; a Diana, que governa os partos. A Lua física, Yesod em Assiah, como diriam os cabalistas, com seu ciclo de vinte a oito dias, corresponde ao ciclo reprodutivo da fêmea humana. Se o simbolismo da Lua crescente fosse investigado em vários panteões, descobrir-se-ia que as divindades a eles associadas são predominantemente femininas; é interessante notar - corroborando a nossa atribuição do Espírito Santo a Yesod - que, de acordo com MacGregor Mathers, o Espírito Santo é uma força feminina. Diz ele (Kabbalah Unveiled, p. 22): "Ouvimos com freqüência que o Espírito Santo é masculino. Mas a palavra Ruach, `Espírito', é feminina, como se depreende da seguinte passagem da Sepher Yetzirah: Acha (feminino, não Achad, masculino) Ruach Elohim Chüm: o Um é ela, o Espírito do Elohim da Vida'." Quando considerarmos o Pilar Medial relativamente aos níveis de consciência, teremos uma confirmação adicional desse ponto de vista.

31. Resta-nos considerar, por fim, a Sephirah Malkuth, o Reino da Terra. Essa Sephirah difere das demais em vários aspectos. Em primeiro lugar, ela não integra qualquer triângulo equilibrado, mas é o receptáculo das influências dos triângulos anteriores. Em segundo lugar, é uma Sephirah decaída, pois a Queda a separou dos demais componentes da

Árvore, a as espirais do Dragão Inclinado que se ergue do Mundo das Conchas, os Reinos da Força Desequilibrada, assinalam essa separação. Por trás dos ombros da Rainha, a Noiva de Microprosopos (Malkuth), a Serpente levanta sua cabeça, e é nesse local que ocorrem os julgamentos mais severos. A Esfera de Malkuth estende-se até os Infernos das Sephiroth Malignas, as Qliphoth, ou demônios maus. Ela é o firmamento de onde Elohim efetuou a separação entre as águas supremas de Binah a as águas infernais do Leviana.

32. Consideraremos em seu devido tempo o significado das Qliphoth, mas, como nos referimos aqui a elas a fim de explicar a posição de Malkuth, devemos dizer algumas palavras que tornem a explicação inteligível.

33. As Qhiphoth (no singular, Qliphah, mulher indecente, meretriz) são as Sephiroth Malignas ou Adversas, cada uma das quais uma emanação ou uma força desequilibrada oriunda de sua correspondente Esfera da Árvore Sagrada; essas emanações ocorrem durante os períodos críticos de evolução, quando as Sephiroth se encontram em desequilíbrio. É por essa razão que os textos se referem a elas como os Reis da Força Desequilibrada, os Reis de Edom, "que governaram antes que houvesse um rei em Israel", segundo relata a Bíblia, ou, conforme as palavras da Siphrah Dzenioutha, o Book of Concealed Mystery (tradução de Mathers): "Pois antes do equilíbrio, o rosto não via o rosto. E os reis dos tempos antigos estavam mortos, e suas coroas não mais foram encontradas, e a terra estava desolada."

34. Completamos, assim, o nosso exame preliminar da Árvore da Vida e da disposição das Dez Sagradas Sephiroth; tendo estudado, em linhas gerais, o significado das Esferas a sugerido a maneira pela qual opera a mente quando utiliza os símbolos cósmicos em suas meditações, podemos agora assinalar a cada nova informação o seu enquadramento correto em nosso esquema. Construiremos nosso quebra-cabeça conhecendo as linhas gerais do quadro. Crowley comparou com propriedade a Árvore a um fichário, em que cada um dos símbolos é uma gaveta. Eis uma comparação praticamente irretocável. No curso de nossos estudos, utilizaremos essas gavetas procurando descobrir-lhes o sistema de indexação sugerido pela utilização de um mesmo símbolo em diversas associações.

VIII. OS PADRÕES DA ARVORE

1. São várias as maneiras pelas quais se podem agrupar as Dez Sephiroth Sagradas na Árvore da Vida. Não se pode dizer que determinada forma seja mais correta que outra, pois elas servem a diferentes objetivos a lançam muita luz sobre o significado das Sephiroth individuais, revelando-lhes as associações e o equilíbrio.

2. São valiosas também porque permitem relacionar o sistema decimal da Árvore com os sistemas temários, quaternários e setenários.

3. A conformação primária da Árvore consiste em três Pilares. Observaremos nos diagramas que as Sephiroth se prestam facilmente a essa divisão vertical tríplice, visto que estão dispostas em três colunas (Diagrama I), denominadas Pilar da Misericórdia (à direita), Pilar da Severidade (à esquerda) e Pilar da Suavidade ou do Equilíbrio (ao meio).

4. Antes de prosseguirmos, cumpre esclarecer o significado dos lados direito a esquerdo da Árvore. Observando o diagrama, vemos Binah, Geburah a Hod em seu lado esquerdo, a Chokmah, Chesed a Netzach no direito; essa é a maneira pela qual contemplamos a Árvore quando a utilizamos para representar o Macrocosmo. Mas, quando a utilizamos para representar o Microcosmo, isto é, o nosso próprio ser, devemos dar-lhe as costas, de modo que o Pilar Medial se equipare à espinha, o Pilar que contém Binah, Geburah e Hod corresponda ao lado direito do corpo e o Pilar que contém Chokmah, Chesed a Netzach, ao lado esquerdo. Esses três Pilares podem também ser correlacionados com os conceitos Shushumna, Ida a Pingala do sistema iogue. É de extrema importância nos lembrarmos dessa reversão da Árvore quando a utilizamos como um símbolo subjetivo, pois do contrário obteremos resultados confusos. Em sua valiosa obra sobre a literatura da Cabala, The Holy Qabalah [A cabala sagrada], o Sr. Waite, no frontispício, por alguma razão que só ele conhece, inverte a apresentação habitual da Árvore; na maioria das vezes, as apresentações desse símbolo correspondem à Árvore objetiva, não à subjetiva. Quando empregamos a Árvore para indicar as linhas de força na aura, devemos utilizar a Árvore subjetiva, de modo que Geburah corresponda ao braço direito. Em todos os casos, o Pilar Medial permanece, naturalmente, imóvel.

5. O Pilar da Severidade é negativo ou feminino, e o Pilar da Misericórdia é positivo ou masculino. Poder-se-ia pensar superficialmente que essas atribuições conduzem a um simbolismo incompatível, mas um estudo dos Pilares à luz do que agora sabemos a respeito das Sephiroth

individuais revelará que as incompatibilidades são puramente superficiais a que o significado profundo do simbolismo é inteiramente concorde.

6. Observar-se-á que a linha indicadora dos desenvolvimentos sucessivos das Sephiroth zigue-zagueia de um lado ao outro do hieróglifo, tendo por isso recebido o nome apropriado de Relâmpago Brilhante. Essa imagem indica graficamente que as Sephiroth são sucessivamente positivas, negativas e equilibradas. Essa é uma representação muito mais adequada do processo da criação do que a figurada pela disposição das Esferas numa linha reta, umas sobre as outras, pois indica não só a diferença natural das Emanações Divinas, como também as suas mútuas relações; quando contemplamos o Hieróglifo da Árvore, percebemos facilmente as relações existentes entre as diferentes Sephiroth, a podemos ver como elas se agrupam, refletem-se a reagem mutuamente.

7. No topo do Pilar da Severidade, o Pilar feminino a negativo, está Binah, a Grande Mãe. Esta é atribuída à Esfera de Saturno, a Saturno é o Dador da Forma. No topo do Pilar da Misericórdia está Chokmah, o Pai Supremo, potência masculina. Temos aqui, então, a oposição entre Forma e Força.

8. Na Segunda Trindade, apresenta-se a oposição entre Chesed (Júpiter) a Geburah (Marte). Temos novamente os pares de opostos: da construção, em Júpiter, o legislador a governante benéfico; a da destruição, em Marte, o guerreiro e aniquilador do Mal. Poder-se-á perguntar por que razão uma potência masculina como Geburah está colocada no Pilar feminino. Cabe lembrar, contudo, que Marte é uma potência destrutiva, constituindo um dos planetas maléficos da Astrologia. O positivo edifica, o negativo destrói; o positivo é uma força cinética, o negativo é uma força estática.

9. Esses aspectos surgem novamente em Netzach, na base do Pilar da Misericórdia, a em Hod, na base do Pilar da Severidade. Netzach é Vênus, o Raio Verde da Natureza, força elemental, a iniciação das emoções. Hod é Mercúrio, Hermes, a iniciação do conhecimento. Netzach é instinto a emoção, força cinética; Hod é intelecto, pensamento concreto, redução à forma do conhecimento intuitivo.

10. Devemos lembrar, contudo, que cada Sephirah é negativa, ou seja, feminina, em relação à sua predecessora, da qual emana a da. qual recebe a Influência Divina; a positiva, masculina ou estimulante, em relação à sua sucessora, à qual transmite a Influência Divina. Portanto, toda Sephirah é bissexual, como um ímã, cujos pólos devem ser necessariamente um positivo e o outro negativo. Poderíamos explicar

melhor o assunto se recorrêssemos a uma analogia astrológica, afirmando que unia Sephirah no Pilar feminino está dignificada quando funciona em seu aspecto negativo, e deprimida quando funciona positivamente, a que no Pilar masculino a posição se apresenta invertida. Portanto, Binah (Saturno) está dignificada quando produz estabilidade a resistência, mas deprimida quando o excesso de resistência toma-se ativamente agressivo, produzindo obstrução a emissão de matéria estéril. Por outro lado, Chesed, Misericórdia, está dignificada quando ordena a preserva harmoniosamente as coisas do mundo, mas deprimida quando a misericórdia se torna sentimentalismo a usurpa a Esfera de Saturno, preservando aquilo que a energia ígnea, a Esfera oposta, a Sephirah Geburah, deveria eliminar da existência.

11. Os dois Pilares representam, portanto, as forças da natureza: as positivas a as negativas, as ativas a as passivas, as destrutivas a as construtivas, a forma que concretiza e a força que libera, que desagrega.

12. As Sephiroth do Pilar Medial podem ser encaradas também como os níveis representativos da consciência ou como os planos sobre os quais eles operam. Malkuth é a consciência sensorial; Yesod é o psiquismo astral; Tiphareth é a consciência iluminada, o aspecto mais elevado da personalidade a que a individualidade pode se unir, a que constitui o estado que possibilita a iniciação; trata-se da consciência do eu superior atraída à personalidade - vislumbre da consciência superior oriunda da parte posterior do véu de Paroketh. É por essa razão que os messias a os salvadores do mundo são referidos a Tiphareth no simbolismo da Árvore, pois são eles que concedem a luz à humanidade; e, como todos os que roubam o fogo do céu devem sofrer, eles morrem a morte sacrificial em benefício da humanidade. É aqui também que morremos para o Eu Inferior, a fim de podermos alcançar o Eu Superior. In Jesu morimur.

13. O Pilar Medial eleva-se através de Daath, a Sephirah Invisível, que, como já vimos, é o Conhecimento, de acordo com os rabinos, a percepção ou apreensão consciente, de acordo com a terminologia psicológica. No topo desse Pilar está Kether, a Coroa, a Raiz de Todo Ser. A consciência, portanto, alcança a essência espiritual de Kether por meio da compreensão de Daath, que a faz cruzar o Abismo, levando-a para a consciência transladada de Tiphareth, para onde é conduzida por intermédio do sacrifício de Cristo, que rasga o véu Paroketh; em seguida, para a consciência psíquica de Yesod, a Esfera da Lua e, finalmente, para a consciência cerebral a sensorial de Malkuth.

14. É esse o curso da consciência na marcha da involução, que é o termo aplicado a essa fase de evolução que se dirige para baixo, desde a

Primeira Manifestação em meio aos planos sutis de existência até a matéria densa; por essa razão, deveria o esoterista utilizar o termo evolução apenas quando pretende descrever a subida da matéria ao espírito, pois é nessa direção que ocorre a evolução daquilo que involuiu através das fases sutis de desenvolvimento. É óbvio que nada pode evoluir a desenvolver-se se antes não involuiu a não se desenvolveu. O curso real da evolução segue a trilha do Relâmpago Brilhante ou da Espada Flamejante, de Kether a Malkuth, na ordem de desenvolvimento das Sephiroth previamente descritas; mas a consciência desce plano por plano, a só começa a manifestar-se quando as Sephiroth polarizantes estão em equilíbrio; por conseguinte, os modos de consciência são atribuídos às Sephiroth Equilibrantes no Pilar Medial, mas os poderes mágicos são atribuídos às Sephiroth opostas, cada uma das quais se encontra na haste da balança dos pares de opostos.

15. O Caminho da Iniciação segue as espirais da Serpente da Sabedoria na Árvore; mas o Caminho da Iluminação segue o Caminho da Flecha lançada pelo Arco da Promessa, Qesheth, o arco-íris de cores astrais que se estende como um halo por trás de Yesod. Esse é o caminho do místico, que se distingue do caminho do ocultista; é rápido a direto, e livre do perigo da tentação da força desequilibrada que se encontra nos outros pilares, mas não confere nenhum poder mágico, salvo os do sacrifício em Tiphareth a os do psiquismo em Yesod.

16. Já fizemos menção às Três Trindades da Árvore em nossa discussão preliminar das Dez Sephiroth. Recapitulemo-las novamente para maior clareza. Mathers chama a Primeira Trindade, constituída por Kether, Chokmah a Binah, de Mundo Intelectual; a Segunda Trindade, constituída por Chesed, Geburah a Tiphareth, de Mundo Moral; e a Terceira Trindade, formada por Netzach, Hod a Yesod, de Mundo Material. A meu ver, essa terminologia é equívoca, pois tais palavras não nos comunicam o verdadeiro sentido desses Mundos. O intelecto é essencialmente a concretização da intuição a da compreensão e, como tal, é um vocábulo inadequado para o Mundo das Três Supremas. Concordo com o emprego do termo Mundo Moral para Chesed, Geburah a Tiphareth, pois ele é sinônimo do meu termo Triângulo Ético; mas discordo enfaticamente da utilização do termo Mundo Material para a Trindade de Netzach, Hod a Yesod, pois esse vocábulo pertence exclusivamente a Malkuth. Essas três Sephiroth não são materiais e sim astrais, a para essa Trindade eu proponho o termo Mundo Astral ou Mágico; não é conveniente utilizar as palavras fora de seu sentido dicionarizado, ainda que lhes precisemos o sentido, a isso Mathers não se preocupou em fazer.

17. A Esfera Intelectual não é tanto um nível quanto um Pilar, pois o intelecto, sendo o conteúdo da consciência, é essencialmente sintético. Esses termos, contudo, parecem provir de uma tradução algo rude dos nomes hebraicos dados aos quatro níveis em que os cabalistas dividem a manifestação.

18. Esses quatro níveis permitem, ainda, outro agrupamento das Sephiroth. O mais elevado deles é Atziluth, o Mundo Arquetípico, composto por Kether. O segundo, Briah, chamado de Mundo Criativo, consiste em Chokmah a Binah, Abba a Ama Supremos, o Pai e a Mãe. O terceiro nível é o de Yetzirah, o Mundo Formativo, que consiste das seis Sephirot centrais, a saber, Chesed, Geburah, Tiphareth, Netzach, Hod a Yesod. O quarto Mundo é Assiah, o Mundo Material, representado por Malkuth.

19. As Dez Sephiroth conformam-se também em Sete Palácios. No Primeiro Palácio estão as Três Supremas; no Sétimo Palácio estão Yesod e Malkuth; a as demais Sephiroth têm cada uma um Palácio próprio. Esse agrupamento é interessante, pois revela o íntimo relacionamento entre Yesod e MaIkuth, a permite equacionar a escala décupla da Cabala com a escala sétupla da Teosofia.

20. Há também outra divisão tripla das Sephiroth que é muito importante para o simbolismo cabalístico. Nesse sistema, confere-se a Kether o título de Arik Anpin, o Rosto Imenso. Este se manifesta como Abba, o Pai Supremo, Chokmah, a Ama, a Mãe Suprema, Binah, sendo esses os aspectos positivo a negativo do Três em Um. Esses dois aspectos diferenciados, quando unidos, são, de acordo com Mathers, Elohim, esse curioso Nome Divino que é um substantivo feminino flexionado com uma desinência masculina. Essa união ocorre em Daath, a Sephirah invisível.

21. As seis Sephiroth seguintes conformam-se em Zaur Anpin, o Rosto Menor, ou Microprosopos, cuja Sephirah especial é Tiphareth. A Sephirah restante, Malkuth, recebe o nome de Noiva de Microprosopos.

22. Microprosopos recebe também, às vezes, o nome de Rei; Malkuth, em conseqüência, o nome de Rainha. Ela se chama também Mãe Menor ou Eva Terrestre, distinta de Binah, a Mãe Suprema.

23. Esses diferentes métodos de classificar as Sephiroth não são sistemas concorrentes, mas visam permitir adequar o sistema décuplo dos cabalistas com outros sistemas, utilizando uma notação tripla, tal como a cristã, ou, como já observamos, um sistema sétuplo como o da Teosofia; todos esses sistemas são valiosos porque indicam relações funcionais entre as Sephiroth.

24. O sistema final de classificação que devemos considerar encontra-se sob a regência das Três Letras-Mães do alfabeto hebraico: Aleph (A), Mem (M) a Shin (Sh). De acordo com a atribuição Yetzirática do alfabeto hebraico, essas três letras estão relacionadas com os três elementos Ar, Água e Fogo. Sob o governo de Aleph, encontra-se a Tríade Aérea de Kether, na qual está a Raiz do Ar, que se reflete para baixo, através de Tiphareth, o Fogo Solar, em Yesod, a Radiância Lunar. Em Binah encontra-se a Raiz da Água (Marah, o Grande Mar), que se reflete para baixo, através de Chesed, em Hod, sob o governo de Mem, a Mãe da Água. Em Chokmah encontra-se a Raiz do Fogo, que se reflete para baixo, através de Geburah, em Netzach, sob o governo de Shin, a Mãe do Fogo.

25. Cumpre ter sempre em mente esses agrupamentos, visto que eles nos ajudam enormemente a compreender o significado das Sephiroth individualmente; como já salientamos em várias oportunidades, só podemos compreender uma Sephirah através de suas múltiplas relações.

IX. AS DEZ SEPHIROTH NOS QUATRO MUNDOS

1. Já fizemos referência à repartição das Sephiroth nos Quatro Mundos dos Cabalistas, pois esse é um dos métodos de classificação mais empregados no pensamento cabalístico, sendo de enorme valor para o estudo da evolução. Devemos lembrar, contudo, que o fato de um autor classifìcar uma coisa segundo um determinado sistema não implica que outro autor não possa classifica-lo adequadamente de acordo com outro sistema. O ressurgimento do mesmo símbolo numa Esfera diferente concede, amiúde, indícios muito valiosos.

2. Segundo outro método de classificação, as Dez Sephiroth Sagradas figuram em cada Mundo Cabalístico num outro arco ou nível de manifestação; assim como Ain Soph Aur, a Luz Ilimitada do Imanifesto, concentra um ponto, que é Kether, a as emanações operam em sentido descendente, através de graus progressivamente maiores de intensidade, até alcançar em Malkuth; assim Malkuth, em Atziluth, dá origem a Kether de Briah, a assim consecutivamente através dos planos, o Malkuth em Briah dando origem a Kether de Assiah, e o Malkuth de Assiah, em seu aspecto inferior, confinando com as Qliphoth.

3. É Atziluth, contudo, que passa por ser a esfera natural das Sephiroth como tais, e é por essa razão que recebe o nome de Mundo das Emanações. É aqui, a somente aqui, que Deus age diretamente a não por meio de Seus ministros. Em Briah, Ele opera através da mediação dos Arcanjos; em Yetzirah, através das Ordens Angélicas; a em Assiah, através

desses centros que chamei de Chakras Cósmicos - os planetas, elementos a signos do Zodíaco.

4. Temos, então, nesses quatro grupos de símbolos, um sistema completo de notação, com o qual podemos expressar o modo de funcionamento de qualquer poder em qualquer nível, a esse sistema de notação é a base da Magia Cerimonial com seus Nomes de Poder, e também da Magia Talismânica e do sistema divinatório do Tarô. É por essa razão que não se pode alterar uma única letra dos "bárbaros nomes de evocação", pois esses nomes são fórmulas baseadas no alfabeto hebraico, que é a língua sagrada do Ocidente, assim como o sânscrito é a língua sagrada do Oriente. No hebraico, além disso, cada letra é também um número, de modo que os Nomes são fórmulas numéricas; um intrincado sistema de matemática metafísica, chamado Gematria, baseia-se nesse princípio. Há aspectos da Gematria que eu, pelo menos no meu presente estágio de conhecimento, considero degradados ou inúteis, posto que se baseiam antes na superstição, mas a idéia básica do sistema de matemática cósmica encerra indubitavelmente grandes verdades e apresenta inúmeras possibilidades. Utilizando esse sistema, podemos desenredar as relações de todos os modos dos fatores cósmicos, mas para isso devemos conhecer a grafia hebraica correta dos Nomes de Poder, pois esses Nomes foram formulados de acordo com os princípios da Gematria e, por conseguinte, a Gematria lhes fornece a chave. Mas, por mais fascinante que seja esse aspecto de nosso tema, não podemos dele nos ocupar agora.

5. No Mundo Arquetípico de Atziluth, conferem-se dez formas do Nome divino às Dez Sephiroth. Todo aquele que tenha lido a Bíblia terá observado que Deus é referido sob diversos títulos, tais como Senhor Deus, Pai a diversos outros Nomes. Esses Nomes não são estratagemas literários para evitar repetições desnecessárias, mas termos metafísicos exatos, e, de acordo com o Nome utilizado, podemos conhecer o aspecto da força divina em questão e o plano em que está operando.

6. No Mundo de Briah, são os poderosos Arcanjos que executam os mandatos de Deus a lhes são expressão, a conferem-se às Esferas Sephiróticas da Árvore nesse Mundo os Nomes desses dez poderosos espíritos.

7. Em Yetzirah, acham-se os inumeráveis coros angélicos, que executam os mandamentos divinos; a esses coros são também atribuídos às Esferas Sephiróticas, permitindo-nos conhecer-lhes o modo e o nível de funcionamento.

8. Em Assiah, como já observamos, certos centros naturais de força têm correspondências similares. Consideraremos todas as associações quando estudarmos as Sephiroth em detalhes.

9. Na transposição simbólica das Dez Sephiroth Sagradas em Quatro Mundos, há outro importante conjunto de fatores a considerar. Trata-se das quatro escalas coloridas classificadas por Crowley como a escala do Rei, atribuída ao Mundo Atzilútico; a escala da Rainha, atribuída ao Mundo Briático; a escala do Imperador, atribuída ao Mundo Yetzirático; e a escala da Imperatriz, atribuída ao Mundo Assiático.

10. Essa classificação quádrupla é extremamente significativa, tanto para os assuntos cabalísticos como para a Magia ocidental, que se baseia largamente na Cabala. Afirma-se que ela está sob o governo das Quatro Letras do Tetragrammaton, o Nome Sagrado popularmente traduzido como Jeová. Em hebraico, que não tem vogais em seu alfabeto, essa palavra é grafada JHVH, ou, de acordo com os nomes hebraicos dessas letras, Yod, Hé, Vau, Hé. As vogais são indicadas em hebraico por pontos inseridos dentro ou sob as letras quadradas da escrita, que se faz da direita para a esquerda. Esses pontos vocálicos foram introduzidos em data relativamente recente, a os manuscritos hebraicos mais antigos não apresentam os sinais das vogais, de modo que o leitor não pode determinar a pronúncia de nenhum nome por si mesmo, precisando recorrer a alguém que a conheça. A verdadeira pronúncia mística do Tetragrammaton constitui um dos arcanos dos Mistérios.

11. Todas as classificações místicas quádruplas referem-se às Quatro Letras do Nome e, por meio de suas correspondências, podemos traçar-lhes as possíveis vinculações, a estas são muito importantes para o ocultismo prático, como veremos mais adiante.

12. Quatro importantes divisões quádruplas são referidas ao Tetragrammaton, o que nos permite observar-lhes as relações mútuas. São elas os Quatro Mundos dos cabalistas; os quatro elementos dos alquimistas; a classificação quaternária dos signos do Zodíaco a dos planetas em triplicidade, empregadas pelos astrólogos; a os quatro naipes das lâminas do Tarô, empregadas na adivinhação. Essa classificação quádrupla assemelha-se à Pedra de Rosetta, que deu a chave dos hieróglifos egípcios. Essa pedra apresentava inscrições em egípcio a grego; como o grego era conhecido, foi possível estabelecer o sentido dos hieróglifos egípcios. É o método de dispor todos esses grupos de fatores na Árvore que dá a pista esotérica real a cada um desses sistemas de ocultismo prático. Sem essa chave, eles não têm nenhuma base filosófica a tomam-se assuntos de mistificação a superstição. É por essa razão que o iniciado ocultista nada

terá a fazer com o "tirador de sorte" não iniciado, pois ele sabe que, na falta dessa chave, seu sistema não tem valor. Daí a vital importância da Árvore no ocultismo ocidental, Ela é nossa base, nosso sistema métrico a nosso manual de instruções.

13. Para compreender uma Sephirah, precisamos, portanto, conhecer, em primeiro-lugar, as suas correspondências primárias nos Quatro Mundos; em segundo lugar, as suas correspondências secundárias nos quatro sistemas de ocultismo prático acima mencionados; e, em terceiro lugar, todas as outras correspondências que possamos, por qualquer meio, reunir, para que o concurso de muitos testemunhos possa revelar a verdade. Essa reunião de correspondências poderá revelar-se uma tarefa infindável, pois o cosmo, em todos os seus planos, apresenta infinitas correspondências. Se formos bons estudantes da ciência oculta, aumentaremos continuamente nossos conhecimentos. Não poderíamos encontrar comparação melhor para essa tarefa do que o sistema de arquivos.

14. Mas devemos novamente recordar ao leitor que a Cabala é tanto um método de utilizar a mente quanto um sistema de conhecimento. Se temos o conhecimento sem ter adquirido a técnica cabalística de meditação, o conhecimento terá pouco valor para nós. Poderíamos até mesmo afirmar que não poderemos adquirir grande grau de conhecimento se não tivermos o domínio dessa técnica mental. Não é com a mente consciente que a Árvore trabalha, mas sim com a mente subconsciente, pois o método lógico da Cabala é o método lógico da associação de sonhos; mas, no caso da Cabala, quem sonha é a subconsciência racial, a alma coletiva das pessoas, o espírito da Terra. Ao se comunicar com essa alma da Terra, o adepto penetra, pela meditação, nos símbolos prescritos. Nisso reside a verdadeira importância da Árvore a de suas correspondências.

15.O mais elevado dos Quatro Mundos, Atziluth, o plano da Divindade Pura, recebe dos cabalistas o título de Mundo Arquetípico, e, na tradução algo canhestra de MacGregor Mathers, o de Mundo Intelectual, mas este último termo é equívoco. O Mundo de Atziluth só seria intelectual se tomássemos a palavra intelectual como referência à mente, ao intelecto racional, na medida em que se trata aqui do reino das idéias arquetípicas. Mas essas idéias são totalmente abstratas, concebidas por uma função de consciência que está absolutamente fora do âmbito da mente tal como a conhecemos. Portanto, chamar esse nível de Mundo Intelectual é trazer confusão ao leitor, a menos que deixemos bem claro que por intelecto compreendemos algo completamente diferente do sentido dicionarizado desse vocábulo, mas esse é um meio pobre de expressar nossas idéias. Seria preferível cunhar um novo termo com um sentido preciso a utilizar um termo antigo num sentido enganoso, especialmente quando, no caso de

Atziluth, há um excelente termo já corrente, o termo Arquetípico, que o descreve com exatidão.

16. Dizem os cabalistas que o Mundo Atzilútico está sob o governo da letra Yod do Nome Sagrado do Tetragrammaton. Podemos, portanto, deduzir corretamente que qualquer outro sistema quádruplo governado por Yod referir-se-á ao Mundo Atzilútico, ou ao aspecto puramente espiritual dessa força ou tema. Entre outras associações dadas por diferentes autoridades, estão o naipe de paus das cartas_do Tarô e o elemento Fogo. Quem quer que tenha algum con~e~un'ent dóis assuntos ocultos poderá corroborar a afirmação de que o conhecimento do elemento ao qual um símbolo é atribuído subministra muitos outros conhecimentos paralelos. O símbolo abrenos em primeiro lugar todas as ramificações da Astrologia, a podemos traçar-lhe as afinidades astrológicas por meio das triplicidades do Zodíaco a dos planetas que lhes correspondem. Conhecendo as associações zodiacais a planetárias, podemos explorar o simbolismo correlato de qualquer panteão, pois todos os deuses a deusas de todos os sistemas que a mente humana inventou têm associações astrológicas. As histórias de suas aventuras são, na verdade, parábolas das operações das forças cósmicas. Jamais poderíamos descobrir nosso caminho nesse labirinto de símbolos se não dispuséssemos de um guia a para encontra-lo precisamos apenas amarrar a cadeia de relações na Sephirah que lhe corresponde.

17. Todos os sistemas de pensamento esotérico, assim como todas as teologias populares, atribuem a construção e o governo das diferentes partes do universo manifesto à mediação de seres inteligentes que trabalham sob a instrução das Divindades. O pensamento moderno tentou escapar das implicações desse conceito, reduzindo a manifestação a um assunto de mecânica; não o conseguiu, a parece não estar muito longe a ocasião em ,que ela própria chegará a perceber que é a mente que está na raiz da forma.

18. Os conceitos da Sabedoria Antiga podem ser rudes do ponto de vista da filosofia moderna, mas somos forçados a admitir que a força causativa atrás da manifestação é afim, em sua natureza, antes à mente do que à matéria. Dar um passo à frente a personificar os diferentes tipos de força é uma analogia legítima, desde que compreendamos que a entidade que é a alma da força pode diferir bastante em espécie a grau de nossas mentes, assim como nossos corpos diferem em tipo a escala dos corpos dos planetas. Estaremos mais perto de uma compreensão da natureza se contemplarmos a mente no plano de fundo do que se recusarmos a admitir que o universo visível tem uma estrutura invisível. O éter dos físicos tem muito mais afinidade com a mente do que com a matéria; tempo a espaço,

tal como os entende o filósofo moderno, são antes modos de consciência do que medidas lineares.

19. Os iniciados da Sabedoria Antiga não fossilizaram sua filosofia; eles tomaram cada fator da Natureza e o personificaram, deram-lhe um nome a edificaram uma figura simbólica para representá-la, assim como os artistas ingleses produziram por seus esforços coletivos uma Grã-Bretanha padrão - a Brittania -, uma figura feminina com um brasão, com o pavilhão militar, um leão aos seus pés, um tridente na mão, um elmo na cabeça e o mar ao fundo. Analisando essa figura como o faríamos com um símbolo cabalístico, compreendemos que cada um desses símbolos individuais do complexo hieróglifo tem um significado. As várias cruzes que constituem o pavilhão militar referem-se às quatro raças do Reino Unido. O elmo é o de Minerva, o tridente é o de Netuno; a precisaríamos de um capítulo especial para elucidar o simbolismo do leão. Na verdade, um hieróglifo oculto apresenta muitas afinidades com um brasão de arenas, e a pessoa que constrói um Hieróglifo opera da mesma forma que um heraldista que desenha um brasão. Na heráldica, todo símbolo teen um sentido exato, combinando-se com outros no brasão de armas para representar a família a os parentescos do homem que o ostenta a para falar-nos de sua posição na vida. Uma figura mágica é o brasão de armas da força que representa.

20. Construímos essas figuras mágicas para representar os diferentes modos de manifestação da força cósmica, em seus diferentes tipos a em seus diferentes níveis. Por serem figuras exatas, o iniciado pensa nelas como pessoas, sem se preocupar com seus fundamentos metafísicos. Conseqüentemente, para os propósitos da prática, elas são pessoas, pois seja o que possam ser na verdade, elas sofreram um processo de personalização, a as formas mentais foram construídas no plano astral para representá-las. Essas formas, por estarem carregadas de força, têm a natureza dos elementais artificiais; mas, sendo cósmica a força com que foram carregadas, elas são algo totalmente diferente do que aquilo que entendemos comumente como elementais artificiais, a por isso as atribuímos ao reino angélico a as chamamos de anjos ou arcanjos, de acordo com o seu grau. Um ser angélico, portanto, pode ser definido como uma força cósmica cujo veículo aparente de manifestação à consciência psíquica é uma forma construída pela imaginação humana. No ocultismo prático, essas formas são construídas com grande cuidado, prestando-se absoluta atenção aos detalhes do simbolismo, pois elas visam evocar a força requerida; todo aquele que teve a oportunidade de utilizá-las concordará em que elas são peculiarmente eficazes para os propósitos para os quais foram planejadas. Mantendo a imagem mágica na mente e vibrando o Nome que se lhe atribui tradicionalmente, podemos obter fenômenos notáveis.

21. Como já observamos anteriormente, a utilização da técnica mental cabalística é necessária se desejamos obter resultados da Cabala; a formulação da imagem e a vibração do Nome têm por objetivo estabelecer um contato entre o estudante a as forças que correspondem às Esferas da Árvore. Ao entrar em contato com esse meio, a consciência do estudante se ilumina e a sua natureza obtém a energia fornecida pela força contatada, resultando desse processo as notáveis iluminações originadas da contemplação dos símbolos. Essas iluminações não são uma torrente generalizada de luz, como no caso da mística cristã, mas uma energização a uma iluminação específica de acordo com a Esfera aberta; Hod confere a compreensão das ciências; Yesod, a compreensão da força vital a de seu comportamento cíclico. Quando entramos em contato com Hod, enchemo-nos de entusiasmo a energia para a pesquisa; em contato com Yesod, penetramos mais profundamente na consciência psíquica a tocamos as forças vitais ocultas da Terra a de nossas próprias naturezas. Só a experiência pode corroborar o que dizemos; aqueles que utilizaram o método sabem muito bem o que este lhes proporcionou. Enquanto método empírico, o sistema produz resultados, quaisquer que sejam os seus fundamentos racionais.

22. Se desejamos estudar uma Sephirah - em outras palavras, se desejamos investigar o aspecto da natureza ao qual ela se refere -, não devemos estudá-la apenas intelectualmente a nela meditar, mas precisamos entrar em contato psíquico a intuitivo com sua influência a com sua Esfera. Para realizarmos essa tarefa, começamos sempre por cima a tentamos entrar em contato espiritual com o aspecto da Divindade que emanou essa Esfera a que vela se manifesta. Se isso não é feito, as forças que pertencem à Esfera nos níveis elementais podem escapar a provocar problemas. Começando sob a proteção do Nome divino, contudo, nenhum mal pode acontecer.

23. Tendo adorado o Criador e o Sustentador de Tudo sob o Seu Nome Sagrado na Esfera que estamos investigando, invocamos em seguida o Arcanjo da Esfera, o poderoso ser espiritual no qual personificamos as forças que edificaram esse nível de evolução a que continuam a operar no aspecto correspondente da Natureza. Solicitamos a bênção do Arcanjo, a suplicamos-lhe que ordene à Ordem de Anjos afeta a essa Esfera que nos auxilie amistosamente no reino da natureza que lhe está afeto. Assim que o fizermos, estaremos perfeitamente sintonizados com a nota da Esfera que estamos investigando, a estaremos prontos para seguir as ramificações das correspondências dessa Sephirah a de seus símbolos cognatos.

24. Se procedermos dessa maneira, descobriremos que as cadeias de associações são muito mais ricas em simbolismo do que poderíamos

imaginar, pois a mente subconsciente foi despertada, abrindo uma de suas múltiplas câmaras de imagens, com a exclusão de todas as outras. As cadeias. de associações que surgem na consciência devem, pois, estar livres de qualquer mistura de idéias estranhas.

25. Em primeiro lugar, revemos em nossas mentes todos os símbolos possíveis que podemos recordar e, quando estes se apresentam à consciência, tentamos determinar-lhes a importância e o papel nos segredos da Esfera investigada. Mas não devemos fazer um esforço excessivo, pois, se nos concentramos num símbolo e o forçamos, por assim dizer, fechamos as machas do tênue véu que cobre a mente subconsciente. Nessas investigações - metade meditação, metade sonho -, procuramos trabalhar nas fronteiras da consciência a da subconsciência, no intuito de induzir aquilo que é subconsciente a cruzar o umbral e a se pôr ao nosso alcance.

26. Se assim procedermos, seguindo as ramificações das cadeias de associação, descobriremos que um fluxo intuitivo acompanha o processo, e, após a experiência ter sido repetida duas ou três vezes, sentiremos que conhecemos essa Sephirah de uma maneira peculiarmente familiar, que nela nos sentimos em casa a que essa sensação é completamente diferente da de outras Sephiroth com que ainda não trabalhamos. Descobriremos também que algumas Sephiroth são mais afins a nós do que outras, a que obtemos melhores resultados quando trabalhamos com elas do que quando o fazemos com outras não-afros, onde as cadeias de associações se quebram a as portas da subconsciência se recusam resolutamente a abrir-se à nossa batida. Um de meus discípulos podia realizar excelentes meditações com Binah-Saturno a Tiphareth, o Redentor, mas não obtinha tão bons resultados com Geburah-Severidade-Marte.

27. Jamais esquecerei minha própria experiência com a primeira tentativa que fiz utilizando esse método. Trabalhava eu no Trigésimo Segundo Caminho, o Caminho de Saturno, unindo Malkuth a Yesod, um Caminho muito difícil a traiçoeiro. Em meu horóscopo, Saturno não está em bom aspecto, a experimento amiúde a sua influência adversa em minha vida. Mas, após ter conseguido trilhar o caminho de Saturno nas trevas de cor índigo do Invisível a alcançar a Lua da Yesod brilhando púrpura a prateada sobre o horizonte, senti que havia recebido a iniciação de Saturno, que já não era mais meu inimigo, mas um amigo que, embora cândido a austero, tentava proteger-me dos erros a dos julgamentos precipitados. Compreendi sua função como experimentador, a não como antagonista ou vingador. Compreendi que ele é o tempo com sua ceifadeira, mas soube também por que ele era chamado em hebraico de Shabbathai, "descanso", "pois ele concedeu seu amado sono". Depois disso, o Trigésimo Segundo Caminho se me abriu, não apenas na Árvore, mas na vida, pois as forças a

problemas simbolizados pelo Caminho a suas correspondências se harmonizaram em minha alma. Por esses dois breves exemplos, podemos perceber que as meditações na Árvore constituem um sistema muito prático a exato de desenvolvimento místico, que é peculiarmente valioso por ser equilibrado, uma vez que nele os diferentes aspectos de manifestação são, por assim dizer, dissecados e operados em turnos, sem nada se esquecer. Assim que trilharmos todos os Caminhos da Árvore, aprenderemos tanto as lições da Morte e do Demônio, como as do Anjo a do Sumo Sacerdote.

X. OS CAMINHOS DA ÁRVORE

1. A Sepher Yetzirah confere tanto às Dez Sephiroth como às linhas que as unem o título de Caminhos; a com muita propriedade, pois os Caminhos são igualmente canais da influência divina; mas é comum, no trabalho prático, as linhas entre as Sephiroth serem consideradas apenas como Caminhos, a as Sephiroth como Esferas da Árvore. Esse é um dos muitos ardis e subterfúgios que encontramos no sistema cabalístico, pois, pensando que os Caminhos perfazem o total de trinta a dois, como se afirma na Sepher Yetzirah, não seríamos capazes de relacioná-los com as vinte a duas letras do alfabeto hebraico, que, com seu valor a suas correspondências numéricas, formam a chave dos Caminhos.

2. Um Caminho representa o equilíbrio entre as duas Sephiroth que une, a devemos estuda-lo à luz de nosso conhecimento dessas Sephiroth, se desejamos estudar-lhe o significado. Certos símbolos são também consignados aos Caminhos. São eles, como já observamos, as vinte a duas Letras do alfabeto hebraico; os signos do Zodíaco, os planetas a os elementos. Ora, há doze signos no Zodíaco, sete planetas a quatro elementos, perfazendo o total de vinte a três símbolos. Como se dispõem eles nos Vinte e Dois Caminhos? Aqui está outro ardil cabalístico que desorienta o não-iniciado. A resposta é muito simples, quando lhe conhecemos a chave. Sendo a nossa consciência do elemento da Terra, não precisamos do símbolo da Terra em nossos cálculos quando fazemos contato com o Invisível, de modo que o descartamos a nos encontramos com o jogo correto de correspondências. Malkuth é toda a Terra de que necessitamos para os propósitos práticos.

3. O terceiro grupo de símbolos que encontramos nos Caminhos são os vinte a dois trunfos a Arcanos Maiores do Tarô. Esses três grupos de símbolos a as cores das quatro escalas coloridas constituem o simbolismo maior; o simbolismo menor consiste nas inúmeras ramificações das correspondências que se espalham por todos os sistemas e planos.

4. A Árvore da Vida, a Astrologia e o Tarô não são três sistemas místicos, mas três aspectos de um mesmo sistema, a um é incompreensível sem os outros. Apenas quando estudamos a Astrologia relativamente à Árvore é que dispomos de um sistema filosófico. O mesmo se aplica ao sistema de adivinhação do Tarô, a este, com suas interpretações abrangentes, fornece a chave da Árvore em sua aplicação à vida humana.

S. A Astrologia é muito impalpável porque o astrólogo não-iniciado trabalha em apenas um plano; mas o astrólogo iniciado, tendo a Árvore como sua fundamentação, interpreta os quatro planos dos Quatros Mundos, e o efeito de Saturno, por exemplo, é muito diferente em Atziluth, onde é a Mãe Divina, Binah, do que o é em Assiah.

6. Todos os sistemas de adivinhações a todos os sistemas de Magia Prática podem fundamentar seus princípios a sua filosofa na Árvore; todo aquele que tenta utilizá-los sem essa chave é como a pessoa imprudente que tem uma farmacopéia de específicos medicinais a procura curar a si mesma e aos seus amigos de acordo com as descrições dadas na bula, onde a dor lombar inclui todas as doenças que não causam dor na parte frontal do corpo. O iniciado que conhece essa Árvore é como o médico-cientista que compreende os princípios da fisiologia a da química das drogas, a as prescreve adequadamente.

7. Vários métodos para utilizar as cartas do Tarô foram elaborados a partir de fontes originais. Em seu pequeno livro, Lhe Key to lhe Tarot [A chave do Tarô], A. E. Waite fornece os métodos principais, mas abstém-se de indicar qual, em sua opinião, é o correto. Em sua valiosa tabulação do simbolismo esotérico, 777, Crowley não é tão reticente, a dá o sistema tal como é conhecido entre os iniciados. Esse é o método que me proponho a seguir nestas páginas, pois acredito que ele é correto, visto que as correspondências se ajustam sem discrepâncias, o que não ocorre em outros sistemas.

8. De acordo com esse método., os quatro naipes do Tarô são atribuídos aos Quatro Mundos dos cabalistas a aos quatro elementos dos alquimistas. O naipe de Paus é atribuído a Atziluth a ao Fogo. O naipe de Copas, a Briah e à Água. O naipe de Espadas, a Yetzirah a ao Ar. O naipe de Ouros, a Assiah e à Terra.

9. Os quatro ases são atribuídos a Kether, a primeira Sephirah; os quatro dois, a Chokmah, a segunda Sephirah; a assim sucessivamente, os quatro dez correspondendo a Malkuth. Observamos, desse modo, que as cartas dos quatro naipes do Tarô representam a ação das forças divinas em cada Esfera a em cada nível da natureza. Do mesmo modo, se conhecemos

o significado das cartas do Tarô, compreendemos melhor a natureza dos Caminhos a das Esferas aos quais elas são referidas. Ambos os sistemas, o Tarô e a Árvore, por serem de antiguidade imemorial, mergulham suas origens nas trevas das idades, a uma enorme massa de correspondências simbólicas se acumulou em tomo de ambos. O ocultista prático que trabalha com a Árvore se abastece nesse estoque de associações, vivificando os símbolos no Astral por meio de suas operações. A Árvore a suas chaves são infinitas em sua adaptabilidade.

10. As quatro cartas reais do Tarô chamam-se, nos baralhos modernos, Rei, Dama, Valete a Coringa; mas, nos baralhos tradicionais, são elas, de acordo com Crowley, dispostas a simbolizadas de maneira diferente. O Rei, por ser uma figura a cavalo, indica a ação rápida de Yod do Tetragrammaton na Esfera do naipe, correspondendo, assim, ao Coringa do baralho moderno. A Rainha, como nos baralhos modernos, é uma figura sentada, representando as forças imóveis do Hé do Tetragrammaton; o Príncipe do Tarô esotérico é uma figura sentada, correspondendo ao Vau do Tetragrammaton; e a Princesa, o Valete dos baralhos modernos, corresponde ao Hé final do Nome Sagrado.

11. Os vinte a dois Arcanos Maiores são dispostos de várias maneiras, de acordo com o sistema seguido pelas autoridades; o Sr. Waite selecionou, em seu livro, algumas dessas disposições, mas em nosso sistema seguiremos a ordem adotada por Crowley, pelas razões já aduzidas.

12. Nestas páginas, proponho-me a apresentar a Árvore da Vida filosófica, comunicando as instruções práticas necessárias para a sua utilização nas atividades meditativas. Não apresentarei, porém, a Cabala Prática, que é utilizada para propósitos mágicos; esse aspecto da Cabala só pode ser aprendido a praticado convenientemente a em segurança num Templo dos Mistérios. Devemos fazer referência à Cabala Prática, contudo, a fim de tornar alguns dos conceitos inteligíveis. Aqueles que possuem legitimamente essas chaves não precisam temer que eu as revele nestas páginas ao não-iniciado, pois estou bem a par das conseqüências que enfrentaria se o fizesse.

13. Se, graças às informações dadas aqui, a como resultado da persistência nos métodos descritos, alguém é capaz de operar por si mesmo as chaves da Cabala Prática, como bem pode ocorrer, poderá alguém objetar-lhe esse direito?

14. A Árvore apresenta um incalculável valor como um hieróglifo meditativo, totalmente à parte de sua utilização na Magia. Graças às meditações, tais como a descrita em meu relato de minhas próprias

experiências no Trigésimo Segundo Caminho, podemos equilibrar o elemento belicoso na nossa própria natureza a contrabalança-lo harmoniosamente. Podemos tambem entrar em relação simpática com os diferentes aspectos da Natureza que esses símbolos representam quando se aplicam ao Macrocosmo, mesmo se não dermos a essas forças uma forma definida na Magia Talismânica. A informação que se obtém do estudo de nosso próprio horóscopo não deve ser aceita passivamente como um decreto do destino contra o qual não há apelação. Deveríamos compreender que a Magia Talismânica, método menos concentrado de meditação sobre a Árvore, deveria ser utilizada para compensar todas as forças em desequilíbrio no horóscopo a colocá-las em equilíbrio. A Magia Talismânica é para a Astrologia o que é a terapêutica para o diagnóstico médico.

15. Não me é possível comunicar aqui quaisquer das fórmulas da Magia Prática; antes de podermos utilizá-las, precisamos ter recebido os graus de iniciação a que correspondem. Sem esses graus, o estudante se assemelharia à pessoa que tenta diagnosticar a tratar sua própria enfermidade após a leitura de um manual médico. O humorista Jerome K. Jerome conta-nos o que acontece em tal caso. O infeliz imagina que tem todas as doenças lá descritas, salvo as do parto, a não consegue descobrir o tratamento apropriado, pois tudo que imagina é contra-indicado.

16. As iniciações rituais dos Mistérios Maiores da Tradição Esotérica ocidental baseiam-se nos princípios da Árvore da Vida. Cada grau corresponde a uma Sephirah a confere, ou deveria conferir, se a ordem que as manipula é digna do nome, os poderes dessa Esfera da natureza. Assim como ela abre os Caminhos que conduzem a essa Sephirah, também o iniciado se diz ser Senhor do Trigésimo Segundo Caminho quando toma a iniciação que corresponde a Yesod, ou Senhor do Vigésimo Quarto, do Vigésimo Quinto ou do Vigésimo Sexto Caminhos, quando toma a iniciação correspondente a Tiphareth, que o converte num iniciado perfeito. Os graus superiores acham-se mais adiante.

17.O objetivo de cada grau de iniciação dos Mistérios Maiores é introduzir o candidato na Esfera de cada Sephirah ordenadamente, ascendendo de Malkuth até a Árvore. As instruções dadas em cada grau concernem ao simbolismo a às forças da Esfera à qual se refere a aos Caminhos que a equilibram. O signo e a palavra do grau são utilizados quando trilhamos esses Caminhos na visão espiritual ou quando nos elevamos até eles no plano astral. Conseqüentemente, o iniciado é capaz de mover-se com certeza a segurança em qualquer esfera do invisível que queira penetrar, a impedir todos os seres que encontre a todas as visões que veja, pois ele sabe que as cores dos Caminhos existem nas quatro escalas, a

ele testa sua visão por essas cores. Se trabalha no Trigésimo Segundo Caminho de Saturno, cujas cores se situam todas nos matizes sombrios do índigo, do azul-escuro a do negro, ele sabe que algo estará errado se uma figura vestida de escarlate se apresentar. Ou essa figura é ilusória ou ele se desviou do Caminho.

18. Para projetar o corpo astral ao longo do Caminho é necessário, por muitas razões, possuir os graus de iniciação ao qual o Caminho corres. ponde; em primeiro lugar, porque, não tendo alguém recebido o grau, os guardiões dos Caminhos não o conhecerão, portando-se, em conseqüência, antes como inimigos do que como benfeitores, a tudo farão para faze-lo voltar. Em segundo lugar, porque, mesmo que conseguisse ele forçar passagem pelos guardiães, não teria os meios de controlar a visão ou saber se está dentro ou fora do Caminho, a há muitos seres na Esfera inferior que se comprazem em aproveitar da ignorância atrevida.

19. Essas considerações, contudo, não visam desencorajar ninguém que deseja meditar nos Caminhos a nas Esferas na maneira que descrevi; e, no curso de suas meditações, ele pode, assim, entrar no espírito do Caminho para que seu guardião venha até ele a lhe dê boas-vindas. Ele se terá literalmente iniciado a si próprio, a ninguém pode negar-lhe esse direito.

20. A Árvore, considerada do ponto de vista iniciático, é o vínculo entre o Microcosmo, que é o homem, e o Macrocosmo, que é o Deus manifesto na Natureza. Um ritual de iniciação é o ato de unir a Sephirah microcósmica, o chakra, com a Sephirah macrocósmica; é a introdução de um candidato numa Esfera por aqueles que já estão lá. Estes constroem uma representação simbólica da Esfera no plano físico, utilizando a mobília do templo; eles o fazem formulando uma réplica astral da Sephirah por meio da imaginação concentrada; e, por meio da invocação, eles chamam para esse templo mental as forças da Esfera da Sephirah com que estão operando.

21. Essas forças estimulam os chakras correspondentes do iniciado e lhe despertam as atividades na aura. O processo de auto-iniciação por meio das meditações que descrevi é mais lento do que os processos da iniciação ritual, mas será seguro o bastante se a pessoa adequada neles perseverar, mas não se pode ensinar uma medusa a cantar alimentado-a com alpiste.

XI. AS SEPHIROTH SUBJETIVAS

1. Como em cima, tal é embaixo; o homem é um macrocosmo em miniatura. Todos os fatos que integram o universo manifesto estão presentes em sua natureza. Eis por que se diz que, em sua perfeição, ele é maior do que os anjos. No presente, contudo, os anjos são seres plenamente desenvolvidos e o homem não. O homem é inferior aos anjos da mesma maneira ,que uma criança de três anos é menos desenvolvida do que um cão de três anos.

2. Até agora, consideramos a Árvore da Vida como um epítome do Macrocosmo, o universo, observando a utilização de seus símbolos como meio de entrar em contato com as diferentes Esferas da natureza objetiva. Vamos considerá-la, agora, em relação com a Esfera subjetiva da natureza do indivíduo.

3. As correspondências tradicionais dadas por Crowley (que, infelizmente, nunca cita suas fontes, de modo que não sabemos quando utiliza o sistema de MacGregor Mathers a quando recorre às suas próprias pesquisas) baseiam-se, em parte, na atribuição astrológica dos planetas às Sephiroth e, em parte, num sumário-esquema anatômico da forma humana que dá as costas à árvore. Essa correspondência muito primitiva para os nossos propósitos, a representa provavelmente o trabalho das últimas gerações de escribas; durante a Idade Média, a Cabala foi redescoberta pelos filósofos europeus, a eles enxertaram nesse sistema simbolismos astrológicos e alquímicos. Além disso, os próprios rabinos utilizavam um grupo extremamente detalhado de metáforas anatômicas, discutindo em detalhes o significado de todos os cabelos sobre a cabeça de Deus, a mesmo as partes mais íntimas de Sua anatomia. Essas referências não devem ser tomadas literalmente quando se aplicam à forma humana.

4. As Sephiroth, tanto em separado como em seu padrão de relações, representam, com referência ao Macrocosmo, as fases sucessivas de evolução, e, com referência ao Microcosmo, os diferentes níveis de consciência a fatores do caráter. É razoável supor que esses níveis de consciência tenham alguma relação com os centros psíquicos do corpo físico, mas não devemos ser primitivos a medievais nas conclusões a que chegamos. A anatomia e a fisiologia oculta foram elaboradas em detalhe na ciência da ioga hindu, e muito podemos aprender de seus ensinamentos. Os avanços mais recentes da Fisiologia propendem à conclusão de que o vínculo entre a mente e a matéria deve ser buscado primar o sistema das glândulas endócrinas e apenas secundariamente no cérebro a no sistema nervoso central. Podemos aprender muito também dessa fonte de

conhecimento, e, reunindo todas as informações que pudermos coletar de várias fontes, poderemos finalmente chegat, por raciocínio indutivo, àquilo que os antigos sabiam por meio de métodos intuitivos a dedutivos a que levaram a altíssimo grau de perfeição em suas escolas de Mistério.

5. Concordam geralmente os autores em que os chakras, os centros psíquicos descritos na literatura iogue, não se situam dentro dos órgãos aos quais eles são associados, mas sim no envoltório áurico, nos pontos que lhes correspondem aproximadamente. Não deveríamos, por conseguinte, associar as Sephiroth com os membros a outras partes de nossa anatomia, mas encarar a utilização de tais analogias como metáforas a buscar os princípios psíquicos nas correspondências que possam apresentar.

6. Antes de procedermos a um detalhado estudo de cada Sephirah desse ponto de vista, será muito útil termos uma visão geral da Árvore como um todo, porque a compreensão total do simbolismo depende do mútuo relacionamento entre os símbolos no padrão da Árvore. Este capítulo será necessariamente discursivo a inconclusivo, mas tomará muito mais fácil o estudo em detalhe das Sephiroth individualmente.

7. A primeira a mais óbvia divisão da Árvore é em três Pilares, a isso nos lembra imediatamente os três canais do prana descritos pelos iogues: Ida, Pingala e Sushumna; e os dois princípios, o yin e o yang, da filosofia chinesa, e o Tao ou Caminho, que é o equilíbrio entre eles.O testemunho universal estabelece a verdade e, quando descobrimos três dos grandes sistemas metafísicos do mundo em completa concordância, podemos concluir que estamos tratando com princípios estabelecidos, devendo aceitá-los como tais.

8. O Pilar Central representa, em minha opinião, a consciência, a os dois pilares laterais, os fatores positivo a negativo da manifestação. É digno de menção que, na ioga, a consciência de qual a Kundalini flue através do canal central do shushumna, a que a operação mágica ocidental da Elevação nos Planos ocorre na area central da Árvore; ou seja, o simbolismo empregado para induzir essa extensão da consciência não toma as Sephiroth em sua ordem numérica, começando por Malkuth, mas vai de Malkuth a Yesod, a de Yesod a Tiphareth, razão pela qual recebe o nome de Caminho da Flecha.

9. Os ocultistas consideram Malkuth, a Esfera da Terra, como a consciência ere al, como se prova pelo fato de que, após qualquer projeção astral, o retorno cerimonial ocorre em Malkuth, restabelecendo-se aí a consciência normal.

10. Yesod, a Esfera de Levanah, a Lua, é a consciência psíquica, e também o centro reprodutivo. Tiphareth é o psiquismo superior, a verdadeira visão iluminada, a associa-se com o grau superior da iniciação da personalidade, como se evidencia pelo fato de que a ela se atribui, no sistema que Crowley toma a Mathers, o primeiro dos graus do caminho do adepto.

11. Daath, a Sephiroth invisível a misteriosa, que nunca é assinalada na Árvore, associa-se, no sistema ocidental, à nuca, o ponto em que a espinha encontra o crânio, o ponto no qual o desenvolvimento do cérebro, a partir do notocórdio, ocorreu em nossos ancestrais primitivos. Daath representa geralmente a consciência de outra dimensão, ou a consciência de outro nível ou plano; denota essencialmente a idéia de mudança da clave.

12. Kether chama-se Coroa. A coroa está acima da cabeça, a Kether representa uma forma de consciência que não é alcançada durante a encarnação, pois está essencialmente fora do esquema das coisas no que diz respeito aos planos da forma. A experiência espiritual que se associa a Kether é a União com Deus, a aquele que atinge essa experiência entra na Luz, dela não mais retomando.

13. Essas Sephiroth têm inquestionavelmente as suas correlações nos chakras do sistema hindu, mas as correspondências são expressas de maneira diversa por autoridades diferentes. Como o método de classificação é diferente - o Ocidente utiliza um sistema quádruplo e o Oriente, um sistema sétuplo -, não é fácil obter a correlação e, em minha opinião, seria melhor antes buscar os princípios primeiros do que obter um padrão ordenado de disposição que violente as correspondências.

14. Os dois únicos escritores que, até onde eu saiba, tentaram estabelecer essa correlação são Crowley e o General J. F. C. Fuller. O General Fuller atribui a Malkuth o Lótus Muladhara, assinalando que suas quatro pétalas correspondem aos quatro elementos. É interessante notar que, na escala de cores da Rainha, dada por Crowley, a Esfera de Malkuth se divide em quatro seções, coloridas respectivamente de citrino, oliva, castanho-avermelhado a preto, para representar os quatro elementos, a tendo uma estreita semelhança com as representações usuais do Lótus de Quatro Pétalas.

15. Esse Lótus situa-se no períneo a associa-se com o ânus e a função excretora. Na coluna XXI da tábua de correspondências dada por Crowley em 777, esse autor atribui as nádegas e o ânus do Homem Perfeito a Malkuth. Considero que, de todos os pontos de vista, a atribuição de Fuller, que refere o Lótus Muladhara a Malkuth, é preferível à de Crowley, que, na

coluna XVIII, o refere a Yesod, contradizendo, assim, a si próprio. Na mente infantil, de acordo com Freud, as funções de reprodução a excreção estão confundidas, mas não creio que essa atribuição possa ser aceita sem restrições.

16. Malkuth, considerado como o Lótus Muladhara, representa, por assim dizer, o resultado final do processo vital, sua concretização final na forma, a sua submissão às influências desintegradoras da morte para que a sua substância possa ser novamente utilizada. A forma pela qual esse processo foi organizado pelos lentos mecanismos da evolução serviu a seu propósito, e a força deve ser libertada, é esse o significado espiritual do processo de excreção, putrefação a decomposição.

17. O chakra Svadisthana, o Lótus de Seis Pétalas, na base dos órgãos geradores, é atribuído pelo General Fuller a Yesod. Isso está de acordo com a tradição ocidental, que atribui Yesod aos órgãos reprodutivos do Homem Divino; sua correspondência astrológica com a Lua, Diana-Hécate, também concorda com essa atribuição. Crowley, embora atribuindo Yesod ao falo na coluna XXI do 777, atribui o Lótus Svadisthana a Hod, Mercúrio. É difícil compreender essa atribuição e, como ele não cita a sua autoridade, considero melhor aderir ao princípio de referir os níveis de consciência ao Pilar Central.

18. Tiphareth, por consenso universal, representa o plexo solar e o peito; parece razoável, portanto, atribuí-la aos chakras Manipura a Anahata, como o faz Crowley. Fuller atribui esses chakras a Geburah a Chesed, mas, como essas duas Sephiroth encontram seu equilíbrio em Tiphareth, essa atribuição não apresenta dificuldade alguma, nem causa qualquer discrepância.

19. Da mesma maneira, o chakra Visuddha - que, no sistema hindu, corresponde à laringe, a que Crowley atribui a Binah - e o chakra Ajna -, situado na base do nariz, a que corresponde a glândula pineal a que, pela mesma autoridade, é atribuído a Chokmah - unem-se por sua função em Daath, situado na base do crânio.

20. O chakra Sahasrara, o Lótus de Mil Pétalas, situado acima da cabeça, é relacionado por Crowley a Kether, a não há razão alguma para discordar dessa atribuição, pois ela se encontra pré-figurada no próprio nome do Primeiro Caminho, Kether, a Coroa, que repousa sobre a cabeça a acima dela.

21. Os dois pilares laterais, da Severidade a da Misericórdia, representam os princípios positivo a negativo, a as Sephiroth que lhes

correspondem simbolizam os modos de funcionamento dessas forças nos diferentes níveis de manifestação.

22. O Pilar da Severidade contém Binah, Geburah a Hod, ou Saturno, Marte a Mercúrio. O Pilar da Misericórdia contém Chokmah, Chesed a Netzach, ou o Zodíaco, Júpiter a Vênus. Chokmah a Binah, no simbolismo da Cabala, são representados por figuras masculinas a femininas e são, o Pai e a Mãe supremos, ou em linguagem filosófica, os princípios positivo e negativo do universo, o Yin e Yang, cuja masculinidade a feminilidade são apenas aspectos especializados.

23. Chesed (Júpiter) a Geburah (Marte) são antes representados no simbolismo cabalístico como figuras coroadas, a primeira como um legislador em seu trono e a segunda como um rei guerreiro em seu carro. São, respectivamente, os princípios construtivo a destrutivo. É interessante notar que Binah, a Mãe Suprema, é também Saturno, o solidificador, que se une, por meio da foice, com a Morte e a sua ceifeira, e o Tempo com sua ampuIheta. Encontramos em Binah a raiz da Forma. Afirma-se, na Sepher Yetzirah, que Malkuth está sentado no trono de Binah - a matéria tem sua raiz em Binah-Saturno-Morte; a forma é o destruidor da força. Esse destruidor passivo harmoniza-se também com o destruidor ativo, a Marte-Geburah acha-se imediatamente abaixo Binah no Pilar da Severidade; a força encerra-se, dessa maneira, na forma libertada pela influência destrutiva de Marte, o aspecto Siva da Divindade. Chokmah, o Zodíaco, representa a força cinética; Chesed (Júpiter), o rei benigno, representa a força organizada; e ambas são sintetizadas em Tiphareth, o centro cristológico, o Redentor e Equilibrador.

24. A trindade seguinte, constituída por Netzach, Hod a Yesod, representa o lado mágico a astral das coisas. Netzach (Vênus) representa os aspectos superiores das forças elementais, o Raio verde; a Hod (Mercúrio) representa o lado mental da Magia. Uma é mística e a outra, ocultista, e ambas se sintetizam no elemental Yesod. Não podemos considerar esse par de Sephiroth em separado, assim como o par superior de Geburah e Gedulah, que é outro nome para Chesed, como podemos inferir do fato de que a Cabala os atribui, respectivamente, aos braços direito a esquerdo a às per. nas esquerda a direita.

25. As três Sephiroth da forma acham-se, portanto, no Pilar da Severidade, a as três Sephiroth da força, no Pilar da Misericórdia; e, entre eles, no Pilar do Equilíbrio, reúnem-se os diferentes níveis de consciência. O Pilar

da Severidade, com Binah em seu topo, é o princípio feminino, o Pingala dos hindus e o Yang dos chineses; o Pilar da Misericórdia, com Chokmah em seu topo, é o Ida dos hindus e o Yin dos chineses; e o Pilar do Equilíbrio é Shushumna e o Tao.

XII. OS DEUSES DA ÁRVORE

1. Todos os estudantes da religião comparada a de seu ramo pobre, o folclore, concordam em que o homem primitivo, quando observa os fenômenos naturais que o cercam a tenta analisá-los, os atribui à ação de seres semelhantes a si próprio quanto à natureza a ao tipo, mas superiores quanto ao poder. Como não os podia ver, ele os chamou, com certa razão, de "invisíveis"; a como não podia ver a sua própria mente durante a vida, ou a alma de seu amigo depois da morte, concluiu que os seres que produziram os fenômenos naturais eram semelhantes, quanto à natureza, à mente e à alma - invisíveis a ativas.

2. Eis uma concepção aparentemente primitiva, como afirmam os antropólogos, mas sua rudeza deve-se ao fato de que estes, ao traduzirem idéias selvagens, escolhem palavras de acepções rudes. Por exemplo, a tradução-padrão de uma das principais escrituras da China refere-se ao venerável filósofo Lao-Tsé como "O Velhote". Isso soa cômico para os ouvidos europeus, mas não está tão longe de outra escritura que teve a sorte de cair nas mãos de tradutores que a reverenciavam - "A menos que vos convertais numa criança". Não sou sinóloga, mas creio que a tradução "eterna criança" teria sido igualmente apropriada a de melhor gosto.

3. Há um ditado nos Mistérios: "Cuida para não blasfemares o Nome pelo qual o próximo conhece seu Deus, pois, se não fazes tal coisa por Alá, também não o fazes por Adonai."

4. E, ademais, estaria o homem primitivo tão longe da verdade quando atribuiu a causa dos fenômenos naturais a atividades da mesma natureza que a dos processos mentais da mente humana, mas num arco superior? Não é esse o ponto para o qual convergem gradualmente a física e a metafísica? Supondo que tivéssemos de reformular a afirmação do filósofo selvagem e dizer "A natureza essencial do homem é semelhante à de seu Criador", receberíamos nós a pecha de blasfemos a tolos?

5. Podemos personificar as forças naturais nos termos da consciência humana; ou podemos abstrair a consciência humana nos termos das forças naturais; ambos os procedimentos são legítimos na Metafísica oculta, e o processo não só oferece algumas pistas muito interessantes, como também

algumas aplicações práticas de muito valor. Não devemos, contudo, cometer o erro do tolo a dizer que A e B quando entendemos que A é da mesma natureza que B. Mas podemos também aproveitar legitimamente o axioma hermético "Como em cima, tal é embaixo", porque, se A e B são da mesma natureza, as leis que governam A podem ser invocadas em relação a B. O que é verdade para uma gota é verdade para o oceano. Conseqüentemente, se conhecemos algo a respeito da natureza de A, podemos concluir que, tendo em conta a diferença de escala, esse ponto se aplicará a B. Esse é o método da analogia utilizado na ciência indutiva dos antigos, e, na medida em que é corroborada pela observação a pela experiência, pode oferecer-nos alguns resultados muito frutíferos, dispensando-nos de errar em inúteis divagações.

6. A personificação a deificação das forças naturais foi a primeira tentativa rude a arguta do homem para desenvolver uma teoria monística do universo a salvar-se da influência destrutiva a paralisante de um dualismo insolúvel. E, na medida em que aumentou seus conhecimentos a refinou seus processos intelectuais, pôde ele observar mais a mais significados nas primeiras a simples classificações. Não obstante, ele nunca descartou as classificações originais, porque elas eram fundamentalmente boas a representavam realidades. Ele simplesmente as refinou, desenvolveu e, finalmente, quando chegaram os maus tempos, misturou-as à superstição.

7. Não deveríamos, portanto, considerar os panteões pagãos como outras tantas aberrações da mente humana, nem deveríamos tentar compreende-los do ponto de vista do não-iniciado a do ignorante; deveríamos tentar, antes, descobrir o que podem eles ter significado para os sumos sacerdotes altamente inteligentes a de grande cultura que dirigiam esses cultos em seus tempos. Comparemos os textos da Sra. David-Neel a de W. B. Seabrook a propósito dos ritos pagãos com os relatos de um missionário médio. Seabrook mostra-nos o significado espiritual do vodu, e a Sra. David-Neel apresenta-nos o aspecto metafísico da Magia tibetana. Esses temas aparecem de outra maneira aos olhos do observador simpatizante, que sabe ganhar a confiança dos expoentes desses sistemas a consegue ser recebido em seus recintos sagrados como um.amigo, a que procura aprender em vez de meramente observar a ridicularizar. Muito diferente de como os vê o "zelote hipócrita", que passeia pelo lugar sagrado com suas botas sujas, sendo apedrejado pelos indignados adoradores.

8. Ao julgar essas coisas, consideremos a forma pela qual veríamos o Cristianismo se nos aproximássemos dele da mesma maneira. Os observadores alheios concluiriam provavelmente que adoramos um cordeiro, e o Espírito Santo forneceria algumas interpretações espetaculares. Devemos conceder aos outros o direito de utilizar metáforas

se não queremos que as nossas próprias sejam tomadas literalmente. A forma exterior das antigas fés pagãs não é mais rude do que o Cristianismo nos países latinos mais atrasados, onde Jesus é representado de cartola a fraque e a Virgem Maria, com calças de lacinhos. A forma interior das fés antigas suporta perfeitamente uma comparação com as nossas modernas metafísicas. Elas, pelo menos, produziram Platão a Plotino. A mente humana não muda, e o que é verdade para nós é provavelmente verdade para os pagãos. O Cordeiro de Deus que redime os pecados do mundo é apenas outra versão do Touro de Mithra, e a única diferença entre eles consiste no fato de que o iniciado antigo era literalmente "banhado em sangue", ao passo que o moderno entende metaforicamente essa expressão. Autres temps, autres moeurs.

9. Se nos aproximássemos daqueles a quem chamamos de pagãos tanto antigos como modernos - com um espírito reverente a compreensivo, sabendo que Alá a Brama a Amon Rá são apenas outros nomes para aquilo que adoramos como Deus, aprenderíamos muitas coisas que a Europa esqueceu quando a Gnose foi arrasada e a sua literatura, destruída.

10. Descobriríamos, contudo, que as fés pagãs apresentam seus ensinamentos numa forma que não é imediatamente assimilável pela mente européia, a que, para compreender-lhes o significado, precisamos reformula-las em nossos termos. Devemos correlacionar a concepção pagã com o símbolo pagão; seremos, então, capazes de aplicar à primeira a enorme massa de experiências místicas que gerações de psicólogos contemplativos a experimentais organizaram em tomo do segundo. E, quando falamos de psicólogos experimentais, não devemos cometer o erro de pensar que eles são um produto exclusivamente moderno, porque os sacerdotes dos antigos Mistérios, com seus sonhos templários a suas visões hipnagógicas deliberadamente induzidas, eram nada mais nada menos do que psicólogos experimentais, embora a sua arte se tenha perdido, como muitas outras artes antigas que estão sendo agora, aos poucos, redescobertas nos laboriosos círculos mais avançados do pensamento científico.

11.O método utilizado pelo iniciado moderno para interpretar a linguagem falada pelos antigos mitos é muito simples a eficaz. Ele descobre na Árvore da Vida cabalística um vínculo entre os sistemas pagãos altamente estilizados a os seus próprios métodos mais racionais; o judeu, asiático por sangue a monoteísta por religião, tem um pé em cada um dos mundos. O ocultista moderno extrai da Árvore da Vida, com suas Dez Sephiroth Sagradas, os fundamentos tanto de uma metafísica quando de uma magia. Ele utiliza uma concepção filosófica da Árvore para interpretar o que ela lhe apresenta à mente consciente, a recorre ao emprego

mágico a cerimonial de seu simbolismo para unir esses conteúdos à sua mente subconsciente. O iniciado, conseqüentemente, tira o melhor partido de ambos os mundos, o antigo e o moderno, pois o mundo moderno, que é todo consciência superficial, esqueceu a reprimiu a subconsciência, para sua própria perda; e o mundo antigo, que era principalmente subconsciência, só recentemente desenvolveu a consciência. Quando os dois mundos se unem a operam de maneira polarizada, eles concedem a superconsciência, que é o objetivo do iniciado.

12. Tendo em mente as concepções anteriores, podemos tentar coordenar agora os panteões da Antigüidade com as Esferas da Arvore da Vida. Há dez Esferas, as Dez Sephiroth Sagradas, e, entre estas, devemos distribuir, de acordo com o tipo, os diferentes deuses a deusas de qualquer panteão que desejamos estudar; estamos, então, em posição de interpretar-lhe o significado à luz do que já sabemos a respeito dos princípios representados pela Árvore, a acrescentar ao nosso conhecimento da Árvore tudo que está disponível a respeito do significado das antigas divindades.

13. Obviamente, isso tudo é de grande valor intelectual. Mas há outro valor que o homem comum, que não teve nenhuma experiência das operações dos Mistérios, não percebe tão prontamente: o desempenho de um rito cerimonial que representa simbolicamente a atuação da força personificada como um deus tem um efeito muito marcante a mesmo drástico sobre a mente subconsciente de qualquer pessoa que seja pelo menos suscetível às influências psíquicas. Os antigos levaram esses ritos a um alto nível de perfeição, a quando nós, modernos, tentamos reconstruir a arte perdida da Magia Prática, podemos recorrer a essas práticas com grande proveito. A filosofia da Magia européia baseia-se na Árvore a ninguém pode esperar compreende-la ou utilizá-la inteligentemente se não foi treinado nos métodos cabalísticos. É essa falta de treinamento que possibilitou a degeneração do ocultismo popular em formas supersticiosas muito rudes. A sentença "Teu número em teu nome" torna-se uma coisa diferente quando entendemos a Cabala Matemática; as sortes tiradas nas taças de chá mudam de aspecto quando compreendemos o significado das imagens mágicas e o método de sua formulação a interpretação como um processo psicológico para penetrar o véu do inconsciente.

14. Falando claramente, então, temos de distribuir os deuses a deusas de todos os panteões pagãos nos dez escaninhos das Dez Sephiroth Sagradas, deixando-nos guiar principalmente por suas associações astrológicas, porque a Astrologia é uma linguagem universal, visto que todos os povos vêem os mesmo planetas. O espaço corresponde a Kether; o Zodíaco, a Chokmah; os sete planetas, às sete Sephiroth seguintes; e a Terra, a Malkuth. Conseqüentemente, qualquer deus que tem uma analogia

com Saturno será referido a Binah, assim como qualquer deusa que possa ser considerada como a Mãe Primordial, a Eva Superior, em oposição à Eva Inferior, a Noiva do Microprosopos, Malkuth. O Triângulo Supremo composto por Kether, Chokmah e Binah refere-se sempre aos Deuses Antigos, que todo panteão reconhece como sendo os predecessores das formas de divindades adoradas pela fé comum. Assim, Rea e Cronos seriam referidos a Binah a Chokmah, a Júpiter a Chesed. Todas as divindades do milho referem-se a Malkuth, a todas as deusas lunares, a Yesod. Os deuses da guerra a os deuses destrutivos, ou demônios divinos, referem-se a Geburah, a as deusas do amor, a Netzach. Os deuses da sabedoria iniciática referem-se a Hod, a os deuses do sacrifício e os redentores, a Tiphareth. Uma autoridade tão importante como Richard Payne Knight, em seu valioso livro Lhe Symbolic Language of Ancient Art and Mythology, menciona a "notável ocorrência das alegorias, símbolos e títulos da mitologia antiga em favor do sistema místico das emanações". De posse dessa pista, podemos classificar os panteões, habilitando-nos a comparar e a esclarecer os aspectos semelhantes.

15. No sistema que formula em seu livro de correspondências, 777, Crowley atribui os deuses tanto aos Caminhos como às Sephiroth. Isso, em minha opinião, é um erro a motivo de confusão. Só as Sephiroth representam as forças naturais; os Caminhos são estados de consciência. As Sephiroth são objetivas a os Caminhos, subjetivos. É por essa razão que, no hieróglifo operacional da Árvore, utilizado pelos iniciados, as Sephiroth são sempre representadas numa certa Escala de Cores a os Caminhos em outra. Aqueles que possuem esse hieróglifo saberão a que me refiro.

16. Em minha opinião, os Caminhos estão sob o governo direto dos Nomes Sagrados, que regem as suas atribuições sephiróticas, a não deveriam ser confundidos com outros panteões, pois, embora possamos recorrer a outros sistemas para a iluminação intelectual, não é aconselhável tentar misturar os métodos de trabalho prático a desenvolvimento da consciência.

17. Por exemplo, o Décimo Sétimo Caminho, entre Tiphareth a Binah, é atribuído, pela Sepher Yetzirah, ao Elemento do Ar. É mais sensato opera-lo com o rito do Elemento do Ar a os Nomes Sagrados que lhe são atribuídos, a aproximar-se dele por meio do Tattva apropriado, do que confundir as tentativas com as associações de coleções combinadas de divindades incompatíveis como Pólux, Jano, Apolo, Merti a outras que Crowley lhe atribui - cujas correspondências, alias, apresentam um intrincado labirinto de associações.

18. As Sephiroth devem ser interpretadas macrocosmicamente, a os Caminhos, microcosmicamente; descobriremos, assim, a chave da Árvore, tanto no homem como na natureza.

XIII. O TRABALHO PRÁTICO SOBRE A ÁRVORE

1. Se, entre os leitores que seguiram até aqui os nossos estudos sobre a Cabala, há algum que esteja bem familiarizado com o ocultismo ocidental, terá ele encontrado, sem dúvida, mais coisas familiares do que novas ou originais. Ao trabalhar com esse depósito de conhecimento antigo, achamo-nos na posição dos escavadores que trabalham no sítio de algum templo soterrado; descobrimos antes fragmentos do que um sistema coerente; pois o sistema, embora coerente em seus dias, se fragmentou a se espalhou, deformando-se por causa das perseguições de vinte séculos de .fanatismo ignorante e de inveja espiritual.

2. No entanto, há muito mais trabalhos a respeito desses fragmentos do que poderíamos imaginar. Mme. Blavatsky reuniu uma enorme massa de dados a os expôs à opinião pública, que os compreendeu tanto quanto uma criança que contempla as vitrinas de um museu a se maravilha com as coisas estranhas que elas contêm. A obra erudita de G. R. S. Mead deu-nos muitas informações a respeito da Gnose, a tradição esotérica do mundo ocidental durante os primeiros séculos de nossa época; o monumental livro da Sra. Atwood revelou-nos o significado do simbolismo alquímico. Nenhum deles, contudo, expôs a tradição ocidental como um iniciado nessa tradição, abordando-a, ao contrário, de fora a juntando-lhe os fragmentos, ou, como no caso de Mme. Blavatsky, interpretando-a por analogia à luz do sistema mais familiar de outra tradição.

3. Aqueles que estudaram o assunto de dentro - isto é, com as chaves iniciáticas - e o empregaram como um sistema prático para a exaltação da consciência, mantiveram, em sua grande maioria, o segredo, comportamento que, embora pudesse ser não apenas justificável, mas mesmo essencial nos dias em que a Sagrada Inquisição recompensava essas pesquisas com a fogueira, não se pode atribuir a qualquer motivo mais crível em nossa era liberal do que ao desejo de criar a manter o prestígio. Um "monopólio" muito efetivo da prática ocultista, se não do conhecimento oculto, se estabeleceu entre os povos de fala inglesa no último quarto de século, "monopólio" que efetivamente minou o impulso espiritual que teria propiciado o renascimento dos Mistérios durante os últimos vinte a cinco anos do último século. Conseqüentemente, estando a terra pronta para a semeadura mas não tendo recebido o trigo, os quatro

ventos trouxeram sementes estranhas à terra, dando nascimento assim a uma flora tropical, a qual, não tendo raízes na tradição racial, murchou ou desenvolveu formas estranhas.

4. O templo soterrado de nossa tradição nativa foi, na verdade, exumado em parte, mas os fragmentos que puderam ser resgatados não foram postos ao alcance dos estudantes de acordo com as honoráveis tradições da erudição européia, tendo sido, ao contrário, reunidos em coleções privadas, permanecendo as suas chaves em poder de indivíduos que abriram a fecharam as portas de uma maneira inteiramente arbitrária. Não tenho dúvida de que estas páginas causarão rancor em alguns indivíduos cujas coleções privadas ficarão dessa forma depreciadas. Mas também não tenho dúvida de que os inúmeros estudantes que ensaiaram em vão o Caminho ocidental poderão encontrar nestas páginas as chaves para o que não eram capazes de compreender no método no qual foram treinados. Falando por mim mesma, levei dez anos de trabalho nas trevas para encontrar as chaves, a eu apenas as encontrei porque era suficientemente sensitiva para captar os contatos com os planos interiores. É difícil acreditar que, por algum propósito útil, seja conveniente desorientar o estudante ou recusar-lhe as chaves a as explicações que são essenciais à sua obra. Se o estudante é indigno de receber o treinamento, não o treinemos. Se ele o é, treinemo-lo adequadamente.

5. Nas páginas seguintes, fiz o que pude para elucidar os princípios que governam a utilização do simbolismo mágico. A utilização prática do método cerimonial só deve ser tentada sob a direção de alguém que já tenha experiência em sua utilização; trabalhar só ou com colegas igualmente inexperientes é correr riscos desnecessários. Mas não existem razões para que uma pessoa não possa experimentar o método meditativo.

6. Para poder utilizar eficazmente os símbolos mágicos, o estudante deve entrar em contato com cada símbolo em separado. É de pouca utilidade fazer uma lista de símbolos a proceder à construção de um ritual. Na magia, como na execução do violino, precisamos "achar as nossas notas", pois não as encontramos prontas como no piano. O estudante de violino precisa aprender a "fazer" cada nota individual antes de poder executar uma melodia. Ocorre o mesmo numa operação oculta: precisamos saber como encontrar a construir as imagens mágicas antes de podermos operar com elas.

7. O iniciado emprega os grupos de símbolos associados a cada um dos Trinta a Dois Caminhos para construir as imagens mágicas; é necessário que ele conheça esses símbolos não apenas na teoria, mas também na prática; ou seja, ele precisa não apenas tê-las perfeitamente

enraizadas em sua memória, mas precisa também ter realizado meditações sobre elas individualmente até ter-lhes penetrado o significado a experimentado a força que representam. Conhecer o vasto elenco de símbolos associados a cada Caminho é naturalmente trabalho de toda uma vida, mas o estudante deve conhecer os símbolos-chave de cada Caminho como passo preliminar de seu estudo; ele será, então, capaz de desenvolver-se em dois aspectos: em primeiro lugar, no conhecimento do simbolismo em suas infinitas ramificações; e, em segundo lugar, na filosofia da interpretação desse simbolismo. Uma vez que tenha dominado o conhecimento prático dos conceitos da cosmogonia esotérica e tenha fixado em sua memória o esquema geral do simbolismo atribuído a cada Sephirah, estará o estudante equipado com o sistema de classificação e poderá começar a arquivar o material, coletando-o em todas as fontes imagináveis da arqueologia, do folclore, da religião mística, dos relatos dos viajantes a das especulações da filosofia antiga a moderna a da ciência ultramoderna.

8. O não-iniciado poderá indagar como é possível conservar essa enorme massa de dados na memória. Em primeiro lugar, o estudante sério que utiliza a Árvore como seu método meditativo deve trabalhar com ela regularmente todos os dias. Além disso, descobrirá ele, pela experiência, que a atribuição de símbolos a cada Sephirah tem uma peculiar base lógica oculta em alguma profundidade na mente subconsciente, a que as seqüências de símbolos não são tão difíceis de memorizar como se poderia supor, especialmente se as utilizamos na meditação. Alguns desses símbolos se referem aos conceitos da filosofia esotérica; alguns outros, aos métodos de projetar a consciência na visão; a outros, ainda, à composição do cerimonial. O estudante deve lembrar, contudo, que os símbolos jamais comunicarão seu significado apenas à meditação consciente, por mais correto a completo que seja o seu conhecimento; devem-se utilizá-los como os iniciados pretendiam que o fossem - para evocar imagens da mente subconsciente na área consciente.

9. Uma seqüência de símbolos é atribuída às Dez Sephiroth Sagradas e outra seqüência aos Vinte a Dois Caminhos que as unem. Alguns desses símbolos, contudo, aparecem em ambas as seqüências, interligando-se por meio das correlações astrológicas a numéricas. Isso pode soar muito complicado, mas, na prática real, é mais simples do que parece, porque o trabalho não é feito com a mente consciente, a sim com a mente subconsciente, e importa muito pouco a maneira pela qual os símbolos são nela introduzidos, porque o estranho demônio que se senta atrás do censor os classifica à sua maneira, tomando aquilo de que precisa a rejeitando tudo o mais, até que, finalmente, um padrão coerente reapareça na consciência, requerendo apenas uma análise para comunicar seu significado, exatamente como num sonho.

10. Uma visão evocada por meio da Árvore é, na verdade, um sonho desperto, artificialmente produzido, deliberadamente motivado a conscientemente relatado por algum assunto escolhido, graças ao qual não apenas a área subconsciente mas também as percepções superconscientes são evocadas a tomadas inteligíveis à consciência. Num sonho espontâneo, os símbolos surgem ao acaso da experiência; na visão cabalística, contudo, a imagem é evocada a partir de um grupo limitado de símbolos ao qual a consciência é rigidamente restringida pelo hábito altamente treinado da concentração. É esse poder peculiar para manter a mente em determinados limites que constitui a técnica da meditação oculta, a ela só pode ser adquirida pela prática constante num período considerável de tempo. É isso que constitui a diferença entre o ocultista treinado e o não-treinado; a pessoa não-treinada pode ser capaz de desvincular a consciência do controle da personalidade diretora a assim permitir o surgimento das imagens, mas ela não tem o poder de restringir a selecionar o que aparecer, e, conseqüentemente, tudo pode aparecer, inclusive uma proporção variável da área subconsciente. O ocultista treinado, contudo, acostumado a utilizar esse método em suas meditações, é capaz de liberar-se imediatamente da área subconsciente normal, a menos que seja perturbado pela emoção e, nesse caso, ele pode enredar-se em suas malhas; mas, mesmo nesse caso, seu método é sua proteção, pois ele é capaz de reconhecer imediatamente o simbolismo confuso nas imagens, visto que dispõe de um padrão definido com o qual compará-las.

11. Ao estudar a Árvore, o estudante deveria sempre pensar em cada Sephirah sob o aspecto tríplice, que já mencionamos (da filosofia, do psiquismo a da Magia); para esse fim, deveria sempre pensar na Esfera em primeiro lugar como representante de um certo fator na evolução do cosmo no passado imemorial do tempo cósmico, que permanece em manifestação, que desapareceu ou que ainda não chegou ao nível da matéria densa.

12. Com esse aspecto da Árvore também se ocupam os criptotextos da Sepher Yetzirá, dos quais há um para cada Caminho. Essas sentenças desconcertantes têm uma curiosa maneira de comunicar relâmpagos súbitos de iluminação à meditação a não devem jamais ser rejeitadas como tolices, por mais incompreensíveis que possam parecer à primeira vista.

13. Outra fonte de iluminação encontra-se nos títulos adicionais das Sephiroth, tendo cada um de uma a três dezenas de epítetos. Esses títulos são nomes gráficos descritivos aplicados às Sephiroth pelos antigos rabinos e que se encontram disseminados pela literatura cabalística, a eles nos falam muitas coisas. Por exemplo, os títulos "Segredo dos Segredos" a "Ponto Primordial", que são aplicados a Kether, revelam muitas coisas a quem saiba buscá-las.

14. Podemos também, depois de nos familiarizarmos com o simbolismo, atribuir às várias Sephiroth os deuses equivalentes de outros sistemas e, quando observarmos os símbolos, as funções, os conceitos cósmicos e o método de adoração atribuído a essas divindades, obteremos uma torrente de iluminação. Utilizando um bom dicionário de mitologia ou uma enciclopédia, o Golden Bough [O ramo dourado], de Frazer, e a A doutrina secreta e Isis sem véu, de Mme. Blavatsky, podemos, pela simples aplicação da diligência, desvendar muitos enigmas que no início pareciam insolúveis, e o exercício é fascinante. Quando é assim utilizada, a Árvore tem um valor peculiar porque sua forma diagramática nos faz ver as coisas em suas relações mútuas, elucidando, desse modo, umas às outras.

15. Para manipular o aspecto psíquico da Árvore a seus Caminhos, o ocultista utiliza imagens, pois é por meio de imagens a dos Nomes que as evocam que a visão é formulada. Ele associa a cada Sephirah um símbolo primário, que é a sua Imagem Mágica. Em seguida, associa a ela, em sua mente, uma forma geométrica que, por diversas maneiras, informa suas características e, quando compõe o símbolo, utiliza essa forma como base. Por exemplo, Geburah, Marte, a Quinta Sephirah, tem um pentágono ou figura de cinco lados. Qualquer símbolo de Geburah, seja ele um talismã, um altar a Marte ou uma imagem mental de um símbolo, deverá ter a forma de um pentágono colorido em uma das cores da escala de cores de Marte.

16. As formas mais importantes da Árvore, contudo, são aquelas associadas aos quatro Nomes do Poder atribuídos a cada Sephirah; a esses são associadas quatro cores que se manifestam simbolicamente em cada um dos quatro Mundos dos Cabalistas. O mais elevado deles é o Nome de Deus, que se manifesta em Atziluth, o plano do espírito, e é o supremo Nome do Poder dessa Esfera Sephirótica que domina todos os seus aspectos, sejam eles cósmicos, evolutivos ou subjetivos. Ele representa a idéia que subjaz ao desenvolvimento da manifestação nessa Esfera; a idéia que percorre toda a evolução subseqüente a se expressa em todos os efeitos a manifestações posteriores.

17. O segundo Nome do Poder é o dos Arcanjos da Esfera, a represento a consciência organizada do ser, graças a cujas atividades a evolução dessa fase foi inaugurada a dirigida. Embora esses seres sejam representados pictograficamente como formas humanas, embora etéreas, não se deve acreditar que a vida e a consciência tal como as conhecemos correspondem à sua natureza. Eles são semelhantes em essência às forças naturais, mas, se os considerarmos simplesmente como energia carente de inteligência, não teremos um conceito adequado de sua natureza, porque eles são essencialmente individualizados a inteligentes. Ambas essas idéias devem penetrar nosso conceito, modificando-se mutuamente, até que,

finalmente, cheguemos a um entendimento que difira completamente daquele a que o pensamento ocidental está acostumado.

18. O terceiro Nome do Poder denomina não um ser, mas toda uma classe de seres - os coros de anjos, como os chamavam os rabinos -, que representa também forças naturais inteligentes.

19.O quarto denomina o que chamamos de Chakra Cósmico, ou seja, o objeto celestial que consideramos como produto da fase particular de evolução que ocorre sob a presidência dessa Sephirah a que a representa.

20. O terceiro aspecto sob o qual consideramos as Sephiroth é o aspecto mágico, que é essencialmente prático. Para chegar a ele, pensamos no que pode ser experimentado sob a presidência desses diferentes aspectos de manifestaçãe da divindade, a nos poderes que podem ser manipulados pelo mago que dominou suas lições.

21. Cada Sephirah é atribuída a uma virtude, que representa seu aspecto ideal, o dom que concede à evolução; a um vício que é o resultado do excesso de suas qualidades. Por exemplo, Geburah, Marte, tem como virtudes a energia e a coragem, a por vícios a crueldade e a destrutividade. O estudante de Astrologia reconhecerá facilmente que as virtudes a os vícios atribuídos às várias Sephiroth derivam das características dos planetas que lhes são associados, a descobrirá que nessa correspondência se abre toda uma nova linha de abordagem da Astrologia.

22. A experiência espiritual, como prefiro chamá-la, ou poder oculto, como a chama Crowley, consiste numa profunda compreensão de algum aspecto da ciência cósmica a constitui a essência da iniciação do grau atribuído a cada Sephirah, pois nos Mistérios Maiores do Ocidente os graus estão associados às Sephiroth.

23. Os cabalistas medievais atribuíam também uma pane do corpo a cada Sephirah, mas não devemos tomar literalmente essas atribuições; a chave real encontra-se na compreensão de que as Sephiroth representam fatores da consciência e, se tomamos Geburah como o braço direito, devemos compreender que ele significa, na verdade, a vontade dinâmica, a capacidade executiva, a destruição do fraco a do desequilibrado.

24. Cada Sephirah a cada Caminho têm animais, plantas a pedras preciosas simbólicas. É necessário que o estudante conheça essas atribuições por duas razões: em primeiro lugar, porque elas fornecem importantes chaves para o relacionamento entre os deuses dos diferentes panteões a as Sephiroth; e, em segundo lugar, porque fazem parte do simbolismo dos Caminhos Astrais a servem como pontos de referência

quando viajamos na visão espiritual. Por exemplo, se alguém visse um cavalo (Mane) ou um chacal (Lua) na esfera de Netzach (Vênus), saberia que houve uma confusão de plano e que a visão não era digna de fé. Na Esfera de Vênus, só poderíamos ver pombas ou algum felino, como um lince ou um leopardo.

25. Poder-se-ia pensar que a associação dos animais simbólicos aos deuses a deusas nos mitos antigos é inteiramente arbitrária a fruto da imaginação poética, que, como o vento, sopra de qualquer parte. A isso o ocultista responde que a imaginação poética não é uma coisa arbitrária, a remete o cético às obras do Dr. Jung, de Zurique, o famoso psiquiatra, a aos ensaios do poeta irlandês "A. E.", em particular a Song and its Fountains, em que ele analisa a natureza de suas próprias fontes de inspiração. Pela natureza intrínseca de sua poesia a pelas muitas referências que perpassam por sua obra, penso que esse poeta pertence a um desses grupos que se nutriram da Cabala Mística. Pelo menos o que ele tem para dizer é boa doutrina cabalística e extremamente esclarecedora para o nosso presente argumento.

26. O Dr. Jung tem muito a dizer a respeito da faculdade mitopoética da mente humana, e o ocultista sabe que isso é verdade. Ele sabe também, contudo, que suas implicações têm muito mais alcance do que a psicologia jamais suspeitou. A mente do poeta ou do místico, que reside nas grandes forças a fatores naturais do universo manifesto, penetra, graças à utilização criativa da imaginação, muito mais profundamente nas causas a fontes secretas do ser do que o faz o cientista; não é sem razão que a imaginação racial, operando assim, chegou a associar certos animais a certos deuses; um breve exame dos exemplos citados serve para mostrar a base da associação. Os pombos de Vênus mostram seu aspecto gentil, a os felinos, sua beleza sinistra.

27. A associação das plantas aos diversos Caminhos repousa numa base dupla. Em primeiro lugar, há plantas tradicionalmente associadas às lendas dos deuses, como é o caso do milho com Ceres a do vinho com Dionísio; esses mesmos elementos estão igualmente associados às Sephiroth com que se relacionam as funções desses deuses - o milho com Malkuth e o vinho com Tiphareth, o centro cristológico, com o qual se associam todos os Deuses Sacrificados a Dadores de Luz.

28. As plantas associam-se de maneira diversa às Sephiroth; a antiga doutrina das rubricas atribuía várias plantas à presidência de vários planetas de uma maneira um tanto quanto errática. Em alguns casos, houve uma genuína associação; em outras, ela foi arbitrária a supersticiosa. O velho Culpeper a outros antigos herbanários têm muito a dizer sobre o assunto, e

algumas interessantes pesquisas estão sendo feitas nas fazendas experimentais antroposóficas.

29. De maneira similar, certas drogas são associadas às Sephiroth; e aqui precisamos distinguir novamente o supersticioso do místico. A atribuição arbitrária de drogas não pode ser sempre justificada pela experiência real, mas podemos com certeza dizer que todas as classes de drogas estão sob a presidência de certas Sephiroth, pois partilham da natureza de certos modos de atividade que são classificados sob essas Sephiroth. Por exemplo, todos os afrodisíacos poderiam ser justamente atribuídos a Netzach (Vênus), e todos os abortivos a Yesod em seu aspecto Hécate; os analgésicos a Chesed (Misericórdia); a os irritantes a os cáusticos a Geburah (Severidade).

30. Isso abre um aspecto muito interessante do estudo da matéria médica - o aspecto psíquico a psicológico da atividade da droga. Esse aspecto foi especialmente estudado pelos médicos iniciados como Paracelso, a foi o abuso ignorante a supersticioso desse aspecto, pelos médicos não-iniciados, que conduziu às extraordinárias aberrações da medicina popular.

31. O ocultista sabe que há um aspecto psicológico em toda ação e função psicológica; ele sabe também que é possível reforçar poderosamente a ação de todas as drogas por meio da ação mental apropriada, a que certas substâncias quimicamente inertes se prestam eficazmente à transmissão e acumulação de atividades mentais, assim como outras substâncias são condutoras ou isolantes eficazes de eletricidade.

32. Essa consideração leva-nos à questão da associação de certas pedras a metais preciosos às Sephiroth, associação que é determinada tanto pelas considerações astrológicas como pelas químicas. Como bem o sabem os sensitivos, as substâncias cristalinas, os metais a certos líquidos são os melhores meios de acumular a transmitir as forças sutis. A cor exerce um importante papel nas visões induzidas pela meditação sobre as Sephiroth, e descobre-se, pela experiência, que um cristal da cor apropriada é o melhor material com o qual se pode fazer um talismã; um rubi cor de sangue para as ígneas forças marcianas de Geburah; uma esmeralda para as forças naturais do Raio Verde de Netzach.

33. Os perfumes, especialmente o incenso, também se associam às Sephiroth. Como já observamos, certas experiências espirituais a certos modos de consciência são atribuídos a cada Esfera da Árvore; é bem sabido que nada induz mais eficazmente os estados mentais ou estimula mais a consciência parapsíquica do que os odores. "Os perfumes operam com mais

segurança do que a vista ou os sons para vibrar o coração", afirma o mais objetivo dos poetas, e a experiência dos ocultistas práticos comprova que isso é verdade. Existem certas substâncias aromáticas associadas pela tradição a diferentes deuses a deusas, a elas são muito potentes para estimular o humor que está em harmonia com a função da divindade.

34. As armas mágicas também se incluem nas longas listas dos símbolos a substâncias associados a cada Caminho. Uma arma mágica é um instrumento que se utiliza na evocação de uma força particular, ou é o veículo de sua manifestação, tal como a vara do mago ou a bacia de água ou a esfera de cristal do vidente. A atribuição das armas mágicas aos Caminhos pode-nos dizer muitas coisas sobre a natureza dos Caminhos, pois podemos deduzir delas a espécie de poder que opera na esfera particular em questão.

35. Como já observamos, os vários sistemas divinatórios têm sua relação com a Árvore a nela encontram suas pistas mais sutis. As associações da Astrologia traçam-se facilmente por meio do simbolismo dos planetas, dos elementos a das suas triplicidades, casas a regências; a Geomancia vincula-se à Árvore por meio da Astrologia; e o Tarô, o mais satisfatório de todos os sistemas de adivinhação, surge da Árvore a nela descobre a sua explicação. Essa pode parecer uma afirmação dogmática para o historiador erudito que busca os traços da origem dessas cartas misteriosas, e, podemos acrescentar, sem ter conseguido encontrá-los; mas, quando se compreende que o iniciado opera conjuntamente com o Tarõ e a Árvore, a que ambos se completam mutuamente em todos os ãngulos imagináveis, descobre-se que a ordem das correspondências não é nem arbitrária, nem fortuita.

36. Um aspecto muito interessante a importante do trabalho prático da Árvore diz respeito à maneira pela qual o cerimonial e a Magia Talismânica são utilizados para compensar as descobertas das ciências divinatórias. Cada símbolo geomãntico, cada carta do Tarô a cada fator horoscópico têm seu lugar próprio nos Caminhos da Árvore, e o ocultista, com o necessário conhecimento, pode compor um ritual ou desenhar um talismã para compensar ou reforçar cada um desses aspectos.

37. É por essa razão que a adivinhação praticada por não-iniciados pode acarretar má sorte, uma vez que eles põem em movimento forças sutis, ao concentrarem suas mentes nessa arte, sem compensarem, pelo esforço mágico apropriado, o que está desequilibrado.

XIV. CONSIDERAÇÕES GERAIS

1. Na Parte I, consideramos o esquema geral da Árvore da Vida a estudamos o método pelo qual podemos utilizá-la. Entraremos, agora, no estudo detalhado das Sephiroth individualmente. Esse estudo deve ser necessariamente experimental, pois seria preciso devotar toda uma vida de pesquisas à análise-do significado das correspondências que se estendem nas ramificações infindáveis de cada símbolo associado a cada Sephirah. Mas é preciso iniciar tal estudo, a eis a razão destas minhas tentativas, pois não considero que os capítulos seguintes sejam mais do que isso, embora constituam eles o fruto de dez anos de meditação sobre esse extraordinário símbolo compósito.

2. As Tabelas de Correspondências que encabeçam os capítulos seguintes consistem numa seleção dos símbolos a das idéias principais associados a cada Sephirah, a não pretendem em absoluto ser completas. Elas contêm, no entanto, os símbolos mais significativos, possibilitando ao estudante uma boa compreensão filosófica do assunto a permitindo-lhe experimentar por si mesmo o emprego da Árvore como símbolo de meditação.

3. As referências foram tomadas sobretudo do 777, de Aleister Crowley, que as obteve dos manuscritos de MacGregor Mathers. Este, de acordo com o que pude apurar, já que esse autor não menciona suas fontes, as extraiu das obras do Dr. Dee a de Sir Edward Kelly, além das de Cornelius Agrippa, Raymond Lully a Pietro de Abana, entre os escritores antigos. Entre os modernos, o mesmo material se acha disseminado nas obras de Knorr von Rosenroth, Wynn Westcott, Éliphas Uvi, Sra. Atwood, Mme. Blavatsky, Anna Kingsford, Mabel Collins, Papus (Encausse), St. Martin, Gerald Massey, G. R. S. Mead a muitos outros. É possível que Mathers esteja em dívida para com alguns desses autores; outros podem estar em dívida para com ele. Alguns deles foram realmente membros da Ordem da Aurora Dourada, que ele fundou.

4. Outras fontes de informação são o Golden Bough, de Frazer; as obras de Walks Budge; os escritos dos Drs. Jung a Freud; as traduções do Dr. Jowett, do grego; os livros da série Sacred Books of lhe East, da Loeb Classical Library, a tradução de Plotino, por Stephen MacKenna; a tradução do Zohar, pela Soncino Press; e, finalmente, essa valiosa fonte de

informação que é a Bíblia Sagrada. (É muito, convenhamos, para a discrição ocultistal)

5. Observará o leitor que os símbolos atribuídos a cada Sephirah são classificados numa ordem regular sob os cabeçalhos e, para que compreenda o significado atribuído pelo ocultista às diferentes seções, bem como a utilização que delas faz, cumpre explicar em detalhes o método de classificação adotado.

6. SEÇAO 1. O título atributdo à Sephirah. Seu nome é dado primeiro em hebraico a depois em português, acrescentando-se, entre parênteses, a grafia hebraica. A cuidadosa grafia de todos os nomes próprios utilizados na Cabala é vitalmente importante, devido ao valor numérico que lhe atribuem os cabalistas a devido à utilizaçáo do significado desses números por aqueles que operam os métodos numerológicos. Não sou numeróloga nem matemática e, portanto, não me proponho a comentar sobre o que está fora da esfera de meu conhecimento. Dou simplesmente os dados para a conveniência daqueles que possam apreciar-lhe o significado.

7. SEÇAO 2. A imagem mágica a os simbolos associados a cada Sephirah. A imagem mágica é o retrato mental que o ocultista constrói para representar a Sephirah, a seus detalhes conferem muitos símbolos significativos à meditação. Essas imagens são tão antigas a foram construídas com tal riqueza pela operação mágica que se formam espontaneamente, no mais das vezes, durante a meditação sobre as Sephiroth. No curso de meu próprio tiabalho sobre a Cabala, vi a maior parte delas antes de ter acesso às tabelas em que são referidas. No trabalho prático, o adepto iniciado as edifica com detalhado simbolismo, e a visualização das imagens mágicas em todos os seus detalhes constitui um valiosíssimo exercício oculto. Muitos desses detalhes podem ser obtidos dos relatos que dou de cada Sephirah, mas os leitores que tenham algum conhecimento especializado dos panteões orientais ou clássicos poderão elaborar essas imagens com alguma extensão, cercando-as com toda a parafernália dos deuses atribuídos a cada estação da Árvore; tais imagens podem ser identificadas graças às suas associações astrológicas.

8. SEÇÃO 3. A localização na árvore. Esse ponto lança uma imensa luz sobre toda meditaçáo, pois revela o equiliôrio das forças espirituais que operam na natureza. Por exemplo, as Sephiroth Geburah (Mane) a Chesed ou Gedulah (Júpiter) acham-se em oposição na Árvore. O rei guerreiro e o legislador sábio a benigno da paz se equilibram harmoniosamente. Quando em desequilíbrio, Geburah torna-se crueldade a opressão; a Gedulah, quando em desequilfbrio, passa pelo mal para multiplicar-se.

9. SEÇÃO 4. O texto yetzirático. Consiste na descrição da Esfera (ou Caminho) dada na Sepher Yetzirah, ou Livro das Formações. A tradução que utilizei é a de Wynn Westcott.

10. Essas descrições são extremamente criptológicas, mas produzirão, de tempos em tempos, um lampejo de iluminação, pois contém indubitavelmente a essência da filosofia cabalística.

11. SEÇÃO S. Títulos descritivos. Consiste num catálogo dos nomes que foram aplicados às diversas Sephiroth na literatura rabínica. Esses nomes lançam uma grande luz sobre o assunto a são também úteis para o estudante que procura reunir as idéias correlatas de uma Sephirah particular.

12. SEÇÃO 6. Os Nomes de Poder atribuídos a cada Sephirah. O Nome de Deus representa a forma mais espiritual da força a simboliza o funcionamento dessa força no Reino de Atziluth, o mais elevado dos Quatro Reinos dos cabalistas.

13. Os Nomes arcangélicos representam o funcionamento dessa mesma força em Briah, o Reino da Mente Superior, onde se localizam as idéias arquetípicas.

14. Os coros angélicos correspondem ao Reino de Yetzirah, ou piano astral, a os Chakras Cósmicos são os representantes das diversas forças no Reino de Assiah, o plano material.

15.O que denomino, em minhas tabelas, de "experiência espiritual atribuída a cada Sephirah" corresponde ao que Crowley chama de "poder mágico". Embora esta última expressão possa ser corretamente atribuída aos Vinte a Dois Caminhos, ela é equívoca quando se aplica às Sephiroth. Por conseguinte, alterei o termo em relação às Sephiroth, mas o mantive em referência aos Caminhos, pelas razões que transcreveremos em seguida.

16. SEÇÃO 7. As virtudes a os vícios atribuídos às Esferas da Árvore. Indicam as qualidades que necessitamos a fim c:e receber a iniciação do grau correspondente à Sephirah, a conhecer a forma adotada pelas forças em desequilíbrio nessa esfera. Nos graus mais elevados, antes do desenvolvimento da forma, não há o vício correspondente.

17. SEÇÃO 8. Correspondência no Microcosmo. O microcosmo, que é o homem, corresponde ao macrocosmo Sephirótico, e é importante do ponto de vista da prática, especialmente o da cura espiritual a da Astrologia.

18. SEÇÃO 9. Os quatro naipes do Taró. A correspondência das cartas do Tarô com a Árvore abre imensos campos de valor prático, a forma a base filosófica da arte divinatória.

19. Se o leitor retiver essas explicaçôes, será capaz de seguir as linhas de raciocínio a alusão desenvolvidas na elucidação do simbolismo atribuído a cada Sephirah.

20. É imenso o trabalho a ser feito para correlacionar os diferentes panteões politeístas a as angelologias das fés cristã, hebraica a muçulmana com as classificações da Árvore. Crowley tentou fazê-to experimentalmente, a seu trabalho é, como acredito, original, nada devendo a Mathers. Mas suas implicações não são totalmente claras para mim, a duvido que possa subscrevê-las integralmente. Para realizar satisfatoriamente essa tarefa, cumpre dispor de imensa erudição - erudição que não possuo. Contentar-me-ei, por conseguinte, em tocar os pontos de que tenho conhecimento, desistindo de articular, nas páginas seguintes, uma classificação ordenada da matéria.

21. SEÇÃO 10. As cores luminosas. Destina-se apenas à utilização dos estudantes avançados que possuem as chaves necessárias.

XV. KETHER, A PRIMEIRA SEPHIRAH

Título: Kether, a Coroa. (Em hebraico, כתר: Kaph, Tau, Resh.)

Imagem Mágica: Um velho rei barbado, visto'de perfil.

Localização na Árvore: No topo do Pilar do Equilíbrio, no Triângulo Supremo.

Texto Yetzirático: O Primeiro Caminho chama-se Inteligência Admirável, ou Oculta, pois é a luz que concede o poder da compreensão do Primeiro Princípio, que não tem começo. É a Glória Primordial, pois nenhum ser criado pode alcançar-lhe a essência.

Títulos Conferidos a Kether: A Existência das Existências. O Segredo dos Segredos. O Antigo dos Antigos. O Velho dos Dias. O Ponto Primordial. O Ponto no Círculo. O Altíssimo. O Rosto Imenso. A Cabeça Que não Existe. Macroprosopos. Amém. Lux Occulta. Lux Interna. He.

Nome Divino: Eheieh.

Arcanjo: Metatron.

Coro Angélico: As criaturas vivas a sagradas. Chaioth ha Qadesh.

Chakra Cósmico: Rashith ha Gilgalim. Primum Mobile. Primeiros Remoinhos.

Experiência Espiritual: A União com Deus.

Virtude: Consecução. A Realização da Grande Obra.

Vício:

Correspondência no Microcosmo: O Crânio. O Sah. Yechidah. A Centelha Divina. O Lótus de Mil Pétalas.

Simbolos: O ponto. A coroa. A suástica.

Cartas do Tarô: Os quatro ases: Ás de Raus: raiz dos Poderes do Fogo; Ás de Copas: raiz dos Poderes da Água; Ás de Espadas: raiz dos Poderes do Ar; Ás de Ouros: raiz dos Poderes da Terra.

Cor em Atziluth: Esplendor.

Cor em Briah: Esplendor branco, puro.

Cor em Yetzirah: Esplendor branco, puro.

Cor em Assiah: Branco, salpicado de ouro.

I

1. Kether, a Coroa, localiza-se na cabeça do Pilar Medial do Equilíbrio, e nele estão suspensos os Véus Negativos da Existência. Já comentei a utilização desses Véus Negativos como estrutura para o pensamento, de modo que não repetirei esse ponto, mas lembro ao leitor qúe Kether, a Primeira Manifestação, representa a cristalização primordial na manifestação do que era até então imanifesto e, por conseguinte, incognoscível. Nada podemos saber a respeito da raiz da qual brota Kether; mas, quanto à própria Kether, podemos adiantar alguma coisa. Ela pode representar para nós, em nosso estágio de desenvolvimento, o Grande Desconhecido, mas não é o Grande Incognoscível. A mente do mago pode abarcá-la em suas visões mais elevadas. Em minhas próprias experiências com a operação conhecida como Elevação nos Planos, que consiste em elevar a consciência pelo Pilar Médio, por meio da concentração nos sucessivos símbolos a nos Caminhos, Kether, numa ocasião em que lhe

toquei as fímbrias, surgiu como uma cegante luz branca, anulando por completo o pensamento.

2. Não existe forma em Kether, apenas puro ser, qualquer que seja ele. Poderíamos dizer que se trata de uma latência que se encontra a apenas um grau da não-existência. Tais conceitos são necessariamente vagos a não estou capacitada para dar-lhes a precisão que devem ter, mas ficarei satisfeita se pudermos reconhecer os graus do devir, compreendendo que a rude diferenciação entre Ser a Não-Ser não representa os fatos. Quando a existência se toma manifesta, os pares de opostos penetram o ser; mas em Kether não existe divisáo nos pares de opostos, pois estes, para se manifestarem, precisam esperar a emanação de Chokmah a Binah.

3. Kether, portanto, é o Um, que existia antes mesmo de dispor de um reflexo de si mesmo, para apresentar-se como imagem na consciência e aí estabelecer a polaridade. Devemos acreditar que ela transcende todas as leis conhecidas da manifestação - apenas existe, sem reação. Cabe lembrar, contudo, que, quando falamos de Kether, não significa uma pessoa, mas um estado de existência, a tal estado de substância existente deve ter sido completamente inerte, puro ser, sem atividade, até iniciar-se a atividade, que emana Chokmah.

4. A mente humana, não conhecendo outro modo de existência além do da forma a da atividade, tem muita dificuldade para conceber um estado inteiramente informe de passividade, o qual é, não obstante, muito distinto do não-ser. Mas precisamos realizar esse esforço, se quisermos compreender os fundamentos da filosofia cósmica. Não devemos lançar os Véus da Existência Negativa à frente de Kether ou nos condenar a uma perpétua dualidade insolúvel; Deus e o demônio lutarão para sempre em nosso cosmo, e não há finalidade em seu conflito. Devemos treinar a mente para conceber o estado de puro ser sem atributos ou atividades; podemos pensar nele como a luz branca cegante, não diferenciada em raios pelo prisma da forma; ou como a escuridão do espaço interestelar, que é nada, embora contenha as potencialidades de todas as coisas. Esses símbolos, sobre os quais repousa o olho interior, constituem um auxilio mais proveitoso para a compreensão de Kether do que todas as definições da filosofia exata. Não podemos definir a Sephirah Kether; só podemos indicá-la.

5. Constitui sempre uma experiência iluminadora descobrir o extraordinário significado das pistas contidas nas tabelas de correspondências, e o modo pelo qual elas conduzem a mente de um conceito a outro. A Primeira Sephirah chama-se Coroa, não cabeça, note-se. A Coroa é um objeto que se põe sobre a cabeça, a esse fato nos dá uma

clara indicação de que Kether pertence ao nosso Cosmo, embora não esteja nele. Descobrimos também a sua correspondência microscómica no Lótus das Mil Pétalas, o chakra Sahamsara, que se localiza na aura, imediatamente acima da cabeça. Penso que isso nos ensina claramente que a essência espiritual mais íntima de alguma coisa, seja no homem ou no mundo, nunca está na manifestação real, sendo antes a base ou raiz subjacente de onde tudo brota a pertencendo, na verdade, a uma dimensão diferente - a uma ordem diferente de ser. Esse conceito dos diferentes tipos de existência é fundamental para a filosofia esotérica a devemos tê-to sempre presente quando consideramos os reinos invisíveis do mago ou do ocultista prático.

6. Na filosofia vedanta, Kether equivaleria sem dúvida a Parabrahmâ; Chokmah, a Brahman; a Binah, a Mulaprakriti. Nos outros grandes sistemas do pensamento humano, Kether equivale ao seu conceito primário, correspondendo ao Pai dos Deuses. Se foram estes que criaram o universo no espaço, então Kether é o Deus do céu. Se o universo se originou na água, Kether é o oceano primordial. Kether relaciona-se sempre com o sentido do informe a do eterno. Os deuses de Kether são deuses terríveis que devoram suas crianças, pois Kether, embora seja o pai de todos, reabsorve o universo ao final de uma época de evolução.

7. Kether é o abismo donde se originam todas as coisas, a para onde estas voltarão ao final de sua era. Nos mhos exotéricos associados a Kether, descobrimos, por conseguinte, a implicação da não-existência. Nos conceitos esotéricos, contudo, aprendemos que esse conceito é errbneo. Kether é a forma mais intensa de existência, ser puro, não-limitado por forma ou reação; mas essa existência pertence a um tipo diverso daquele a que estamos acostumados, aparecendo-nos, portanto, como não-existência, porque não combina com nenhum dos requisitos que a nosso ver determinam a existência. A idéia da existência de outros modos de ser está implícita em nossa filosofia a devemos tê-la sempre em mente, porquanto é a chave de Kether, a Kether é a chave da Árvore da Vida.

8. O texto yetzirático descritivo de Kether, como todos os dizeres da Sepher Yetzirah, é uma sentença oculta. Afirma ele que Kether se chama Inteligência Oculta, a os diversos títulos conferidos a Kether na literatura cabalística confirmam essa denominação. Kether é o Segredo dos Segredos, a Altura Inescrutável, a Cabeça Que Não É. Temos aqui novamente a confirmaçáo da idéia de que a coroa está acima da cabeça do Homem Celestial, o Adão Cadmo; o ser puro está atrás de toda manifestação, a não é por ela absorvido, sendo antes a causa de sua emanação ou manifestação. Tal como nos expressamos em nossas obras, assim se expressa Kether na manifestação. Mas as obras de um homem não constituem a sua

personalidade, sendo, ao contrário, a expressão de sua atividade natural. Ocorre o mesmo com Kether; seu modo de existência não é manifesto, mas constitui a causa da manifestação.

II

9. Temos até agora considerado Kether em Atziluth, isto é, em sua natureza essencial a primordial. Devemos considerá-la agora tal como aparece nos outros três Reinos distinguidos pelos cabalistas.

10. Cada Reino, ou plano de manifestação, tem sua forma primária: a matéria, por exemplo, é, com toda probabilidade, primariamente elétrica, a essa forma primordial, segundo os esoteristas, consiste no subplano etérico que subjaz aos quatro planos elementais: Terra, Ar, Fogo a Água; ou, em outras palavras, os quatro estados da matéria densa: sólido, líquido, gasoso a etéreo.

11. Os cabalistas concebem a Árvore em cada um dos quatro Reinos, a saber: Atziluth, espírito puro; Briah, mente arquetípica; Yetzirah, consciência imagética astral; a Assiah, o mundo material em seus aspectos densos e mais sutis. As operaçáes das forças de cada Sephirah são representadas em cada mundo sob a presidência de um Nome Divino, ou Mundo do Poder, e esses mundos dão as chaves das operações do ocultismo prático nos diversos planos. O Nome de Deus representa a ação da Sephirah no Mundo de Atziluth, espírito puro; quando o ocultista invoca as forças de uma Sephirah pelo Nome de Deus, isso significa que ele deseja entrar em contato com sua essência mais abstrata, pois está buscando o princípio espiritual que sustenta a condiciona esse modo particular da manifestação. Reza uma máxima do Ocultismo Branco que toda operação deve começar pela invocação do Nome Divino na Esfera em que ocorrerá a operação. Isso assegura que a operação estará em harmonia com a lei cósmica. Nunca se deve descurar o equilíbrio da força natural, pois o equilíbrio é essencial para que o mago conduza em segurança as operações de acordo com a lei cósmica; por conseguinte, o mago deve procurar compreender o princípio espiritual envolvido em cada problema a operá-to convenientemente. Toda operação, por conseguinte, precisa ter sua unificaçâo ou resolução final em Eheieh, o nome de Deus de Kether em Atziluth.

12. A invocação da divindade sob o nome de Eheieh, isto é, a afirmação do ser puro, eterno, imutável, sem atributos ou atividades, que tudo sustém, mantém a condiciona, é a fórmula primária de toda operação mágica. Somente ao ser penetrada pela compreensão desse ser imutável a

sem fim, de extraordinária concentração a intensidade, pode a mente ter qualquer compreensão do poder ilimitado. A energia derivada de qualquer outra fonte é uma energia limitada a parcial. A fonte pura de toda energia localiza-se tão-somente em Kether. As operações do mago visando à concentração da energia (e que operação não o faz?) devem sempre começar por Kether, porquanto deparamos nessa Sephirah com a força emergente que brota do Grande Imanifesto, o reservatório do poder ilimitado. É graças a Kether, o Grande Imanifesto oculto atrás dos Véus da Existência Negativa, que o poder tem origem. Se extrairmos poder de qualquer esfera especializada da natureza, estaremos, por assim dizer, tirando de Pedro para dar a Paulo. O poder vem de alguma parte a vai para algum lugar, a deve ser responsável no ajuste de contas fmal. É por essa razão que se diz que o mago paga com sofrimento o que obtém por meios mágicos. Isso é verdade se sua operação é realizada em qualquer uma das esferas inferiores da natureza; mas se tal operação tem início com Kether em Atziluth, o mago estará extraindo força imanifesta para colocá-la na manifestação; ele aumenta as fontes do universo e, desde que as forças se mantenham em equilíbrio, nenhuma reação rebelde ocorrerá, bem como nenhum pagamento em sofrimento pelo use dos poderes mágicos.

13. Esse é um ponto de extraordinária importância prática. Os estudantes aprenderam que as Três Sephiroth - Kether, Chokmah a Binah estão fora do alcance de qualquer obra prática enquanto estamos encarnados. Na verdade, elas estáo fora do alcance da consciência cerebral, a constituem a base essencial de todos os cálculos mágicos. Se não operamos a partir dessa base, não temos nenhum fundamento cósmico, colocando-nos entre céu e a terra a não encontrando nenhum lugar de repouso seguro. Devemos, ao contrário, manter a tensão mágica que mantém vivas as formas astrais.

14. A grande diferença entre a ciência cristã a as formas mais rudes do novo pensamento a da auto-sugestâo consiste no fato de que a primeira inicia todas as suas operações pela vida divina; e, por mais irracionais que sejam suas tentativas para filosofar o seu sistema, seus métodos são empiricamente sãos. O ocultismo, a especialmente o praticante da Magia Cerimonial, se não foi instruído nessa disciplina, tende a começar sua operação sem qualquer referência à lei cósmica ou ao princípio espiritual; conseqüentemente, as imagens mentais que ele forma são como corpos estranhos no organismo do Homem Celestial, ou Macrocosmo, a todas as forças da natureza se dirigem espontaneamente para a eliminação dá substância estranha e para a restauração do equilíbrio normal das tensões. A natureza luta contra o mago com unhas a dentes; conseqüentemente, todo aquele que recorre à Magia náo-consagrada jamais pode descansar sua espada, pois precisa estar sempre na defensiva a fim de manter o que

conquistou. Mas o adepto que inicia sua obra com Kether em Atziluth, isto é, no princípio espiritual, e opera esse princípio de cima para baixo a fim de expressá-to nos planos da forma, empregando para esse propósito o poder extraído do Imanifesto, integra sua operação no processo cósmico, e a natureza se coloca a seu lado, em vez de hostilizá-lo.

15. Não podemos esperar entender a natureza de Kether em Atziluth, mas podemos abrir nossa consciência à sua influência, a esta é muito poderosa, conferindo-nos uma estranha sensação de eternidade e imortalidade. Podemos saber quando a invocação de Eheieh em seu puro esplendor branco é efetiva, pois compreendemos, com completa convicção, a impermanência a insignificáncia superior dos planos da forma e a supremá importância da Vida única, que condiciona todas as formas, tal como as mãos do oleiro moldam a argila.

16. A meditação sobre Kether confere-nos a compreensão intuitiva de que o resultado de uma operação tem pouco valor. "Que o sujo brinque com o sujo, se este lhe agrada." Uma vez obtida essa compreensão, temos domínio sobre as imagens astrais a podemos operá-las à vontade. É apenas quando o operador não tem qualquer interesse pela operapão no plano físico que ele atinge esse completo domínio sobre as imagens astrais. Só a manipulação das forças lhe diz respeito, assim como a sua condução por meio da manifestação na forma; mas ele não cuida da forma que as forças podem finalmente assumir, a as deixa por si mesmas, visto que assumirão a forma mais afim a suas naturezas, sendo assim mais fiéis à lei cósmica do que a qualquer desígnio que seu limitado conhecimento poderia conferir-lhes. Essa é a chave real de todas as operações mágicas, a sua única justificativa, pois não podemos alterar o Universo para adaptá-to ao nosso capricho a conveniência, mas só nos justificamos na operação deliberada da Magia quando operamos com a grande maré da vida evolutiva a fim de chegarmos à plenitude da vida, seja qual for a forma que a experiência ou manifestação possa assumir. "Vim para que eles pudessem ter vida, a para que a tivessem em abundáncia", disse o Senhor, a essas poderiam ser as palavras do mago. Vida, a somente a vida, deveria ser a sua divisa, a não qualquer manifestação especializada dela como Sabedoria, Poder ou mesmo Amor.

17. Aqueles que seguiram atentamente a exposição precedente estarão em condições de descobrir algum significado nas palavras criptográficas do Texto Yetzirático atribuído a Kether. As palavras "Inteligência Oculta" dão uma pista da natureza imanifesta da existência de Kether, que é confirmada pela afirmação de que "Nenhum ser criado pode alcançar-lhe à essência", ou seja, nenhum ser que utiliza, como veículo de consciência, um organismo dos planos da forma. Quando, contudo, a

consciência foi exaltada ao ponto de transcender o pensamento, ela recebe da "Glória Primordial" o "poder de compreensão do Primeiro Princípio"; ou, em outras palavras, "Compreenderemos da mesma maneira pela qual somos compreendidos".

III

18. Eheieh, Eu Sou O Que Sou, ser puro, é o Nome divino de Kether, e sua imagem mágica é um velho rei barbado visto de pèrfil. O Zohar afirma que o velho rei barbado só tem o lado direito; não vemos a imagem mágica de Kether em sua face plena, isto é, completa, mas apenas uma pane dela. Há um aspecto que deve sempre permanecer oculto para nós, como o lado escuro da lua. Esse lado de Kether é o lado que está voltado para o Imanifesto, que a natureza de nossa consciência manifesta nos impede de compreender, a que constitui um livro selado para nós. Mas, aceitando essa linútação, podemos contemplar o aspecto de Kether, o perfil do velho rei barbado, que se reflete para baixo na forma.

19. Velho é esse rei, o Antigo dos Antigos, o Velho dos Dias, que existe desde o início, quando o rosto não contemplava rosto algum. Ele é um rei, porque governa todas as coisas de acordo com sua suprema e inquestionável verdade. Em outras palavras, é a natureza de Kether que condiciona todas as coisas, porque todas as coisas surgiram dela. Ele é barbado porque, no curioso simbolismo dos rabinos, todo pêlo de sua barba tem um significado.

20. A manifestação das forças de Kether em Briah, o mundo da mente arquetípica, efetua-se por meio do arcanjo Metatron, o Príncipe das Faces, a quem a tradição atribui o papel de mestre de Moisés. A Sepher Yetzirah afirma a respeito do Décimo Caminho, Malkuth, que ele "emana uma influéncia do Príncipe dos Rostos, o arcanjo de Kether, e é a fonte de iluminação de todas as luzes do universo". Aprendemos, assim, claramente, que não apenas o espírito flui para a manifestação na matéria, mas a matéria, por sua própria energia, lança o espírito na manifestação. Esse é um importante ponto para o praticante da Magia, pois afirma que este tem justificativas para as suas operações a que o homem não precisa esperar a palavra do Senhor, podendo invocar a Deus para ouvi-Lo.

21. Os anjos de Kether, operando no Mundo Yetziático, são os Chaioth ha Qadesh, as Criaturas Vivas a Sagradas, a esse Nome traz à mente a visão do Carro de Fogo de Ezequiel a as Quatro Santas Criaturas diante do Trono. O fato de que os quatro ases do Tarô, atribuídos a Kether, representam as raízes dos quatro elementos, Terra, Ar, Fogo a Água,

confirma igualmente essa associação. Podemos, pois, considerar Kether como a fonte primordial dos elementos. Esse conceito esclarece muitas das dificuldades ocultas a metafísicas com que nos deparamos se limitamos sua operação ao plano astral a encaramos os elementais como seres pouco melhores do que os demônios, como parecem fazer algumas escolas de pensamento transcendental.

22. A questão dos anjos, archons a elementais é um tema muito discutido a muito importante no ocultismo, porque a sua aplicação prática à Magia é imediata. O pensamento cristáo pode tolerar com algum esforço a idéia dos arcanjos, mas os espíritos auxiliares, os mensageiros que são as chamas do fogo a os construtores celestes são estranhos à sua Teologia; Deus, sem ajuda a num átimo, fez os céus e a Terra. O Grande Arquiteto do Universo é também o pedreiro. A ciencia esotérica pensa de modo diferente. O iniciado conhece as legiôes de seres espirituais que são agentes da vontade de Deus e os veículos da atividade criativa. É por meio desses que ele opera, pela graça de seu arcanjo dirigente. Mas um arcanjo não pode ser conjurado por nenhum encantamento, por mais potente que este seja. Deveríamos mesmo dizer que, quando efetuamos uma operação da Esfera de uma Sephirah particular, o arcanjo opera por meio de nós para o cumprimento de sua missão. A arte do mago repousa, por conseguinte, em alinhar-se à força cósmica, a fim de que a operação que ele deseja realizar possa produzir-se como parte da operação de atividades cósmicas. Se ele for verdadeiramente puro a devoto, esse será o caso de todos os seus desejos; mas, se ele não for verdadeiramente puro a devoto, não será então um adepto, a sua palavra não será uma Palavra de Poder.

23. É interessante notar que, no Mundo de Assiah, o título da Esfera de Kether é Rashith ha Gilgalim, ou Primeiros Remoinhos, indicando, assim, que os rabinos estavam familiarizados com a teoria das nebulosas antes que a ciência tivesse conhecimento do telescópio. A maneira pela qual os amigos deduziram os fatos básicos da cosmogonia graças a meios puramente intuitivos a mercé da utilização do método de correspondências, séculos antes da invenção a aperfeiçoamento dos instrumentos de precisão que permitiram ao homem moderno realizar as mesmas descobertas de outro ângulo, será sempre um assunto de perpétua perplexidade para todo aquele que estuda a filosofia tradicional sem fanatismo.

24. Como em cima, tal é embaixo. O microcosmo corresponde ao macrocosmo, a precisamos, por conseguinte, buscar no homem a Sephirah Kether que está acima da cabeça que brilha com um puro esplendor branco em Adão Cadmo, o Homem Celeste. Os rabinos a chamam Yechidah, a Centelha Divina; os egípcios a chamam Sah; os hindus a chamam Lótus de

Mil Pétalas - o núcleo do espírito puro que emana as múltiplas manifestações nos planos da forma, mas nelas não habita.

25. Enquanto estivermos encarnados, jamais poderemos nos elevar à consciência de Kether em Atziluth a reter o veículo físico intato antes de nosso regresso. Tal como Enoch caminhou com Deus a desapareceu, assim também o homem que tem a visão de Kether se desvanece no que respeita ao veículo da encarnação. Isso se explica facilmente se nos lembrarmos que não podemos entrar num modo de consciência a não ser reproduzindo-o em nós mesmos, assim como uma música nada significa para nós a menos que o coração cante com ela. Se, por conseguinte, reproduzimos em nós mesmos o modo de ser daquilo que não tem forma nem atividade, segue-se que devemos nos livrar da forma a da atividade. Se conseguirmos fazé-lo, o que foi reunido pelo modo de forma da consciencia desaparecerá a voltará aos seus elementos. Assim dissolvido, ele não pode ser reunido ao retornar à consciência. Por conseguinte, quando aspiramos à visão de Kether em Atziluth, devemos estar preparados para penetrar na Luz a nunca mais sair dela.

26. Isso não implica ser o Nirvana aniquilação, tal como uma tradução ignorante da filosofia oriental ensinou ao pensamento europeu; mas também náo implica uma completa mudança de modo ou dimensão. O que seremos, quando nos descobrirmos no mesmo nível das Criaturas Vivas a Sagradas, não o sabemos, a ninguém que alcançou a visão de Kether em Atziluth retomou para contar-nos; mas a tradição afirma que existem aqueles que o fizeram, a que eles estáo intimamente relacionados com a evolução da humanidade a são os protótipos dos super-homens, a respeito dos quais todas as raças têm uma tradição - uma tradição que, infelizmente, tem sido envilecida a degradada nos últimos anos pelos ensinamentos pseudo-ocultistas. O que quer que seja que esses seres possam ser ou não, é seguro dizer que eles não têm nem forma astral nem personalidade humana, mas são como chamas no fogo que é Deus. O estado da alma que atingiu o Nirvana pode ser comparado a uma roda que perdeu seu aro a cujos raios penetram e interpenetram toda a criação; um centro de radiação, a cuja influência não se pode determinar um limite, exceto o de seu próprio dinamismo, a que mantém a sua identidade como um núcleo de energia:

27. A experiência espiritual atribuída a Kether é a união com Deus. Esse é o fim e o objetivo de toda a experiência mística e, se procurarmos qualquer objetivo, seremos como aqueles que edificam uma casa no mundo da ilusão. Tudo o que pode reter o místico em seu caminho direto para esse objetivo produz-lhe a impressão de um grilhão, que o prende, e, que, como tal, deve ser quebrado. Tudo aquilo que sujeita a consciência à forma, todos

os desejos que não sejam o da união com Deus são males para ele e, desse ponto de vista, ele está certo; agir de outra maneira invalidaria sua técnica.

28. Mas essa não é a única prova que o místico deve enfrentar; exigese-lhe que satisfaça os requisitos dos planos da forma antes de estar livre para começar sua retirada a escapar da forma. Há o Caminho da Mão Esquerda que conduz a Kether, a Kether das Qliphoth, que é o Reino do Caos. Se o adepto aspirante se aventura pelo Caminho Místico prematuramente, é para lá que ele vai, a não ao Reino da Luz. Para o homem que é naturalmente do Caminho Místico, a disciplina da forma é incompatível. E uma das mais sutis tentações é abandonar a batalha da existência na forma, a qual resiste ao seu domínio, a retirar-se pelos planos antes que o nadir tenha sido atravessado a as lições da forma tenham sido aprendidas. A forma é a matriz na qual a consciência fluídica é mantida até adquirir uma organização à prova de dispersão; até tomar-se um núcleo de individualidade diferenciada do mar amorfo do puro ser. Sea matriz for quebrada muito cedo, antes que a consciência fluídica se tenha formado como um sistema organizado de tensões estereotipadas pela repetição, a consciência se retrairá para o amorfo, assim como a argila retomará à lama se libertada do amparo do molde antes de ser queimada. Se há um místico cujo misticismo produz incapacidade mundana ou qualquer tipo de disposição da consciência, sabemos que o molde se quebrou muito cedo para ele, a ele deve retomar à disciplina da forma até que a sua lição tenha sido aprendida a sua consciência tenha alcançado uma organização coerente a coesa que nenhum Nirvana possa destruir. Que ele corte lenha a carregue água a serviço do Templo, se desejar, mas que não profane o local sagrado com suas patologias a imaturidades.

29. A virtude atribuída a Kether é a da consecução; a realização da Grande Obra, para utilizar um termo pedido de empréstimo aos alquimistas. Sem a realização não há consecução a sem consecução não há realização. Boas intenções pesam pouco na escala da justiça cósmica; é por nossa obra completada que somos conhecidos. Temos, é verdade, toda a eternidade para completá-la, mas devemos fazê-to até o Yod final. Não há misericórdia na justiça perfeita, a não ser a que nos permite tentar novamente.

30. Kether, contemplada do ponto de vista da forma, é a coroa do Reino do Esquecimento. A não ser que compreendamos a natureza vital da Pura Luz Branca, sentiremos pouca tentação de lutar por essa Coroa que não é dessa ordem de ser; e, se tivermos essa compreensão, entáo estaremos livres da limitação da manifestação a poderemos falar a todas as formas como quem realmente tem a autoridade para fazê-lo.

XVI. CHOKMAH, A SEGUNDA SEPHIRAH

Título: Chokmah, Sabedoria. (Em hebraico, חכמה: Cheth, Kaph, Mem, Hé.)

Imagem Mágica: Uma figura masculina, barbada.

Localização na Árvore: No topo do Pilar da Misericórdia, no Triângulo Supremo.

Texto Yetzirático: O Segundo Caminho chama-se Inteligência Iluminadora. É a Coroa da Criação, o Esplendor da Unidade, que a iguala. É exaltada sobre todas as cabeças, a os cabalistas a chamam de Segunda Glória.

Títulos Conferidos a Chokmah: Poder de Yetzerah. Ab. Abba. O Pai Supremo. Tetragrammaton. Yod do Tetragrammaton.

Nome Divino: Jehovah.

Arcanjo: Ratziel.

Coro Angélico : Auphanim, rodas.

Chakra Cósmico: Mazloth, o Zodíaco.

Experiência Espiritual: A Visão de Deus face a face.

Virtude: Devoção.

Vício

Correspondéncia no Microcosmo: O lado esquerdo da face.

Símbolos: O lingam. O falo. O Yod do Tetragrammaton. O Manto Interno da Glória. O pedestal. A torre. O cetro ereto do poder. A linha reta.

Cartas do Tarô: Os quatro dois: Dois de Paus: domínio; Dois de Copas: amor; Dois de Espadas: paz restaurada; Dois de Ouros: mudança harmoniosa.

Cor em Atziluth: Azul-suave puro.

Cor em Briah: Cinza.

Cor em Yetzirah: Cinza-pérola iridescente.

Cor em Assiah: Branco salpicado de vermelho, azul a amarelo.

I

1. Toda fase de evolução tem início num estado de força instável e caminha, graças à organização, para o equilíbrio. Uma vez este alcançado, nenhum desenvolvimento posterior poderá ocorrer, se a estabilidade não for superada, dando início, mais uma vez, a uma fase de forças em conflito. Como já vimos, Kether é o ponto formulado no vazio. De acordo com a definição euclidiana, um ponto tem posição, mas não dimensões. Se, contudo, concebermos esse ponto movendo-se no espaço, ele se transformará numa linha. A natureza da organização a da evolução das Três Supremas está tão distante da nossa experiência que só podemos concebê-la simbolicamente; mas, se imaginarmos o Ponto Primordial que é Kether estendendo-se pela linha que é Chokmah, teremos a representação simbólica mais adequada que seremos capazes de alcançar em nosso presente estágio de desenvolvimento.

2. Esse fluxo de energia, representado pela linha reta ou pelo cetro ereto do poder, é essencialmente dinâmico. Tráta-se, na verdade, de um dinamismo primário, pois não podemos conceber a cristalização de Kether no espaço como um processo dinâmico; ela partilha, antes, de uma certa estaticidade - a limitação do informe a do liberto, nos moldes da forma, por mais tênue que a forma possa parecer aos nossos olhos.

3. Atingidos os limites da organização dessa forma, a força que flui incessantemente do Imanifesto transcende as suas limitações, demandando modos novos de desenvolvimento a estabelecendo relações a tensões novas. Chokmah é esse fluxo de força desorganizada a desequilibrada, e, sendo Chokmah uma Sephirah dinâmica, que flui incessantemente como energia ilimitada, poderíamos considerá-la, apropriadamente, mais como um canal por onde passa a energia do que como um receptáculo em que a força é armazenada.

4. Chokmah não é uma Sephirah organizada, a sim a Grande Estimuladora do Universo. É de Chokmah que Binah, a Terceira Sephirah, recebe o seu influxo de emanação, a Binah é a primeira das Sephiroth organizadoras e estabilizantes. Não é possível compreender nenhuma Sephirah sem estudar a sua companheira; por conseguinte, para compreender Chokmah, deveremos dizer algo a respeito de Binah. Notemos, preliminarmente, que Binah é atribuída ao planeta Saturno, recebendo o título de Mãe Superior.

5. Em Cholcmah a Binah temos, respectivamente, o positivo e o negativo arquetípicos; a masculinidade e a feminilidade primordiais, estabelecidas quando "o rosto não contemplava rosto algum" a quando a manifestação ainda era incipiente. É desses pares de opostos primários que surgem os Pilares do Universo, por entre os quais se tece a rede da manifestação.

6. Como já observamos, a.Árvore da Vida é uma representação diagramática do Universo, na qual os aspectos positivo a negativo, masculino a feminino são representados pelos dois pilares laterais, da Misericórdia e da Severidade. Pode parecer estranho que o título de Misericórdia seja conferido ao Pilar masculino a positivo, e o de Severidade ao feminino; mas, quando se compreende que a força dinâmica masculina é a que estimula a elevação e a evolução, a que é a força feminina que edifica as formas, percebe-se que a nomenclatura é adequada, pois a forma, embora seja edificadora a organizadora, é também limitadora; toda forma constituída precisa, por sua vez, ser superada, perdendo sua utilidade a assim, tomando-se um obstáculo à vida evolutiva; por conseguinte, ela é a causadora da dissolução a da desintegração que conduz à morte. O Pai é o Dador de vida; mas a Mãe é a Dadora da morte, porque seu útero é a porta de ingresso para a matéria, a por intermédio dela a vida é animada na forma, a nenhuma forma pode ser infinita ou eterna. A morte está implícita no nascimento.

7. É por entre esses dois aspectos polarizados dá manifestação - o Pai Supremo e a Mãe Suprema - que se tece a rede da vida; as almas vão a vêm entre eles, como a lançadeira de um tecelão. Em nossas vidas individuais, em nossos ritmos frsiológicos, na história da ascensão a queda das nações, observamos a mesma periodicidade rítmica.

8. Nesse primeiro par de Sephiroth, temos a chave para o sexo - o par de opostos biológicos, a masculinidade e a feminilidade. Mas a paridade de opostos não ocorre apenas no tipo; ela ocorre também no tempo, a temos épocas alternadas em nossas vidas, em nossos processos fisiológicos, a na história das nações, durante as quais atividade a passividade, construção a destruição prevalecem altemadamente; o conhecimento da periodicidade desses ciclos integra a antiga sabedoria secreta dos iniciados e é operado astrológica e cabalisticamente.

9. A imagem mágica de Chokmah a os símbolos atribuídos a ela confirma essa idéia. A imagem mágica é a de um homem barbado - barbado para indicar maturidade; o pai que provou sua masculinidade, não o homem virgem inexperiente. A linguagem simbólica fala claramente, e o lingam dos hindus e o falo dos gregos são o órgão gerador masculino em

seus respectivos idiomas. O pedestal, a torre e o cetro levantado simbolizam o membro viril em sua potência maior.

10. Não devemos pensar, contudo, que Chokmah é apenas um símbolo fálico ou sexual. Ela é, antes de mais nada, um símbolo dinâmico ou positivo, pois a masculinidade é uma forma de força dinâmica, assim com a feminilidade é uma forma de força estática, latente ou potencial, inerte até que se lhe comunique o estímulo. O todo é maior do que a parte, a Chokmah e Binah são o todo de que o sexo é uma parte. Compreendendo a relação existente entre o sexo e a força polarizante como um todo, descobrimos a chave para a correta compreensão desse aspecto da natureza, a podemos avaliar, no contexto do padrão cósmico, os ensinamentos da psicologia a da moralidade a respeito da sexualidade. Podemos observar também, com os freudianos, os inúmeros símbolos de que se vale a mente subconsciente do homem para representar o sexo, compreendendo, ademais, conforme assinalam os moralistas, o processo de sublimação do instinto sexual. A manifestação é sexual porque ocorre sempre em termos de polaridade; e o sexo é cósmico a espiritual porque suas raízes mergulham nas Três Supremas. Devemos aprender a não dissociar a flor aérea da raiz terrestre, pois a flor que é separada de sua raiz fenece, a suas sementes ficam estéreis, ao passo que a raiz, protegida pela terra-mãe, pode produzir flor após flor a levar o seu fruto à maturidade. A natureza é maior do que a moralidade convencional, que, no mais das vezes, não passa de tabu a totemismo. Felizes sáo os povos cuja moralidade incorpora as leis da natureza, pois suas vidas serão harmoniosas a eles crescerão e, multiplicados, dominarão a Terra. Desgraçados são os povos cuja moralidade é um sistema selvagem de tabus, concebido para incensar uma divindade imaginária como Moloch, pois eles serão estéreis a pecadores; a desgraçados também são os povos cuja moralidade ultraja a santidade dos processos naturais a que, ao arrancarem a flor, não prestam atenção ao fruto, pois seu corpo será doente e o seu Estado, corrupto.

11. Em Chokmah, portanto, devemos ver tanto a Palavra criadora que disse "Faça-se a luz" como o lingam de Siva e o falo adorado pelas bacantes. Devemos aprender a reconhecer a força dinâmica, e a reverenciá-la, onde quer que a vejamos, pois seu nome divino é Jehovah Tetragrammaton. Vemo-la na cauda aberta do pavão a na iridescência do pescoço do pombo; igualmente, podemos ouvi-la no chamado do gato no cio, e a senti-la no cheiro do bode. Também a encontramos nas aventuras colonizantes das épocas mais viris da história inglesa, especialmente as de Elizabeth a Vitória ambas mulheres! Vemo-la novamente no homem diligente que se esforça em sua profissão para manter o lar. Esses aspectos pertencem todos a Chokmah, cujo título adicional é Abba - Pai. Em todas essas manifestações, devemos ver o pai, o progenitor, que dá vida ao não-

nascido, assim como o macho que deseja a sua companheira; teremos, assim, uma perspectiva mais autêntica dos assuntos relativos ao sexo. A atitude vitoriana, em sua reação contra a grosseria da Restauração, atingiu praticamente o padrão de tribos muito primitivas, as quais, como nos contam os viajantes, não associam a união dos sexos com o nascimento da prole.

12. Está dito que a cor de Chokmah é o cinza; em seus aspectos superiores, cinza-pérola iridescente. Essa cor simboliza o velamento da pura luz branca de Kether, que desce, em sua rota de manifestação, até Binah, cuja cor é o preto.

13.O Chakra Cósmico, ou manifestação física direta de Chokmah, é o Zodíaco, que em hebraico se chama Mazloth. Vemos assim que os antigos rabinos compreendiam corretamente o processo da evolução de nosso sistema solar.

14.O Texto Yetzirático atribuído a Chokmah é, como de costume, extremamente obscuro em sua formulação; não obstante, podemos extrair dele algumas pistas esclarecedoras. O Segundo Caminho, como se denomina Chokmah, chama-se Inteligência Iluminadora. Já nos referimos à Palavra criadora que diz "Faça-se a luz". Entre os símbolos atribuídos a Chokmah no 777 (sistema Malher-Crowley), encontramos o do Manto Intemo da Glória, que é um termo gnóstico. Essas duas idéias, tomádas em conjunto, suscitam a idéia da vida animadora - o espírito iluminador. É a força masculina que, em todos os planos, deposita a centelha fecundante no óvulo passivo e transforma a latência inerte deste no desenvolvimento ativo do crescimento a da evolução. É a força dinámica da vida, que é espírito, que anima a argila da forma física a constitui o Manto Interno da Glória.

15. O Texto Yetzirático confere também a Chokmah o título de Coroa da Criação, implicando assim que essa Sephirah, como Kether, é antes extema ao universo manifesto do que imanente a ele. É a força viril de Chokmah que dá impulso à manifestação e, por conseguinte, é anterior à própria manifestação. A Voz do Logos clamou "Faça-se a luz" muito antes que as águas e o firmamento fossem separados. Essa idéia se destaca ainda mais na frase do Texto Yetzirático que fala de Chokmah como o Esplendor da Unidade, que o iguala, indicando assim claramente a sua afinidade antes com Kether, Unidade, do que com os planos da forma dualística. A palavra esplendor, tal como é aqui empregada, indica claramente uma emanação ou irradiação, a nos ensina a pensar em Chokmah mais como a influência emanante do ser puro do que como uma coisa em si. Isso nos leva a uma compreensão mais verdadeira do sexo. Fique bem clam, contudo, que a esfera de Chokmah nada tem a ver com os cultos da fertilidade como tais,

salvo pelo fato de que é a masculinidade, a força dinámica, que promove a vida primordial a evoca a manifestação. Embora as manifestações superiores e inferiores da força dinãmica sejam da mesma esséncia, elas são de níveis diferentes; Priapo não é idintico a Jehovah. Não obstante, a raiz de Priapo se encontra em Jehovah, e a manifestação de Deus Pai encontra-se em Priapo, como o indica o fato de que os rabinos chamam Chokmah de Yod do Tetragrammaton, e o Yod, em sua fraseologia, é idêntico ao lingam.

16. É curioso que a Sepher Yetzirah afirme, a respeito das duas Sephiroth, que elas são exaltadas sobre todas as cabeças - o que é uma contradição; no entanto, como essa afirmação diz respeito a Chokmah a Malkuth, poderemos compreender-lhe o significado se meditarmos sobre seu sentido. Chokmah é o Pai Supremo, Malkuth é a Mãe Inferior, e o mesmo texto que declara sua exaltação sobre todas as cabeças afirma que ela se senta no trono de Binah, a Mãe Superior, a contraparte negativa de Chokmah. Ora, Chokmah é a forma mais abstrata da força, a Malkuth é a forma mais densa da matéria, de modo que temos nessa afirmação uma pista de que cada um dos membros desse par de opostos extremos é a manifestação suprema de seu próprio tipo, sendo ambos igualmente sagrados em seus diferentes caminhos.

17. Devemos fazer uma distinçâo entre o rito da fertilidade, o rito da vitalidade e o rito da iluminação ou inspiração, que invoca as línguas de fogo de Pentecostes. O culto da fertilidade visa à reprodução clara a simples, seja dos rebanhos, dos campos ou das esposas; pertence a Yesod, a nada tem a ver com o culto da vitalidade, que pertence a Netzach, a esfera de VênusAfrodite, a que diz respeito a certo ensinamento esotérico muito importante, relativo ao tema das influências vitalizantes a magnéticas que os sexos exercem um sobre o outro a que é distinto do ato sexual, do qual trataremog quando estudarmos Netzach, a esfera de Vênus.

18.O rito de Chokmah, se assim podemos chamá-lo, diz respeito ao influxo da energia cósmica. É informe, por ser o impulso puro da criação dinãmica; e, sendo informe, a criação a que dá lugar pode assumir toda e qualquer forma; daí a possibilidade de sublimar a força criativa, desviandoa de seu aspecto puramente priápico.

19. Até onde sei, não existe uma cerimônia mágica formal de qualquer das Trés Supremas. Só podemos entrar em contato com elas participando de sua natureza essencial. Kether, ser puro, é atingido quando alcançamos a compreensão da natureza da existência sem partes, atributos ou dimensões. Essa experiência é apropriadamente chamada de Transe da Aniquilação, a aqueles que a experimentaram caminham com Deus a não

mais retomam, pois Deus os arrebata; por conseguinte, a experióncia espiritual atribuída a Kether é a União Divina, a aqueles que a experimentam penetram na luz a nela permanecem.

20. Para nos colocarmos em contato com Chokmah, temos de experimentar a precipitação da energia cósmica dinâmica em sua forma pura; uma energia tão imensa que o homem mortal nela se funde a se desagrega. Conta-se que, quando Semele, mãe de Dionísio, viu Deus - seu amante divino sob a forma de Zeus -, foi ela crestada a queimada, dando à luz prematuramente o seu filho. A experiência espiritual atribuída a Chokmah é a Visão de Deus face a face; a Deus (Jehovah) disse a Moisés: "Não podes contemplar minha face a sobreviver."

21. Mas, embora a visâo do Pai Divino queime os mortais com Fogo, o Filho Divino pode ser evocado familiarmente por meio dos ritos apropriados - as Bacanálias, no caso do Filho de Zeus, e a Eucaristia, no caso do Filho de Jehovah. Vemos, assim, que existe uma forma inferior de manifestação, que "nos mostra o Pai", mas esse rito deve sua validade apenas ao fato de que deriva sua Inteligência fuminadora, seu Manto Interno de Glória, do Pai, Chokmah.

II

22. O grau de iniciação correspondente a Chokmah é o do Mago, a as armas mágicas atribuídas a esse grau são o falo e o Manto Interno da Glória. Esses símbolos têm um significado microcósmico ou psicológico, assim como um significado macrocósmico ou místico. O Manto Interno da Glória significa seguramente a Luz Interna que ilumina todos os homens que vêm ao mundo - a visão espiritual por meio da qual o místico disceme as coisas espirituais, a forma subjetiva da Inteligência Iluminadora a que se refere o Texto Yetzirático.

23. O falo ou lingam é uma das armas mágicas do iniciado que opera o grau de Chokmah. O conhecimento do significado espiritual do sexo a do significado cósmico da polaridade diz respeito a esse grau. Aquele que é capaz de compreender o aspecto mais profundo das coisas místicas a mágicas não pode deixar de perceber o fato de que, na compreensáo desse poder tremendo a misterioso (que chamamos sexo em uma de suas manifestações), reside a chave de muitas coisas. Não é por acaso que as imagens sexuais invadem as visões do vidente, desde o Untico dos Cânticos até O Castelo Interior.

24. Não se deve deduzir do que antecede que advogo ritos orgiásticos como Caminho de Iniciação; mas posso dizer claramente que sem a correta compreensão do aspecto esotérico do sexo o Caminho é um beco sem saída. Freud falou a verdade à sua geração quando apontou o sexo como a chave da psicopatologia; mas ele errou, em minha opinião, quando o transformou na única chave da multiforme alma humana. Assim como não pode haver saúde da subconsciência sem harmonia da vida sexual, não pode haver operação positiva ou dinâmica no plano da superconsciência sem a correspondente compreensão a observação das leis da polaridade. Para muitos místicos que buscam refúgio da matéria no espírito, essas palavras poderáo parecer duras, mas a experiência provará que elas traduzem a verdade; por conseguinte, é preciso dizê-las, embora isso não suscite muitos agradecimentos.

25. O tremendo fluxo descendente da força Chokmah evocada por meio do Nome Divino de Quatro Letras vai do Yod macrocósmico ao Yod microcósmico, sendo, então, sublimado. Se a mente subconsciente não estiver livre de dissociações a repressôes, a todas as partes da multiforme natureza humana não estiverem coordenadas a sincronizadas, as reações a os sintomas patológicos serão o rèsultado desse fluxo descendente. Isso não significa que o invocador de Zeus é necessariamente um adorador de Priapo, mas significa, isto sim, que nenhum homem pode sublimar uma dissociação. Quando o canal está livre de obstruções, a força descendente pode voltear o nadir a transformar-se numa força ascendente, a qual pode ser dirigida para qualquer esfera ou transformar-se no canal que desejarmos; mas, queiramos ou não, essa força assumirá necessariamente a direção descendente antes de tomar-se ascendente e, a menos que os nossos pés estejam firmemente plantados na terra elemental, rebentaremos como velhos odres de vinho.

26. Os ocultistas práticos sabem que Freud falou a verdade, embora não toda a verdade, mas não ousam afirmá-lo, por medo de serem acusados de adoração do falo a de práticas orgiásticas. Essas coisas têm seu lugar, embora não no Templo do Espírito Santo, a negar-lhe o seu lugar é uma loucura pela qual a era vitoriana pagou bem caro com uma rica colheita de psicopatologia.

27. Quando operamos dinamicamente em qualquer plano, nós o fazemos no Pilar Direito da Árvore, derivando nossa energia primária da força Yod de Chokmah. A esse respeito, devemos nos referir ao fato de que a correspondência microcósmica de Chokmah se estabelece com o lado direito da face. As correspondências macrocósmicas a microcósmicas exercem um papel importante nos trabalhos práticos. O Macrocosmo, ou Grande Homem, é, naturalmente, o próprio universo; e o microcosmo é o

homem individual. O homem é o único ser cuja natureza, quádrupla, corresponde exatamente aos níveis do cosmo. Os anjos carecem dos planos inferiores, a os animais carecem dos planos superiores.

28. As referências so microcosmo não devem ser tomadas literalmente em relação às panes do corpo físico; as correspondências referem-se à aura a às funções das correntes magnéticas na aura, a devemos ter sempre em mente, como afirma Swami Vivelcananda, que o que está à direita no macho está à esquerda na fêmea. Além disso, deve-se lembrar que o que é positivo no plano físico é negativo no plano astral; é positivo novamente no piano mental a negativo no plano espiritual, como o indicam as serpentes gêmeas branca a preta do caduceu de Mercúrio. Se colocarmos esse caduceu sobre a Árvore quando pretendermos com ela representar os Quatro Mundos dos cabalistas, formaremos um hieróglifo que revela as operações da lei da polaridade em relação aos pianos. Esse é um hieróglifo muito importante, que fornece aspectos interessantíssimos à meditação.

29. Decorre entáo que, estando a alma numa encarnação feminina, funcionará ela negativamente em Assiah a Briah, mas positivamente em Yetzirah a Atziluth. Em outras palavras, uma mulher é física a mentalmente negativa, mas psíquica a espiritualmente positiva, sucedendo o contrário no homem. Nos iniciados, contudo, há um considerável grau de compensação, pois cada um aprende a técnica tanto dos métodos psfquicos positivos quanto negativos. A Centelha Divina, que é o núcleo de toda alma viva, é, naturalmente, bissexual, contendo as raízes de ambos os aspectos, como ocorre com Kether, à qual corresponde. Nas almas altamente desenvolvidas, o aspecto compensador está desenvolvido pelo menos até certo ponto. A mulher puramente feminina e o homem puramente mascuiino estão hipersexualizados, a julgar pelos padrôes civilizados, a só podem encontrar um lugar apropriado nas sociedades primitivas, onde a fertilidade é a primeira exigência que a sociedade faz às mulheres, e a caça e a guerra são a ocupação constante dos homens.

30. Isso não significa, contudo, que as funções físicas dos sexos estão pervertidas no iniciado, ou que a configuração de seu corpo apresente qualquer modificação. A ciência esotérica ensina que a forma física e o tipo racial que a alma assume em cada encarnação são determinados pelo destino, ou Carma, a que a vida deve ser vivida de acordo com isso. É muito arriscado para nós introduzir mudanças em nosso tipo, racial ou físico, a deveríamos sempre aceitá-to como a base de nossas operações, a escolher nossos métodos de acordo com ele. Há certas operações a certas atividades numa loja para as quais o veículo masculino é mais apropriado do que o feminino e, quando é preciso realizar trabalhos práticos numa cerimônia, os oficiantes são selecionados por seu tipo; mas, quando se trata

de realizar os rituais referentes ao treinamento de um iniciado, é costume deixar que cada um se ocupe dos diferentes ofícios para que possam aprender a manipular os dife. rentes tipos de força e, assim, alcançar o equiliôrio.

31. Benjamin Kidd, em seu estimulante livro, Lhe Science of Power, assinala que o tipo superior do ser humano se aproxima ao da criança. Observamos que o tamanho de sua cabeça é relativamente grande em comparação com o peso do corpo, a que as características sexuais secundárias não estão presentes. Encontramos a mesma tendência, de uma forma modificada, no adulto civilizado. O tipo superior de homem não é um gorila hirsuto, nem é o tipo superior de mulher um mamífero exagerado. A tendência da evolução na civilização é para uma aproximação do tipo entre os sexos no que diz respeito às características sexuais secundárias. Que porcentagem de varões civilizados poderia deixar erescer uma barba realmente patriarcal? O caráter sexual primário, contudo, precisa manter-se integralmente ou a raça perecerá rapidamente; a não temos razão alguma para acreditar que esse seja o caso, mesmo entre nossos mais modernos epicenos, que enchem as cortes de divórcio com abundantes evidências de sua transbordante filoprogenitividade.

32. Podemos entender melhor essas coisas se as "colocarmos sob a Ârvore". Os dois Pilares, o positivo sob Chokmah e o negativo sob Binah, correspondem, respectìvamente, ao Ida a ao Pingala dos sistemas da ioga. Essas duas correntes magnéticas, que correm na aura paralelamente à espinha, chamam-se correntes do Sol a da Lua. Numa encarnação masculina, trabalhamos predominantemente com a corrente do Sol, a fertilizadora; numa encarnação feminina, trabalhamos predominantemente com as forças da Lua. Se desejamos operar com o tipo de força oposto àquele com que somos naturalmente dotados, temos de fazê-to utilizando nosso modo natural como base de operação e, por assim dizer, fazê-to "por tabela". O homem que deseja utiiizar as forças da Lua emprega algum artifício que lhe possibilite obter, por reflexo, a força lunar; e a mulher que deseja utilizar as forças solares emprega um artifício pelo qual é capaz de focalizá-las em si mesma a refleti-las. No plano físico, os sexos se unem, e o homem gera um filho na mulher, aproveitando-se dos poderes liuiares de que esta dispõe. A mulher, por outro lado, desejando a criação a sendo incapaz de realizá-la por si própria, seduz o homem por meio de seus desejos, até que este lhe derrame sua força solar, fecundando-a.

33. Nas operações mágicas, o homem e a mulher que deseja operar com a força oposta à de seu veículo físico (e essa operação é parte integrante da rotina do treinamento oculto) eleva o nível de consciência para o piano no qual se acha a polaridade necessária a passa a operar desse

plano. O sacerdote de Osíris emprega às vezes os espíritos elementais para suplementar sua polaridade, e a sacerdotisa de Ísis invoca as influências angélicas.

34. Como toda manifestação se produz por meio dos pares de opostos, o princípio da polaridade está implícito não apenas no macrocosmo, mas também no microcosmo. Compreendendo tal princípio a sabendo aproveitar as possibilidades por ele concedidas, seremos capazes de elevar nossos poderes naturais a um nível muito acima do normal; poderemos utilizar o meio ambiente como uma rampa de empuxo, descobrindo a poderosa força de Chokmah nos livros, em nossa tradição racial, em nossa religião, em nossos amigos a colegas; poderemos receber de todos eles o estímulo que nos fecunda a nos toma mental, emocional a dinamicamente criativos. Fazemos o nosso meio ambiente exercer o papel de Chokmah para nosso Binah. Da mesma maneira, podemos exercer o papel de Chokmah para o Binah do meio ambiente. Nos planos sutis, a polaridade não é fixa, mas relativa; o que é mais poderoso do que nós é positivo para nós, tomando-nos comparativamente negativo; o que é menos poderoso do que somos em qualquer aspecto é negativo para nós, a podemos assumir comparativamente o papel positivo. Essa polaridade fluídica, sutil a flutuante constitui um dos aspectos mais importantes dos trabalhos práticos; se a compreendermos a formos capazes de aproveitá-la, poderemos fazer coisas notáveis, estabelecendo nossas vidas a nossas relações com nosso meio ambiente em bases completamente diferentes.

35. Devemos aprender a discernir quando podemos funcionar como Chokmah a produzir feitos no mundo; a quando podemos atuar melhor como Binah, a fazer o nosso meio ambiente fertilizar-nos, de modo a nos tomarmos produtivos. Jamais devemos esquecer que a autofertilização envolve a esterilidade em poucas gerações, a que precisamos sempre ser fertilizados pelo meio no qual estamos trabalhando. É preciso haver um intercâmbio de polaridade entre nós a tudo o que nos propomos a fazer, a devemos estar sempre alerta para descobrir as influências polarizantes, seja na tradição, ou nos livros, seja nos colegas que operam no mesmo campo, ou mesmo na própria oposição a antagonismo dos inimigos; pois há tanta força polarizante num ódio sincero quanto no amor, quando sabemos utilizá-la. Precisamos ter estímulos se desejamos criar alguma coisa, mesmo que esta se resuma a viver uma vida útil. Chokmah é o estímulo cósmico. Tudo que estimula é atribuído a Chokmah, na classificação da Árvore. Os sedativos são atribuídos a Binah. Compreenderemos melhor esse princípio de polaridade cósmica quando estudarmos Binah, a Terceira Sephirah, pois é muito difícil compreender as implicações de Chokmah sem as relacionar ao seu oposto polarizante, com o qual ela sempre funciona. Por conseguinte, não prosseguiremos nosso estudo da polaridade

no presente capítulo, concluindo nosso exame de Chokmah com o estudo das cartas que lhe são atribuídas no Tarô. Retomaremos nossa investigação sobre esse tema tão significativo quando Binah nos proporcionar mais dados.

II

36. Como observamos no capítulo sobre Kether, os quatro naipes do baralho do Tarô são atribuídos aos quatro elementos, a vimos que os quatro ases representavam as raízes dos poderes desses elementos. Os quatro dois são atribuídos a Chokmah, a representam o funcionamento polarizado desses elementos em equilíbrio harmônico; por conseguinte, um dois é sempre uma carta de harmonia.

37.O Dois de Paus, que é atribuído ao elemento Fogo, chama-se Senhor do Domínio. O pau é essencialmente um símbolo fálico masculino, e é atribuído a Chokmah, de modo que podemos interpretar essa carta como referência à polarização - o positivo que encontrou seu parceiro no negativo a está em equilíbrio. Não há antagonismo ou resistência ao Senhor do Domínio, a um reino contente aceita o seu governo; Binah, satisfeita, aceita seu parceiro.

38.O Dois de Copas (Agua) chama se Senhor do Amor; temos aqui, novamente, o conceito da polarização harmoniosa.

39. O Dois de Espadas (Ar) chama-se Senhor da Paz Restaurada, indicando que a força destrutiva das espadas está em equilrôrio temporário.

40.O Dois de Ouros (Terra) chama-se Senhor da Mudança Harmoniosa. Aqui, como nas Espadas, vemos a natureza essencial da força elemental modificada por seu oposto polarizante, indicando, assim, o equilíbrio. A força destrutiva de Espadas retoma à paz, e a inércia e a resistência da Terra tomam-se, quando polarizadas pela influência de Chokmah, um ritmo equilibrado.

41. Essas quatro cartas indicam a força Chokmah na polaridade, isto é, o equilrõrio essencial do poder, tal como este se manifesta nos Quatro Mundos dos cabalistas. Quando surgem na adivinhação, elas indicam poder em equilíõrio. Não traduzem, porém, uma força dinâmica, como se poderia esperar em relação a Chokmah, pois Chokmah, sendo uma das Sephiroth Supremas, apresenta força positiva nos planos sutis e, conseqüentemente, nos planos da forma. O aspecto negativo de uma força dinâmica é representado pelo equilíbrio - polaridade. O aspecto negativo de um poder

negativo é representado pela destruição, como podemos observar no hieróglifo de Kali, a terrível consorte de Siva, cingida de crânios a dançando sobre o corpo de seu esposo.

42. Esse conceito dá-nos uma chave para outro dos muitos problemas da Árvore - a polaridade relativa das Sephiroth. Como já se observou anteriormente, cada Sephirah é negativa em sua relação com a Sephirah que lhe é superior a da qual recebe o influxo das emanações, a positiva em relação àquela que lhe é inferior, que procede dela, a em relação à qual representa o papel de emanadora. Alguns dos pares de Sephiroth têm, contudo, uma natureza mais definitivamente positiva ou mais definitivamente negativa. Por exemplo, Cholanah é Positiva positiva a Binah é Negativa positiva. Chesed é Positiva negativa, a Binah Negativa negativa. Netzach (Vênus) a Hod (Mercúrio) são hermafroditas. Yesod (Lua) é Negativa positiva a Malkuth (Terra) é Negativa negativa. Nem Kether nem Tiphareth são predominantemente masculinas ou femininas. Em Kether, os pares de opostos estão em estado de Iatência a ainda não se manifestaram; em Tiphareth, eles estão em perfeito equilíbrio.

43. Há dois meios pelos quais a transmutação pode ser efetuada na Árvore; a esses são indicados por dois dos hieróglifos que se superpôem sobre os Sephiroth; um deles é o feróglifo dos Trés Pilares, e o outro é o Hieróglifo do Relâmpago Brilhante. Os Pilares já foram descritos; o Relâmpago Brilhante indica simplesmente a ordem de emanação das Sephiroth, que ziguezagueia de Chokmah a Binah a de Binah a Chesed, para a frente a para trás, através da Árvore. Se a transmutação ocorre de acordo com o Relâmpago Brilhante, a força altera seu tipo; se ocorre de acordo com os Pilares, ela permanece do mesmo tipo, mas num arco superior ou inferior, de acordo com o caso.

44. Esse ponto pode parecer muito complexo~ a abstrato, mas os exemplos servirão para demonstrar-lhe a simplicidade e a praticidade, quando o compreendemos bem. Tomemos o problema da sublimação da força sexual, que tanto preocupa os psicoterapeutas, e a respeito do qual, embora falando muito, eles dizem tão pouco. Em Malkuth, que no microcosmo é o corpo físico, a força do sexo se expressa em termos de óvulo a espermatozóide; em Yesod, que é o duplo etéreo, ela se expressa em termos de força magnética, a respeito da qual nada sabe a psicologia ortodoxa, mas sobre a qual temos muito a dizer sob o cabeçalho da Sephirah correspondente. Hod e Netzach estão no plano astral; em Hod a força do sexo se expressa em imagens visuais e, em Netzach, num tipo diverso de magnetismo, mais sutil, popularmente referido como "aquele algo". Em Tiphareth, o Centro Cristológico, a força torna-se inspiração espiritual, iluminação, influxo oriundo da consciência superior. Se é de tipo

positivo, ela se toma inspiração dionísica, inebriação divina; se é negativa, toma-se o amor cristão impessoal a harmonizador.

45. Quando a transmutação é óperada nos Pilares, ficamos impressionados com a verdade da irônica frase francesa Plus ça change, plus c'est la Wme chose. Chokmah, dinamismo puro, estímulo puro sem expressão formada, toma-se, em Chesed, o aspecto ediflcador a organizador da evolução; anabolismo, em oposição ao catabolismo de Geburah. Em Chesed, a força Chokmah toma-se essa forma peculiarmente sutil de magnetismo que concede o poder de liderança e é a raiz da grandeza. Assim também, no Pilar Esquerdo, a força restritiva de Binah toma-se a força destrutiva de Geburah, e novamente a produtora de imagens mágicas, Mercúrio-Hermes-Thoth.

46. De tempos em tempos, os símbolos da ciência oculta transpiraram para o conhecimento popular, mas o não-iniciado não compreendeu o método de dispor esses símbolos num padrão como o da Árvore, nem soube aplicar-lhe os princípios alquímicos da transmutação a destilação, que é onde residem os segredos reais de sua utilização.

XVII. BINAH, A TERCEIRA SEPHIRAH

Título: Binah, Entendimento, (Em hebraico, בינה: Beth, Yod, Nun, Hé.)

Imagem Mágica: Uma mulher madura. Uma matrona.

Localização na Árvore: No topo do Pilar da Severidade, no Triângulo Supremo.

Texto Yetzirático: A Terceira Inteligência chama-se Inteligência Santificadora, Fundamento da Sabedoria Primordial; chama-se também Criadora da Fé, a suas raízes são o Amém. É a mãe da fé, a fonte de onde emana a fé.

Tftulos Conferidos a Binah: Ama, a Mãe estéril obscura. Aima, a Mãe fértil brilhante. Khorsia, o Trono. Marah, o Grande Mar.

Nome Divino: Jehovah Elohim.

Arcanjo: Tzaphkiei.

Coro Angélico: Aralim, Tronos.

Chakra Cósmico: Shabbathai, Saturno.

Experiência Espiritual: A visão da dor.

Virtude: O silêncio.

Vício: A avareza.

Correspondência no Microcosmo: O lado direito do rosto.

Stmbolos: O yoni. O Kteis. A Vesica Piscis. A taça ou o cálice. O Manto Extemo do Ocultamento.

Cartas do Taró: Os quatro três: 7Yês de Paus: força estabelecida; Três de Copas: abundância; Três de Espadas: dor; Três de Ouros: trabalhos materiais.

Cor em Atziluth: Carmesim.

Cor em Briah: Negro.

Cor em Yetzirah: Marrom-escuro.

Cor em Assiah: Cinza salpicado de rosa.

I

1. Binah é o terceiro membro do Triãngulo Supremo, e a tarefa de explicá-la será, ao mesmo tempo, extensa a simples, porquanto podemos estudá-la à luz de Cholcmah, que a equilibra no Pilar oposto da Árvore. Jamais poderemos entender uma Sephirah se a considerarmos em separado de sua posição na Árvore, uma vez que essa posição lhe indica as relações cósmicas; vemo-la em perspectiva, por assim dizer, a podemos deduzir donde provém e para onde vai, que influências intervêm em sua criação, a qual a sua contribuição para o esquema das coisas como um todo.

2. Binah representa a potência feminina do universo, assim como Chokmah representa a masculina. Como já observamos, são Positiva a Nega`tiva; Força a Forma. Cada uma encabeça o seu Pilar, Chokmah no topo do Pilar da Misericórdia a Binah no topo do Pilar da Severidade. Poder-se-is pensar que essa distribuição é antinatural; que a Mãe deveria presidir a misericórdia, e a força masculina do universo, a severidade. Mas não devemos sentimentalizar essas coisas. ,Estamos tratando de princípios cósmicos, não de personalidades; a mesmo os símbolos pelos quaffs eles são apresentados dãonos boas indicaçbes, se temos olhos para ver. Freud

não teria discordado da atribuição de Binah ao topo do Pilar da Severidade, pois ele tinha muitas coisas a dizer sobre a imagem da Mãe Terrível.

3. Kether, Eheieh, Eu Sou, é puro ser, onipotente, mas não ativo; quando um fluxo de atividade emana dele, chamamos essa atividade de Chokrnah; é esse fluxo descendente de atividade pura que constitui a força dinãmica do universo, a toda força dinâmica pertence a essa categoria.

4. Devemos lembrar que as Sephiroth são estados, não lugares. Sempre que existe um estado de ser puro a incondicionado, sem partes ou atividades, esse estado se refere a Kether. Portanto é nesses dez escaninhos de nosso fichário metafísico que podemos classificar as idéias relativas a todo o universo manifesto, sem precisar remover qualquer objeto, tal como surge à nossa compreensâo, do lugar que ocupa. Em outras palavras, sempre que tivermos energia pura em funcionamento, saberemos que a força subjacente pertence a áokmah; podemos ver, desse modo, a identidade intrínseca, quanto ao tipo, de todos esses fenõmenos, os quaffs, à primeira vista, parecem não apresentar nenhum vínculo mútuo, pois aprendemos, graças ao método cabalístico, a referi-los, de acordo com o seu tipo, às diferentes Sephiroth, podendo assim correlacioná-los com todas as classes de idéias cognatas, de acordo com o sistema de correspondências já explicado anteriormente. Esse é o método que a mente subconsciente segue automaticamenie; cabe ao ocultista treinar sua mente consciente na utilizaçáo desse mesmo método. Podemos notar, a propósito, que esse método é sempre empregado quando os indivíduos operam diretamente do subconsciente, como ocorre no gênio artístico, no lunático, a durante os sonhos ou o trance.

5. Pode parecer estranho ao leitor que essa digressão a respeito de Chokmah seja incluída sob o cabeçalho de Binah, mas é apenas à luz de sua polaridade com Chokmah que podemos compreender Binah; e, igualmente, teríamos muito mais a acrescentar à nossa explicação de Chokmah agora que tomamos Binah para compará-la. Os membros dos pares de opostos se esclarecem mutuamente, a são incompreensíveis quando estudados em separado.

6. Mas voltemos a Binah. Os cabalistas afirmam que ela é emanada por Chokmah. Traduzamos essa afirmativa em outros termos. Reza uma máxima oculta - que é, como acredito, confirmada pelas pesquisas de Einstein, embora eu não tenha o conhecimento necessário para relacionar suas descobertas com as doutrinas esotéricas - que a força jamais se move numa linha reta, mas sempre numa curva tão vasta quanto o universo, retomando eventualmente, por conseguinte, ao ponto de onde proveio, mas num arco superior, visto que o universo progride continuamente. Segue-se,

portanto, que a força que assim procede, dividindo-se a redividindo-se a movendo-se em ângulos tangenciais, chegará eventualmente a um estado de tensões equilibradas e a alguma forma de estabilidade - estabilidade que será outra vez perturbada no curso do tempo quando novas forças frescas emanarem na manifestação a introduzirem novos fatores para propiciar o necessário ajustamento.

7. É esse estado de estabilidade - produzido pelas forças interatuantes quando agem a reagem a chegam a um equilíbrio - que é a base da forma, como é exemplificado no átomo, que é nada mais nada menos do que uma constelação de elétrons, cada um dos quaffs é um vórtice ou um remoinho. É a estabilidade assim obtida - a qual, note-se, é uma condição a não uma coisa em si - que os cabalistas chamam de Binah, a Terceira Sephirah. Sempre que existe um estado de tensões interatuantes que produzem a estabilidade, os cabalistas referem esse estado a Binah. Por exemplo, o átomo, sendo, para todos os propósitos práticos, a unidade estável do plano físico, é uma manifestação do tipo de força Binah. Todas as organizaçôes sociais sobre as quais pesa opresssivamente a mão morta da estagnação, tal como a civilização chinesa antes da revolução, ou nossas velhas universidades, estão sob a influência de Binah. A Binah atribui-se o deus grego Kronos (que não é outro senão o Pai do Tempo) e o deus humano Saturno. Observe-se a importância atribuída ao tempo, em outras palavras, à idade, nas instituiçaes de Binah; só os cabelos grisalhos são dignos de reverência; a capacidade por si só conta muito pouco. Ou seja, apenas aqueles que são congeniais a Kronos podem obter sucesso em tal ambiente.

8. Binah, a Grande Mãe, chamada às vezes de Marah, o Grande Mar, é, naturalmente, a Mãe de Toda Vida. Ela é o útero arquetípico por meio do qual a vida vem à manifestação. Tudo que fornece uma força para servir a vida como um veículo provém dela. Devemos lembrar, contudo, que a vida confmada numa força, embora seja capaz de organizar-se a desenvolver-se, é muito menos livre do que era quando ilimitada (embora também desorganizada) em seu próprio plano. Incorporar-se numa forma é, por conseguinte, o início da morte da vida. É uma limitação a um encarceramento; uma sujeição a uma constrição. A forma limita a vida, aprisiona-a, mas, não obstante, permite-lhe organizar-se. Visto desse ponto de vista da força livre, o encarceramento numa forma é extinção. A forma disciplina a força com uma severidade sem misericórdia.

9. O espírito desencamado é imortal; não há nada nele que possa envelhecer ou morrer. Mas o espírito encarnado vê a morte no horizonte tão logo o dia nasce. Podemos compreender, portanto, quão terrível deve parecer a Grande Mãe quando aprisiona a força livre na disciplina da forma. Ela é morte para a atividade dinâmica de Chokmah; a força

Chokmah morre quando conflui para Binah. A forma é a disciplina da força; por conseguinte, é Binah a cabeça do Pilar da Severidade.

10. Podemos conceber, assim, que a primeira Noite Cósmica tenha ocorrido - primeiro Pralaya, ou submersão da manifestação no repouso quando o Triãngulo Supremo encontrou estabilidade a equilíbrio de força na emanação a organização de Binah. Tudo era dinâmico antes, tudo era desenvolvimento a expansão; mas, com o início da manifestação do aspecto Binah, houve um entravamento a uma estabilização, e o antigo fluxo dinâmico a livre se deteve.

11. Que esse entravamento - e a conseqüente estabilização - era inevitável num universo cujas linhas de força sempre se movem em curvas, eis uma conclusão inevitável. Se compreendermos que o estado Binah era a conseqüência inevitável do estado Chokmah num universo curvilíneo, entenderemos por que o tempo deve passar por épocas nas quaffs ou Binah ou Chokmah tem o predomínio. Antes de as linhas de forças terem completado seu circuito no universo manifesto a começado a retomar sobre si mesmas a entrelaçar-se, tudo era Chokmah, dinamismo irrestrito. Depois que Binah e Chokmah, como primeiro par de opostos, encontraram o equilibrio, tudo era Binah, e a estabilidade era imutável. Mas Kether, o Grande Emanador, continua a manifestar o Grande Imanifesto; a força flui no universo, aumentando a soma da força. Este fluxo de força rompe o equilíbrio a que se havia chegado quando Chokmah a Binah atuaram, reatuaram a se detiveram. A ação e a reação começam novamente, e a fase Chokmah, uma fase na qual predomina a força completa, se sobrepõe à condição estática que é Binah, e o ciclo prossegue novamente quando Kether, o emanador incessante, quebra o equilíbrio em favor do princípio cinético que se opõe ao princípio estático.

12. Vemos, assim, que, se Kether, a força de todos os seres, é concebida como o supremo bem, como de fato deve ser, a que, se a natureza de Kether é cinetica, e a sua influência se inclina inevitavelmente para Chokmah, segue-se obrigatoriamente que Binah, o oposto de Chokmah, o opositor perpétuo dos impulsos dinâmicos, seja vista como o inirnigo de Deus, o demônio. Saturno-Satã é uma transição fácil; assim como Tempo-Morte-Demônio. Nas religiões ascéticas como o Cristianismo e o Budismo, encontra-se implícita a idéia de que a mulher é a raiz de todo o mal, porque ela é a influência que sujeita o homem, por seus desejos, a uma vida de forma. A matéria constitui, para ambas as fés, a antinomia do espírito, numa dualidade etema não-resolvida. O Cristianismo reconhece prontamente a natureza herética dessa crença quando ela lhe é apresentada sob a forma do Antinomianismo; mas não compreende que seus próprios ensinamentos a sua prática são igualmente antinomianistas quando concebe

a matéria como o inimigo do espírito, acreditando que, como tal, ela deve ser vencida a ultrapassada. Essa crença infeliz causou tantos sofrimentos humanos nos países cristãos quanto a guerra a as pestes.

13. A Cabala ensina uma doutrina mais sábia. Para ela, todas as Sephiroth são sagradas, tanto Malkuth quanto Kether, tanto Geburah, o destruidor, quanto Chesed, o preservador. Ela reconhece que o ritmo é a base da vida, não um progresso com um único movimento para a frente. Se compreendêssemos melhor esse aspecto, evitaríamos muitos sofrimentos, pois contemplaríamos as fases Chokmah a Binah como fases mutuamente sucessivas, tanto em nossas vidas como nas vidas das nações, a compreenderíamos o profundo significado das palavras de Shakespeare, quando diz:

"There is a tide in the affairs of men
which taken at the flood leads on the fortune. "

[Existe uma maré nos assuntos dos homens
Que, se aproveitada quando sobe, conduz à ventura.]

14. Binah é a raiz primordial da matéria, mas o pleno desenvolvimento da matéria só pode ser obtido depois que alcançamos Malkuth, o universo material. Veremos repetidamente, no curso de nossos estudos, que as Três Supremas têm suas expressões especializadas num arco inferior em uma ou outra das seis Sephiroth que formam o Microprosopos. Essas Esferas têm suas raízes na Tríade Superior, ou são os reflexos delas, a essas pistas têm um significado profundo. Binah vincula-sea Malkuth como a raiz ao seu fruto. Isso é indicado no Texto Yetzirático de Malkuth, que diz: "Ela sentava-se no trono de Binah." É impraticável, por essa razão, atribuir firme a seguramente os deuses de outros panteôes às diferentes Sephiroth. Aspectos de Ísis encontram-se em Binah, Netzach, Yesod a Malkuth. Aspectos de Osíris encontram-se em Chokmah, Chesed a Tiphareth. Isso é muito claro na mitologia grega, em que se dão diferentes títulos descritivos aos deuses e deusas. Por exemplo, Diana, a divindade lunar, a caçadora virgem, era adorada em Éfeso como a deusa de muitos seios; Vênus, a deusa da beleza feminina a do amor, tinha um templo em que era adorada como a Vênus Barbada. Esses fatos ensinam-nos algumas verdades importantes, instando-nos a buscar o princípio atrás da manifestação multiforme, e a compreender que o mesmo princípio assume formas diferentes em níveis diferentes. A vida não é tão simples como o desinformado gostaria de acreditar.

II

15. O significado dos nomes hebraicos da segunda e da terceira Sephiroth são Sabedoria a Entendimento, a ambas as Esferas, curiosamente, opõem-se uma a outra, como se a distinção entre os termos fosse de importância fundamental. A Sabedoria sugere às nossas mentes a idéia do conhecimento acumulado, das séries infinitas de imagens na memória; mas o Entendimento comunica-nos a idéia da penetração de seu significado, o poder para perceber-lhes a essência e a inter-relação, o que não está necessariamente implícito na Sabedoria, tomada como conhecimento intelectual. Obtemos, assim, um conceito de uma série extensa, uma cadeia de idéias associadas, em relação a Chokmah, o que concorda pelo menos com o símbolo de Chokmah de uma linha reta. Mas, em relação ao Entendimento, temos a idéia da síntese, da percepção de significados que se produz quando as idéias são relacionadas umas às outras, a superimpostas umas sobre as outras, em séries evolutivas do denso ao sutil. Isso sugere novamente a idéia do princípio unificador de Binah.

16. Estes sâo meios sutis da operação mental, a podem parecer fantásticos àqueles que não estão acostumados com o método de utilização mental do iniciado; mss o psicanalista os compreende a os aprecia em seu verdadeiro significado, assim como faz o poeta quando constrói suss torres nefelibatas de imagens.

17.O Texto Yetzirático destaca a idéia da fé, a fé que reside no entendimento, o qual, por sua vez, é filho de Binah. Esse é o único local em que a fé pode repousar adequadamente. Um cínico definiu a fé como o poder de acreditar naquilo que sabemos não ser verdade, a essa parece ser uma definiçáo bastante exata das manifestações de fé tal como aparecem em muitas mentes não-instruídas, fruto da disciplina de seitas carentes de consciência mística. Mas à luz dessa consciência, podemos definir a fé como o resultado consciente da experiência superconsciente que não foi traduzida em termos de consciência cerebral, a da qual, por conseguinte, a personalidade normal não está diretamente consciente, embora, não obstante, sinta-lhe, possivelmente com grande intensidade, os efeitos, a suas reaçôes emocionais são, dessa forma, modificadas fundamental a permanentemente.

18. À luz dessa definição, podemos ver como .as raízes da fé podem de fato residir em Binah, Entendimento, o princípio sintético da consciência. Pois há um aspecto formal da consciência, assim como da substância, e consideraremos esse aspecto em detalhes quando estudarmos Hod, a Sephirah básica do Pilar da Severidade de Binah. Vemos, assim,

mais uma vez, como as Sephiroth se inter-relacionam, propiciando o esclarecimento de suas vinculações mútuas.

19. A afirmação de que as raízes de Binah estão em Amém refere-se a Kether, pois um dos títulos de Kether é Amém. Isso indica claramente que, embora Chokmah emane Binah, não devemos nos deter aqui quando buscamos as origens, mss devemos remontar à fonte de tudo que brota do Imanifesto atrás dos Véus da Existência Negativa. Esse conceito é claramente formulado pelo Texto Yetzirático de Chesed, que, falando das forças espirituais, diz: "Elas emanam uma da outra, em virtude da emanação primordial, a coroa superior, Kether."

20. Não devemos nos confundir ou nos enganar a esse respeito pelo fato de o Texto Yetzirático de Geburah declarar que Binah, o Entendimento, emana das profundezas primordiais de Chokmah, Sabedoria. Binah está em Kether, assim como em Chokmah, "mss de outra maneira". No ser puro, informe a indiviso existem as possibilidades da força a da forma; pois, onde há um pólo positivo, há necessariamente o aspecto correlato de um pólo negativo. Kether está para sempre num estado de devir. Aliás, um cabalista judeu me disse que a tradução correta de Eheieh, o Nome divino de Kether, é "Eu serei", não "Eu sou". Esse devir constante não pode permanecer estático; ao contrário, precisa pôr-se em atividade; a essa atividade não pode permanecer para sempre sem correlações; ela precisa organizar-se; cumpre chegar a um modo de equilíbrio entre as correntes. Temos, assim, a potencialidade tanto de Chokmah quanto de Binah implícita em Kether, pois, é bom repetir, as Sephiroth Sagradas não são coisas, mss estados, e todas as coisas manifestas existem em um ou outro desses estados, a contêm uma mescla desses fatores em sua constituição, de modo que todo o universo manifesto pode ser classificado nos escaninhos apropriados de nossa mente quando o hieróglifo da Árvore é aí estabelecido. Na verdade, uma vez estabelecido a claramente formulado esse hierógtifo, a mente o utiliza automaticamente, a os complexos fenômenos de existência objetiva classificam-se em nosso entendimento. É por essa razão que o estudante de ocultismo que trabalha numa escola iniciática é instado a memorizar as principais correspondências das Dez Sephiroth Sagradas e a não depender das tabelas de referência. Muitas vezes já se objetou que isso é uma intolerável perch de tempo a energia, a que a referéncia às tabelas de correspondências, tais como a dé 777, de Crowley, é muito melhor. Mas a experiência prova que esse não é o caso, a que o esoterista que se dedica a essa disciplina, e a repete diariamente, como o católico reza o seu rosário, é amplamente recompensado pela iluminação posterior que recebe quando sua mente classifiça as inumeráveis mudanças a acasos da vida mundana na Árvore, revelando, assim, o seu significado espiritual. Deve-se ter sempre em mente

que a utilização da Árvore da Vida não é apenas um exercício intelectual; é uma arte criativa, no sentido literal das palavras; a que as faculdades devem ser desenvolvidas na mente, assim como o escultor ou o músico adquire a sua habilidade manual.

21.O Texto Yetzirático refere-se especificamente a Binah como a Inteligência Santificadora. A santificação evoca a idéia do que é sagrado a posto à parte. A Virgem Maria está intimamente associada a Binah, a Grande Mãe, a dessa atribuição passamos à idéia daquilo que dá origem a tudo, mss retém a sua virgindade; em outras palavras, daquilo cuja criatividade, não o envolve na vida de sua criação, mss permanece à parte a atrás, como a base da manifestação, a substância-raiz de onde surge a matéria. Pois, embora a matéria tenha suas raízes em Binah, a matéria, não obstante, tal como a conhecemos, é de uma ordem de ser muito diferente da Sephirah Suprema em que reside sua essência. Binah, a influência primordial formativa, criadora de todas as formas, está atrás a além da substância manifesta; em outras palavras, é etemamente virgem. É a influência formativa que subjaz a toda edificaçáo da forma, essa tendência de curvar as linhas de força para correlacionar a alcançar a estabilidade, que é Binah.

22. Essas duas Sephiroth básicas da Tríade Suprema são expressamente referidas como Pai a Mãe, Abba a Ama, a suas imagens mágicas são as de um homem barbado a de uma matrona, representando, assim, não a atração sexual de Netzach a Yesod - que são representados como donzela a adolescente -, mas os seres maduros que se uniram a reproduziram. Devemos sempre fazer uma distinção entre a atração sexual magnética e a reprodução, pois ambas são coisas muito diferentes, a não constituem níveis ou aspectos diferentes da mesma coisa. Aqui está uma importante verdade oculta que consideraremos no devido tempo.

23. Chokmah a Binah representam, portanto, a virilidade e a feminilidade essenciais em seus aspectos criadores. Como tal, não são imagens fálicas, mas nelas se acha a raiz de toda força vital. Jamais compreenderemos os aspectos mais profundos do esoterismo se não entendermos o verdadeiro signiiicado do falicismo. Este nada tem a ver com as orgias nos templos de Afrodite, que desgraçaram a levaram à decadência a fé pagã dos antigos e causaram a sua queda; significa que tudo reside no princípio da estimulação do inerte, mas potencial pelo princípio dinâmico, que deriva sua energia diretamente da fonte de toda energia. Esse conceito abrange tremendas chaves de conhecimento, a constitui um dos pontos mais importantes dos Mistérios. É óbvio que o sexo representa um aspecto desse fator; é igualmente óbvio que há muitas outras aplicações concementes a ele que não são sexuais. Não devemos de

forma alguma permitir que nossos preconceitos sobre o sexo, ou uma atitude convencional para com esse grande a vital assunto, nos façam retroceder diante desse grande princípio da estimulação ou fecundação do inerte potencial pelo princípio ativo. Aquele que assim se inibe não está preparado para os Mistérios, sobre cujo portal estão escritas as seguintes palavras: "Conhece-to a ti mesmo."

24. Esse conhecimento não conduz à impureza, pois a impureza implica uma perda do controle que permite às forças ultrapassarem os limites que a Natureza lhes impôs. Aquele que não controla seus próprios instintos e paixões não é mais apto para os Mistérios do que aquele que os inibe e dissocia. Fique bem claro, contudo, que os Mistérios não ensinam o ascetismo ou o celibato como um requisito, pois eles não concebem o espírito e a matéria como um par de antinomias irreconciliáveis, mas, antes, como níveis diferentes da mesma coisa. A pureza não consiste na emasculação, mas na manutenção de diferentes forças em seus níveis a lugares adequados, a no impedimento de invadirem a esfera alheia. Ela ensina que a frigidez e a impotência constituem defeitos tão sérios como qualquer outro, devendo ser consideradas como patologias sexuais, da mesma maneira que a luxúria, que destrói seu objeto e o degrada.

25. Todas as relaçóes da existência manifesta implicam a ação dos princípios de Binah a Chokmah e, sendo o sexo uma perfeita representação de ambos, foi ele utilizado como tal pelos antigos, que não se perturbavarrm pela nossa timidez sobre o assunto, a tomavam suas metáforas do tema da reprodução da mesma maneira livre pela qual tomamos as nossas da Biôlia. Pois para eles a reprodução era um processo sagrado, a eles se referiam a ela, não com grosseria, a sim com reverência. Se desejamos compreendê-los, devemos nos aproximar de seus ensinamentos sobre a fonte da vida a da força vital com o mesmo espírito com que eles se aproximaram delas, a ninguém cujos olhos não estejam vendados pelo preconceito, ou que não permaneça nas trevas lançadas por seus próprios problemas irresolvidos, pode deixar de compreender que nossa atitude atual em face da vida seria mais saudável a agradável se tivesse como fermento o bom senso e o discernimento do paganismo.

26. Os princípios da masculinidade a da feminilidade manifestos em Chokmah a Binah representam mais do que mera polaridade positiva a negativa, atividade a passividade. Chokmah, o Pai Universal, é o veículo da força primordial, a manifestação imediata de Kether. É, na verdade, Kether em ação, pois as diferentes Sephiroth não representam diferentes coisas, mas diferentes funções da mesma coisa, isto é, força pura jorrando na manifestação, oriunda do Grande Imanifesto, que está atrás dos Véus Negativos da Existência. Chokmah é força pura, assim como a expansão da

gasolina, quando esta se inflama na câmara de combustão de um motor, é força pura. Mas, assim como essa força expansiva se expandiria a se perderia se não houvesse um mecanismo para transmitir seu poder, da mesma forma a energia não-direcionada de Chokmah se irradiaria pelo espaço a se perderia se nada houvesse para receber seu impulso a utilizá-lo. Chokmah explode como a gasolina; Binah é a câmara de combustão; Gedulah a Geburah são os movimentos altemados do pistão.

27. A força expansiva fornecida pelo combustível é energia pura, mas náo poria um carro em movimento. A organização constritiva de Binah é potencialmente capaz de fazê-lo, mas ela não pode fazê-to a não ser pondose em movimento pela expansão da energia acumulada do vapor da gasolina. Binah é potencialmente ilimitada, mas inerte. Chokmah é energia pura, ilirrmitada a incansável, mas incapaz de fazer qualquer coisa, exceto irradiar-se pelo espaço se nada houver que a detenha. Mas, quando Chokmah age sobre Binah, sua energia é reunida a utilizada. Quando Binah recebe o impulso de Chokmah, todas as suas capacidades latentes são vitalizadas. Em suma, Chokmah fornece a energia, a Binah fornece o motor.

III

28. Consideremos, agora, a masculinidade e a feminilidade desse par de opostos supremo, conforme se expressam no ato da geração. Os espermatozóides do macho tém uma vida brevíssima; eles são as unidades de energia mais simples possfvel; assim que essa energia se expande, eles se dissolvem. Mas o mecanismo reprodutor da fêmea, o útero que gera a os seios que alimentam, são capazes de conduzir essa vida transferida à sua própria vida independente; e, no entanto, todo esse complexo mecanismo deve ficar inerte até que o estímulo da força Chokmah o ponha em ação. A unidade reprodutora feminina é potenciahnente ilimitada, mas inerte; a unidade reprodutora masculina é onipotente, mas incapaz de produzir um nascimento.

29. Muitas pessoas pensam que, sendo a masculinidade e a feminilidade, tal como as conhecem no plano físico, princípios fixos detemiinados pela estrutura, o potente e o potencial se limitam rigidamente aos seus respectivos mecanismos. Ora, isso é um erro. Existe uma contínua altemação de polaridade sobre todos os planos, exceto o físico. E, de fato, entre os tipos primitivos de vida animal, há também uma alternãncia de polaridade no plano físico. Entre os tipos superiores, especialmente entre os vertebrados, a polaridade é fixada pelo acaso do nascimento, salvo as

anomalias hermafroditas, que só podem ser consideradas como patológicas, a em que apenas um sexo é sempre funcionalmente ativo, qualquer que seja o aparente desenvolvimento do outro aspecto. Um dos segredos mais importantes dos Mistérios consiste no conhecimento dessa contínua interação de polaridade. Não se trata, em absoluto, de homossexualidade, que é uma expressão pervertida a patológica desse aspecto, que surge como uma desordem de sentimento sexual quando a lei da polaridade alternante não é corretamente compreendida.

30. Em suma, embora o modo de reprodução no plano físico seja determinado em todos os indivíduos pela configuração de seu corpo, suas reaçôes espirituais não são tão fixas, pois a alma é bissexual; em outras palavras, em toda relação de vida, somos às vezes positivos a às vezes negativos, conforme sejam as circunstâncias mais fortes do que nós, ou sejamos nós mais fortes do que as circunstâncias. lsso ressalta claramente do fato de que Netzach (Vênus-Afrodite) é a Sephirah basal do Pilar de Chokmah. Vemos, assim, que a natureza feminina apresenta uma polaridade diferente em níveis diferentes, pois em Netzach ela é tão positiva a dinâmica como em Binah é estática.

31. Tudo isso não é apenas desconcertante do ponto de vista intelectual, mas também muito confuso moralmente; e, mesmo sob risco de ser acusada de encorajar de todas as maneiras as anormalidades, devo tentar esclarecer o assunto, pois suas implicaçôes práticas são de grande alcance.

32. Afirmam os rabinos que toda Sephirah é negativa em relação à que lhe é superior a que a emanou, a positiva em relação à que lhe é inferior e por ela emanada. Aqui está a chave; somos negativos em nossas relações com o que apresenta um potencial superior ao nosso, a somos negativos em nossas relações com o que possui um potencial inferior. Essas relaçôes estão num perpétuo estado de futuação, o qual varia em cada ponto de nossos inúmeros contatos com o meio em que agimos.

33. Na maior parte dos casos, a relação entre um homem a uma mulher não é inteiramente satisfatória para nenhuma parte, a eles devem resignar-se a uma satisfação incompleta em suas relações sob a compulsão da pressão religiosa ou econômica, ou suprir de alguma forma a sua insatisfação, tendo como resultado a recorrência das condições anteriores, quando a novidade perdeu seu interesse. Deve-se observar que, sob tais circunstâncias, a cuhninação da satisfação sexual acha-se apenas na novidade, a esta é uma coisa que precisa ser constantemente renovada, com o conseqüente resultado desastroso para a economia sexual.

34.O problema reside no fato de que, embora o macho forneça o estímulo físico que leva à reprodução, não é ele capaz de compreender que, nos planos intemos, em virtude da lei da polaridade inversa, é negativo, dependendo, para sua consecução, do est,.mulo concedido pela fémea. Ele depende deia para a fertilidade emocional, como se pode ver claramente no caso de uma mente altamente criativa, como Wagner ou Shelley.

35.O matrimônio não é uma questâo de duas metades, mas de quatro quartos, que se unem numa harmonia equilibrada de fecundação recíproca. Binah a Chokmah são equilibrados por Hod a Netzach. O homem tem deuses a deusas para adorar. Boaz a Jakin são Pilares do Templo, a apenas quando unidos produzem a estabilidade. Uma religiáo sem deuses está a meio caminho do ateísmo. Na palavra Elohim encontramos a chave verdadeira. Elohim é traduzido por "Deus" tanto na Versão Autorizada quanto na Revisada das Sagradas Escrituras. Ela deveria ser traduzida, na verdade, por "Deus a Deusa", pois é um substantivo feminino acrescido de uma terminação masculina de plural. Esse é um fato incontrovertível, em seu aspecto lingüístico pelo menos, e é de se presumir que os diversos autores dos livros da Bíblia conheciam seu significado, a que não utilizaram essa forma, única a peculiar, sem alguma boa razão. "E o espírito dos princípios masculino a feminino, conjunto, movia-se sobre a superfície do informe, e a manifestação teve lugar." Se desejamos o equilrôrio, em lugar de nosso presente estado de tensôes desiguais, devemos adorar a Elohim, não a Jehovah.

36. A adoração de Jehovah, a não de Elohim, pode impedir-nos a "elevação aos planos", isto é, a obtenção da consciência supranormal como parte de nosso equipamento normal, pois devemos estar preparados para mudar de polaridade enquanto mudamos de nível, pois o que é positivo no plano físico torna-se negativo no astral, a vice-versa. Além disso, como o trabalho oculto prático sempre invoca a utilização de mais de um plano, seja simultaneamente, como na invocação, ou sucessivamente, como quando correlacionamos os níveis de consciência segundo o trabalho psíquico, o fator negativo precisa sempre ter seu lugar em nossa obra, tanto subjetiva quanto objetivamente.

37. Isso nos abre novos aspectos do assunto. Quantas pessoas compreendem que suas próprias almas são literalmente bissexuais em si mesmas, e que os diferentes níveis de consciência agem como macho a fêmea em suas relações mútuas?

38. Freud declarou que a vida sexual determina o tipo de toda a vida. É provável, no entanto, que a vida como um todo determine o tipo da vida sexual; mas, para os propósitos práticos, sua maneira de esclarecer o fato é

verdadeira, pois, embora não se possa endireitar uma vida sexual confusa operando-se sobre a vida como um todo - por exemplo, nem a riqueza nem a fama são uma compensação adequada para a repressão desse instinto fundamental -, pode-se endireitar todo o padrão vital, desemaranhando-se a vida sexual. Esse é um assunto de experiência prática a não precisa ser discutido a priori. É por essa razão, sem dúvida alguma (aprendida pela experiência prática das operações da consciência humana), que os antigos conferiam ao falicismo uma parte tão importante em seus ritos. Atualmente, ele é um ponto muito importante no aspecto cerimonial dos cultos modernos, mas o reconhecimento do significado dos símbolos empregados tradicionalmente foi reprimido pela consciência.

39. A psicologia freudiana fornece a chave para o falicismo a abre uma porta que conduz ao Adytum dos Mistérios. Não há como escapar a esse fato no ocultismo prático, por mais desagradável que possa parecer a muitos; a isso explica por que tantos empreendimentos mágicos são estéreis.

40. Esses assuntos constituem segredos recônditos dos Mistérios, dos quais os modernos perderam as chaves, mas a experiência da nova psicologia e a arte da psiquiatria provaram abundantemente a solidez da base com a qual os antigos fundamentaram sua adoração do princípio criativo a da fertWdade como parte importante de sua vida religiosa. É uma experiência já bem-estabelecida que a pessoa que dissociou seus sentimentos sexuais da consciência não pode agarrar-se à vida em qualquer nível. Esse fato é a base da moderna psicoterapia. No trabalho oculto, a pessoa inibida a reprimida tende para as formas desequilibradas de psiquismo a mediunidade, e é totalmente inútil para o trabalho mágico, onde o poder deve ser dirigido e manipulado pela vontade. Isso não significa que a total repressão ou a total expressão seja necessária para o trabalho mágico, mas sim que a pessoa que se apartou de seus instintos, que são suas raízes na Mãe Terra, a em cuja consciência há, por conseguinte, um vazio, não pode abrir o canal através do qual a força, oriunda dos planos, possa ser trazida à manifestação no plano físico.

41. Não tenho dúvidas de que serei mal-interpretada por minha franqueza nesses assuntos; mas, se alguém não se adiantar a enfrentar o ódio por falar a verdade, como poderiam os verdadeiros investigadores descobrir seu caminho para os Mistérios? Deveríamos manter na loja oculta a mesma atitude vitoriana que foi abandonada por completo fora de seu recinto? Al. guém precisa quebrar esses falsos deuses feitos à imagem de Mrs. Grundy. Estou inclinada a pensar, contudo, que as perdas que poderíamos sofrer nesse assunto serão bem pequenas, pois não seria possível treinar ou cooperar com a espécie de pessoa que se assusta quando

lhe falam claramente. Não se pense também que estou convidando quem quer que seja a participar comigo de orgias fálicas, como bem poderá alguém pensar. Assinalo apenas que a pessoa que não pode compreender o significado do culto fálico do ponto de vista psicológico não tem bastante inteligência para participar dos Mistérios.

IV

42. Tendo concedido um espaço considerável à elucidação do princípio de Binah em seu trabalho na polaridade com Chokmah, uma vez que não se pode compreendê-la de outra maneira, sendo ela essencialmente um princípio de polaridade, podemos considerar agora o significado do simbolismo atribuído à terceira Sephirah. Esse simbolismo apresenta dois aspectos - o aspecto da Grande Mãe e o aspecto de Saturno, pois ambas as atribuições são conferidas a. Binah. Ela é a poderosa Mãe de Todos os Viventes, e é também o princípio da morte, porquanto a forma precisa morrer quando cumpriu sua missáo. Nos planos da forma, morte a nascimento são duas faces da mesma moeda.

43. O aspecto maternal de Binah expressa-se no título de Marah, o Mar, que se lhe atribui. É um fato curioso que se represente Vénus-Afrodite nascendo da espuma do mar a que a Virgem Maria receba dos católicos o nome de Stella Mans, Estrela do Mar. A palavra Marah, que é a raiz de Maria, significa também "amargura", e a experiência espiritual atribuída a Binah é a Visáo do Sofrimento. Uma visão que evoca a imagem da Virgem chorando aos pés da cruz, com o coração atravessado por sete punhais. Lembremos também o ensinamento de Buda, segundo o qual a vida é sofrimento. A idéia da submissão à dor e à morte está implícita na idéia da descida da vida aos planos da forma.

44.O Texto Yetzirático de Malkuth, já citado, fala do Trono de Binah. Um dos títulos conferidos à Terceira Sephirah é Khorsia, o Trono; a os anjos atribuídos a essa Sephirah chamam-se Aralim, palavra que significa também Tronos. Ora, um trono sugere essencialmente a idéia de uma base estável, um firme fundamento sobre o qual o exercitador do poder tem o seu assento a do qual não pode ser removido. É, na verdade, um bloco que suporta a ação do retrocesso de. uma força, da mesma maneira que o ombro do atirador suporta o recuo do rifle. Os grandes canhões, utilizados para disparos de longa distância, precisam ser fixados a estruturas de concreto que ofereçam resistência ao contragolpe da explosão da carga que impulsiona o projétil, pois é óbvio que a pressão na culatra do canhão deve ser igual à exercida na base do projétil quando se efetua o

disparo. Essa é uma verdade que nossos credos religiosos idealizadores estão inclinados a ignorar, com o conseqüente enfraquecimento a debilitaçâo de seus ensinamentos. Binah, Marah, a matéria, é a estrutura que empresta à força vital dinámica uma base segura.

45. Da resistência à força espiritual, como já observamos, provém a idéia do mal implícito, que é tão injusta para com Binah. Isso se torna muito claro quando consideramos as idéias que surgem em associação com Saturno-Cronos. Saturno implica algo muito sinistro. Ele é o Grande Maléfico dos astrólogos, a todo aquele que encontra uma quadratura de Saturno em seu horóscopo considera-a como uma pesada aflição. Saturno é o resistente, mas, sendo um resistente, é também um estabilizador a um testador que não nos permite confiar nos'so peso àquilo que não o resistiria. É digno de nota que o Trigésimo Segundo Caminho - que conduz de Malkuth a Yesod e é o primeiro Caminho trilhado pela alma que se eleva - seja atribuído a Saturrio. Ele é o deus da forma mais antiga da matéria. O mito grego de C~os, que é simplesmente o nome grego para o mesmo princípio, considê'ia-o como um dos deuses mais velhos; ou seja, aqueles deuses que criaram os deuses. Ele é o pai de Júpiter-Zeus, o qual se salvou graças a um estratagema de sua máe, pois Saturno tinha o desagradável hábito de comer suas crianças. Encontramos nesse mito novamente a idéia do dador da vida e dá morte. Como já observamos, Saturno, com sua foice, converte-se facilmente na Morte. É muito interessante notar as reentráncias dessas cadeias de idéias associadas em relação a cada Sephirah, pois não podemos deixar de ver como as mesmas imagens afloram outra a outra vez em todas as cadeias de idéias que possuímos, mesmo quando partimos de idéias aparentemente muito divergentes como mãe, mar a tempo.

46. Cada planeta tem uma virtude a um vício; em outras palavras, cada planeta pode estar, nas palavras dos astrólogos, bem ou mal-aspectado, bem ou mal-exaltado. Não podemos passar pela vida sem notar que cada tipo de caráter tem os vícios de suas virtudes; isto é, suas virtudes, quando levadas ao extremo, tornam-se vícios. Ocorre o mesmo com as sete Sephiroth planetárias; elas têm seus bons a maus aspectos, de acordo com a proporção com que os apresentam; quando falta o equilrbrio, em razão da força desequilibrada de uma Sephirah particular, experimentamos as más influências dessa Sephirah; por exemplo, Saturno devorara seus filhosi A morte começa a destruir a vida antes que ela tenha cumprido suas funções. Nenhuma Sephirah, portanto, é totalmente má, nem mesmo Geburah, que é a destruição personificada. Todas são igualmente indispensáveis ao esquema das coisas como um todo, a suas boas a más influências relativas dependem do papel que desempenham, o qual não deve ser nem muito forte, nem muito débil, mas equilibrado. A pouca influência de uma dada Sephirah conduz ao desequilíbrio na Sephirah oposta. A influência em

excesso torna-se uma influência positivamente má - uma dose excessiva de veneno.

47. A virtude de Binah é o Silêncio, a seu vício é a avareza. Vemos aqui, novamente, a influência de Saturno tomar-se presente. Keats fala do "Saturno de cabelos grisalhos, silencioso como uma pedra", a nessas poucas palavras o poeta evoca uma imagem mágica da era a do silêncio primordial da influência satumiana. Saturno é de fato um dos velhos deuses a está relacionado ao aspecto mineral da Terra. Seu trono acha-se nas rochas mais antigas, onde não cresce planta alguma.

48. É costume dizer que o silêncio é uma das virtudes especialmente desejadas nas mulheres. Seja como for, a não há dúvida de que a língua é a sua arma mais perigosa, o silêncio indica receptividade. Se estamos calados, podemos ouvir, a assim aprender; mas, se estamos falando, as portas de entrada da mente estão fechadas. É a resistência e a receptividade de Binah que são seus poderes principais. E dessas virtudes provém o vício, que é constituído por seu excesso, a avareza, que nega em demasia a retém até o que é dispensável. Quando isso acontece, precisamos da generosa influência de Gedulah-Geburah, Júpiter-Marte, para destruir o velho deus, o devorador de seus filhos, a reinar em seu lugar.

49. Os símbolos mágicos de Binah são o Yoni e o Manto Exterior de Ocultamento. Esta é uma expressão gnóstica, a aquele, um termo indiano, que indica os genitals da mulher, a correspondência negativa do falo do homem. O termo Kteis, menos conhecido, é o termo europeu equivalente. Nos símbolos religiosos hindus, o yoni e o lingam surgem com muita freqüência, pois a idéia da força vital a da fertilidade são os motivos principais de sua fé.

50. A idéia da fertilidade é o motivo principal nos aspectos de Binah que se manifestam no mundo de Assiah, o nível material. A vida não apenas penetra a matéria para discipliná-la, mas também retira-se dela triunfahnente, aumentada a multiplicada. O aspecto da fertilidade, equilibrando o aspecto Tempo-Morte-Limitação, é essencial ao nosso conceito de Binah. O Tempo-Morte ceifa com sua foice o trigo de Ceres, a ambos são símbolos de Binah.

51. A idéia do Manto Exterior de Ocultamento sugere claramente a matéria, assim como o esplendor envolvente do Manto Interno de Glória do princípio vital. Ambas as idéias, reunidas, comunicam-nos o conceito do corpo animado pelo espírito; o Manto Interno ou Glória Espiritual oculto de todos os olhos pelo invólucro exterior da matéria densa. Mais a mais vezes, enquanto meditamos sobre esses mistérios, encontramos a iluminação dessa

coleção aparentemente fortuita de símbolos atribuídos a cada Sepliirah. Já vimos em nosso estudo que nenhum símbolo está só, a que toda penetração da intuição a da imaginação serve para revelar as grandes linhas de relações entre os símbolos.

52. Os quatro três do baralho do Tarô são as cartas atribuídas a Binah e, de fato, o número três está intimamente associado à idéia da manifestação na matéria. As duas forças opostas encontram expressão numa tercei. ra, o equilíbrio entre elas, que se manifesta num plano inferior ao de seus pais. O triângulo é um dos símbolos atribuídos a Saturno como deus da matéria mais densa, e o triãngulo de arte, como é chamado, é utilizado nas cerimônias mágicas quando o objetivo é evocar um espírito a fazê-to visível no plano da matéria; para outros modos de manifestação, utiliza-se o círculo.

53. O três de paus chama-se Senhor da Força Estabilizada. Temos novamente aqui a idéia do poder em equilíbrio, que é tâo característico de Binah. Lembremos que Paus representa a força dinâmica de Yod. Essa força, quando na esfera de Binah, cessa de ser dinâmica, consolidando-se.

54. Copas é, essencialmente, a forma feminina, pois a copa, ou o cálice, é um dos símbolos de Binah a está estreitamente relacionado com o yoni no simbolismo esotérico. O Três de Copas está, portanto, em casa em Binah, pois os dois grupos de simbolismo se completam mutuamente. O Três de Copas, que é corretamente chamado de Abundância, representa a fertilidade de Binah em seu aspecto de Ceres.

55.O Três de Espadas, contudo, chama-se Sofrimento, a seu símbolo no baralho de Tarô é um coração transpassado por três punhais. Nossos leitores lembrarão a referência ao coração apunhalado da Virgem Maria no simbolismo católico, a Maria equivale a Marah, a amargura, o Mar. Ave, Maria, stella marls!

56. As Espadas são, naturalmente, cartas de Geburah e, como tal, representam o aspecto destrutivo de Binah como Kali, a consorte de Siva, a deusa hindu da destruição.

57. Ouros são as cartas da Terra e, como tal, correspondem a Binah, a forma. O Três de Ouros, por conseguinte, é o Senhor dos Trabalhos Materials, ou atividade no plano da forma.

58. Notemos que, assim como os planetas têm sua influência rèforçada quando estão nos signos do Zodíaco que são suas próprias casas, também as cartas do Tarô, quando o significado da Sephirah coincide com o espírito do naipe, representam o aspecto ativo da influência; e, quando a

Sephirah e o naipe representam influências diferentes, a carta é maléfica. Por exemplo, a carta ígnea de espadas é uma carta de mau augúrio quando se acha na Esfera de influência de Binah.

59. Alonguei-me bastante ao comentar Binah, porque com ela se completa a Tríade Suprema e o primeiro dos pares de opostos. Ela representa não apenas a si mesma, mas também aos pares funcionais, pois é impossível compreender qualquer unidade na Árvore, a não ser em referência às outras unidades com que interage a se equilibra. Chokmah sem Binah, a Binah sem Chokmah, são incompreensíveis, pois o par é a unidade funcional, a não qualquer uma das Sephiroth em separado.

XVIII. CHESED, A QUARTA SEPHIRAH

Título: Chesed, Misericórdia. (Em hebraico, חסד: Cheth, Samech, Daleth.).

Imagem mágica: Um poderoso rei coroado, sentado em seu trono.

Localização na Árvore: No centro do Pilar da Misericórdia.

Texto Yetzirático: O Quarto Caminho chama-se Inteligência Coesiva ou Receptiva, porque contém todos os Poderes Sagrados, dele emanando as virtudes espirituais com as suas essências mais requintadas. Tais poderes emanam uns dos outros por virtude dá Emanação Primordial, a Coroa Mais Elevada, Kether.

Títulos Conferidos a Chesed: Gedulah. Amor. Majestade.

Nome Divino : El.

Arcanjo: Tzadkiel.

Coro Angélico: Chasmalin.

Chakra Cósmico: Tzedek, Júpiter.

Experiência Espiritual: Visão do amor.

Virtude: Obediência.

Vícios: Fanatismo. Hiprocrisia. Gula. Tirania.

Correspondência no Microcosmo: O braço esquerdo.

Símbolos: A figura sólida. O tetraedro. A pirâmide. A cruz de braços iguais. O orbe. O bastão. O cetro. O cajado.

Cartas do Tarô: Todos os quatro: Quatro de Paus: obra perfeita; Quatro de Copas: prazer; Quatro de Espadas: repouso após a luta; Quatro de Ouros: poder terrestre.

Cor em Atziluth: Violeta-intenso.

Cor em Briah: Azul.

Cor em Yetzirah: Púrpura-intenso.

Cor em Assiah: Azul-intenso, salpicado de amarelo.

I

1. Entre as Três Supremas e o par seguinte de Sephiroth em equiliôrio na Árvore, acha-se um grande precipício, que os místicos chamam de Abismo. As seis Sephiroth seguintes, Chesed, Geburah, Tiphareth, Netzach, Hod e Yesod, constituem o que os cabalistas chamam de Microprosopos, o Rosto Menor, Adão Cadmo, o Rei. A Rainha, a Esposa do Rei, é Malkuth, o Plano Físico. Temos, então, o Pai (Kether), o Rei e a Esposa, a nessa configuração da Árvore há um profundo simbolismo de grande importância prática tanto para a filosofia como para a Magia.

2. O Abismo, o precipício que se localiza entre o Macroprosopos e o Microprosopos, assinala uma demarcação na natureza do ser, no tipo de existência que prevalece sobre os dois níveis. É nesse Abismo que Daath, a Sephirah Invisível, tem sua estação, a poderíamos chamá-la corretamente de Sephirah do Devir. Ela se chama também Conhecimento, termo que poderia ser interpretado, ademais, como Percepção, Apreensão, Consciência.

3. Esses dois tipos de existência, Macroprosopos e Microprosopos, indicam o potencial e o real. A manifestação real, como nossas mentes finitas podem concebê-la, tem início em Microprosopos; e o primeiro aspecto de Microprosopos a vir à existência é Chesed, a Quarta Sephirah, situada imediatamente sob Chokmah, o Pai, no Pilar da Misericórdia, do qual é a Sephirah central. Ela é equilibrada na Árvore por Geburah, a Severidade; a esse par, Geburah a Gedulah, forma "o Poder e a Glória" da invocação final do Pai Nosso, sendo o "Reino", naturahnente, MaIkuth.

4. Como já vimos, podemos aprender muito com a posição de uma Sephirah no padrão da Árvore; pela posição de Chesed no Pilar da Misericórdia, vemos que ela é Chokmah num arco inferior. Chesed é emanada por Binah, Sephirah passiva, a emana, por sua vez, Geburah, Sephirah catabólica, cujo chakra cósmico é Marte, com todo o seu simbolismo bélico, que é Saturno num arco inferior.

5. Chesed é o pai amoroso, o protetor e o preservador, assim como Chokmah é o Engendrador de Tudo. Ela continua a obra de Chokmah, organizando a preservando aquilo que o Pai de Tudo gerou. Ela equilibra com a Misericórdia a Severidade de Geburah. É anabólica, ou ascendente, em oposição ao catabolismo descendente de Geburah.

6. Esses dois aspectos são muito bem expressos nas imagens mágtcas atribuídas a essas duas Sephiroth. Essas imagens mágicas são ambas de reis; a de Chesed é um rei em seu trono, e a de Geburah, um rei em seu carro; em outras palavras, os governantes do reino na paz a na guerra; um como legislador, outro como guerreiro.

7. A analogia fisiológica permite-nos uma clara compreensão do significado dessas duas Sephiroth. O metabolismo consiste em anabolismo, ou ingestão ou assimilação de alimento, e a deposição deste no tecido, a de catabolismo, ou transformação do tecido em obra ativa, a saída de energia. Os subprodutos do catabolismo são as toxinas da fadiga, que o sangue deve eliminar pelo repouso. O processo vital é uma assimilação a um sucumbir, e Geburah a Gedulah (outro nome para Chesed) representam esses dois processor no macrocosmo.

8. Chesed, sendo a primeira Sephirah do Microprosopos, o universo manifesto, representa a formulação da idéia arquetípica, a concretização do abstrato. Quando o princípio abstrato que forma a raiz de alguma nova atividade é formulado em nossas mentes, estamos operando na esfera de Chesed. Um exemplo esclarecerá esse ponto. Suponhamos que um explorador contemple, do alto de uma montanha, uma região recentemente descoberta e comprove que as planícies que se estendem para além da costa são férteis e que são cortadas por um rio que abre caminho até o mar através de um vale na cadeia de montanhas. Ele pensa na riqueza agrícola das planícies, nas facilidades de transporte que o rio oferece a imagina um porto no estuário, pois sabe que o escoadouro do rio forma, com toda certeza, um canal que permitiria a passagem dos navios. Em seu olho mental, ele vê os ancoradouros, os armazéns, as lojas a as habitações. Pergunta a si mesmo se as montanhas contêm minérios a imagina uma estrada de ferro ao longo do rio a com ramificações pelos vales. Vê a chegada dos colonizadores a deduz que eles terão necessidade de uma

igreja, um hospital, um cárcere, o ubíquo botequim. Sua~imaginação traça a rua principal da cidade, a resolve adquirir os terrenos das esquinas para que possa prosperar, ele mesmo, com a prosperidade geral da nossa cidade. Ele vê tudo isso enquanto a floresta virgem cobre a costa a fecha as passagens da montanha. Mas, como sabe que as planícies são férteis a que o rio cruza as montanhas, ele contempla em termos de primeiros princípios os desenvolvimentos que se farão necessários. Enquanto sua mente assim opera, ele está funcionando na Esfera de Chesed, saiba-o ele ou não; a todos aqueles que podem também funcionar nor termos de Chesed, adiantando-se ao futuro, como o faz o explorador de nosso exemplo, vendo as coisas que devem surgir de causas dadas, muito antes de a primeira linha ser traçada no projeto ou o primeiro ladrilho ter sido assentado, têm o poder de possuir a valiosa terra onde os ancoradouros deverão ser construídos a por onde deverá correr a rua principal.

9. Todo trabalho criativo do mundo segue esse curso, graças às mentes que operam nos termos de Chesed, o rei sentado em seu trono, sustendo o cetro e o orbe, governando a guiando seu povo.

10. Em contraste com o que acabamos de expor, observamos que existem pessoas cujas mentes não podem funcionar acima do nível de Malkuth, a Esposa do Rei. São pessoas que não podem descobrir a madeira pela árvore. Pensam em termos de detalhes, carecendo de todo princípio sintético. Sua lógica é incapaz de remontar às origens, e é sempre materialista. São incapazes de discemir as causas sutis, a são vítimas do que chamam de caprichos do destino. São incapazes de discemir os estados mais sutis, e não conseguem operar na linha seguida pelos impulsos primários quando estes descem por si próprios ou são chamados à manifestação.

11. O ocultísta que não possui a iniciação de Chesed limitar-se-á, em sua operação, à Esfera de Yesod, o plano de Maia, a ilusão. Ele acredita que as imagens astrais refletidas no espelho mágico da subconsciência são realidades, a não fará nenhuma tentativa de traduzi-las em termos de um plano superior a aprender o que elas representam realmente. Ele permanecerá na Esfera da ilusão a será iludido pelos fantasmas de sua própria projeção inconsciente. Se fosse capaz de funcionar nor termos de Chesed, perceberia as idéias arquetípicas subjacentes, das quaffs essas imagens mágicas são apenas as sombras a as representações simbólicas, a poderia se tomar então um mestre do tesouro das imagens em vez de ser alucinado por elas. Seria dessa forma capaz de utilizar as imagens como um matemático utiliza símbolos algébricos a operaria a Magia como um adepto iniciado a não como um mago.

12.O místico que opera no Centro Cristológico de Tiphareth, se não dispuser das chaves de Chesed, será também alucinado, mar de uma maneira diferente a mais sutil. Nesse nível, ele saberá decifrar as imagens mágicas com bastante exatidão, referindo-as àquilo que representam a não lhes dando valor algum, exceto como sinais, como tão bem o demonstra Santa Teresa em seu O Castelo Interior. Ele cairia no erro, contudo, de pensar que as imagens que percebe a as experiências por que passa são o resultado de um contato direto a pessoal de Deus com sua alma, em vez de compreender que elas são estágios do Caminho. Descobrirá um Salvador pessoal no homemDeus a não na influência regeneradora da força cristológica. Adorará Jesus de Nazaré como Deus Pai, confundindo, assim, as pessoas.

13. Chesed, portanto, é a Esfera da formulação da idéia arquetípica, a compreensão pela consciência de um conceito abstrato que é subseqüentemente trazido aos planos a concentrado na luz da experiência da concretização de idéias abstratas análogas. Em seu aspecto macrocósmico, ela representa também uma fase correspondente do processo de criação. A ciência materialista acredita que os únicos conceitos abstratos são aqueles formulados pela mente do homem. A ciência esotérica ensina que a Mente Divina formulou idéias arquetípicas para que a substância pudesse tomar forma, a que, sem essas idéias arquetípicas, a substância seria informe a vazia, limo primordial aguardando o sopro de vida para organizar-se no cristal ou na célula. As pesquisas mais recentes da física revelaram que toda substância, sem exceção, tem urea estrutura cristalina a que as linhas de tensão que o sensitivo percebe como correntes etéreas foram reveladas pelos raios X.

14. Um papel muito importante a muito malcompreendido nos. Mistérios é o desempenho pelos seres chamados geralmente de Mestres. Escolas diferentes definem o termo de maneira diferente, a alguns incluem os adeptos vivos de alto grau entre os Mestres; mas consideramos conveniente fazer uma distinção entre os Irmãos Mais Velhos encarnados a desencarnados, pois suas missões a maneira de operar são totalmente diversas. O título de Mestre deveria, por conseguinte, ser conferido apenas àqueles que estão livres da rede do nascimento a morte. Na terminologia da tradição esotérica ocidental, o grau de Adeptus Exemptus é atribuído a Chesed, indicando o termo Exemptus, isto é, "isento", essa libertação do karma que libera da Roda. Sei muito bem que outros podem atribuir um significado diferente ao título, e que há pessoas encarnadas que possuem esse grau. A esses respondo que tais pessoas, se o grau é um grau operante a não mera honra vazia, estão livres do Carma a náo reencamarâo. Tais pessoas podem muito bem ser chamadas de Mestres, pois sua consciência é do grau de um Mestre, mas como é necessário fazer a distinçáo entre

adeptos encarnados a desencarnados, é conveniente antes precisar a classificação por essa distinção menor do que conceder aos humanos um prestígio que a natureza humana não está apta a manter. Enquanto um adepto estiver encarnado, estará sujeito, em algum grau, às debilidades humanas a às limitaçôes impostas pela velhice a pela saúde física. Até não se ter liberado da Roda a não funcionar como consciência Aura, não escapará por completo às limitaçôes humanas da hereditariedade e do meio ambiente; por conseguinte, não se pode ter nele a mesma confiança que se pode depositar nos verdadeiros Mestres desencarnados.

15. Uma parte muito importante do trabalho dos Mestres é a concretização das idéias abstratas concebidas pela Consciência Logoidal. O Logos, cuja meditação dá nascimento aos mundos a cuja consciência reveladora é evolução, concebe as idéias arquetípicas extraídas da substância do Imanifesto - para utilizar uma metáfora, já que a definição é impossível. Essas idéias permanecem na consciência cósmica do Logos assim como na flor, porque não há solo para a sua germinação. A Consciência Logoidal, enquanto ser puro, não pode, de seu próprio plano, fomecer o aspecto formativo necessário para a sua manifestação. Ensinam as tradições esotéricas que os Mestres, consciências desencarnadas disciplinadas pela forma, mas atualmente informes, em sua meditação sobre a divindade, são capazes de perceber telepaticamente essas idéias arquetípicas na mente de Deus e, compreendendo a aplicação prática destas aos planos da forma e a linha que esse desenvolvimento seguirá, produzir imagens concretas em sua própria consciência, que serve para trazer as idéias arquetípicas abstratas ao primeiro dos planos da forma, chamado pelos cabalistas de Briah.

16. Essa é, pois, a tarefa que os Mestres realizam em sua Esfera especial, a Esfera de Chesed, organizadora, construtiva a edificadora, no Pilar da Misericórdia. O trabalho dos Mestres Negros, que são completamente diferentes dos Adeptos Negros, é realizado na Esfera correspondente de Geburah, no Pilar da Severidade, a qual será considerada em seu devido tempo. O ponto de contato entre os Mestres a os seus discípulos humanos está em Hod, a Sephirah da Magia Cerimonial, conforme indica o Texto Yetzirático, que declara que a essência de Hoda emana de Gedulah, a Quarta Sephirah. Essas pistas, dadas nos Textos Yetzráticos a respeito das relações entre as Sephiroth individuais, são muito importantes no ocultismo prático. Hod, portanto, pode ser tomada como representante de Chokmah a Chesed num arco inferior, assim como Netzach representa Binah a Geburah. Explicaremos esse ponto em detalhes quando analisarmos essas Sephiroth, mas é preciso fazer-lhes uma breve referência para tomar inteligível a função de Chesed.

17. Chegamos a um ponto, no esquema da Árvore, em que o tipo de atividade é acessível ao âmbito da consciência humana. Em nosso estudo das Sephiroth precedentes, formulamos conceitos metafísicos. Esses conceitos, embora muito remotos da imediata aplicação à vida da forma, são extremamente importantes, pois a menos que estejam na base de nosso entendimento da ciência esotérica, incorreremos na superstição a utilizaremos a Magia como magos, não como adeptos; em outras palavras, seremos incapazes de transcender os limites dos planos da forma, ficando alucinados, a cairemos sob o domínio dos fantasmas evocados pela imaginação mágica, em vez de utilizá-la como as contas do ábaco em nossos cálculos, o que, para um engenheiro, equivaleria a utilizar uma régua comum em vez da régua de cálculos.

18. Chesed, portanto, reflete-se em Hod através do Centro Cristológico de Tiphareth, assim como Geburah se reflete em Netzach. Essa relação é muito instrutiva, pois indica que, para a consciência elevar-se da forma à força, a para a força descer à forma, ela precisa passar pelo Centro de Equilíbrio a Redenção, ao qual são atribuídos os Mistérios da Crucificação.

19. É à Esfera de Chesed que a consciência exaltada do adepto se eleva em suas manifestações ocultas; é aqui que ela recebe a inspiração com que trabalha nos planos da forma. É aqui que encontra os Mestres como influências espirituais, por meio de contatos telepáticos, sem qualquer mescla de personalidade. Esse é o modo verdadeiro a superior de entrar em contato com os Mestres, contato que se efetua de mente a mente em sua própria esfera de consciência exaltada. Quando, pela clarividência, vemos os Mestres como seres vestidos, cujos trajes indicam seu raio, são eles percebidos por meio da refração na Esfera de Yesod, que é o reino dos fantasmas e das alucinações. Pisamos um terreno muito inseguro quando encontramos os Mestres aqui. É aqui que a forma antropomórfica é conferida à inspiração espiritual que tanto desorienta os sensitivos que não conseguem elevar-se a Chesed. E é assim que o anúncio da volta ao mundo de um impulso espiritual é interpretado como o advento de um Instrutor Universal.

II

20. Quanto mais descemos na Árvore até as Esferas mais acessíveis à nossa compreensão, mais descobrimos que os símbolos associados a cada Sephirah se tomam cada vez mais eloqüentes quando falam de nossa experiência, em vez de obrigar-nos a raciocionar pela analogia.

21. A imagem mágica que representa Chesed é um poderoso rei coroado, sentado em seu trono; essa posição indica que ele está estavelmente sentado num reino em paz, não em marcha em seu carro para a guerra, como o sugere a imagem mágica de Geburah. Os títulos adicionais de Chesed - Majestade, Amor - confirmam o conceito do rei benévolo, pai de seu povo; e a localização de Chesed no centro do Pilar da Misericórdia confirma, ademais, a idéia da lei estável, ordenada a misericordiosa, que govema para o bem dos governados. O título do coro angélico associado a Chesed - Chasmalim, ou Brilhantes - assinala a idéia do esplendor real de Gedulah, que é um título alternativo utilizado freqüentemente para Chesed. O chakra cósmico atribuído a Chesed - Júpiter, o grande benigno da Astrologia - confirma toda a cadeia de associaçôes.

22. No lado microcósmico ou subjetivo, descobrimos que a virtude atribuída a essa esfera de experiência é a da obediência. É apenas através da virtude da obediência que o sujeito pode aproveitar-se do sábio governo de Chesed. Temos de sacrificar muito de nossa independência a do egoísmo para partilhar das comodidades da vida social organizada. Não há escapatória desse sacrifício a dessa restrição. A força da gravidade resiste-nos, entre outras coisas. A liberdade poderia ser definida como o direito de escolher o próprio mestre, pois é preciso ter um guia em toda a vida associativa respeitável, caso contrário reinará o caos. Uma autoridade efetiva a inspirada, eis o que clama em coro o mundo atual, a país após país está buscando a descobrindo o guia que mais se aproxime de seu ideal nacional, a todos marcham como um só homem atrás desse guia. O único remédio para a enfermidade mundial é a influência benigna, organizadora a ordenante de Júpiter; quando isso ocorrer, as nações recobrarão seu equilíbrio a sua saúde física.

23. Inversamente, os vícios atribuídos a Chesed - fanatismo, hipocrisia a tirania - são todos vícios sociais. O fanatismo recusa-se a mover-se com os tempos ou encarar outro ponto de vista - ambos, vícios fatais nas relações raciais. A hipocrisia implica que não nos entregamos de todo coração à vida social, mas, como Ananias, guardamos o nosso quinhão. A gula expõe-nos à tentação de tomar mais do que nos cabe na partilha dos bens comuns, e é apenas outro nome para egoísmo. E a tirania é esse use errõneo da autoridade que surge quando a natureza se mancha de crueldade a vaidade.

24. A correspondência no microcosmo estabelece-se com o braço esquerdo, o que indica um modo menos dinâmico de funcionamento de poder do que o da mão direita, que levanta a espada na imagem mágica de Geburah. A mão esquerda segura o orbe, que significa a própria Terra, a

mostra que tudo está em segurança na mão firme do governante. Chesed, de fato, denota antes a firmeza do que a força da energia dinámica.

25. O número místico de Chesed é o quatro, a este é amiúde representado como uma figura quadrilátera, ou tetraedro. Um talismã de Júpiter é sempre deposto sobre tal figura. Outro símbolo de Chesed é a figura sólida, tal como a entende a geometria. Compreenderemos a razão desse simbolismo se considerarmos as figuras geométricas atribuídas às Sephiroth que já estudamos. O ponto é atribuído a Kether; a linha, a Chokmah; o plano bidimensional, a Binah; conseqüentemente, o sólido tridimensional conceme, naturalmente, a Chesed.

26. Mas essas relações significam muito mais coisas do que unìa mera série de símbolos. O sólido representa essencialmente a manifestação, tal como o concebe a nossa consciência tridimensional. Não podemos conceber uma existência unidimensional ou bidimensional, salvo na matemática ou simbolicamente. Chesed, como já observamos, é a primeira das Sephiroth manifestas; por conseguinte, é muito natural que o símbolo da figura sólida integre o resto de seu simbolismo. A figura sólida utilizada para simbolizar Chesed é normalmente a pirâmide, que é uma figura de quatro lados, constituída de três faces a uma base, expressando, assim, a qualidade numerológica de Chesed.

27. Existem muitas outras formas de cruz que representam simbolicamente os Mistérios, além da cruz do Calvário no Mistério Cristão, a cada uma delas representa modos diferentes de funcionamento do poder espiritual, tal como as diferentes formas dos Nomes Sagrados de Deus. A forma da cruz associada a Chesed é a cruz de braços iguais, que simboliza os quatro elementos em equilíbrio, a implica o governo da natureza por uma influência sintetizadora que confere harmonia equilibrada a todas as coisas.

28.O orbe, o bastão, o cetro e o cajado, que são os símbolos atribuídos a essa Sephirah, expressam perfeitamente os diferentes aspectos do poder real benévolo de Chesed, de modo que não precisamos nos deter em seu estudo.

29. As quatro cartas do Tarô atribuída a Chesed quando se manipula o baralho para a adivinhação expressam a idéia que rege a correspondência. O Quatro de Paus simboliza a Obra Perfeita, representando, assim, admiravelmente, a realização do rei no tempo de paz em seu reino bem-governado. O Quatro de Copas chama-se Senhor do Prazer, a relaciona-se com o título de Esplendor atribuído a Chesed a com o fulgor de seu coro angélico. O Quatro de Espadas indica o Repouso após a luta, a concorda

perfeitamente com o significado do monarca sentado. O Quatro de Ouros é o Senhor do Poder Terrestre, um simbolismo táo claro que não necessita esclarecimentos.

30. Deixamos para o fim deste estudo a análise do Texto Yetzirático, para evitar que a apresentação ordenada do simbolismo de Chesed se quebrasse. Além disso, esse texto contém tantos significados, que podemos compreendê-los melhor quando estamos mais bem equipados com o simbolismo que lhe corresponde. Muito do que se .relaciona ao ensinamento contido nesse texto, contudo, já foi estudado quando o examinamos em relação às Sephiroth precedentes. Não nos repetiremos, pois, contentando-nos em remeter o estudante àquelas páginas em que os assuntos são estudados em detalhe, evitanto, assim, repetições desnecessárias - repetições, aliás, que são quase inevitáveis no estudo da drvore da Vida, em que os diferentes símbolos representam o mesmo poder em diferentes níveis de manifestação ou sob diferentes aspectos.

31. "O Quarto Caminho chama-se Inteligência Coesiva." Podemos compreender claramente o sentido dessas palavras se consideramos Chesed através do símbolo do rei sentado em seu trono, organizando os recursos e prosperidade do reino a esforçando-se para que todas as coisas se equilibrem para o bem comum.

32.O Texto Yetzirático o chama também de Inteligência Receptiva, e isso se refere ao símbolo do braço esquerdo, que é atribuído a essa Sephirah no microcosmo.

33. Chesed "contém todos os Poderes Sagrados, dele emanando as virtudes espirituais com as suas essências mais requintadas". O ensinamento implícito nessa sentença já foi elucidado na exegese anterior do conceito das idéias arquetípicas.

34. "Tais poderes emanam uns dos outros por virtude da Emanação Primordial, a Coroa Mais Elevada, Kether." Esses conceitos já foram abordados a propósito da Segunda Sephirah, Chokmah, quando estudamos o transbordamento da força de Esfera a Esfera.

XIX. GEBURAH, A QUINTA SEPHIRAH

Título: Geburah, Força, Severidade. (Em hebraico, גבורה: Gimel, Beth, Vau, Resh, Hé.)

Imagem Mágica: Um poderoso guerreiro em seu carro.

Localização na Árvore: No centro do flar da Severidade.

Texto Yetzirático: O Quinto Caminho chama-se Inteligencia Radical, porque se assemelha à Unidade, unindo-se a Binah. Entendimento, que emana das profundidades primordiais de Chokmah, Sabedoria.

Títulos Conferidos a Geburah: Din (justiça); Pachad (medo).

Nome Divino: Elohim Gebor.

Arcanjo: Khamael.

Coro Angélico: Seraphim, Serpentes de Fogo.

Chakra Cósmico: Madim, Marte.

Experiência Espiritual: Visão do poder.

Virtude: Energia, coragem.

Vício: Crueldade, destruição.

Correspondência no Microcosmo: O braço direito.

Simbolos: O pentágono. A Rosa de Tudor de Cinco Pétalas. A espada. A lança. O açoite. A corrente.

Cartas do Tarô: Os quatro cincos: Cinco de Paus: luta; Cinco de Copas: perda no prazer; Cinco de Espadas: derrota; Cinco de Ouros: conflito terrestre.

Cor em Atziluth : Laranja.

Cor em Briah: Vermelho-escarlate.

Cor em Yetzirah: Escarlate-brilhante.

Cor em Assiah : Vermelho, salpicado de negro.

I

1. Um dos aspectos menos compreendidos da filosofia cristã é o problema do mal; a um dos assuntos menos abordados na ética cristã é o problema da força, ou severidade, em oposição à misericórdia e à doçura. Conseqüentemente, Geburah, a Quinta Sephirah, cujos títulos adicionais são Din (lustiça) a Pachad (Medo), é a Sephirah menos compreendida de

todas as Esferas, sendo, portanto, uma das mais importantes. Se a doutrina cabalística não afirmasse explicitamente que todas as Dez Sephiroth são sagradas, muitos estariam inclinados a considerar Geburah como o aspecto maléfico da Árvore da Vida. E, de fato, o planeta Marte, cuja Esfera é o chakra cósmico de Geburah, é chamado na Astrologia de maléfico.

2. Contudo, aqueles que foram instruídos além da rude ilusão de uma filosofia enganosa, sabem que Geburah de maneira alguma é o Inimigo ou Adversário descrito nas Escrituras, mas sim o rei em seu carro que marcha para a guerra, cujo poderoso braço direito protege o seu povo com a espada da legalidade a assegura que a justiça será feita. Chesed, o rei sentado em seu trono, o pai de seu povo em tempos de paz, pode conquistar nosso amor; mas é Geburah, o rei em seu carro a caminho da guerra, que merece nosso respeito. Jamais se fez suficiente justiça ao papel exercido pelo sentimento de respeito na emoção do amor. Temos uma espécie de amor pela pessoa que pode nos inspirar o temor de Deus, apresentando-se a ocasião, que é de uma qualidade muito diferente; ele é muito mais estável a permanente e, curiosamente, muito mais satisfatório emocionalmente do que o amor no qual não existe nenhum quê de temor. É Geburah que fornece o elemento de temor, de medo do Senhor, que é o início da Sabedoria, a de um respeito saudável geral que nos ajuda a enfrentar o Caminho difícil a estreito a evoca a nossa melhor natureza, porque sabemos que nossos pecados serão postos à luz.

3. Esse é um fato ao qual a ética cristã, tal como é popularmente compreendida, não dá bastante importância; e, como o tom geral da sociedade cristã se inclina contra a Quinta Sephirah sagrada, será necessário considerar em detalhes o lugar que essa esfera ocupa na Árvore e o papel que exerce tanto na vida espiritual como na social, pois ela é malcompreendida, e essa ausência de compreensão do fator Geburah é a causa de muitas de nossas dificuldades na vida moderna.

4. Geburah ocupa a posição central do Pilar da Severidade; representa, por conseguinte, o aspecto catabólico ou destrutivo da força. O catabolismo, convém recordar, é aquele aspecto do metabolismo, ou do processo vital, que se relaciona com a liberação da força na atividade. Já se disse que o Bem é o que é construtivo a edificador, e o Mal é o que é destrutivo a demolidor. Podemos ver quão falsa é essa filosofia se tentamos classificar, de acordo com esse princípio, um câncer a um desinfetante. No ensinamento mais profundo a mais filosófico dos Mistérios, reconhecemos que o Bem e o Mal não são coisas em si, mas estados. O Mal é simplesmente uma força que não está sem lugar; se deslocada no tempo, fora de sua época, está tâo longe de sua meta que se toma inútil. Deslocada no espaço, se se manifesta no lugar errado, como, por exemplo, uma brasa

no tapete da lareira ou a água do banheiro no forro da sala de estar. Se deslocada, quanto às proporçôes, um excesso de amor, por exemplo, nos toma tolos a sentimentais; já uma falta de amor nos toma cruéis a destrutivos. É em tais coisas que reside o Mal, não num demônio pessoal que age como um adversário.

5. Geburah, o Destruidor, o Senhor do Medo a da Severidade, é, portanto, tão necessário ao equiliõrio da Árvore como Chesed, o Senhor do Amor, a Netzach, a Senhora da Beleza. Geburah é o Cirurgião Celestial; é o cavaleiro de armadura brilhante, o matador de dragôes; belo como um noivo, em sua força, para a donzela ansiosa, embora, sem dúvida, o dragão preferisse um pouco mais de amor.

6. As iniciaçôes dos maléficos, Saturno, Marte e a enganosa Yesod lunar, sáo tão necessárias à evolução a ao desenvolvimento equilibrado da alma como o são os Mistérios da Crucificação atribuídos a Tiphareth. É o ponto de vista unilateral do Cristianismo que causa sua debilidade, sendo ele responsável por tudo que é patológico a malsáo tanto em nossas vidas privadas como em nossa vida social. Mas não devemos esquecer igualmente que o Cristiamsmo chegou como um remédio para o mundo pagão que estava moribundo por causa de suas próprias toxinas. Temos necessidade daquilo que o Cristianismo tem para dar; mas também, infelizmente, temos de ter em conta o que lhe falta. Consideremos, agora, a influência adstritiva a corretiva de Geburah.

7. A energia dinâmica é tão necessária ao bem-estar da sociedade quanto a doçura, a caridade e a paciência. Não devemos esquecer que a dieta eliminatória que restaura a saúde, na doença, produz a doença na saúde. Jamais deveríamos exaltar as qualidades que são necessárias para compensar um excesso de força como fins em si a como meios de salvação. Caridade em excesso é obra de um louco; paciência em excesso é o sinete de um covarde. Necessitamos de um equilíbrio justo a sábio, que contribui para a felicidade, a saúdé e a franca compreensão de que sacrifícios são necessários para obtê-las. Não podemos comer o bolo a conservá-lo, seja na esfera espiritual ou em qualquer outra.

8. Geburah é o sacerdote sacrificial dos Mistérios. O sacrifício não significa oferecer algo que nos é caro porque um Deus ciumento não suporta interesses rivais em Seus devotos a se regozija com o nosso sofrimento. Significa a escolha deliberada a vigilante de um bem maior, de preferência a um bem menor, assim como o atleta prefere a fadiga do exercício à facilidade da preguiça que o põe fora de condiçôes. O carvão queimado numa fornalha é sacrificado ao deus do poder do vapor. O sacrifício é realmente a transmutação da força; a energia latente no carvão,

oferecida no altar sacrifical da fornalha, é transmutada na energia dinãmica do vapor por meio da maquinaria apropriada.

9. Existe uma maquinaria psicológica a cósmica de que podemos dispor a que se relaciona a todo ato de sacrifício que converte este ato em energia espiritual; a essa energia espiritual pode ser apiicada a outros mecanismos, reaparecendo nos planos da forma como um tipo inteiramente diferente de força do que aquela com que começou.

10. Por exemplo, um homem pode sacrificar as emoções em favor de sua carreira; ou uma mulher pode sacrificar a carreira às suas emoçôes. Se o ato é puro a sem arrependimentos, uma imensa quantidade de energia psíquica é liberada para a utilizaçâo no canal escolhido. Mas, se o desejo inferior é simplesmente expressão inibida a negada a não realmente deposto no altar do sacrifício como uma deliberada a livre oferenda, a vítima infortunada fez a pior escolha. É aqui que precisamos de Geburah para nos tornarmos como o sacerdote que arranca o sacrifício de nossas mãos, mesmo que seja o nosso primogênito, e o oferece a Deus com um golpe rápido, puro e mÍsericordioso. Pois, Geburah, no microcosmo, que é a alma do homem, é a coragem a resolução que nos liberta da nódoa da autopiedade.

11. Que falta nos fazem-as virtudes espartanas de Geburah nesta época de sentimentalismos a neurosesl Quantas quedas não poderíamos evitar se esse Cirurgião Celestial pudesse executar o corte limpo que tem chance de curar, evitando assim o compromisso fatal e a irresolução doentia, que é como uma ferida aberta a ameaçada de gangrenal

12. Além disso, se não houvesse uma mão forte a serviço do Bem no mundo, o Mal se multiplicaria. Se não é bom apagar um tição quando este ainda arde, é igualmente mau deixar a cinza acumular-se, evitando a utilização do atiçador. Há um momento em que a paciência se toma fraqueza, desperdiçando o tempo do melhor homem, a em que a misericórdia se toma uma loucura a expõe o inocente ao perigo. A política da não-resistência ao Mal só pode ser seguida satisfatoriamente numa sociedade bem vigiada; ela jamais foi tentada com sucesso sob condiçôes-limites. Pois a natureza, de dentes a garras vermelhas, exibe as cores de Geburah, ao passo que a civilização compensadora pertence a Chesed, Misericórdia, que modifica a força irrestrita e a destrutividade excessiva de tudo que está na fase Geburah de seu desenvolvimento. Mas, igualmente, devemos lembrar que a civilização repousa na natureza como um edifício repousa sobre suas fundações, onde está oculto o esgoto, tão necessário à saúde.

13. Onde quer que haja algo que tenha sobrevivido à sua utilidade, Geburah deve brandir a sua faca de poder; onde quer que haja egoísmo, este deve ser traspassado pela ponta da lança de Geburah; onde quer que exista violência contra a fraqueza, ou o use impiedoso da força, é a espada de Geburah, não o orbe de Chesed, que é o neutralizador mais eficaz; onde quer que haja preguiça a desonestidade, o flagelo sagrado de Geburah é necessário; a onde haja uma remoção das estacas colocadas para proteger-nos de nosso vizinho, é a cadeia de Geburah que deve intervir.

14. Essas coisas são tão necessárias à saúde da sociedade a do indivíduo como o amor fratemo; mas são muito raras em nossa época sentimental, que as utiliza medicinalmente a não vingativamente. Aquele que grita "Alto" ao agressor a "Saiam" àqueles que lhe bloqueiam o caminho, esse age como um sacerdote na Esfera da Quinta Sephirah Sagrada.

II

15. Se observarmos a vida, constataremos que o ritmo, não a estabilidade, é o princípio vital. A estabilidade que a existência manifesta alcança é a estabilidade de um homem sobre uma bicicleta, que se equilibra entre duas quedas opostas; ele pode cair para a direita ou para a esquerda, a manter o equiliôrio por meio de seu impulso.

16. Na vida dos indivíduos, no desenvolvimento de qualquer transaçáo, no tom de qualquer mente grupal disciplinada ou altamente organizada, vemos a constante altemância das influências de Geburah a Gedulah num balanço rítmico de um lado a outro. Todo aquele que é responsável pelo disciplinarrmento de um grupo organizado sabe conhecer a constante necessidade de apertar a afrouxar as rédeas; de estimular a refrear. Há uma sensação da necessidade de soltar a linha quando o grupo transborda com um impulso de interesse a entusiasmo, seguido pela necessidade de tomar a folga quando o impulso se perde. Se não se pega a folga com mão firme, o grupo mete-se nos laços a toma-se insubordinado. O sábio manipulador dos homens sabe qúando a reação se dissipou a chega o momento de estalar o látego de Geburah sobre os cavalos a fazé-los saltar no varal novamente quando o novo impulso dinámico se avoluma; mas ele sabe também que não deve estalá-to muito cedo, quando os cavalos estão tendo um descanso ou quando um dos mais inquietos tem uma perna enroscada.

17. Na vida nacional, especialmente, podemos nos dar conta dos ritmos altemantes de Geburah a Gedulah. Arrisco-me a profetizar que a

nação inglesa está saindo de uma fase Gedulah a entrando numa fase Geburah. Em todas as partes vemos que a misericórdia, superestimada pelas imperfeições da natureza humana, está sendo abolida em favor de uma severidade que restaurará o equilíbrio da justiça imparcial a impedirá que o mal se multiplique. O trabalho da polícia está sendo reorganizado; os juízes estão dando sentenças mais severas; a reforma penal experimentou um recuo; o humanitarismo não terá a última palavra. A alma grupal da raça está entrando na fase Geburah, a perdeu a paciência com as suas unidades imperfeitas.

18. No próximo ciclo, a tendência será descartar o incapaz a concentrar-se no esforço de conduzir o hábil ao seu desenvolvimento mais elevado. Geburah será o parceiro mais velho, a toda atenuação da severidade que Gedulah propõe terá de passar pelo escrutínio da justiça imparcial. Essa é uma reforma muito necessária, pois, no fim de uma fase, os extremos tendem a desenvolver-se, e o humanitarismo de Gedulah toma-se abusivo a ridículo, e seus refinamentos convertem-se em debilidade, perdendo o contato com as realidades.

19. Quando uma nova fase se inicia numa escala de mente grupal, é nos menos iluminados, nos de mente estreita, que sua influência é mais forte; os cultos tendem a manter-se longe dos extremos. Podemos constatá-to analisando a linha adotada pelos vários tipos de jornalismo. O jornalismo popular clama pela livre utilização do chicote como uma punição para o crime; pelo repúdio das dívidas a pactos intemacionais; em, suma, pelos golpes germs com a espada de Geburah. Em todas as partes, cresce a tendência de não sofrer a estupidez de ninguém - tendência que toma as negociações extremamente difícies, pois Geburah é um péssimo negociante, a sua única contribuição à discussão é a do soldado grego que tomou a espada a cortou o nó.

20. Ora, o iniciado, sabendo que as fases se sucedem na altemância rítmica, não toma qualquer fase muito seriamente, nem pensa que está vivendo no fim do mundo ou no do milénio. Ele sabe que a vida seguirá seu curso, iniciando um corretivo valioso a necessário, a concluindo pelos extremos; mas, desde que haja visão suficiente entre os iluminados de uma raça, as pessoas não perecerão, pois o próprio fato de chegar-se aos extremos indica o fim da inclinação, e o pêndulo reverterá normalmente o seu movimento e começará a voltar em direção ao centro da estabilidade. É apenas quando o povo perde completamente a visão que o pêndulo se desequilibra a se autodestrói. Foi esse o caso de Roma, de Cartago e, mais recentemente, da Rússia. Mas, mesmo quando a organização social se quebra e o pêndulo se perde no espaço, o princípio do ritmo é inerente em

toda a existência manifests, a se restabelece de imediato quando qualquer espécie de organização se forma depois do naufrágio.

21. A grande fragilidade do Cristianismo reside no fato de que ele ignora o ritmo. Ele equilibra Deus com o Demônio, em vez de Vishnu com Siva. Seus dualismos são antagônicos em lugar de equilibrantes e, por conseguinte, jamais podem resultar no três funcional, no qual o poder está em equilíbrio. Seu Deus é o mesmo de ontem, hoje a amanhã, a não progride com a criaçáo, mss entrega-se em um único espaço criativo, repousando depois sóbre seus louros. A experiência humans total, o conhecimento humano total é contra a verdade dessa concepção.

21. O conceito cristão, sendo estático a não-dinâmico, não pode entender que, quando uma coisa é boa, seu oposto não é necessariamente mau. Ele não tem nenhum sentido de proporção porque não compreende o princípio do equilíbrio no espaço a do ritmo no tempo. Conseqüentemente, para o ideal cristão, a parte é sempre maior do que o todo. A cordura, a misericórdia e o amor constituem o ideal do caráter cristão, e, como assinala com razão Nietzsche, essas são as virtudes do escravo. Deveríamos ter lugar em nosso ideal para as virtudes do governante a do líder - coragem, energia, justiça a integridade. O Cristianismo nada tem a dizer-nos sobre as virtudes dinâmicas; conseqüentemente, aqueles que empreendem o trabalho do mundo não podem seguir o ideal cristão por causa de suas limitações a de sua inaplicabilidade aos problemas que lhe dizem respeito. Eles não podem medir o certo e o errado por nenhum padrão, salvo o seu próprio auto-respeito. O resultado é o espetáculo ridículo de uma civilização dedicada a um ideal unilateral a forçada a manter seus ideais a sua honra em compartimentos separados.

23. Precisamos tanto do realismo de Geburah para equilibrar o idealismo de Gedulah, quanto precisamos da justiça para temperas a misericórdia. A experiência na educação das crianças nos ensina que a criança que nunca é contrariada é uma criança estragada; que o jovem carente da espora da competição pode tomar-se um jovem negligente, pois são muito poucos os que trabalham por amor ao trabalho. Ocorre o mesmo com as nações. O monopólio, na falta da espora da competição, sempre se revelou ineficaz; as profissões não-competitivas sofrem sempre de obesidade intelectual.

24. Geburah é o elemento dinâmico da vida que incita a vencer os obstáculos. O caráter a que faltam os aspectos marcianos nunca fará nada na vida. Aqueles que dependem de um arrimo de família não-Geburah sabem que o amor não é uma completa solução para os problemas da vida. Devemos aprender a amar o guerreiro armado de espada, assim como o

Amor Divino, que nos dá o copo de água a nos diz "Vinde a mim os que estão cansados a carregados".

25. Quando aprendermos a beijar a vara a compreendermos o valor das experiências constritivas, receberemos a primeira das iniciações de Geburah; e, quando aprendermos a perder nossas vidas a fim de salvá-las, teremos a segunda. Há um certo tipo de coragem que não teme a dissolução, pois ela sabe que todos os princípios espirituais são indestrutíveis e, na medida em que os arquétipos persistem, tudo pode ser reconstruído. Geburah só é destrutivo para aquilo que é temporal; é o servo daquilo que é eterno, pois, quando, por meio da atividade ácida de Geburah, tudo que é impermanente desaparecer, as realidades eternas a incorpóreas brilharão em toda a sua glória, deixando ver todos os seus detalhes.

26. Geburah é o melhor amigo que podemos ter, se somos honestos. A sinceridade não precisa temer suas atividades; na verdade, ela é a melhor proteção que podemos ter contra a insinceridade do próximo, pois nada há melhor do que a influência de Geburah para desmascarar tanto pessoas como pontos de vista.

27. Geburah a Gedulah precisam trabalhar juntas; jamais uma sem a outra. Devemos adorar o Deus das Batalhas assim como o Deus do Amor, para que o elemento combativo no universo renda homenagens ao Senhor Único, ao Eu Sou Aquele Que É. Não se deve maldizer a espada como um instrumento do Demônio, mss abençoá-la a consagrá-la para que jamais possa ser empunhada numa causa injusta. Jamais deveremos pô-la de lado devido a um pacificismo impraticável, mss brandi-la a serviço de Deus, de modo que, emitida a ordem para que não se sofra mais a coisa má, o poderoso Khamael, o Arcanjo de Geburah, possa conduzir os Serafins à batalha, não numa raiva destrutiva, mss sóbria a impessoalmente a serviço de Deus, no intuito de esclarecer o Mal a fazer o Bem prevalecer.

III

28. Já falamos tanto a respeito da natureza de Geburah, que não nos resta muita coisa a dizer sobre as suas atribuições.

29.O Texto Yetzirático nos diz que o Quinto Caminho chama-se Inteligência Radical porque se assemelha à Unidade. Ora, a Unidade é apenas um dos títulos atribuídos a Kether; por conseguinte, podemos dizer que Geburah é correlata de Kether num arco inferior. Há várias Sephiroth que são assim referidas na Sepher Yetzirah, a essas referências são muito

importantes quando se procura penetrar-lhes a natureza. Afirma-se que Chokmah é o Esplendor da Unidade a seu igual, a que as raízes de Binah estão em Amém, que é também um título de Kether.

30. Geburah é uma Sephirah altamente dinâmica, a sua energia, transbordando no mundo da forma a vitalizando-o, estabelece uma analogia estreita com a força transbordante de Kether, que é a base de toda manifestação.

31.O Texto Yetzirático afirma também que Geburah se une a Binah, o Entendimento. Quando lembramos que, na Astrologia, Saturno, o chakra cósniico de Binah, a Marte, o chakra cósmico de Geburah, chamam-se os Maléficos Major a Menor, vemos que deve haver mais do que uma relação superficial entre os dois.

32. Binah é a causa da morte porque é o dador de forma à força primordial, tomando-a, desse modo, estática; Geburah chama-se Destruidor porque a ígnea força de Marte quebra as formas a as destrói. Vemos, assim, que Binah está etemamente ocupada em encerrar a força na forma, e Geburah em quebrar a destruir perpetuamente todas as formas com a sua energia desagregadora.

33. Mas devemos perceber igualmente que é apenas quando a influência protetora a preservativa de Chesed está ausente que as influências destrutivas de Geburah sáo capazes de operar sobre as formas edificadas por Binah, pois o Caminho das Emanações entre Binah a Geburah passa por Chesed. Geburah é o corretivo essencial de Binah, sem o qual Binah prenderia toda a criação na rigidez. Binah, por sua vez, como assinala o Texto Yetzirático, emana das profundezas primordiais de Chokmah, a Sabedoria. Vemos assim que existe um aspecto dinâmico mesmo em Binah. Nenhuma Sephirah confina-se exclusivamente a um único tipo de força, pois cada Sephirah emana de uma Esfera do tipo oposto de polaridade, a por sua vez emana uma Sephirah de polaridade oposta. O que realmente temos no Relâmpago Brilhante são fases sucessivas no desenvolvimento de uma única força; e, como estas emanam sucessivamente, não se superpondo umas às outras, elas permanecem como planos de manifestação a tipos de organização.

34. Essas fases a planos sucessivos de manifestação podem ser comparados às sucessivas fases de um rio. Este começa como uma corrente montanhosa; depois, toma-se um plácido ribeiro entre os prados; e, finalmente, o grande caminho de água entre as docas por onde passam os navios. Os diferentes trechos do rio permanecem constantes; o tipo de água em cada um é constante; claro a brilhante nos trechos superiores, cheia de

aluviões entre os ribeiros dos prados, suja a enegrecida abaixo das docas. Mas, ao mesmo tempo, a água em si não é constante, pois ela não fica estagnada em qualquer ponto, estando em comunicação ininterrupta; as águas "emanam" umas das outras, para utilizar a linguagem da Cabala. Mas a água transforma sua natureza enquanto progride, pois algo se acrescenta a ela pelas experiências por que passa; solo de aluvião dos ribeiros dos prados; a sujeira da cidade nas docas.

35. Da mesma maneira, a emanação primordial de Kether modifica-se em cada trecho sephirótico do rio cósmico; os trechos, ou Esferas sephiróticas, permanecem constantes; as emanações fluem, sofrendo modificações em cada esfera.

36. Os títulos atribuídos a Geburah, tais como Força, Justiça, Severidade a Medo, falam por si mesmos a indicam os aspectos duais dessa Sephirah. A medida que descemos na Árvore em direção aos planos da forma, vemos mais a mais claramente que toda Sephirah é dupla a que seu excesso tende à força desequilibrada.

37. A imagem mágica de um guerreiro poderoso em seu carro, coroado a armado, indica a natureza dinâmica da força Geburah. O chakra cósmico do ígneo Marte expressa ainda mais claramente a mesma idéia.

38. A experiência espiritual evocada pela iniciação na Esfera de Geburah é a visão do poder. É apenas quando um homem a recebe que se toma um Adeptus Major. A manipulação correta do poder é um dos maiores testes que podem ser impostos a qualquer ser humano. Até esse ponto de seu Progresso nos graus, o iniciado aprende as lições da disciplina, controle a estabilidade; ele adquire, de fato, o que Nietzsche chama de moralidade do escravo - uma disciplina muito necessária para a natureza humana impenitente, tão orgulhosa de seu próprio conceito. Com o grau de Adeptus Major, con. tudo, ele deve adquirir as virtudes do super-homem, a aprender a utilizar o poder em vez de submeter-se a ele. Mas, mesmo assim, ele não é a lei, a sim o servo do poder que utiliza, devendo seguir-lhe os propósitos a não servir aos seus. Embora não mais responsável perante seus colegas, ele é ainda responsável perante o Criador do céu a da terra, a deverá render-lhe conta de sua administração.

39. Cabe-lhe uma grande liberdade; mas também um grande esforço. Ele pode pronunciar a palavra de poder que desencadeia o vento, mas deve estar preparado para cavalgar o turbilhão decorrente. Eis um aspecto que o mago amador nem sempre compreende.

40. A energia e a coragem, que são as virtudes de Marte, e a crueldade e a destruição, que são seus vícios quando tais qualidades se tomam excessivas, dispensam comentários, pois são auto-explicativas.

41. Os símbolos atribuídos a Marte-Geburah precisam de algum esclarecimento, contudo, pois seu significado nem sempre transparece à primeira vista.

42. As figuras planas com um número variável de lados são atribuídas aos diferentes planetas e, na magia cerimonial, ou talismánica, são utilizadas como o esquema de qualquer forma associada a uma força planetária. A Saturno, o mais antigo planeta, o primeiro a desenvolver-se no tempo evolutivo, atribui-se a figura bidimensional mais simples, o triângulo. A estabilidade equilibrada de Chesed tem a figura de quatro lados, o quadrado. E, à terceira Sephirah planetária, Marte, atribui-se uma figura de cinco lados, e o cinco é considerado no sistema cabalístico como o número de Marte. Conseqüentemente, o Pentágono, a figura de cinco lados, é o símbolo de Marte, e todo altar a Marte deverá ser pentagonal ou de cinco lados, assim como todo talismã. A Rosa Tudor, de cinco pétalas, que é outro símbolo de Marte, requer mais explicações, mas, quando lembramos a íntima associação entre Marte a Vênus na mitologia, a que a rosa é a flor de Vênus, temos uma chave do significado simbólico correspondente. As linhas de força que cruzam a Árvore vão de Geburah-Marte a Netzach-Vênus, através de Tiphareth, o Lugar do Redentor, o centro do equiliôrio, da mesma maneira que Chesed e Hod se vinculam, como se indica claramente no Texto Yetzirático, que diz que Hod tem sua raiz nos locais ocultos de Gedulah, a quarta Sephirah.

43. Compreendendo, portanto, a íntima relação entre os pares diagonais que formam os quadrantes-do quadrado central da Árvore, entendemos o relacionamento indicado pela forma da rosa com suas cinco pétalas.

44. A espada, a lança, o açoite e a corrente são armas tão características de Marte que dispensam qualquer comentário.

45. Os quatro cincos do baralho do Tart são cartas maléficas, cada uma de acordo com o seu tipo. De fato, todo o naipe de espadas, que está sob o govemo de-Marte, representa a litigiosidade, pois seus melhores aspectos são "Descanso da luta" a "Sucesso após a batalha" e, quando uma carta de Espadas é associada a uma Sephirah cujo chakra cósmico é um dos maléficos astrológicos, o resultado é desastroso, a descobrimos os Senhores da Derrota a da Ruína nesse naipe.

46. Nossa habilidade para receber a iniciação de Geburah depende de nossa disposição para com as forças marcianas, a só podemos determiná-la pelo grau de autodisciplina a estabilidade que atingimos em nossas próprias naturezas.

47. Geburah é a mais dinámica a violenta de todas as Sephiroth, mas é também a mais altamente disciplinada. Na verdade, a disciplina militar, regida pelo deus da Guerra, é um sinônimo da mais rigorosa espécie de controle que pode ser imposto sobre os seres humanos. A disciplina de Geburah precisa adequar-se exatamente a essa energia; em outras palavras, os freios de um carro devem ter uma relação direta com a potência do motor se queremos dirigir a salvo na estrada. É essa tremenda disciplina de Geburah que é um dos pontos de teste dos Mistérios. Empregamos a expressão "disciplina de ferro" a ferro é o metal de Marte.

48. O iniciado de Geburah é uma pessoa muito dinâmica a severa, mas é também uma pessoa muito controlada. Suas virtudes características são a calma e a paciência sob a provocação. No campo esportivo, que é o aspecto lúdico do deus da Guerra, sabe-se que a perda da paciéncia implica a derrota. Todo boxeador sabe que, se a cólera se apoderar dele instigando-o a lutar em vez de boxear, as vantagens estarão contra ele. O iniciado de Marte é essencialmente o Guerreiro Feliz, o iniciado que passou pelo grau de Tiphareth e conquistou o equilíbrio.

49. Ele luta sem malícia; perdoa o fraco e o ferido; não combate para destruir a lei, mas para que ela seja corretamente respeitada. É o restaurador do equilíbrio e, como tal, é sempre o defensor dos fracos a dos oprimidos. Nunca é um deus que se encontra do lado dos grandes exércitos, embora diga: "Com os obstinados, mostro-me obstinado." Ele agarra o gigante de duas cabeças das Qliphoth, Thaumiel, as Duas Forças Oponentes, bate-lhes as cabeças a diz: "Maldição para as tuas casasl Fica na paz de Deus ou te arrependerásl"

50. Quando uma alma está naquele estágio de desenvolvimento em que o único caminho pelo qual se pode desenvolver é o da experiéncia, Geburah não o desaponta, a cuida para que ela encontre o que está procurando. Geburah é o Grande Iniciador dos presunçosos.

XX. TIPHARETH, A SEXTA SEPHIRAH

Título: Tiphareth, Beleza. (Em hebraico, תפארת: Tau, Pé, Aleph, Resh, Tau.)

Imagem mágica: Um rei majestoso. Uma criança. Um deus sacrificado.

Localização na Árvore: No centro do Pilar do Equiliíbrio.

Texto Yetzirático: O Sexto Caminho chama-se Inteligência Mediadora, pois nele se multiplicam os influxos das emanações, fluindo essas influências para todos os reservatórios das bênçãos com que se unem.

Títulos conferidos a Tiphareth: Zoar Anpin, o Rosto Menor. Melekh, o Rei. Adão. O Filho. O Homem.

Nome Divino: Tetragrammaton Aloah Va Daath.

Arcanjo: Rafael.

Coro Angélico : Malachim, mensageiros.

Chakra Cósmico: Shemesh, o Sol.

Experiência Espiritual: Visão da harmonia das coisas. Mistérios da crucificação.

Virtude: Devoção à Grande Obra.

Vício : Orgulho.

Correspondência no Microcosmo: O peito.

Simbolos: O lámen. A Rosa-cruz. A cruz do Calvário. A pirámide truncada. O cubo.

Cartas do Tarô: Os quatro seis: Seis de Paus: vitória; Seis de Copas: alegria; Seis de Espadas: sucesso merecido; Seis de Ouros: sucesso material.

Cor em Atziluth : Rosa-claro.

Cor em Briah : Amarelo.

Cor em Yetzirah: Rosa-salmão intenso.

Cor em Assiah : Ambar-dourado.

I

1. Há três importantes chaves para a natureza de Tiphareth. Em primeiro lugar, ela é o centro de equilíbrio de toda a Árvore, estando no meio do Pilar Central; em segundo lugar, é Kether num arco inferior a Yesod num arco superior; em terceiro lugar, é o ponto de transmutação entre os planos da força a os planos da forma. Os títulos que lhe são conferidos na nomenclatura cabalística confirmam esses três aspectos. Do ponto de vista de Kether, ela é uma criança; do ponto de vista de Malkuth, é um rei; e, do ponto de vista da transmutação de força, é um deus sacrificado.

2. Macrocosmicamente, ou seja, do ponto de vista de Kether, Tiphareth é o equiliôrio de Chesed a Geburah; microcosmicamente, ou seja, do ponto de vista da psicologia transcendental, é o ponto em que os tipos de consciência característicos de Kether a Yesod são concentrados num foco. Hod a Netzach encontram igualmente sua síntese em Tiphareth.

3. As seis Sephiroth, de que Tiphareth é o centro, são às vezes chamadas de Adão Cadmo, o homem arquetípico; de fato, Tiphareth não pode ser corretamente compreendida senão como o ponto central dessas seis esferas, que ela govema como um rei em seu domínio. São essas seis que, para todos os propósitos práticos, constituem o reino arquetípico que repousa atrás do reino da forma em Malkuth a domina a determina completamente a passividade da matéria.

4. Quando temos de considerar uma Sephirah em relação às suas vizinhas, a fim de tentar interpretá-la à luz de sua localização na Árvore, não é possível proceder a uma exposição inteiramente metódica a ordenada do sistema cabalístico, pois que, se desejamos nos fazer compreendidos, devemos neeessariamente começar por explicações parciais. Devemos, por conseguinte, adiantar algumas explicaçóes sobre as trés Sephiroth inferiores agrupadas em tomo de Tiphareth: Netzach, Hod a Yesod.

5. Netzach relaciona-se com as forças da natureza a com os contatos elementais; Hod, com a magia cerimonial a com o conhecimento oculto; e Yesod, com o psiquismo e o duplo etéreo. Tiphareth, assistida por Geburah e Gedulah, representa a vidência, ou o psiquismo superior da individualidade. Cada Sephirah, naturalmente, tem seus aspectos subjetivos a objetivos - seus fatores na psicologia a seu plano no universe.

6. As quatro Sephiroth sob Tiphareth representam a personalidade ou o eu inferior; as quatro Sephiroth acima de Tiphareth são a individualidade, ou o eu superior, a Kether é a centelha divina, ou núcleo de manifestação.

7. Tiphareth, por conseguinte, jamais deve ser encarada como um fator isolado, a sim como um vínculo, um ponto focal, um centro de transição ou transmutação. O Pilar Central relaciona-se sempre com a consciência. Os dois Pilares laterais, com os diferentes modos de operação da força nos diferentes níveis.

8. Em Tiphareth, encontramos os ideals arquetípicos concentrados num foco a transmutados em idéias arquetípicas. Ela é, na verdade, o Lugar da Encarnaçao. Por essa razão, chama-se A Criança. E porque a encamação do ideal de Deus também implica a desencarnaçáo sacrifical, atribuem-se a Tiphareth os Mistérios da crucificação, a todos os deuses sacrificados são colocados nessa Esfera quando se sobrepõem os panteões à Árvore. Deus Pai é atribuído a Kether; mas Deus Filho, pelas razões dadas acima, é atribuído a Tiphareth.

9. A religião exotérica jamais ultrapassa Tiphareth na Árvore. Ela nada compreende dos mistérios da criação representados pelo simbolismo de Kether, Chokmah a Binah, ou dos modos de operação dos Anjos das Trevas e dos da Luz representados no simbolismo de Geburah a Gedulah; nem dos mietérios da consciência a da transmutação de força representados na Sephirah invisível, Daath, que não tem nenhum simbolismo.

10. Em Tiphareth, Deus se manifesta na forma a habita entre nós; isto é, penetra no âmbito da consciência humana. Tiphareth, o Filho, "mostranos" Kether, o Pai.

11. Para que a forma possa estabilizar-se, as forças que a compôem devem estar equilibradas. Por conseguinte, a idéia do Mediador, ou Redentor, é inerente a essa Sephirah. Quando a divindade, seu próprio eu, se manifesta na forma, essa forma precisa estar perfeitamente equilibrada. Poder-seia corretamente inverter a proposição a dizer que, quando as forças que edificam uma forma estão perfeitamente equilibradas, a divindade, seu próprio eu, se manifesta nessa forma de acordo com seu tipo. Deus manifesta-se entre nós quando as condições permitem a manifestaçâo.

12. Vindo à manifestação, nos planos da forma, no aspecto de Criança de Tiphareth, o deus encarnado chega à maturidade a torna-se o Redentor. Em outras palavras, tendo obtido a encamação por meio da matéria num estado virginal, isto é, Maria, Marah, o Mar, a Grande Mãe, Binah, a Suprema, distinta da Mãe Inferior, Malkuth, a manifestação de Deus em desenvolvímento procura para sempre reter o Reino de suas Sephiroth centrais num estado de equilíõrio.

13. Quando se representa na Árvore o hieróglifo da Queda, é interessante notar que as cabeças da Grande Serpente que provém do Caos chegam até Daath a não a ultrapassam.

14. O Redentor, portanto, manifesta-se em Tiphareth, a faz um esfor. ço incessante para redimir o seu Reino, reunindo-o às Esferas Supremas através do abismo aberto pela Queda, que separou as Sephiroth inferiores das superiores, a procurando equilibrar as diversas forças do reino sêxtuplo.

15. Para esse fim, sacrificam-se os deuses encarnados, morrendo pelo povo, a fim de que a tremenda força emocional libertada por esse ato possa compensar a força desequilibrada do Reino e, assim, redin-ii-to ou equilibrálo.

16. Essa Esfera da Árvore recebe o nome de Centro Cristológico, e é aqui que a religião cristã tem seu ponto focal. As fés panteístas, tais como a grega e a egípcia, centralizam-se em Yesod; a as fés metafísicas, tais como a budista e a confucionista, visam a Kether. Mas, assim como todas as religiões dignas do nome têm um aspecto esotérico ou místico, a um aspecto exotérico ou panteísta, o Cristianismo, embora seja essencialmente uma fé tipharéthica, tem seu aspecto místico centralizado em Kether, a seu aspecto mágico, como se vê no Catolicismo popular, centralizado em Yesod. Seu aspecto evangélico visa à concentração em Tiphareth como Criança e Deus Sacrificado, a ignora o aspecto do Rei no centro de seu Reino, rodeado pelas cinco Sephiroth sagradas da manifestação.

17. Consideremos, agora, a Árvore do ponto de vista macrocósmico, observando os diferentes arquétipos da força manifestante que entra em ação a edifica o universo, analisando-as apenas remotamente, do ponto de vista microcósmico, em seu aspecto psicológico, como fatores da consciência. Mas, com Tiphareth, nosso modo de aproximação se modifica, pois doravante as forças arquetípicas estão encerradas em formas, a só podemos nos aproximar delas do ponto de vista de seu efeito sobre a consciência; em outras palavras, nosso modo de aproximação deve se fazer por meio da experiência direta dos sentidos, embora esses sentidos não pertençam apenas ao plano físico, mas funcionam tanto em Tiphareth como em Yesod, cada um de acordo com o tipo que lhe corresponde. Enquanto estávamos nos níveis superiores, tivemos de contar com a analogia metafísica a raciocinar por dedução a partir dos primeiros princípios; estamos agora no campo legítimo da ciência indutiva, a devemos nos submeter à sua disciplina e expressar nossas descobertas em seus termos; mas, ao mesmo tempo, devemos manter nosso vínculo com o transcendental através de Tiphareth; podemos fazê-to expressando o simbolismo de Tiphareth nos termos da experiência mística. Todas as

experiências místicas do tipo em que a visão termina numa luz cegante são atribuídas a Tiphareth, pois a dissolução da forma no influxo opressivo da força caracteriza o modo transitório da consciência des-

sa Esfera na Árvore. As visões que mantêm claramente a forma definida são características de Yesod. As iluminações que não têm forma, como as descritas por Plotino, dizem respeito a Kether.

18. Em Tiphareth, reúnem-se a recebem iüterpretação as operações da magia natural de Netzach e a magia hermética de Hod. Ambas essas operações realizam-se em termos de forma, embora a forma predomine na operaçáo de Hod num grau maior do que nas de Netzach. Todas as visões astrais de Yesod devem ser traduzidas em termos de metafísica através das experiências místicas de Tiphareth. Se essa tradução não é feita, caímos nas alucinações, pois acreditamos que os reflexos projetados no espelho da mente subconsciénte a traduzidas aqui em termos de consciência cerebral são as coisas reais - de que elas são, na verdade, apenas as representações simbólicas.

19. Kether é metafísica; Yesod é psíquica; a Tiphareth é essencialmente mística, compreendendo-se o termo "místico" como um modo de operação mental em que a consciência cessa de trabalhar nas representaçóes subconscientes simbólicas, ganhando conhecimento por meio de reações emocionais.

20. Os diferentes títulos adicionais e o simbolismo atribuído às várias Sephiroth, a especialmente os nomes divinos, dão-nos uma chave importantíssima para a compreensão dos mistérios da Bíblia, que é essencialmente um livro cabalístico. De acordo com a maneira pela qual a Divindade é referida, sabemos a que Esfera da Árvore o modo particular de manifestação deve ser referido. As referências ao Filho concernem sempre a Tiphareth; as referências ao Pai referem-se a Kether; as referências ao Espírito Santo referem-se a Yesod; a os mistérios mais profundos são secretos, pois o Espírito Santo é o aspecto da Divindade que é adorado nas lojas ocultas; a adoração das forças naturais panteístas a as operações elementais ocorrem sob o governo de Deus Pai; e o aspecto ético a regenerativo da religião, que é o aspecto exotérico destinado à sua época, está sob o governo de Deus Filho em Tiphareth.

21. O iniciado, contudo, transcende sua época, a visa à união dos três modos de adoração em seu culto à Divindade enquanto trindade na unidade; o Filho redime o culto panteísta da natureza da degradação a torna o Pai transcendental compreensível à consciência humana, pois "aquele que Me viu viu o Pai".

22. Tiphareth, contudo, não é apenas o centro do Deus Sacrificado, mas também o centro do Deus Inebriador, o Dador de Iluminação. Dionísio refere-se a esse centro, assim como Osíris, pois, como já vimos, o Pilar Central diz respeito aos modos de consciência; e a consciência humana, elevando-se de Yesod pelo Caminho da Flecha, recebe a iluminaçáo em Tiphareth; por conseguinte, todos os dadores de iluminação nos Panteões são atribuídos a Tiphareth.

23. A iluminação consiste na introdução da mente num modo de consciência mais elevado do que aquele que é edificado a partir da experiência sensorial. Na iluminação, a mente muda de marcha, por assim dizer. Mas, a não ser que o novo modo de consciência seja vinculado ao anterior a traduzido em termos de pensamento finito, esse modo manifesta-se como um raio de luz que cega por seu brilho. Não vemos por meio do raio de luz que brilha sobre nós, mas por meio do reflexo desse raio, que se projeta sobre os objetos de nossa própria dimensão. A não ser que nossas mentes possuam idéias que possam ser iluminadas por esse modo superior de consciência, elas serão simplesmente esmagadas e, após esse experiência cegante com um modo superior de consciência, a escuridão será muito mais intensa para os nossos olhos, do que o era antes. Na verdade, não mudamos exatamente de marcha, mas deixamos o mecanismo de nossa mente como que desembreado. Esse é, de modo geral, o significado da iluminação. Por mais breve que seja o relâmpago, ele é suficiente para convencer-nos da realidade da existência suprafísica, mas não para ensinar-nos algo a respeito de sua natureza.

24. A importância do estágio de Tiphareth na experiência mística reside no fato de que a encamação da Criança ocorre aqui; em outras palavras, a experiência mística engendra gradualmente um corpo de imagens que se ilnminam a se tomam visíveis quando ocorrem as iluminaçôes.

25.O aspecto de Criança de Tiphareth é também um aspecto muito importante para nós no trabalho prático dos Mistérios relativos à iluminação. Pois devemos aceitar o fato de que a Criança-Cristo não nasceu, como Minerva, da cabeça de Deus Pai, mas começa com uma pequena coisa, deitada humildemente entre os animais a sem mesmo ser admitida na hospedaria com os humanos. Os primeiros raios da experiência mística devem ser obrigatoriamente muito limitados, pois não tivemos tempo para construir, graças à experiência, um corpo de imagens a de idéias que possam representá-las. Precisamos de muito tempo para reunir essas imagens a idéias às experiências transcendentais, acrescentando sua quota e a subseqüente meditação racional que as organiza.

26. Os místicos cometem com freqüência o erro de pensar que estão seguindo a Estrela até o lugar do Sermão da Montanha a não à manjedoura de Belém, onde ocorreu o nascimento. E aqui que o método da Árvore revela toda a sua utilidade, permitindo ao transcendental expressar-se em termos de simbolismo, a que o simbolismo se expresse em termos de metafísica, unindo assim o psiquismo com o espiritual por meio do intelecto, e iluminando os três aspectos de nossa consciência temária.

27. É em Tiphareth que essa tradução se faz, pois é nessa Esfera que se reúnem as experiências místicas da consciência direta que iluminam os símbolos psíquicos.

II

28. O Pilar Central da Árvore é essencialmente o Pilar da Consciência, assim como os dois Pilares laterais são os Pilares dos poderes ativos a passivos. Quando considerada microcosmicamente, ou seja, do ponto de vista da psicologia a não da cosmologia, Kether, a Centelha Divina em torno da qual se organiza o ser individualizado, deve ser encarada antes como o núcleo da consciência do que como a própria consciência. Daath, a Sephirah invisível, é também o Pilar Central, embora, falando estritamente, ela pertença sempre a um plano diferente daquele em que a Árvore está sendo considerada. Por exemplo, como no momento estamos considerando a Árvore microcosmicamente, Daath seria o ponto de contato com o macrocosmo. É só com Tiphareth que alcançamos a consciência claramente defuvda a individualizada.

29. Tiphareth é o ápice funcional da Segunda Tríade da Árvore, cujos dois ângulos básicos consistem em Geburah a Gedulah (Chesed). Essa Segunda Tríade, emanando da Primeira Tríade das Três Supremas, forma a individualidade evolutiva, a alma espiritual. É ela que perdura a se repete através da evolução, é dela que emanam as sucessivas personalidades, as unidades da encamação, e é nela que a essência ativa da experiência se reabsorve ao final de cada encarnação, quando a unidade encarnada volta ao pé a ao éter.

30. É essa Segunda Tríade que forma a Sobrealma, o Eu Superior, o Santo Anjo da Guarda, o Primeiro Iniciador. É essa voz desse eu superior que com freqüência se ouve, a não a voz de entidades desencamadas, ou do próprio Deus, como pensam aqueles que foram treinados na tradição.

31. Ofuscada a dirigida pela Segunda Tríade, a Terceira Tríade organiza-se através da experiência da encarnação, com Malkuth como seu

veículo físico. A consciência cerebral pertence a Malkuth, e é a única de que dispomos enquanto estamos aprisionados em Malkuth. Mas as portas de Malkuth náo estáo rigorosamente fechadas nos dias de hoje, a são muitos aqueles que podem enxergar através dos estalidos da fantasmagoria do plano astral, experimentando a consciência psíquica de Yesod. Quando essa Esfera é alcançada, o Caminho se abre para o psiquismo superior - a verdadeira vidência, que é característica da consciência de Tiphareth.

32. Nossa primeira experiência do psiquismo superior, portanto, expressa-se normalmente, no início, em termos do psiquismo inferior, pois, ao nos livrarmos de Malkuth, contemplamos o Sol de Tiphareth da Esfera lunar de Yesod. Por conseguinte, ouvimos vozes com o ouvido interior a vemos visões com o olho interior, mas elas diferem da consciência psíquica comum porque não são as representações diretas das formas astrais, mas apresentaçóes simbólicas das coisas espirituais em termos de consciência astral. Essa é uma função normal da mente subconsciente, e é muito importante que seja plenamente compreendida, pois a má interpretação desse ponto dá origem a seriíssimos problemas, podendo até mesmo conduzir ao desequilíbrio mental.

33. Aqueles que estão familiarizados com a terminologia cabalística sabem que a primeira das iniciaçóes maiores consiste no poder de desfrutar do conhecimento a da conversação de nosso Anjo da Guarda Sagrado; este, lembremos, é, na verdade, nosso próprio eu superior. A característica desse modo superior de operação mental não consiste em vozes nem visões, mas é consciência pura; é uma intensificação da consciência, a dessa atividade da mente provém um poder peculiar de compreensão a penetração que partilha da natureza da intuição superdesenvolvida. A consciência superior nunca é psíquica, mas intuitiva, a não contém nenhuma imagética sensorial. É essa ausência de imagética sensorial que informa o iniciado experiente de que ele está no nível da consciência superior.

34. Os antigos sabiam disso, a estabeleciam uma diferença entre os métodos mântricos que provocam os contatos ctónicos e a divina inebriação dos Mistérios. As Mênades que dançavam no cortejo de Dionísio pertenciam a uma ordem de iniciação totalmente diferente da ordem das pitonisas; as pitonisas eram sensitivas a médiuns, mas as Mênades, as iniciadas dos Mistérios Dionisíacos, experimentavam uma exaltação da consciência a uma aceleração da vida que lhes permitiam realizar surpreendentes proezas de força.

35. Todas as religiões dinâmicas têm seu aspecto dionisíaco; muitos santos da religiâo cristã relataram que o Cristo Crucificado de sua devoção lhes veio na forma do Esposo Divino; e, quando falam dessa inebriação

divina de que participaram, sua linguagem utiliza as metáforas do amor humano como sua expressão apropriada - "Como és adorável, minha irmã, minha esposa"; "Aturdido pelos beijos dos lábios de Deus (. . .)". Essas coisas dizem muito para aqueles que sabem compreendê-las.

36. O aspecto dionisíaco da religião representa um fator essencial na psicologia humana, e é a má compreensáo desse fato que, por um lado, impede a manifestação das experiências espirituais superiores em nossa moderna civilizaçáo e, por outro, permite as estranhas aberrações do sentimento religioso que, de tempos em tempos, dá origem ao escândalo e à tragédia nas posiçáes mais elevadas de movimentos religiosos bastante dinâmicos.

37. Há uma certa concentração a exaltação emocional que possibilita as fases superiores de consciência, a sem a qual é impossível atingi-las. As imagens do plano astral se transformam numa emoção com a intensidade do fogo ardente e, quando toda a escória da natureza se transforma em chamas, a fumaça se clareia, a somos deixados com o fogo branco da consciência pura. Pela própria natureza da mente humana, que tem o cérebro como seu instrumento, esse fogo branco não pode durar por muito tempo; mas, no breve espaço de sua duração, o temperamento sofre mudanças, e a própria mente recebe novos conceitos a experimenta uma expansão que nunca se retrai por completo. A tremenda exaltação da experiência desaparece, mas somos deixados com uma permanente expansão da personalidade, uma capacidade intensificada para a vida em geral a um poder de compreensão das realidades espirituais que nunca seriam nossas se não nos balançássemos forçosamente por sobre o grande abismo da consciência no momento do êxtase.

38. Os líderes espirituais de hoje não têm qualquer conhecimento da técnica da produção deliberada do êxtase a nenhuma idéia de como dirigilo quando ocorre espontaneamente. Os revivalistas conseguiram produzir uma forma híõrida de êxtase entre as pessoas de pouca instrução, utilizando o magnetismo pessoal, e o valor de um revivalista é medido por seu poder de inebriar os ouvintes. Mas as conseqüências dessa inebriação equivalem às de qualquer outra inebriação, e a vida parece extremamente velha, tediosa e inútil quando o revivalista se volta para outros campos de atividade. Quando a inebriação tem fim, o converso pensa que perdeu Deus; ninguém parece compreender que o êxtase é um relâmpago de magnésio na consciência e que, se fosse prolongado, queimaria o cérebro e o sistema nervoso. Mas, embora ele não possa ser prolongado, a não se pense em prolongá-lo, graças a ele atravessamos o centro morto da consciência a despertamos para uma vida superior.

39. A técnica da Árvore oferece uma definição precisa para essas experiências espirituais, a aqueles que são treinados nessa técnica não tomam o despertar de sua própria consciência superior como a voz de Deuz. Da consciência sensorial de Malkuth, por meio do psiquismo astral de Yesod, às intuições informes e à consciência ativada de Tiphareth, eles sobem e descem suave a habilmente, nunca confundindo os planos ou sofrendo a sua mistura, mas concentrando-os numa consciência centralizada.

III

40. Os cabalistas chamam Tiphareth de Shemesh, ou Esfera do Sol, e é interessante notar que todas as divindades solares são deuses curadores, e que todos os deuses curadores são deuses solares - fato em que devemos meditar.

41. O Sol é o ponto central de nossa existência. Sem o Sol não haveria o sistema solar. A luz do Sol exerce um papel importantíssimo no metabolismo, ou processo vital, das criaturas vivas, a toda a nutrição das plantas verdes depende dele. Sua influência está intimamente ligada à das vitaminas, o que é comprovado pelo fato de certas vitaminas poderem ser utilizadas para suplementar a sua ação. Vemos, por conseguinte, que a luz solar é um fator muito importante em nosso bem-estar; poderíamos it mais longe e dizer que ele é essencial à nossa existência a que nossa associação com o Sol é muito mais íntima do que compreendemos.

42. O símbolo do Sol no reino mineral é o ouro, puro a precioso, que todas as nações concordaram em chamar de metal solar a reconhecer como metal precioso a unidade básica de troca. O papel exercido pelo ouro na política das nações excede bastante a sua utilidade intrínseca como mental. O ouro é, ademais, a única substância na Terra que é incorruptível a imaculável. Ele pode embaçar devido à acumulação de impurezas em sua superfície, mas o metal em si, ao contrário da prata a do ferro, não sofre alteração ou decomposição química. Nem a água consegue corroê-lo.

43. O Sol é para nós o Dador de Vida e a fonte de todo ser; é o único símbolo adequado de Deus Pai, que pode apropriadamente ser chamado de Sol atrás do Sol, sendo Tiphareth, na verdade, o reflexo imediato de Kether. É por meio da mediação do sol que a vida se originou na Terra, e é por meio da consciência tipharética que entramos em contato com as fontes da vitalidade a as assimilamos, tanto consciente quanto inconscientemente.

44. O Sol é, acima de todas as coisas, o símbolo da energia manifestante; são as efusões súbitas a excepcionais da energia espiritual a solar que causam a inebriação divina do êxtase; é o ouro, como base monetária, o representante objetivo da força da vida exteriorizada; pois, na verdade, o dinheiro é vida a vida é dinheiro, pois sem dinheiro não podemos viver plenamente a vida. A força vital, que se manifesta no plano físico como energia e no plano mental como inteligência a conhecimento, pode ser transmutada, pela alquimia apropriada, em dinheiro, que é a prova da capacidade ou energia de alguém. O dinheiro é o símbolo da energia humana, por meio da qual podemos acumular, hora após hora, o produto de nosso trabalho, recebendo-o como salário no final do mês, a gastando-o em coisas necessárias ou guardando-o para a utilização futura que considerarmos conveniente. O ouro que garante as cédulas monetárias é um símbolo da energia humana, a só pode ser obtido por um gasto dessa energia; embora ela possa ser a energia de um pai ou de um marido, transmitida por herança, não obstante é o símbolo da atividade de algum ser humano em alguma esfera, mesmo se esta for apenas a da sociedade de ladrões.

45. Os movimentos secretos a subterrâneos do ouro atuam na política das nações como os hormônios no corpo humano; a há leis cósmicas que lhe governam os movimentos cíclicos a fortuitos, sobre as quais os economistas não fazem a menor idéia.

46. Kether, o Espaço, a fonte de toda existência, reflete-se em Tiphareth, que age como um transformador a distribuidor da energia espiritual primordial. Recebemos essa energia diretamente por meio da luz solar, e indiretamente por meio da clorofila nas plantas verdes, que lhes possibilita utilizar a luz solar, a que ingerimos em primeira mão nos alimentos vegetais e em segundo lugar, nos tecidos dos animais hérbívoros.

47. Mas o deus solar é mais do que a fonte da vida. Ele é também o curador que age quando a vida vai mal. Pois é a própria vida, seus excessos, falta, ou maldirecionamento, que constitui a atividade nos processos da enfermidade; a enfermidade não tem energia, a não ser a que rouba à vida do organismo. É, por conseguinte, pelos ajustamentos na força vital que a cura pode ser realizada, a os deuses solares são os deuses naturais que devem ser evocados a esse respeito, pois a vida e o Sol estão intimamente associados.

48. É por meio do conhecimento da manipulação da influência solar que os antigos sacerdotes-iniciados realizavam suas curas, e a adoração do Sol está na raiz do culto de Esculápio na Grécia antiga.

49. Nós, os modernos, aprendemos o valor da luz solar e das vitaminas em nossa economia fisiológica, mas não compreendemos o papel importantíssimo desempenhado pelo aspecto espiritual das influências solares em nossa economia psíquica, utilizando essa palavra em seu sentido dicionarizado. Há um fator tipliarético na alma humana que, de acordo com a tradição antiga, tem sua correspondência física no plexo solar, não na cabeça ou no coração, que é capaz de recolher o aspecto sutil da energia solar da mesma maneira pela qual a clorofila na folha de uma planta recolhe seu aspecto mais tangível. Se nos privamos dessa energia a somos impedidos de assimilá-la, adoecemos a enfraquecemos, tanto na mente como no corpo, como as plantas que crescem num porão, privadas de sua luz.

50. Essa separação do aspecto espiritual da natureza deve-se às atitudes mentais. Quando recusamos reconhecer nosso papel na natureza, e o papel da natureza em nós, inibimos esse fluxo livre de magnetismo vitalizante que circula entre a parte e o todo; a na falta de certos elementos essenciais à função espiritual, a saúde psíquica é impossível.

51. Os psicanalistas atribuem grande importância à repressão como uma causa da enfermidade psíquica; eles aprenderam a reconhecer a repressão porque, em sua forma extrema, de repressão sexual, seus efeitos nocivos são evidentes. Eles não compreenderam, contudo, que a repressão sexual, a não ser quando causada pelas circunstâncias, caso em que não dá origem a dissociações, é apenas o resultado de uma causa que reside muito além do sexo, a tem suas raízes numa falsa espiritualidade, um refinamento a um idealismo espúrio, que conduziu à supressão da simpatia, da franqueza a da gratidão numa criatura viva em face do Dador de Vida, o aspecto superior da natureza. Isso tem como causa a sua vaidade espiritual, que considerava indignos os aspectos mais primitivos da natureza.

52. É por causa de nossos ideais espúrios, com seus falsos valores, que temos tantas enfermidades neuróticas em nosso meio. É por não honrarmos a Priapo e a Cloacina como divindades que fomos amaldiçoados pelo deus do Sol a separados de Sua influência benéfica, pois um insulto aos Seus aspectos inferiores é um insulto á Ele.

53. Quando uma criatura não está num estágio adequado para a reprodução, o chamado do sexo lhe é repugnante; essa é a base natural do pudor, que protege o organismo do desgaste a da exaustão. Como uma acumulação dos excrementos decompostos dá origem à enfermidade, o odor de seus excrementos é repulsivo às criaturas vivas, mesmo àquelas de desenvolvimento mais inferior, de modo que elas evitam a sua proxinúdade. Por causa dessas duas repulsas, tão racionais a úteis sob

condições naturais, os diversos modos dos tabus irracionais se desenvolveram sob nossas condições artificiais de vida civilizada.

54. Nossa atitude em face dessas duas importantes seções da vida natural implica que elas são desnaturais, degradadas, venenosas. Conseqüentemente, privamo-nos dos contatos terrestres; então, o circuito se quebra e os contatos celestes nos faltam. A corrente cósmica provém de Kether, passa por Tiphareth a Yesod, a chega a Malkuth; se o circuito se quebra em qualquer parte, ele não pode funcionar. Certo, é impossível quebrar totalmente o circuito durante a vida, pois os processos vitais estão tão profundamente enraizados na natureza, que não podemos suprimi-los por completo; mas uma atitude mental pode causar um entupimento do cano, por assim dizer, a pode tanto isolá-la a inibi-la a ponto de permitir que apenas um magro fluxo seja aspirado pelo organismo desesperado.

55. Em Tiphareth, o Sol Central a espiritual se manifesta no natural, a deveríamos reverenciar o deus do Sol como representante da naturalização dos processos espirituais; a espiritualização dos processos naturais teria muito a responder na história do sofrimento humano.

IV

56. Os símbolos atribuídos à Sexta Sephirah tomam-se tema de um estudo muito iluminador quando os examinamos à luz do que agora sabemos sobre o significado de Tiphareth, pois temos aqui um exemplo muito claro da maneira pela qual os símbolos atribuídos a uma dada Sephirah se entrelaçam numa interminável cadeia de associações concatenadas.

57. O significado da palavra hebraica Tiphareth é beleza; a das muitas definiçôes de beleza que foram propostas, a mais satisfatória é a que faz a beleza constituir uma relação de proporçôes harmoniosas, qualquer que seja a coisa bela, moral ou material. Por conseguinte, é interessante descobrir a Sephirah da Beleza como o ponto central de equilrõrio de toda a Ãrvore, constatando que uma das duas experiências espirituais atribuídas a Tiphareth é a visão da harmonia das coisas.

58. É curioso que duas experiências espirituais distintas e, à primeira vista, sem relação recíproca, sejam atribuídas a Tiphareth; ela é, de fato, a única Esfera da Árvore em que isso ocorre. É também a única a que se atribuem diversas imagens mágicas; devemos perguntar, por conseguinte, por que é essa Sephirah central que tem esses múltiplos aspectos. A resposta encontra-se no Texto Yetzirático que lhe corresponde, o qual

declara: "O Sexto Caminho chama-se Inteligência Mediadora." Um mediador é essencialmente um elo unificador, um intermediário; conseqüentemente, Tiphareth, em sua posição central, deve ser encarada como um comutador de duas fases, a devemos considerá-la ao mesmo tempo como receptora dos "influxos das emanações" a como causa das influências que fluem "para todos os reservatórios das bênçãos". Podemos assim considerá-la como a manifestação exterior das cinco Sephiroth mais sutis, a também como o princípio espiritual que subjaz às quatro Sephiroth mais densas. Se a considerarmos do lado da forma, ela é força; se a considerarmos do lado da força, é forma. Ela é, de fato, a Sephirah arquetípica em que os grandes princípios representados pelas cinco Sephiroth superiores são formulados em conceitos. "Nele se multiplicam os influxos das emanações", como declara o Sepher Yetzirah.

59.O nome Zoar Anpin, o Rosto Menor, antónimo de Arik Anpin, o Rosto Enorme, um dos títulos de Kether, confirma essa idéia. Pois as formulações informes de Kether tomam forma nessa Sephirah, a esfera da mente superior. Como já observamos anteriormente, Kether se reflete em Tiphareth. O Velho dos Dias vê-se refletido como num espelho, e a imagem refletida do Rosto Enorme chama-se Rosto Menor a Filho.

60. Mas, embora seja uma manifestação menor a uma geração mais jovem quando vista de cima, Tiphareth é também Adão Cadmo, o Homem Arquetípico, quando considerada de baixo - ou seja, do lado de Yesod e Malkuth. Tiphareth é Malek, o Rei, o Esposo de Malkah, a Noiva, que é um dos títulos de Malkuth.

61. É em Tiphareth que encontramos as idéias arquetípicas que formam a estrutura invisível de toda criação manifesta que formula a expressa os princípios primários emanados das Sephiroth mais sutis. Ela é, por assim dizer, um tesouro de imagens num arco superior; mas, ao passo que o plano astral é povoado por imagens refletidas das formas, as imagens da Esfera de Tiphareth são aquelas que se formulam e, por assim dizer, se cristalizam a partir das emanações espirituais das potências superiores.

62. Tiphareth é o mediador entre o microcosmo e o macrocosmo; "Como em cima, tal é embaixo", essa é a linha mestra da Esfera de Shemesh, na qual o Sol que está atrás do Sol se concentra na manifestação.

63. Encontramos na anatomia do Homem Divino a interpretação do sentido da organização a da evolução; de fato, o universo material consiste literalmente nos órgãos a nos membros desse Homem Divino; e é através de uma compreensão da alma de Adão Cadmo, formado pelos "influxos das emanações", que podemos interpretar-Lhe a anatomia èm termos de função,

que é o único meio no qual a anatomia pode ser apreciada inteligentemente. É porque a ciência se contenta em ser descritiva, esquivando-se das explicaçôes fmalistas, que lhe falta a profundidade filosófica.

64. Na psicologia transcendental, que é a anatomia do microcosmo, o peito é a correspondência atribuída a Tiphareth. No peito estão os pulmões e o coração; imediatamente abaixo desses órgãos, intimamente relacionados com eles a controlando-os, está a maior rede de nervos do corpo, conhecida como plexo solar, nome que foi convenientemente cunhado pelos antigos anatomistas. Os pulmões mantêm um relacionamento singularmente íntimo entre o microcosmo e o macrocosmo, detemminando a entrada e a saída do movimento periódico da atmosfera, que jamais cessa de dia ou de noite, até que o vaso de ouro se quebre e o fio de prata se rompa a cessemos de respirar. O coração determina a circulação do sangue, e o sangue, como afirmou acertadamente Paracelso, é um "fluido singular". A medicina modema sabe muito bem o que a luz solar significa para o sangue. Ela descobriu também que a clorofila, a substância verde das folhas das plantas a que lhes permite utilizar a luz solar como sua fonte de energia, tem uma poderosa influência sobre a pressão do sangue.

65. As três imagens mágicas de Tiphareth são curiosas, pois, à primeira vista, são tão díspares que cada uma parece invalidar as outras. Mas, à luz do que agora sabemos a respeito de Tiphareth, seu significado a relacionamento aparece claramente, através da linguagem do simbolismo, especialmente quando a estudamos à luz da vida de Jesus Cristo, o Filho.

66. Tiphareth, sendo a primeira coagulação das Supremas, é adequadamente representada como a Criança recém-nascida na manjedoura, em Belém; como Deus Sacrificado, ela se toma o mediador éntre Deus e o homem; e, quando ressuscita dos mortos, Ele o faz como um rei em seu reino. Tiphareth é a Criança de Kether e o rei de Malkuth, a em sua própria esfera Ele é sacrificado.

67. Não compreenderemos corretamente Tiphareth se não tivermos algum conceito do sentido real do sacrifício, que é muito diferente do sentido popular, que o concebe como a perda voluntária de algo querido. O sacrifício é a tradução da força de uma forma a outra. Não existe uma destruiçáo total da força; por mais que ela desapareça de nosso alcance, ela se mantém em alguma outra forma, de acordo com a grande lei natural da conservação da energia, que é a lei que mantém nosso universo em existência. A energia pode ser encerrada na forma, tornando-se, por conseguinte, estática; ou pode ser libertada dessa prisão da forma a posta em circulação. Quando fazemos um sacrifício de qualquer espécie, tomamos uma forma estática de energia e, quebrando a forma que a

aprisiona, colocamo-la em livre circulação no cosmo. O que sacrificamos numa forma retoma novamente, no devido tempo, sob outra forma. Aplicando esse conceito às idéias religiosas a éticas do sacrifício, obtemos algumas pistas muito valiosas.

68.O Nome divino dessa Esfera é Aloah Va Daath, que a associa estreitamente com a Sephirah invisível que se encontra entre ela a Kether. Essa Sephirah, como já observamos, explica-se antes como apreensão - a alvorada da consciência; a podemos interpretar a frase "Tetragranunaton Aloah Va Daath" como "Deus manifesto na esfera da mente".

69. No microcosmo, Tiphareth representa o psiquismo superior, o modo de consciência da individualidade, o eu superior. Ela é essencialmente a Esfera do misticismo religioso, que se distingue da magia a do psiquismo de Yesod; lembremos que as Sephiroth do Pilar Central da Árvore representam poderes a modos de funcionamento. Tiphareth é também a Esfera dos Grandes Mestres; é o templo edificado por mãos não-humanas, eterno nos céus, e a Grande Loja Branca. É aqui que o adepto iniciado opera quando está na consciência superior; é aqui que ele entra em contato com os Mestres, e é por meio do Nome a por uma compreensâo do significado do Nome de Aloah Va Daath que ele se abre a essa consciência superior.

70. Notemos que é apenas na proporção do significado que uma palavra tem para nós que ela se toma uma Palavra de Poder. O nome de sua vítima é uma Palavra de Poder para o assassino. Tal é seu poder que, em alguns países, a polícia, enquanto interroga um suspeito, registra com aparelhos as alteraçôes de sua pressão sangüínea; o nome da vítima a outras palavras relacionadas ao crime são subitamente sussurradas em seu ouvido e, se essas forem "palavras de poder" para ele, o instrumento as registrará sem margem de erro.

71. Acredita-se popularmente que os Nomes de Poder exercem influência direta sobre espíritos, anjos, demônios a outros seres, mas isso não é verdade. O Nome de Poder exerce sua influência sobre o mago e, exaltando-lhe a dirigindo-lhe a consciência, torna-o capaz de entrar em contato com o tipo escolhido de influência espiritual; se ele teve experiência desse tipo particular de influência, a Palavra de Poder agitará poderosas lembranças subconscientes; se ele não as teve, abordando o assunto com o espírito sem imaginação a incrédulo do erudito, o "bárbaro Nome de Evocação" será como o hocus-pocus para ele. Notemos, porém, que, para o católico crente, hocus-pocus - que é o nome protestante para a fraude a para a superstição, e de onde deriva a palavra hoax (logro) -

significa Hoc est Corpus, o que é uma história totalmente diferente. É o ponto de vista que importa nesses assuntos.

72. É por essa razão que se atribui uma experiência espiritual definida a cada Sephirah; e, enquanto o aspirante não tiver a experiência correspondente, ele não será um iniciado dessa Sephirah, a não poderá utilizar os seus Nomes de Poder, mesmo que os conheça. Segundo a tradição, não basta conhecer um Nome de Poder; é preciso também saber como vibrá-lo. Acredita-se geralmente que a vibração de um Nome de Poder é a nota justa pela qual o cantamos; mas a vibração mágica é algo muito mais que isso. Quando experimentamos uma profunda emoção e, ao mesmo tempo, somos devocionalmente exaltados, a voz desce muitos tons abaixo de seu normal a toma-se ressoante a vibrante; é esse tremor de emoção, combinado com a ressonância e a devoção, que constitui a vibração de um Nome, a essa experiência não pode ser aprendida ou ensinada, devendo antes ser espontânea. É como o vento que sopra onde lhe apraz. Quando ele ocorre, somos sacudidos dos pés à cabeça com uma onda de calor, a todos os que o ouvem prestam-lhe atenção involuntariamente. É uma experiência extraordinária ouvir uma Palavra de Poder vibrada. É uma experiência ainda mais extraordinária vibrá-la.

73. O arcanjo de Tiphareth é Rafael, o "espírito que está no Sol", e que é também o anjo da cura.

74. Quando o iniciado "trabalha" na Árvore, ou seja, quando edifica em sua imaginação um diagrama da Árvore da Vida em sua aura, ele formula Tiphareth em seu plexo solar, entre o abdome e o peito; se desejar trabaIhar na Esfera da sexta Sephirah, a concentra o poder nesse centro, descobrirá que ele próprio se tomou um espírito imerso no Sol, rodeado pela flamejante fotosfera. Uma coisa é formular a Sephirah na aura, a outra completamente diferente é achar-se situado dentro dessa Sephirah. Embora se possa receber a influência de uma Sephirah por meio da primeira operação -, e esse é um bom método rotineiro para a meditação diária, - somente depois de "virarmos pelo avesso", de modo que a posição se inverta, ficando não a Esfera dentro de nós, mas nós dentro da Esfera, é que poderemos trabalhar com o poder de uma Sephirah. É essa experiência que constitui a culminação iniciática de uma Sephirah.

75. O coro angélico de Tiphareth são os Malachim, ou Reis. São os princípios espirituais das forças naturais - e ninguém pode controlar, ou mesmo fazer um contato seguro com princípios elementais, a não ser que experimente a iniciação de Tiphareth, que é a de um adepto menor. É preciso que sejamos aceitos pelos Reis Elementais, ou seja, é preciso que compreendamos a natureza espiritual última das forças naturais antes de

podermos manipulá-las em sua forma elemental. Em sua forma elemental subjetiva, elas aparecem no microcosmo como poderosos instintos de combate, de reprodução, de autodegradação, de autoexaltação, a todos aqueles fatores emocionais conhecidos pelo psicólogo. É óbvio, portanto, que, se agitamos a estimulamos essas emoções em nossas naturezas, devemos fazê-to para que possamos utilizá-las como servos do eu superior, dirigido pela razão e por princípios espirituais. É necessário, por conseguinte, que, quando operamos as forças elementais, o façamos por meio dos Reis, sob o governo do Arcanjo a pela invocação do Santo Nome de Deus, apropriados à Esfera. Microcosmicamente, isso significa que as poderosas forças elementais motrizes de nossa natureza estão relacionadas com o eu superior, a não dissociadas no submundo qliphótico da inconsciência freudiana.

76. As operações elementais não são, naturalmente, realizadas na Esfera de Tiphareth, mas é essencial que elas sejam controladas da Esfera de Tiphareth, se desejamos nos manter no âmbito da Magia Branca. Não havendo esse controle superior, as operações descambarão rapidamente para a Magia Negra. Afirma-se que, na Queda, as quatro Sephiroth inferiores se desligaram de Tiphareth a foram assimiladas pelas Qliphoth. Quando as forças elementais se desligam de seus princípios espirituais, tomando-se fins em si mesmos ainda que não se vise à experimentação maligna, a Queda tem lugar, e a degradação logo se lhe segue. Mas, quando compreendemos claramente o princípio espiritual que subjaz a todas as coisas naturais, estas permanecem num estado de inocência, para utilizar um termo teológico com uma conotação definida; elas não caem, a podemos operá-las com segurança e desenvolvê-las vantajosamente em nossas próprias naturezas, produzindo, assim, a liberdade e o equilíbrio tão necessários à saúde mental. Essa correlação do natural com o espiritual, que evita a queda deste último, mantendo-o num estado de inocência, é um ponto muito importante em todos os trabalhos práticos em qualquer forma de Magia.

V

77. Como já vimos, duas experiências espirituais concorrem para a iniciação de Tiphareth: a visão da harmonia das coisas e a visão dos Mistérios da Crucificação. Já vimos também que são dois os aspectos de Tiphareth, a que, por conseguinte, duas devem ser as experiências espirituais em sua iniciação.

78. Na visão da harmonia das coisas, percebemos mais profundamente o lado espiritual da natureza; em outras palavras, encontramos os reis angélicos, os Malachim. Por meio dessa experiência, compreendemos que o natural é apenas o aspecto denso do espiritual, o "Manto Exterior do Ocultamento", que cobre o "Manto Interno da Glória". É a falta dessa compreensão do significado espiritual do natural que se faz sentir tão lamentavelmente em nossa vida religiosa atual, a que é responsável por tantas enfermidades neuróticas a tanta infelicidade conjugal.

79. É por meio dessa visão da harmonia das coisas que nos unimos à natureza, não por meio dos contatos elementais. Os seres humanos que, pela cultura, se elevaram de uma ou outra maneira acima dos primitivos, não podem unir-se à natureza no nível elemental, pois fazê-to implica a degeneração, a eles se tomariam bestiais, nos dois sentidos da palavra. Os contatos naturais se fazem por meio dos reis angélicos dos elementos na Esfera de Tiphareth - em outras palavras, por meio da compreensão dos princípios espirituais que subjazem às coisas naturais -, e o iniciado encontra, assim, os seres elementais em nome de seu rei governante. Ele desce aos reinos elementais, vindo de cima, por assim dizer, trazendo consigo a sua humanidade; é, portanto, um iniciador para os elementais; mas, se o iniciado os encontra no nível deles, ele abre mão de sua humanidade a retoma a uma fase primitiva de evolução. A força elemental, não-limitada a não-mantida em xeque pelas limitaçôes de um cérebro animal, converte-se numa força desequilibradora quando flui através dos vastos canais de um intelecto humano, e o resultado é o caos, que é um dos reinos das Qliphoth.

80. Os Mistérios da Crucificação são macrocósmicos a microcósmicos. Em seu aspecto macrocósmico, encontramo-los nos mitos dos grandes redentores da humanidade, que nascem de um deus a de uma mãe virginal, enfatizando, assim, a natureza dual de Tiphareth, em que forma a força estão reunidas. Mas não esqueçamos seu aspecto microcósmico, enquanto experiência de consciência mística. É por meio da compreensão dos Mistérios da Crucificação, que diz respeito ao poder mágico do sacrifício, que somos capazes de transcender as limitaçôes da consciência cerebral, limitada à sensaçIo a condicionada à forma, a adentrar a consciência mais ampla do psiquismo superior. Tomamo-nos, assim, capazes de transcender a forma e, por conseguinte, realizar a força latente, transformando-a de estática em cinética a tomando-a disponível para a Grande Obra, que é regeneração.

81. A virtude característica da Esfera de Tiphareth é a devoção a essa Grande Obra. A Devoçáo é um fator muito importante no Caminho da

Iniciação que conduz à consciência superior, a devemos, por conseguinte, examiná-to cuidadosamente, analisando-lhe os elementos constitutivos. Poderíamos definir a devoção como o amor por algo que é superior a nós; por algo que evoca nosso idealismo; por algo que, embora não possamos igualar, não obstante nos faz desejar ser como ele; "Contemplando como num espelho a glória do Senhor, eles se transformam na imagem da glória". Quando um conteúdo emocional mais forte é infundido na devoção, tornando-se adoração, ele nos transporta por sobre o grande abismo existente entre o tangível e o intangível, a nos permite apreender coisas que os olhos não vêem nem os ouvidos ouvem. É essa devoçáo, que se eleva à adoração, na Grande Obra, que nos inicia nos Mistérios da crucificação.

82. O vício atribuído a Tiphareth é o orgulho, a nessa atribuição ternos uma importantíssima verdade psicológica. O orgulho tem suas raízes no egoísmo e, na medida em que estamos centrados em nós mesmos, não podemos nos unir com as coisas do mundo. No verdadeiro desprendimento do Caminho, a alma supera seus limites a penetra a Esfera das coisas por meio da simpatia ilimitada a do amor perfeito; mas no orgulho a alma tenta estender seus limites até possuir tudo o que estiver ao seu alcance, e é uma experiência muito diferente possuir uma coisa para com ela se unir, desejando que ela nos possua igualmente em perfeita reciprocidade. E esse arranjo unilateral é o vício do adepto. Ele deve tanto dar quanto receber, a deve dar-se sem reservas se quiser participar da união mística, que é o fruto do sacrifício da crucificação. "Que aquele que for o maior dentre vós seja o servo de todos", disse o Senhor.

83. Os símbolos associados a Tiphareth são o lámen, a Rosa-cruz, a cruz do calvário, a piràmide truncada e o cubo.

84. O lámen é o símbolo que o adepto ostenta sobre o peito para indicar uma determinada força. Um adepto que opera na Esfera de Shemesh, por exemplo, utilizará sobre o peito uma imagem do Sol resplandecente. Um lámen é a arma mágica de Tiphareth; por conseguinte, toma-se necessário dizer algo a respeito da natureza das armas mágicas em geral, a fim de que a função de um lámen possa ser entendida.

85. Uma arma mágica é algum objeto adequado, como veículo, para a força de um tipo particular. Por exemplo, a arma mágica do elemento Água é uma taça ou um cálice; a arma mágica do elemento Fogo é uma lamparina acesa. Esses objetos são escolhidos porque sua natureza é congênita à da força a ser invocada; ou, em linguagem moderna, porque sua forma sugere a força à imaginação pela associação de idéias.

86. Tiphareth associa-se tradicionalmente com o peito, tanto em virtude da rede de nervos que se chama plexo solar como pela sua posição quando a Árvore é edificada na aura. Conseqüentemente, a jóia peitoral do adepto é o foco da força tipharética, qualquer que seja a operação realizada. A força real, operando em sua própria Esfera, é representada pela arma mágica que se lhe atribui. Por exemplo, um adepto que realiza uma operação do elemento Água teria como arma mágica a taça, a executaria todos os signos sobre a taça, nela concentrando a força obtida pela invocação. Mas, sobre seu peito, estaria o selo do elemento Água, representando o fator espiritual da operação e o arcanjo que governa esse reino particular. Se o adepto não compreender o significado de seu lámen, que é diferente do de sua arma mágica, ele não será um adepto, a sim um mago.

87. A Rosa-Cruz e a cruz do Calvário são ambas símbolos da Esfera de Tiphareth. Para compreendermos seu significado, cumpre dizer algo a respeito das cruzes em geral, a de como elas são utilizadas nos sistemas simbólicos. Embora a cruz com que tenhamos mais familiaridade seja a cruz do Calvário, devido à sua associação com o Cristianismo, há muitas outras formas de cruz, a cada uma tem o seu próprio significado. A cruz de braços iguais, tal como a cruz vermelha do serviço médico militar, recebe dos iniciados o nome de cruz da natureza, a representa o poder em equilíbrio. Ela costuma figurar no topo de algumas cruzes célticas, encerrada com freqüência num círculo, de modo que a cruz céltica consiste realmente numa haste afilada que termina numa cruz natural, nada tendo em comum com a cruz do Calvário, que é a cruz do Cristianismo. A haste afilada da cruz céltica é, na verdade, uma pirâmide truncada, a os exemplares ainda existentes desse tipo de cruz confirmam essa interpretação. Algumas formas arcaicas sugerem a imposição da cruz a do círculo sobre a pedra fálica cõnica, que é um objeto tão universal na adoração primitiva.

88. A suástica tem também a natureza da cruz, sendo chamada às vezes de "cruz de Thor", ou "martelo de Thor", supondo-se que sua forma indique a ação rodopiante de seus relámpagos.

89. A cruz do Calvário é a cruz do sacrifício, a sua cor verdadeira é o preto. A haste deve ser três vezes mais comprida do que os braços. A meditação sobre essa cruz conduz à iniciação por meio do sofrimento, do sacrifício e da auto-abnegação. O crucifixo é, naturalmente, uma elaboração da cruz do Calvário.

90. O círculo sobre a cruz é um símbolo iniciático, especialmente quando a cruz se assenta sobre três pés, como deveria ser neste caso. O

círculo indica a vida eterna, a também a sabedoria; o emblema da Sociedade Teosófica, que tem como insígnia a "serpente que morde a própria cauda", apresenta uma variação dessa forma. Uma cruz do Calvário com o círculo superposto indica a iniciação pelo Caminho da cruz, a os três pés são os três graus de iluminação. É essa cruz que recebe o nome de Rosa-cruz. O objeto de fantasia em que figuram sarças não é um símbolo iniciático. A rosa associada à cruz no simbolismo ocidental é a Rosa Múndi, e é uma chave para a interpretação das forças naturais. Sobre suas pétalas estão gravados os trinta e dois sinais das forças naturais; esses sinais correspondem às vinte a duas letras do alfabeto hebraico a às Dez Sephiroth Sagradas; estas, por sua vez, são atribuídas aos Trinta a Dois Caminhos da Árvore da Vida, a essa é a chave para a compreensão da Rosa Múndi. Os curiosos desenhos que constituem os selos dos espíritos elementais são feitos desenhando-se continuamente as letras de seus nomes sobre a rosa.

91. À luz dessa explicação, podemos compreender o valor das alegações daquelas organizações que tomam um emblema floral como seu símbolo. Elas assemelham-se àquele cavalheiro que pediu ao seu camiseiro uma gravata de magistrado salpicada com um pouquinho de vermelho.

92. O cubo é comumente atribuído a Tiphareth por constituir uma figura hexaédrica, a seis é o número de Tiphareth. Mas o simbolismo do cubo não se limita a esse aspecto. O cubo é a forma mais simples do sólido e, como tal, é o símbolo apropriado de Tiphareth, em cuja Esfera se encontra o primeiro prenúncio da forma. O símbolo de Malkuth é o cubo duplo, que simboliza o axioma "Como em cima, tal é embaixo".

93. A pirâmide simboliza o homem perfeito, solidamente apoiado na Terra a esforçando-se por unir-se com os céus; em outras palavras, o Ipsissimus. A pirãnnide truncada simboliza o adepto iniciado, ou Adeptus Minor, que atravessou o Véu, mas ainda não completou os seus graus. Essa pirãmide a cujos seis lados correspondem as seis Sephiroth centrais que formam Adão Cadmo, ou o homem arquetípico, é completada pela adição das Três Supremas, que culminam na unidade de Kether.

94. Os seis do baralho Tarô são atribuídos também a Tiphareth e, nessas cartas, a natureza harmoniosa a equilibrada dessa Sephirah se revela claramente. O Seis de Paus é o Senhor da Vitória. O Seis de Copas, o Senhor da Alegria. Mesmo o naipe maléfico de Espadas transforma-se em harmonia nessa Esfera, e o Seis de Espadas é conhecido como o Senhor dos Sucessos Merecidos - ou seja, o sucesso obtido após a batalha. O Seis de Ouros é o Sucesso Material; em outras palavras, o poder em equilíbrio.

XXI. AS QUATRO SEPHIROTH INFERIORES

1. As Dez Sephiroth Sagradas, quando dispostas na Árvore da Vida em seu padrão tradicional, enquadram-se em três divisões horizontais principais, assim como nas três divisões verticais dos Pilares. A mais alta dessas divisões horizontais consiste nas Três Supremas, que, para todos os propósitos práticos, estão além da Esfera de nossa compreensão. Postulamo-las como princípios fundamentais que devem existir para que as manifestações subseqüentes possam ser explicadas. Elas representam o Ser Puro a os princípios opostos da atividade a da passividade, e o nome de Triângulo Supremo cailhes muito bem.

2. O triângulo funcional que vem a seguir na Árvore consiste em Chesed, Geburah a Tiphareth. Essas esferas representam os princípios ativos do anabolismo, do catabolismo a do equiliíbrio, a podemos aplicar-lhes apropriadamente o nome de Triángulo Abstrato.

3. Considerando em detalhe as seis Sephiroth superiores, observamos que os três Princípios Supremos formam a base de manifestação, a que os três Princípios Abstratos dão expressão à manifestação. As três Esferas superiores são latentes a as três inferiores são potentes. Se compreendermos esse ponto, descobriremos que dispomos de um sistema para explicar a infinita diversidade da manifestação dos planos da forma, reduzindo-a aos seus princípios primários, o que toma as relações entre elas e o modo de sua interação a desenvolvimento claramente compreensíveis - resultado totalmente diverso daquele que obteremos se tentarmos reduzir todas as coisas em termos de força, em vez de resolvê-las nesses mesmós termos.

4. A unidade funcional mais baixa sobre a Árvore consiste não de um triângulo, mas de um quadrado, a esse quadrado, segundo dizem os cabalistas, foi afetado pela Queda, erguendo-se a cabeça de Leviatã das profundezas do Abismo, num ponto entre Yesod a Tiphareth. Não lhe é permitido it além, a por isso as seis Sephiroth superiores conservaram a sua inocência. Em outras palavras, as quatro Sephiroth inferiores pertencem aos planos da forma, em que a força não se move livremente, mas está "encerrada, confinada, contida", sendo libertada apenas por obra da destruição.

5. Tiphareth, como já se observou, é o centro de equilíbrio da Árvore. O equilíbrio dá origem à estabilidade, e a estabilidade, à coesão. De agora em diante, na rota descendente da vida através do Caminho da

Involução, encontramos o princípio da coesão que exerce um papel progressivamente predominante, até que em Malkuth encontra seu apogeu.

6. Os princípios ativos do Triángulo Abstrato sofrem uma subdivisão e especialização no curso da descida da vida através de Netzach, a em Yesod atingem um grau considerável de estereotipia, por meio da qual se determinam as formas de Malkuth. Assim que Malkuth - o plano da forma pura atinge o desenvolvimento, a corrente evolutiva começa a voltar-se para o espírito, libertando-se da prisão da forma, embora retendo as capacidades adquiridas pela experiência da disciplina da forma.

7. São numerosos, portanto, os princípios abstratos da função da vida que se revestem de forma devido à influência da experiência de suas manifestações exteriores no Reino da Forma. Ou, na linguágem dos cabalistas, a influência da Queda se irradiou até elas, a elas perderam sua inocência.

8. Essas considerações dão-nos a chave da natureza quatemária dos planos da forma, a permitem-nos trilhar o Caminho do Meio, entre a credulidade e o ceticismo, nesta Esfera da Ilusão, como a chamaram um tanto severamente.

9. A grande maré da vida evolutiva, proveniente de uma emanação de Tipliareth, pane-se na Sephirah Netzach, como num prisma, em diversos raios de manifestação; daí provém a descrição yetzirática dessa Sephirah como "o esplendor refulgente". Em Hod, essas forças multifárias revestem-se de forma; e, em Yesod, elas agem como moldes etéreos para as emanações finais de Malkuth.

10. A manifestação em Malkuth completa o arco expansivo da involução, e a vida retoma sobre si mesma para seguir um curso paralelo no arco de retomo da evolução. A inteligência humana se desenvolve, a começa a meditar nas causas e a discemir os deuses. Note-se que o homem primitivo não atingiu o monoteísmo numa única pemada, mas imaginou múltiplas causas, a foram necessárias muitas gerações de cultura para reduzir a multiplicidade ao Um.

11. Isso nos leva à grande questão do que poderíamos chamar de Guardião do Tesouro da Ciência Oculta - figura tremenda que defronta todo aventureiro do invisível, unindo em si as funções da esfinge a dirigindo à alma uma pergunta de cuja resposta depende seu destino. Será ela condenada a errar nos reinos da ilusão? Voltará ela aos planos da forma ou ser-lhe-á permitido passar à luz? A questão é: "Acreditas nos deuses?". Se responder "Sim", a alma errará nos planos da ilusão, pois os deuses não sâo pessoas reais no sentido em que entendemós a personalidade. Se

responder "Não", será expulsa, pois os deuses não são ilusões. O que deverá ela responder?

12. A intuição de um poeta deu-nos a resposta:

"For no thought of man made Gods to love and honour
Ere lhe song within lhe silent soul began,
Nor might earth in dream or deed take heaven upon her
Till lhe word was clolhed with speech by lips of man."

["Pois nenhum pensamento humano criou deuses para amar a honrar
Senão depois que a canção vibrou no silêncio da alma,
E nem em sonhos pôde a terra unirse aos céus
Antes que a palavra se vestisse de fala pelos lábios do homem".]

13. Temos aqui a chave do enigma. Os deuses são criaçôes do criado. Nascem da adoração daqueles que o invocam. Não são os deuses que fazem o trabalho da criação, mas sim as grandes forças naturais, cada uma agindo de acordo com a sua natureza; a procissão dos deuses tem início depois de o Cisne do Empíreo depositar o ovo da manifestação na noite cósmica.

14. Os deuses são emanaçôes ,das almas grupais das raças, a não emanações de Eheieh, o Um, o Eterno. Não obstante, são imensamente poderosos, porque, graças à sua influência na imaginação de seus adoradores, eles unem o microcosmo ao macrocosmo; meditando sobre a beleza ideal de Apolo, a alma humana abre-se à beleza em geral.

15. Quando os homens analisaram a discemiram, fator por fator, as causas primeiras, eles as endeusaram. Ao descobrir que em todas as partes do globo as mesmas necessidades a os mesmos motivos atuavam sobre eles, desenvolveram panteões semelhantes. Mas, visto que os temperamentos diferem, desenvolveram panteões tão diferentes quanto os bandoleiros do México a os radiantes seres da Hélade.

16. Podemos perguntar, portanto, se os deuses são completamente subjetivos; se vivem sua vida apenas na imaginação de seus adoradores, ou se têm uma vida independente. A respota a essa questão reside num aspecto da experiência oculta que náo pode ser explicado por aquilo que conhecemos modemamente como ciência natural, mas que deve ser admitido por todo ocultista prático que deseje obter resultados. Poder-se-is dizer que os resultados por ele obtidos estão na proporção direta de sua fé, uma vez que eles são de fato obtidos porque o adepto neles acredita. A razão disso é que apenas uma proporção muito pequena do estofo mental existente no universo, qualquer que seja ele, está organizado nos cérebros a

nos sistemas nervosos das criaturas sensíveis. A vasta massa do que, na falta de um nome melhor, chamamos de "matéria mental" - porque essa é a sua analogia mais próxima entre as coisas conhecidas - move-se livremente no que os ocultistas chamam de plano astral, organizado em formas, mas não necessariamente vinculado à matéria. Ocultistas diferentes referem-se a esse estofo mental livre por diferentes nomes. Mme. Blavatsky chama-o de "Akasha"; Éliphas Lévi drama-o de "éter refletor". Netzach representa o aspecto da força, a Hod, o aspecto da forma desse Akasha.

17. Os moldes de todas as formas provêm desse estofo mental; a nesses moldes ergue-se a estrutura das correntes etéreas que funcionam na Esferya de Yesod, a em que estão suspensas as moléculas da matéria que formam o corpo da manifestação no plano físico.

18. Normalmente, essas formas são constituídas pela consciência cósmica a expressas como forças naturais, funcionando cada uma de acordo com a sua natureza; mas, quando a consciência começou a desenvolver-se nas criaturas do Criador, ela exercitou suas funções em vários graus na matéria mental astral, que, por sua natureza, era suscetível às influências da consciência; conseqüentemente, "o pensamento humano engendrou deuses para amar a honrar". Essas formas, uma vez constituídas, tomaram-se canais de expressão dessas forças especializadas que as formas tinham por missão representar, concentrando-se sobre seus adoradores. Nesse sentido particular, os iniciados não apenas acreditam nos deuses, mas também os adoram.

XXII. NETZACH

Título: Netzach, Vitória. (Em hebraico, נצח: Nun, Tzaddi, Cheth.)

Imagem Mágica: Uma bela mulher nua.

Localização na Árvore: Na base do Pilar da Misericórdia.

Texto Yetzirático: O sétimo Caminho chama-se Inteligência Oculta porque é o esplendor refulgente das virtudes intelectuais percebidas pelos olhos do intelecto a pelas contemplações da fé.

Título Conferido a Netzach: Firmeza.

Nome Divino: Jehovah Tzabaoth, o Senhor dos Exércitos.

Arcanjo: Haniel.

Coro Angélico: Elohim, deuses.

Chakra Cósmico: Nogah, Vênus.

Experiência Espiritual: A visão da beleza triunfante.

Virtude: Desprendimento.

Vício: Impudor. Luxúria.

Correspondência no Microcosmo: Os rins, os quadris, as pernas.

Símbolos: A lâmpada e o cinto. A rosa.

Cartas do Tarô: Os quatro setes: Sete de Paus: valor; Sete de Copas: sucesso ilusório; Sete de Espadas: esforço instável; Sete de Ouros: sucesso incompleto.

Cor em Atziluth: Ambar.

Cor em Briah: -Esmeralda.

Cor em Yetzirah: Verde-amarelado brilhante.

Cor em Assiah: Oliva salpicado de ouro.

I

1. Compreenderemos melhor Netzach contrastando-a com Hod, a Esfera de Mercúrio, pois ambas representam, como já vimos, a força e a forma num arco inferior. Netzach representa os instintos a as emoções a Hod simboliza a mente concreta. No Macrocosmo, elas representam dois níveis do processo de concretização da força na forma. Em Netzach, a força ainda se move com certa liberdade, detendo-se apenas nas formas extremamente fluídicas a de movimento incessante, a em Hod ela toma pela primeira vez uma forma defmida a permanente, embora de natureza extremamente tênue. Em Netzach, uma forma particular de força se manifesta, traduzida em seres que se movem para a frente a para trás nos limites da manifestação, de maneira extremamente indefinida. Tais seres não têm personalidades individualizadas, mas são como exércitos com bandeiras que podem ser vistos nas nuvens do Sol poente. Em Hod, contudo, cada unidade se individualiza, e a existência apresenta continuidade. A mente é grupal em Netzach, mas Hod inicia o processo da mente humana.

2. Consideremos, agora, Netzach em si, tanto nos aspectos microcósmicos como nos macrocósmicos, não esquecendo que estamos agora na Esfera da ilusão, a que o que é descrito em termos de forma são aparências representadas pelo intelecto para si mesmo a projetadas na luz astral como formas mentais. É essencial compreender esse ponto, se queremos evitar a queda na superstição. Tudo que é percebido pelos "olhos do intelecto a pelas contemplações da fé", como afirma pitorescamente o Texto Yetzirático, tem sua base metafísica em Chokmah, a Sephirah Suprema no topo do Pilar da Misericórdia. Mas, em Netzach, ocorre uma grande mudança em nosso modo de entender os diferentes tipos de existência atribuídos a cada Esfera. Até agora, percebemos por meio da intuição; nossas apreensôes eram informes, ou, pelo menos, representadas por símbolos altamente abstratos; estes não se manifestam depois de Tiphareth, a chegamos a símbolos concretos como a rosa, atribuída a Vênus, para Netzach, e o caduceu, atribuído a Mercúrio, para Hod.

3. Como já vimos, concebemos as Sephiroth superiores sob o aspecto dos fatores de manifestação a funções. Vimos, em nosso estudo de Tiphareth, como a Inteligência Mediadora, como a chama a Sepher Yetzirah, decompõe a Luz Branca da Vida única, tal como um prisma, de modo que ela se toma o Esplendor Refulgente de inúmeros matizes em Netzach. Aqui não temos força, mas forças; não vida, mas vidas. Muito apropriadamente, portanto, o coro angélico atribuído a Netzach é o dos Elohim, ou deuses. O Um foi reduzido ao múltiplo para os fins da manifestação na forma.

4. Esses raios não são representados como a pura luz branca pela qual vemos todas as coisas em suas cores verdadeiras, mas como uma cor de diversas nuanças, cada uma das quais revela a intensifica algum aspecto de manifestação especializado, assim como um raio de luz azul só mostrará as cores que lhe são harmônicas, fazendo as cores complementares parecerem negras. Toda vida ou forma de força que se manifesta em Netzach é uma manifestação parcial, mas especializada; por conseguinte, nenhum ser que tem como Esfera de evolução a Esfera de Netzach poderá experimentar um desenvolvimento completo, mas será sempre uma criatura de uma idéia, de uma única função, simples a estereotipada.

5. É o fator Netzach em nós a base de nossos instintos, cada um dos quais, em sua esséncia não-intelectualizada, dá origem a reflexos apropriados, assim como os lábios de um recém-nascido sugam tudo que é inserido entre eles.

6. Os seres de Netzach, os Elohim, não são inteligências, mas encamações de idéias.

7. Os Elohim, para dar-lhes o seu nome hebraico, são as influências formativas por meio das quaffs a força criativa se expréssa na Natureza. Seu verdadeiro caráter pode ser percebido em Chesed, onde são descritos pela Sepher Yetzirah como os "Poderes Sagrados". Em Netzach, contudo, que representa o superestrato do éter refletor, eles sofrem uma mudança, a mente humana que formula imagens começa a operar sobre eles, moldando a luz astral em formas que os representarão à consciência.

8. É muito importante para nós compreender que essas Sephiroth inferiores do plano da ilusão são densamente povoadas pelas formas mentais; que tudo o que a imaginação humana foi capaz de conceber, embora confusamente, tem uma forma revestida de luz astral, a que, quarto mais a imaginação humana se aplicar em idealizá-la, mais definida essa forma se tornará. É por essa razão que as gerações de videntes, quando procuraram discemir a natureza espiritual e a essência íntima de qualquer forma de vida, encontraram essas imagens, as "criações do criado", a foram iludidos, tomando-as erroneamente pela própria essência abstrata, que não se encontra em qualquer plano que fornece imagens à visão psíquica, mas apenas naqueles que são percebidos pela intuição pura.

9. Quando sua mente era ainda prinútiva, o homem adorou essas imagens; por meio das quaffs representou para si mesmo as grandes forças naturais íão importantes para o seu bem-estar material, estabelecendo, assim, um vínculo entre elas, por meio das quaffs se desenvolveu um canal por onde as forças que representavam eram derramadas em sua alma, estimulando, assim, o fator correspondente em sua própria natureza, para, dessa forma, desenvolvé-la. As operações dessa adoração, especialmente quando se tomaram altamente organizadas a intelectualizadas, como na Grécia a no Egito, deram origem a imagens extremamente definidas a potentes, a são elas que geralmente se tomam por deuses. Gerações de adoração a culto constroem uma imagem fortíssima na luz astral e, quando o sacrifício é acrescentado à adoração, a imagem desce um passo a mais nos planos da manifestação, a adquire uma forma nos éteres densos de Yesod, tomando-se um objeto mágico muito potente, capaz de ação independente quando animado pelas idéias concretas geradas em Hod.

10. Vemos, assim, que todo ser celeste concebido pela mente humana tem como base uma força natural, mas que sobre a base dessa força natural, se ergue uma imagem simbólica que lhe corresponde a que é animada a ativada pela força que representa. A imagem, portanto, é apenas um modo de representação adotado pelo espírito humano para a sua própria conveniência, mas a força que a imagem representa a que a anima é uma coisa muito real, a que, sob certas circunstâncias, pode ser extremamente

poderosa. Em outras palavras, embora a forma sob a qual o deus é representado seja pura imaginação, a força que se lhe associa é real a ativa.

11. Esse fato é a chave não apenas da Magia Talismânica em seu sentido mais amplo, que inclui todos os objetos consagrados utilizados no cerimonial a na meditação, mas de muitas coisas na vida que não podemos deixar de observar, mas para as quais não temos nenhuma explicação. Isso explica muitas coisas na religião organizada que são muito reais para o devoto, mas muito estranhas para o incrédulo, que é incapaz de explicá-las a tampouco de negá-las.

12. Em Netzach, contudo, temos a forma mais tênue dessas coisas, e elas são percebidas muito mais pelas "contemplações da fé" do que pelos "olhos do intelecto". Na Esfera de Hod, executam-se todas as operações mágicas em que o próprio intelecto surge para conferir forma a permanência a essas imagens tênues a flutuantes; mas, na Esfera de Netzach, tais operações não ocorrem em qualquer grau; todas as formas divinas em Netzach são reverenciadas por meio das artes, a não concebidas por meio de filosofias. Não obstante, para todos os propósitos práticos, é impossível separar as atividades de Hod a Netzach, que são um par funcional, assim como Geburah a Chesed constituem os doffs aspectos do metabolismo, o catabólico e o anabólico. As funções de Netzach estão implícitas em Hod porque Netzach emana Hod, a os poderes desenvolvidos pela evolução na Esfera de Netzach são a base das capacidades de Hod. Conseqüentemente, todas as operações mágicas da Esfera de Hod operam sobre a base das tênues formas de vida de Netzach; e, como o intelecto humano trabalha de Esfera a Esfera, muitos poderes de Hod são transferidos a Netzach pelas almas iniciadas que se encontram no caminho da evolução. As duas Esferas, portanto, não estão claramente divididas a classificadas, mas em cada uma delas predomina definitivamente um certo tipo de função.

13. Os contatos com Netzach não se fazem concebendo-se a vida filosoficamente, nem por meio do psiquismo ordinário criador de imagens, mas pelo "sentimento adequado", como expressou pitorescamente Algernon Blackwood em suas novelas, nas quais tanto transparece a Esfera de Netzach. É por meio da dança, do som a da cor que entramos em contato com os anjos de Netzach a podemos evocá-los. O adorador de um deus na Esfera de Netzach entra em comunhão com o objeto de sua adoração por meio das artes; a na medida em que seja um artista, de uma ou de outra maneira, e possa representar simbolicamente sua divindade, ele será capaz de fazer o contato a atrair a vida para si. Todos os ritos que têm ritmo, movimento e cor trabalha na Esfera de Netzach. E, como Hod, a Esfera das operações mágicas, extrai sua força de Netzach, segue-se que toda

operação mágica da Esfera de Hod precisa ter um elemento Netzach em si para ser animada eficazmente; e, para conceder a base da manifestação, a substância etérea precisa ser fornecida por alguma forma de sacrifício, mesmo que este seja apenas a queima de incenso. Essa questão será mais aprofundada quando estudarmos a Esfera de Yesod, à qual diz respeito. Mas foi necessário fazermos referência a ela aqui, pois o significado dos ritos de Netzach não pode ser compreendido sem que se entendam os meios pelos quais a manifestação se efetua, e o deus se aproxima de seus adoradores.

II

14. Consideremos, agora, Netzach do ponto de vista da Árvore da Vida microcósmica - ou seja, da Árvore subjetiva na alma, em que os Sephiroth são fatores de consciência.

15. As Três Supremas e o primeiro par de Sephiroth manifestas, Chesed a Geburah, representam o Eu Superior, tendo Tiphareth como ponto de contato com o Eu Inferior. As quatro Sephiroth inferiores, Netzach, Hod, Yesod a Malkuth, representam o Eu Inferior, ou personalidade, a unidade de encarnação, tendo Tiphareth como ponto de contato com o Eu Superior, que é às vezes chamado de Anjo da Guarda Sagrado.

16. Do ponto de vista da personalidade, Tiphareth representa a consciência superior, ciente das coisas espirituais; Netzach representa os instintos, a Hod, o intelecto. Yesod representa o quinto elemento, o Éter, a Malkuth, os quatro elementos, que são o aspecto sutil da matéria. O intelecto humano médio só pode compreender a natureza da matéria densa, Malkuth, e do intelecto, Hod, ambos aspectos concretos da existência. Ele não pode apreciar as forças que edificam as formas, representadas por Netzach, a Esfera dos Instintos, a Yesod, ou duplo etéreo ou corpo sutil. Conseqüentemente, devemos fazer um cuidadoso estudo de Netzach, porque sua natureza a importância são muito pouco compreendidas.

17. Entenderemos melhor a natureza de Netzach se lembrarmos que ela é a Esfera de Vênus. Traduzida em linguagem comum, a linguagem simbólica da Cabala, isso significa que tratamos aqui da função da polaridade, que é muito mais do que apenas o sexo, como se concebe popularmente.

18. É importante notar, a esse respeito, que Vênus, ou, na sua forma grega, Afrodite, não é, em absoluto, uma deusa da fertilidade, tal como

Ceres a Perséfone; ela é a deusa do amor. Ora, no conceito grego da vida, o amor abrange muito mais do que o relacionamento entre os sexos, incluindo a camaradagem dos guerreiros e o relacionamento entre professor e aluno. As heteras gregas, ou mulheres cuja profissão era o amor, diferiam muito de nossas prostitutas modernas. O grego reservava a simples relação física dos sexos para sua esposa legal, que era mantida em reclusão no gineceu, ou harém, a que servia simplesmente para os fins da procriação. A esposa, embora de sangue puro, não recebia educação, nem era encorajada a tornarse atraente ou praticar as artes do amor. E muito menos era encorajada a adorar a deusa Afrodite, que regia os aspectos superiores do amor; as divindades de sua adoração eram as da familia a do lar; Ceres, a Mãe Terra, era a regente dos Mistérios das mulheres gregas.

19.O culto de Afrodite era muito mais do que o cumprimento de uma função animal, relacionando-se, ao contrário, com a interação sutil da força vital entre dois fatores; o curioso fluxo a refluxo, o estímulo e a reação, que exerce um papel tão importante nas relações dos sexos, mas que ultrapassa, a muito, a Esfera do sexo.

20. A hetera grega era uma mulher culta; evidentemente, havia distinções entre elas, desde a categoria mais baixa, semelhante à da gueixa japonesa, à mais elevada, que mantinha salões, à maneira das famosas escritoras francesas, a eram mulheres de reconhecida virtude física, a quem nenhum homem ousava fazer propostas sensuais; devido à reverência com que a função do sexo era encarada entre os gregos, é provável que, em sua época e sociedade, a vida da hetera grega em nada se aproximasse da degradação da moderna prostituta.

21. A função da hetera consistia em satisfazer tanto o intelecto de seus clientes como seus apetites; ela era tanto uma anfitriã quanto uma cortesã, e a ela recorriam os filósofos a poetas para receber inspiração a aguçar o espírito; pois considerava-se não existir inspiração maior para um homem intelectual do que o convívio com uma mulher culta a vital.

22. Nos templos de Afrodite, a arte do amor era cuidadosamente cultivada, sendo as sacerdotisas treinadas desde a infância em sua habilidade. Mas essa arte não consistia apenas em provocar a paixão, mas em satisfazê-la adequadamente em todos os níveis de consciência; não simplesmente pela gratificação das sensações físicas do corpo, mas pela troca etérea sutil de magnetismo a de polarização intelectual a espiritual. Tal processo elevava o culto de Afrodite acima da esfera da simples sensualidade a explica por que as sacerdotisas do culto inspiravam respeito a não eram em absoluto consideradas como prostitutas vulgares, embora recebessem todos os que chegassem. Elas procuravam suprir certas

necessidades mais .sutis da alma humana por meio de suas hábeis artes. Nós, os modernos, superamos em muito os gregos na arte de estimular o desejo, criando o cinema, os espetáculos e a música, mas não temos a menor noção da arte muito mais importante de despertar as necessidades da alma humana por um intercâmbio etéreo a mental de magnetismo, e é por essa razão que nossa vida sexual, tanto fisiológica como socialmente, é tão instável a insatisfatória.

23. Não podemos compreender corretamente o sexo se não compreendermos que ele é um dos aspectos do que o esoterista chama de polaridade, a que esse é um princípio que percorre toda a criação, sendo, de fato, a base de manifestação. Ele é representado na Árvore pelos Pilares da Severidade a da Misericórdia. Toda a atividade da força está compreendida no princípio da polaridade, assim como toda a função da forma está compreendida no princípio do metabolismo.

24. A polaridade significa essencialmente o fluxo de força de uma Esfera de alta pressão para uma Esfera de baixa pressão, sendo os termos "alto" a "baixo" relativos. Toda Esfera de energia precisa receber o estímulo de um influxo de energia da pressão superior a enviá-to a uma Esfera de pressão inferior. A fonte de toda energia está no Grande Imanifesto, a ela segue seu Caminho para baixo, de nível em nível, alterando sua forma de uma Esfera a outra, até se converter, finalmente, em força "terrestre", em Malkuth. Em toda vida individual, em toda forma de atividade, em todo grupo social organizado para qualquer propósito, exército, igreja ou companhia comercial, vemos a exemplicação desse fluxo de energia percorrendo o circuito. o ponto capital que devemos entender é que, na Árvore microcósmica, há um fluxo descendente a ascendente dos aspectos positivo a negativo de nossos níveis subjetivos de consciência, em que o espírito inspira a mente, e a mente dirige as emoções, a as emoções formam o duplo etéreo, e o duplo etéreo molda o veículo físico, que é o "fio terra" do circuito. Esse ponto é fácil de compreender, a podemos confirmá-to facilmente quando lhe prestamos a devida atenção.

25. Mas um ponto que não compreendemos facilmente é que há um fluxo a refluxo entre cada "corpo", ou nível de consciência, a seu aspecto correspondente no macrocosmo. Assim como há uma entrada a uma saída no nível de Malkuth por onde o corpo recebe alimento a água como nutrição a os expulsa com excreções, que são o alimento do reino vegetal sob o polido nome de "adubo", assim também há uma entrada a uma saída entre o duplo etéreo e a luz astral, a entre o corpo astral e o lado mental da natureza, a assim por diante nos planos, sendo os fatores sutis representados pelas seis Sephiroth superiores. A essência da Cabala

Mágica, que é a aplicação prática da Árvore da Vida, consiste em desenvolver esses circuitos magnéticos de níveis diferentes, a assim fortalecer a reforçar a alma. Assim como o corpo físico se nutre comendo a bebendo, a se mantém saudável pela excreção adequada - processos que poderiam receber o nome de "operações da Esfera de Malkuth" -, assim é a alma do homem vitalizada pelas operações da Esfera de Tiphareth, que se chama também de Esfera dd Redentor, que confere saúde à alma. Sabemos como a iniciação desenvolve os poderes do psiquismo superior a permite a percepção das verdades superiores; o que não compreendemos é que, para percorrer a escala plena do desenvolvimento humano, precisamos também desenvolver nosso poder para entrar em contato com a energia natural em sua forma essencial representada pela Esfera de Netzach. Estamos acostumados a admitir que o espiritual e o natural são mutuamente antagônicos a que devemos despir um santo para vestir o outro, a concluímos que, se o espiritual é o Bem superior, o natural deve ser necessariamente o Mal inferior; não compreendemos que a matéria é espírito cristalizado, a que o espírito é matéria volatizada, a que não existe diferença substancial entre eles, assim como não existe entre a água e o gelo, sendo ambos estágios diferentes da Coisa única, como os alquimistas a chamam; esse é o grande segredo da Alquimia, que constitui a base filosófica da doutrina secreta da transmutação.

26. Mas a trasmutação dos metais tem uma importãncia meramente acadêmica se comparada à transmutaçâo da energia na alma. É com essa que o iniciado opera por meio da técnica da Ãrvore da Vida; e, assim como a consciência se transmuta no Pilar Central da Cordura, ou Equiliôrio, assim também a energia se transmuta no Pilar da Misericórdia, do qual Netzach é a base, e a forma se transmuta no Pilar da Severidade, do qual Hod, o intelecto, é a base.

27. Em Chokmah, portanto, temos o tremendo impulso da vida, que é a grande potência masculina do universo; em Chesed, temos a organização das forças em complexos interativos; a em Netzach, temos uma esfera em que a evolução, ascendendo de Malkuth como força organizada que anima a forma vivificada, é capaz de fazer contato mais uma vez com a força essencial. Netzach, a Esfera de Nogah, que é o nome hebraico de Vênus-Afrodite, é, portanto, uma Esfera extremamente importante do ponto de vista do trabalho prático do ocultismo. Como a maior parte dos ocultistas aprendizes trabalha apenas no Pilar Central, que é o Pilar da Consciência, a não prestam nenhuma atenção ao pilares laterais, que são os Pilares da Função, eles obtêm resultados insignificantes no que diz respeito à iniciaçáo. O cego guia o cego, e o pretenso iniciador médio das modernas fraternidades ocultistas não compreende que precisa iniciar tanto a

subconsciência quanto a consciência, a iluminar tanto os instintos quanto a razão.

III

28. Até agora, consideramos Netzach do ponto de vista objetivo e subjetivo; resta-nos estudar o simbolismo atribuído a essa Sephirah à luz do conhecimento obtido.

29. Observaremos, de imediato, que o simbolismo contém duas idéias distintas: a idéia do poder e a idéia da beleza; o que evoca o amor que existia entre Vênus a Marte de acordo com o velho mito. Ora, esses mhos não são fabulosos, a não ser no sentido histórico, mas representam verdades do espírito; e, quando descobrimos a mesma idéia presente em diferentes panteões, quando descobrimos que o cabalista hebreu e o poeta grego, cujas mentalidades eram tão distantes quanto os pólos, apresentaram o mesmo conceito em formas diferentes, devemos concluir que isso não é acidental, mas mere ce uma cuidadosa atenção.

30. Não utiiizaremos nosso método habitual de analisar os símbolos numa dada ordem, mas vamos classificá-los de acordo com os dois tipos a que pertencem.

31. O título hebraico da Sétima Sephirah é Netzach, que significa Vitória. Seu título adicional é Firmeza, que evoca a mesma idéia do domínio e da energia vitoriosa. O Nome divino é Jehovah Tzabaoth, que significa o Senhor das Hostes, ou Deus dos Exércitos. O coro angélico atribuído a Netzach é o dos Elohim, ou deuses, os regentes da natureza.

32. As quatro cartas do Tarô atribuídas a essa Sephirah contêm a idéia da batalha, ainda que numa forma negativa. É curioso notar, contudo, que apenas o Sete de Paus tem um significado bom ou positivo, sendo os outros setes cartas de má sorte. A razão desse fato se esclarece, contudo, quando compreendemos o simbolismo como um todo, de modo que vamos deixá-to de lado por enquanto, reconsiderando-o mais adiante.

33. Analisemos agora o outro grupo de imagens simbólicas. O chakra cósmico de Netzach é o planeta Vênus, e a imagem mágica é, com bastante propriedade, "uma bela jovem desnuda". A experiência espiritual atribuída a essa Esfera é a visão da beleza triunfante. A virtude é o desprendimento ou seja, a capacidade de adotar o pólo negativo. Os vícios são os causados pelo abuso do amor - o impudor e a luxúria.

34. A correspondência no microcosmo indica os rins, os quadris a as pemas, os quais, como podemos observar, formam o enquadramento dos órgãos geradores, a confirmam a idéia, já esboçada, de que a Deusa do Amor e a Deusa da Fertilidade não são idênticas.

35. Os símbolos atribuídos a Netzach são a lãmpada, o cinto e a rosa. O cinto e a rosa explicam-se por si mesmos, pois estão tradicionalmente associados a Vênus. A lãmpada, contudo, requer uma explicação adicional, pois as associaçôes clássicas não nos dão pista alguma a esse respeito. Devemos voltar à Alquimia.

36. Os quatro elementos estão associados às quatro Sephiroth inferiores, e o elemento Fogo está associado a Netzach. A lâmpada é a arma mágica utilizada nas operações do elemento Fogo. Daí a associação com Netzach. O elemento Fogo está associado à energia ígnea no coração da natureza, e vincula-se ao aspecto marciano da Sephirah Vênus.

37. Vemos, assim, pelo estudo do simbolismo precedente, que o simbolismo de Marte, ou da vitória, está associado ao macrocosmo, e o simbolismo de Vênus, o amor, ao aspecto microcósmico ou subjetivo. Temos aqui a chave de uma verdade muito importante, que os antigos compreendiam muito bem, mas que precisou esperar a obra de Freud para encontrar uma interpretação em linguagem moderna. Para dizê-to em outras palavras, a energia elemental, ou, dinamismo fundamental de um indivíduo, está estreitamente associada com a vida sexual desse indivíduo.

38. Esse é um aspecto muito importante de nossa vida psíquica que os psicólogos conhecem muito bem, embora os místicos a os sensitivos não o considerem apropriadamente, pois tendem geralmente a um idealismo que procura escapar da matéria a de seus problemas. Mas escapar assim é deixar uma fortaleza não-conquistada à retaguarda; e o meio mais sábio - o único meio que pode produzir a plenitude de vida a um temperamento equilibrado - é dar o devido lugar a Netzach, que equilibra o intelectualismo de Hod e o materialismo de Malkuth, lembrando sempre que a Árvore consiste nos dois Pilares da Polaridade, com o Caminho do Equilíbrio entre eles.

39. O verdadeiro segredo da virtude natural reside no conhecimento dos direitos litigantes dos pares de opostos; não existe qualquer antinomia entre Bem a Mal, mas apenas o equilíbrio entre dois extremos; cada um deles é mau quando levado ao excesso; ambos dão origem ao mal se perdem o equilíbrio. A licença não-controlada conduz à degradação, mas o idealismo desequilibrado conduz à psicopatologia.

40. Há três tipos de pessoas que passam pelo Véu: o místico, o sensitivo e o ocultista. O místico aspira à união com Deus, a atinge seu fim pondo de lado tudo que não é de Deus em sua vida. O sensitivo é um receptor de vibraçôes sutis, mas não um transmissor. O ocultista precisa ser, pelo menos em certa medida, um receptor, mas seu objetivo primário é obter o controle a dirigir os reinos invisíveis, da mesma maneira que o homem de ciência aprendeu a controlar a dirigir o reino da Natureza.

41. Para alcançar esse objetivo, ele precisa trabalhar em harmonia com as forças invisíveis, da mesma maneira que o cientista domina a Natureza, compreendendo-a. Dessas forças invisíveis, algumas sâo espirituais, originárias de Kether, a algumas são elementais, operando de Malkuth. As forças Kether do Macrocosmo são recolhidas no Microcosmo por meio do centro Tiphareth, para utilizar a terminologia cabalística; as forças elementais são recolhidas pelo centro Yesod, mas - e este é o ponto capital - dirigidas a controladas na medida em que o equilíbrio é mantido entre Netzach e Hod.

42. Netzach, no Microcosmo, representa o dado instintivo a emocional de nossa natureza, a Hod representa o intelecto; Netzach é o artista em nós, a Hod é o cientista. De acordo com a variação de nosso humor entre dinamismo a restrição, assim será a polaridade de Hod a Netzach no Microcosmo, que é a alma. Se não há influência de Netzach para introduzir um elemento dinâmico, o predomínio de Hod conduzirá a muita teoria e a nenhuma prática nos assuntos ocultos. Ninguém pode manipular a magia na qual a Esfera de Netzach não tem funçôes, pois o ceticismo de Hod matará todas as imagens mágicas antes de seu nascimento. Como todas as coisas na Natureza, Hod, não-fertilizada por sua polaridade oposta, é estéril. É necessário que, em todo ocultista que queira trabalhar praticamente haja um artista. Embora poderoso, o intelecto, por si só, não confere poderes. É por meio de Netzach, em nossa natureza, que as forças elementais tem acesso à consciência; sem Netzach, elas permanecem na Esfera subconsciente de Yesod, trabalhando cegamente. Ensinam os Mistérios que todo nível de manifestação tem sua própria ética, ou padrão de certo a errado, a que não devemos confundir os planos esperando, de um, o padrão do outro que não lhe é aplicável. No reino da mente, a ética é verdade; no plano astral, que é a Esfera das emoções a dos instintos, a ética é a beleza. Precisamos aprender a compreender a justiça da beleza, assim como a beleza da justiça, se quisermos que todas as províncias de nosso reino interior obedeçam ao poder central da consciência unificada.

43. Ao penetrar a região das quatro Sephiroth inferiores, entramos na Esfera da mente humana. Consideradas subjetivamente elas constituem a

personalidade a seus poderes. O objetivo da iniciação oculta é desenvolver esses poderes e, considerados do ponto de vista superior, como deveria ser sempre, sob pena de degenerar na Magia Negra, uni-los com Tiphareth, que é o ponto focal do eu superior, ou individualidade. Ao discutir Netzach, ultrapassamos, por conseguinte, definitivamente, o portal dos Mistérios, e trilhamos o campo sagrado reservado aos iniciados.

44. Não estou advogando um sigilo, que é simplesmente política clerical, mas há certos segredos práticos dos Mistérios que não convém divulgar para que não ocorram abusos. Existe também a tendência inveterada da natureza humana em aplicar suas próprias definições a termos familiares, a em recursar-se a reconhecê-las fora de suas associações familiares. Se levantamos uma ponta do Véu do Templo a revelamos o fato de que o sexo é simplesmente uma instância especial do princípio universal da polaridade, a dedução imediata é que a polaridade e o sexo são termos sinónimos. Se digo que, embora o sexo seja uma parte da polaridade, há muito na polaridade que nada tem a ver com o sexo, minha explicação será ignorada. Talvez eu seja mais bem compreendida se substituir a terminologia dos psicólogos pela dos físicos mais apropriada, a dizer que a vida só flui através de um circuito; isolemo-la, a ela se tornará inerte. Encaremos a personalidade como uma máquina elétrica: ela precisa estar ligada à casa de força, que é Deus, a Fonte de Toda Vida, ou não funcionará; mas ela precisa igualmente estar em contato com a Terra, do contrário seu mecanismo não poderá ser posto em movimento. Todo ser humano precisa estar em contato com a Terra, tanto no sentido literal como no metafórico. O idealista tenta induzir uma completa isolação de todos os contatos terrestres, a fim de que o poder afluente não se disperse; ele não compreende que a Terra é um grande ímã.

45. A tradição declara, desde a mais remota antigüidade, que a chave dos Mistérios foi escrita na Tábua de Esmeralda, de Hermes, onde estavam inscritas as palavras "Como em cima, tal é embaixo". Apliquemos os princípios da física à psicologia a teremos a solução do enigma. Aquele que tem ouvidos para ouvir, que ouça.

46. Consideremos, por fim, o significado das cartas do Tarô associadas a Netzach. São os quatro setes do baralho.

47. Como chegamos à Esfera de influência do plano terrestre, consideramos oportuno explicar o que representam essas cartas menores do Tarô na adivinhação. Elas simbolizam os diferentes modos de funcionamento das diferentes forças sephiróticas nos Quatro Mundos dos cabalistas. O naipe de Paus corresponde ao nível espiritual; Copas, ao nível mental; Espadas, ao plano astral; a Ouros, ao piano físico.

Conseqüentemente, se o Sete de Ouros sai na adivinhação, ele signif`ica que a influência ,de Netzach exerce um papel no plano físico. Reza um velho adágio, "Feliz no amor, infeliz nas cartas", o que não é senão outra maneira de dizer que a pessoa que é atraente ao sexo oposto está perpetuamente em apuros. Vênus exerce uma influência perturbadora nos assuntos terrestres. Ela distrai dos negócios sérios da vida. Assim que sua influência chega a Malkuth, ela deve entregar a palma a Ceres e desaparecer. São os filhos, a não o amor, que mantêm o lar unido. O nome cabalístico do Sete de Ouros é Sucesso Incompleto, a devemos apenas passar em revista as vidas de Cleópatra, Guinevere, Isolda a Heloísa para compreender que Vênus no plano físico tem por divisa "Pelo amor, renuncio ao mundo".

48.O naipe de Espadas é atribuído ao piano astral. O título secreto do Sete de Espadas é Esforço Instável, o qual expressa bastante bem a ação de Vênus na Esfera das emoções, com sua intensidade efêmera.

49. O título secreto do Sete de Copas é Sucesso Ilusório. Essa carta representa a operação de Vênus na Esfera da mente, onde sua influência em nada contribui para tornar claras as concepções. Acreditamos no que queremos acreditar quando estamos sob a influência de Vênus. Nesse plano, sua divisa deveria ser "O amor é cego".

50. Apenas na Esfera do espírito, Vênus está em seu lugar adequado. Aqui, sua carta, o Sete de Paus, recebe o nome de Valor, que descreve convenientemente a influência dinâmica a vitalizante exercida quando seu significado espiritual é compreendido a empregado.

51. As quatro cartas de Tarô atribuídas a Netzach revelam de maneira muito interessante a natureza da influência venusiana quando esta atinge os planos. Elas nos ensinam uma lição muito importante, mostrando como essa força é essencialmente instável, quando não tem raízes num princípio espiritual. As formas inferiores do amor são as emoções, a nestas não nos podemos liar; mas o amor superior é dinâmico a energizador.

XXIII. HOD

Título: Hod, Glória. (Em hebraico, הוד : Hé, Vau, Daleth.)

Imagem Mágica: Um hermafrodita.

Localização na Árvore: Na base do Pilar da Severidade.

Texto Yetzirático: O oitavo Caminho chama-se Inteligência Absoluta ou Perfeita, pois é o instrumento do Primordial, a não possui raízes, com as quais possa penetrar a implantar-se, salvo nos lugares ocultos de Gedulah, da qual emana sua essência característica.

Nome Divino: Elohey Tzebaoth, o Deus das Hostes.

Arcanjo: Miguel.

Coro Angélico : Beni Elohim, Filhos de Deus.

Chakra Cósmico: Kokab, Mercúrio.

Experiência Espiritual: Visão do esplendor.

Vrtude: Veracidade.

Vício: Falsidade. Desonestidade.

Correspondéncia no Microcosmo: Os quadris a as pernas.

Símbolos: Nomes a versículos. Avental.

Cartas do Tarô: Os quatro oitos: Oito de Paus: rapidez; Oito de Copas: sucesso abandonado; Oito de Espadas: força diminuída; Oito de Ouros: prudência.

Cor em Atziluth: Violeta-púrpura.

Cor em Briah: Laranja.

Cor em Yetzirah: Vermelho-roxo.

Cor em Assiah: Preto-amarelado, salpicado de branco.

I

1. Os dois poderes primordiais do universo estão representados na Árvore da Vida por Chokmah a Binah, forças positiva a negativa. Afirmam os cabalistas que, embora toda Sephirah emane a Esfera que se lhe segue em ordem numérica, essas duas Supremas, uma vez estabelecida a Árvore, se refletem diagonalmente de um modo particular: Essa característica é claramente indicada no Texto Yetzirático dessa Sephirah, o qual afirma que Hod "não possui raízes com as quais possa penetrar a implantar-se, salvo

nos lugares ocultos de Gedulah, da qual emana sua essência característica". Gedulah, lembremos, é outro nome de Chesed.

2. Binah é o Dador de Forma. Chesed é anabolismo cósmico, a organização das unidades formuladas por Binah em estruturas complexas e interatuantes; Hod, o reflexo de Chesed, é por sua vez uma Sephirah de Forma, e representa esse princípio coagulador em outra Esfera.

3. Chokmah, por outro lado, é o princípio dinâmico; ela se reflete em Geburah, que é o Catabolismo Cósmico, representando a ruptura do complexo no simples, a qual libera energia latente; a isso se reflete novamente em Netzach, a força vital da Natureza.

4. É importante notar, para a compreensão das cinco Sephiroth inferiores, que o presente estágio de evolução representou algum grau de desenvolvimento da consciéncia humana nessas Esferas. Tiphareth representa a consciência superior, em que a individualidade se une à personalidade; Netzach a Hod simbolizam, respectivamente, os aspectos da força a da forma da consciéncia. Porque a consciência humana avançou um grau de desenvolvimento nessas Esferas, sua natureza puramente cósmica é consideravelmente excedida por suas influências; e, como a consciência humana, desenvolvendo-se em Malkuth, é uma consciência de formas derivada da experiência das sensações físicas, as condições de Malkuth se refletem, numa forma rarefeita, em Hod a Netzach, a em grau menor em Tiphareth; Yesod está ainda mais marcadamente condicionada pela influência amplificadora da Malkuth.

5. Isso se deve ao fato de que a mente de qualquer ser, tendo obtido um grau suficiente de desenvolvimento para alcançar uma vontade independente, opera objetivamente sobre seu meio e, dessa forma, o modifica. Ilustremos esse ponto por meio de um exemplo. As criaturas de desenvolvimento inferior, como as formas simples de vida que não têm poder motor, como as anêmonas, só podem exercer uma influência muito limitada sobre seu meio; mas uma criatura de tipo superior a mais inteligente pode exercer uma influência muito grande sobre o meio ambiente, forçando-o, por sua inteligência a energia, a conformar-se à sua vontade, como quando um castor constrói um dique. Os seres humanos, a mais elevada de todas as criaturas da matéria, aprenderam a exercer uma influência profunda sobre seu meio, de modo que o globo terrestre está gradualmente se sujeitando à vontade do homem.

6. No que concerne a cada nível de consciência, as condiçóes são exatamente análogas. A mente realiza suas construções por meio do estofo mental a da natureza das forças espirituais do cosmo, exatamente como a

anêmona retira sua substância da nutrição que a água lhe traz. Os tipos supepores de personalidade, contudo, são análogos aos tipos superiores de animals, porque podem, num grau crescente, de acordo com a sua energia a capacidade, influenciar o seu meio sutil; a mente edificada no estofo mental faz sentir seu poder no plano mental.

7. Observamos, ao tratar do plano astral - que é essencialmente o nível de função dos aspectos mais densos da mente humana -, que as forças e fatores desse plano se apresentam à consciência como formas etéreas de um tipo distintamente humano; e, se abordarmos o assunto filosoficamente, e não credulamente, teremos dificuldades para explicar como isso se dá. O iniciado, contudo, tem sua explicação. Ele declara que foi a própria mente humana que criou essas formas, representando para si mesmo essas forças naturais inteligentes como formas portadoras de um tipo humano, a raciocinando por analogia que, como elas são individualizadas, sua individualidade deve ter a mesma espécie de veículo para a manifestação que a sua própria individualidade.

8. Essa não é, naturalmente, uma constatação óbvia. De fato, essas formas de vida, quando deixadas a si próprias, terminam sua encamação nos fenômenos naturais, constituindo seus veículos coordenações de forças naturals, tais como um rio, uma cadeia de montanhas ou uma tempestade. Sempre que o homem entra em contato com o astral, seja como um sensitivo ou um mago, ele cria as formas à sua semelhança, para representá-las como forças sutis, fluídicas, a assim entrar em contato com elas, compreendendo-as e submetendo-as à sua vontade. Ele é uma verdadeira criança da Grande Mãe, Binah, a leva suas propensões naturais para organizar a construir forma a qualquer plano que seja capaz de exaltar-lhe a consciência.

9. As formas percebidas no plano astral por aqueles que são capazes de vê-las são as formas produzidas pela imaginação humana para representar essas forças naturais sutis que pertencem a formas de evolução diferentes da nossa. As inteligências de outras formas de evoluçâo que não a humana, se entram em contato conosco, podem às vezes ser persuadidas a fazerem use dessas formas, assim como um homem pode pôr um escafandro a descer para outro elemento. Um certo tipo fundamental de magia se dedica a fazer essas formas e a induzir as entidades a animá-las.

10. Consideremos o que ocorre quando tal processo está em ação. O homem primitivo, que é muito mais sensível do que o homem civilizado, devido ao fato de sua mente não estar tão elaboradamente organizada pela educação, percebe intuitivamente que há algo sutil atrás de uma unidade altamente complexa de força natural que a diferencia de qualquer outra

unidade. Os homens percebem subconscientemente esse aspecto num grau muito maior do que querem admitir; a não é por obra do simples acaso que damos nomes femininos aos furacões, ou chamamos, em inglês, os rios de "pal". Um selvagem, que sente essa vida que existe por trás dos fenômenos, tenta fazer contato com ela para poder aliar-se-lhe. Como não pode, obviamente, esperar conquistá-la, ele precisa achegar-se a ela, assim como o faria com outras vidas estranhas animadas nos corpos de outra tribo. Para entrar em acordo com alguém, precisamos parlamentar. Não se pode entrar em acordo com pessoas que não parlamentam. O selvagem imagina, raciocinando por seu próprio método primitivo de analogia, que os seres por trás dos fenômenos repousam num reino semelhante àquele em que sua própria vida onínca ocorre; como os sonhos diurnos são estreitamente afros aos sonhos noturnos, a têm a vantagem de estar submetidos à vontade, ele tenta aproximar-se desses seres de outra esfera penetrando-lhes o reino; ou seja, ele fabrica no sonho diurno ou na fantasia a aproximação mais estreita de que é capaz com as visões da noite, e, se consegue alcançar um alto grau de concentraçâo, é capaz de fechar sua consciência desperta a penetrar voluntariamente no estado onírico, formulando um sonho regido por sua própria vontade.

11. Para conseguir esse propósito, ele formula em sua imaginação um retrato mental que visa representar o ser que é o gêmo governante do fenômeno natural com que deseja entrar em acordo; ele o formula muitas e muitas vezes; ele o adora; ele o reverencia; ele o invoca. Se a invocação é suficientemente fervorosa, o ser que está buscando o ouvirá telepaticamente e poderá interessar-se pelo que ele está fazendo; se sua adoração a os sacrifícios lhe são agradáveis, poderá obter sua cooperação. Aos poucos, ele pode ser domado a domesticado; e, por fim, pode ser persuadido a animar, de tempos em tempos, a forma que se construiu com o estofo mental à guisa de veículo. O sucesso dessa operação depende, naturahnente, do grau em que o adorador aprecia a natureza do ser invocado, a ele só pode fazê-to na medida em que o seu próprio temperamento partilhar dessa natureza.

12. Se esse processo tem êxito, conseguimos, então, a domesticação de uma parte da vida da Natureza, encamando-a na forma pela qual os seus adoradores a conhecem. Enquanto a forma astral se mantém viva pelo tipo apropriado de adoração empreendido pelos adoradores com a necessária capacidade para entrar em comunhão com essa espécie de vida, dispomos de um deus encarnado, que desceu ao âmbito da percepção humana. Cessando a adoraçáo, o deus se retira para sua morada no seio da Natureza. Se existem outros adoradores, contudo, que possuem o conhecimento necessáno para edificar uma forma em consonância com a natureza da vida que deve ser invocada, e a simpatia imaginativa necessária para invocá-la, é

algo relativamente simples atrair uma vez mais à forma a vida que estava acostumada a animá-la; não mais difícil, do que apanhar, com uma cesta de aveia, um cavalo que vive em estado selvagem nos pastos.

13. Poder-se-á dizer que tudo isso não passa de especulação fantástica a puro dogmatismo. Como posso eu saber que é esse o modo pelo qual agia o homem primitivo? Porque é esse o método de ação que a tradição secreta dos Mistérios nos transmitiu desde tempos imemoriais, a porque, quando esse método é empregado por alguém que adquiriu o grau necessário de habilidade na concentração a conhece os símbolos que são utilizados para constituir as diferentes formas, esse mesmo método mostra sua validade, e a chama do altar atrai novamente os Velhos Deuses. Resultados definidos se produzem na consciência dos adoradores; e, se eles emprestam a técnica do espiritista a se podem recorrer a um médium materializador, fenômenos de um tipo bem definido podem ser produzidos.

14. Esse método é empregado nos trabalhos da Missa pelos sacerdotes que têm o conhecimento. Existem dois tipos de sacerdotes na Igreja Romana: o clérigo paroquial a os homens que pertencem a ordens monásticas. Esses monges empregam freqüentemente, no trabalho da Missa, um altíssimo grau de poder mágico, como qualquer sensitivo pode testemunhar. O ato da transubstanciação é, na verdade, a animação de uma forma astral com força espiritual. É no conhecimento dessas coisas a na posse de corpos organizados de homens a mulheres treinados em sua utilização nas ordens monásticas que reside a força da Igreja Católica a Apostólica; é a ausência Jesse conhecimento interior que constitui a fraqueza Jas comunhões cismáticas, ausência que toma os rituais anglicanos, mesmo quando operados com todo o cerimonial, tão diferentes como a água do vinho, quando comparados com os rituais romanos; pois os homens que os operam não têm qualquer conhecimento das operações secretas tradicionais da comunhão romana, a não são treinados na técnica da visualização. Não sou católica, a jamais o serei, porque não me submeteria à sua disciplina, nem acredito que haja apenas Um Nome sob os céus por meio do qual os homens se possam salvar, embora eu reverencie esse Nome, mas reconheço o poder quando o vejo, e o respeito.

15. Mas o poder da Igreja Romana não repousa nos documentos, e sim na função. Ela é poderosa não porque Pedro recebeu as Chaves (e é provável que ele não as tenha recebido), mas porque ela conhece seu trabalho. Não há razão que impeça os sacerdotes da Comunhão Anglicana de operarem com o poder se eles aplicarem os princípios que expliquei nestas páginas. Na Sociedade do Mestre Jesus, que é parte de minha própria organização, a Fratemidade da Luz Interior, rezamos a Missa com o poder porque aplicamos esses princípios. Quando começamos, ofereceram

a Sucessão Apostólica aos nossos oficiantes, mas nós a recusamos, porque sentimos que seria melhor utilizar nosso conhecimento para fazer novamente os contatos por nossa conta do que receber a Sucessão Apostólica de uma fonte que não estava acima de suspeitas - e a experiência justificou a nossa escolha.

II

16. Para compreendermos plenamente a filosofia da Magia, devemos lembrar que uma Sephirah isolada não é funcional; a função supõe sempre um par de opostos em equilíbrio, que resulta numa terceira Esfera equilibrada que é funcional. O par de opostos em si não é funcional porque ele se neutraliza mutuamente; só quando se une com a força equilibrada para fluir por uma terceira Esfera, segundo o simbolismo do Pai, da Mãe a do Filho, alcança o par a atividade dinâmica, distinta da força latente que está encerrada nele à espera da invocação.

17.O triângulo funcional da Tríade Superior consiste em Hod, Netzach a Yesod. Hod a Netzach, como já observamos, são, respectivamente, Forma a Força no plano astral. Yesod é a base da substância etérea, Akasha, ou a Luz Astral, como é às vezes chamada. Hod é especialmente a Esfera da Magia, porquanto é a Esfera da formulação de formas, a é, por conseguinte, a Esfera na qual o mago realmente opera, pois é sua mente que formula as formas a sua vontade que reúne as forças naturais da Esfera de Netzach que animam essas formas. Note-se, contudo, que sem os contatos de Netzach, o aspecto da força do astral, a animação não poderia ocorrer; e, em Netzach, sendo essa a Esfera das emoções, os contatos se fazem por meio da simpatia. O poder da vontade projeta o mago para fora de Hod, mas apenas o poder da simpatia pode colocá-to em Netzach. Uma pessoa fria a de vontade dominadora não pode se tomar um adepto que trabalha com o poder, assim como não o pode uma pessoa fluidicamente simpática de pura emoção. O poder da vontade concentrada é necessário para que o mago enfrente sua obra, mas o poder da simpatia imaginativa é essencial para que esses contatos se façam. Pois é apenas através de nosso poder para entrar imaginativamente na vida dos tipos de existência diversos do nosso que podemos entar em contato com as forças da natureza. Tentar dominá-las pela Aura vontade, amaldiçoando-as pelos poderosos Nomes de Deus se elas resistem, é pura feitiçaria.

18. Como já observamos, é por meio dos fatores correspondentes em nossos próprios temperamentos que entramos em contato com as forças da Natureza. É a Vênus interior que nos põe em contato com as influências

simbolizadas por Netzach. É a capacidade mágica de nossa própria mente que nos pôe em contato com as forças da Esfera de Hod-Mercúrio-Thoth. Se em nossa própria natureza não existe Vênus a nenhuma capacidade para responder ao chamado do amor, as portas da Esfera de Netzach jamais se abrirão para nós a nunca receberemos a sua iniciação. Da mestna maneira, se não temos qualquer capacidade mágica, que é o trabalho da imaginação intelectual, a Esfera de Hod será um livro fechado para nós. Só podemos operar numa Esfera depois de termos recebido a iniciação dessa Esfera, a qual, na linguagem dos Mistérios, confere os seus poderes. Na operação técnica dos Mistérios, essas iniciações são concedidas no plano físico por meio do cerimonial, que pode ou não ser efetivo. O ponto fundamental da questão reside no fato de que não podemos despertar uma atividade que já não existe em estado latente. A vida é o verdadeiro iniciador; as experiências da vida estimulam o funcionamento das capacidades de nossos temperamentos no grau em que as possuímos. A cerimônia da iniciação a os ensinamentos dadòs nos diversos graus têm por objetivo apenas tornar consciente o que era anteriormente subconsciente, a submeter ao controle da vontade, dirigida pela inteligência superior, as capacidades de reação desenvolvidas que até então só responderam cegamente aos estímulos apropriados.

19. Cumpre lembrar que é apenas na proporção em que nossas capacidades de reação se elevam acima da Esfera dos reflexos emocionais a se colocam sob o controle racional que podemos transformá-las em poderes mágicos. Apenas quando o aspirante - tendo a capacidade de responder em todos os planos, ao chamado de Vênus, pode recusar-se com facilidade a sem esforço à vontade de responder é que ele pode se iniciar na Esfera de Netzach. Eis por que se diz que o adepto utiliza todas as coisas, mas não depende de nada.

20. Esses conceitos são claros para aqueles que têm olhos para ver o simbolismo de Hod. O Texto Yetzirático declara que Hod é a Inteligência Perfeita porque é o instrumento do Primordial. Em outras palavras, é o poder em equilíbrio, pois a palavra "instrumento" implica uma posição intermediária entre dois extremos.

21. O conceito da reação a da satisfação inibidas está expresso no título do Oito de Copas do Tarô, cujo nome secreto é "Sucesso Abandonado". O naipe de Copas do Tarô, no simbolismo do Tarô, está sob a influência de Vênus a representa os diferentes aspectos a influências do amor. O "Sucesso Abandonado", a inibição da reação instintiva, que daria a satisfação - em outras palavras, a sublimação -, é a chave dos poderes de Hod. Mas lembremos que a sublimação não é a mesma coisa que a repressão ou a erradicação, e se aplica ao instinto de autopreservação,

assim como ao instinto de reprodução, com o qual a mente popular a associa exclusivamente.

22.O mesmo conceito reaparece no título secreto do Oito de Espadas, que é "O Senhor da Força Diminuída". Temos, nessas palavras, uma clara imagem da suspensão a retenção do poder dinâmico que procuramos controlar.

23. No Oito de Ouros, que representa a natureza de Hod manifesta no plano material, temos o Senhor da Prudência - que é também uma influência restritiva. Mas essas três cartas negativas se resumem sob o governo do Oito de Paus, que representa a ação da Esfera de Hod no plano espiritual, e essa carta recebe o nome de Senhor da Rapidez.

24. Vemos, pois, que é pelas inibições a restrições nos planos inferiores que á energia dinámica do plano superior pode ser utilizada. É na Esfera de Hod que a mente racional impõe essas inibições à natureza animal dinámica da alma, condensando-as, formulando-as a dirigindo-as por meio de sua linútação a impedindo-lhes a difusão. É essa operação da Magia que trabalha com os símbolos. Por meio dela, as forças naturais livres são reprimidas a dirigidas aos fins desejados. Esse poder de direção a controle só pode ser obtido pelo sacrifício da fluidez, a Hod é, por conseguinte, justamente considerado como o reflexo de Binah através de Chesed.

25. Tendo considerado os princípios gerais da Esfera de Hod, podemos agora considerar em detalhes o seu simbolismo.

26. O significado da palavra hebraica Hod é Glória, o que sugere de pronto à mente que, nessa Sephirah, a primeira Esfera em que as formas estão definitivamente organizadas, o esplendor do Primordial se revela à consciência humana. Os físicos nos dizem que a luz só se manifesta como azul no céu devido à refração das partículas de pó na atmosfera. Uma atmosfera absolutamente sera pó seria completamente negra. Ocorre o mesmo na metafísica da Árvore. A glória de Deus só pode brilhar na manifestação quando existem formas que a manifestam.

27. A Imagem Mágica de Hod concede um tema muito interessante para meditação. Aqueles que compreenderam o signiflcado das páginas anteriores verão até que ponto a natureza dinámica a formal do trabalho mágico está resumida no símbolo do ser em que se combinam os elementos masculino a feminino.

28. Hod é essencialmente a Esfera das formas animadas pelas forças da natureza; e, inversamente, é a Esfera em que as forças da natureza assumem uma forma sensível.

29. O Texto Yetzirático já foi extensamente comentado e, quanto a esse assunto, o leitor deverá reportar-se a ele.

30. O Nome Divino de Hod, Elohim Tzabaoth, Deus das Hostes, contém o símbolo hermafrodita de modo muito interessante, pois a palavra Elohim é um substantivo feminino com um plural mascuiino, indicando, assim, segundo a maneira dos cabalistas, que ela representa um tipo duplo de atividade ou de força que funciona por meio de uma organização. As três Sephiroth do Pilar Negativo da Árvore têm a palavra Elohim como parte do Nome Divino. Tetragrammaton Elohim em Binah; Elohim Gebor em Geburah; e Elohim Tzabaoth em Hod.

31. A palavra Tzabaoth significa hoste, ou armada. Temos, assim, a idéia da Vida Divina que se manifesta em Hod por meio de uma hoste de formas animadas com força, em oposição à atividade fluídica de Netzach.

32. A atribuição do poderoso arcanjo Miguel a Hod oferece-nos um tema muito interessante para reflexão. Esse arcanjo é comumente representado pisoteando uma serpente a atravessando-a com uma espada, a tendo em mãos um par de balanças, símbolo do equilíbrio, que expressa a mesma idéia do Texto Yetzirático, "Instrumento do Primordial".

33. A serpente pisoteada pelo grande Arcanjo é força primitiva, a serpente fálica dos freudianos; a esse hieróglifo nos ensina que é a "prudência" restritiva de Hod que "amortece" a força primitiva, impedindo-a de ultrapassar os seus limites. A Queda, devemos lembrar, é representada na Árvore pela Grande Serpente, que ultrapassa os limites colocados para ela e ergue suas sete cabeças coroadas até Daath. É muito interessante observar a maneira pela qual os símbolos se interpenetram, reforçando-se a esclarecendo-se mutuamente, a fornecendo os seus frutos à contemplação do cabalista.

34. O coro angélico que opera em Hod é o dos Beni Elohim, os Filhos dos Deuses. Temos novamente o conceito dos "Deuses das Hostes", ou armadas. Um dos conceitos mais importantes da ciência arcana diz respeito à operação do Criador por meio dos intermediários. O não-iniciado e o profano imaginam que Deus trabalha como um pedreiro, juntando tijolos com as próprias mãos a levantando o edifício; mas o iniciado concebe Deus como o Grande Arquiteto do Universo, que desenha Seus projetos no plano dos arquétipos e a Quem recorrem os videntes, os arcanjos, em busca de instrução, dirigindo as armadas dos operários

humildes que assentam pedra sobre pedra de acordo com o plano arquetípico do Superior. Constrói o arquiteto com as suas próprias mãos? Não; a tampouco assim foi quando o universo estava sendo edificado.

35. O chakra cósmico, como já observamos, é Mercúrio, a já analisamos o seu simbolismo como Hermes-Thoth.

36. A experiência espiritual atribuída a essa Sephirah é a Visão do Esplendor, que é a compreensão da glória de Deus manifesta no mundo criado. O iniciado de Hod vê além das aparências das coisas criadas a percebe o seu Criador; e, na compreensão do esplendor da Natureza como a veste do Inefável, ele recebe a sua iluminação a se toma um co-operador do Grande Artífice. É essa compreensão das forças espirituais que manipulam todas as manifestações a aparições que é a chave dos poderes de Hod tal como são eles considerados na Magia da Luz. É formando-se um canal para essas forças que o Mestre da Magia Branca ordena as Esferas de Força Desequilibrada, não utilizando os poderes para sua vontade pessoal. Ele é o equilibrador do desequilibrado, não o manipulador arbitrário da natureza.

37. Nessa esfera, que é a Esfera de Mercúrio-Hermes, deuses da ciência a dos livros, vemos claramente que a virtude suprema é a veracidade, e que o aspecto contrário dessa Sephirah é aquele que Mercúrio revela em seu aspecto como deus dos ladrões a dos trapaceiros astutos. Na ética esotérica, acredita-se que cada plano tem o seu padrâo de certo a errado. O padrão do plano físico é a força; o padrão do plano astral é a beleza; o padrão do plano mental é a verdade; e o padrão do plano espiritual é o certo e o errado, tal como entendemos esses termos; portanto não existe ética, a não ser em termos de valor espiritual; tudo o mais é transitório. Na Esfera que é essencialmente a Esfera da mente concreta, é lógico que a Cabala lhe atribua como virtude suprema a veracidade.

38. A correspondência no Microcosmo estabelece-se entre os quadris e as pernas, de acordo com a regência astrológica do planeta Mercúrio.

39. Os símbolos associados a Hod são os nomes, os versículos e o avental. Os nomes são as Palavras de Poder por meio das quais o mago resume a evoca na consciência as potências multiformes dos Beni Elohim. Esses nomes não são, em absoluto, vocábulos arbitrários a bárbaros, sem etimologia ou significado. São fórmulas filosóficas. Em alguns casos, sua interpretação é etimológica, como no caso das divindades egípcias, cujos nomes se baseiam nos nomes das forças que servem para designar forças complexas. Em todos os sistemas mágicos, contudo, que têm sua raiz na Cabala, os nomes mágicos se baseiam no valor numérico das consoantes deste ou daquele alfabeto sagrado; há uma Cabala grega, uma árabe a uma

copta, além da bem conhecida hebraica. Essas consoantes, quando substituídas pelos números apropriados, fornecem uma cifra, que pode ser manipulada matematicamente de diversas maneiras. Alguns desses meios estão de acordo com os métodos da matemática pura, e o resultado volta a se traduzir em letras, revelando correspondências muito interessantes com os nomes das forças similares ou conexas. Esse é um aspecto muito curioso da tradição cabalística, e, nas mãos de mestres experientes, fornece resultados interessantes; mas pode, ao contrário, conduzir o inexperiente ao abismo, porque não há limite para as combinações, a apenas um profundo conhecimento dos princípios pode dizer-nos quando as analogias são legítimas ou não, impedindo-nos de cair na credulidade a na superstição.

40. Os versículos são frases mântricas, a um mantra é uma frase sonora que, quando repetida indefinidamente à maneira de um rosário, opera sobre a mente como uma forma especial de auto-sugestão - cuja psicologia é por demais complexa para que dela possamos aqui nos ocupar.

41. O avental evoca associações imediatas para os iniciados do Sábio Salomão; ele é o traje característico do iniciado nos Mistérios Menores, que é sempre qualificado figurativamente como um pedreiro, isto é, um construtor de formas, a como a Sephirah Hod é a Esfera das operações dos construtores de formas mágicas, o símbolo que lhe corresponde é bastante pertinente. O avental cobre a oculta o centro lunar de Yesod, que estudaremos em seu devido tempo. Como já observamos, Yesod é o aspecto funcional do par de opostos do plano astral.

42. Já estudamos, em páginas anteriores, os quatro oitos das cartas do Tarô, atribuídos a essa Sephirah.

43. Para concluir, temos em Hod a Esfera da Magia Formal, distinta do simples poder mental. As formas que são construídas pelo mago que trabalha com as forças da Natureza são os Beni Elohim, os Filhos dos Deuses.

XXIV. YESOD

Título: Yesod, o Fundamento. (Em hebraico, יסוד : Yod, Samech, Vau, Daleth.)

Imagem Mágica: Um belo homem desnudo, muito forte.

Localização na Árvore: Na base do Pilar do Equilíbrio.

Texto Yetzirático: O Nono Caminho chama-se Inteligência Pura, porque purifica as Emanações. Ele prova a corrige o desenho de suas repre-.. sentações, a dispõe a unidade em que elas estão desenhadas, sem diminuição ou divisão.

Nome Divino: Shaddai el Chai, o Deus Vivo Todo-poderoso.

Arcanjo: Gabriel.

Coro Angélico: Kerubim, os Poderosos.

Chakra cósmico : Levanah, a Lua.

Experiência Espiritual: A visão do mecanismo do universo.

Virtude: Independência.

Vício : Ociosidade.

Correspondência no Microcosmo: Os órgãos reprodutores.

Símbolos: Os perfumes a as sandálias.

Cartas do Tarô: Os quatro noves. Nove de Paus: grande força; Nove de Copas: felicidade material; Nove de Espadas: desespero a crueldade; Nove de Ouros: ganho material.

Cor em Atziluth: Índigo.

Cor em Briah: Violeta.

Cor em Assiah: Citrino salpicado de azul.

Cor em Yetzirah: Púrpura muito escura.

I

1. O estudo do simbolismo de Yesod revela dois grupos de símbolos aparentemente incongruentes. Por um lado, temos a concepção de Yesod como o fundamento do universo, estabelecido na força,: a que é indicada pela recorréncia da idéia da força, como na imagem mágica de um belo homem desnudo, muito forte, no Nome divino de Shaddai, o Todo-poderoso, nos Kerubim, os anjos poderosos, a no Nove de Paus, cujo nome secreto é o Senhor da Grande Força. Mas, por outro lado, temos o simbolismo da Lua, que é essencialmente fluida a que apresenta um estado

contínuo de fluxo a refluxo, sob o govemo de Gabriel, o arcanjo do elemento Água.

2. Como podemos reconciliar esses conceitos conflitantes? A resposta encontra-se nas palavras do Texto Yetzirático, que afirma a respeito do Nono Caminho: "Ele purifica as Emanações. Prova a corrige o desenho de suas representações, a dispôe a unidade em que elas estão desenhadas sem diminuição ou divisão." Esse conceito é esclarecido, ademais, pela natureza da experiência espiritual atribuída a Yesod, que é descrita como "a visão do mecanismo do Universo".

3. Temos, então, a idéia das águas fluidas do caos reunindo-se a organizàndo-se por meio das "representações" que foram "desenhadas" em Hod; a "prova, correção a disposição da unidade" final dessas "representaçôes" ou imagens formativas resultam na organização do "mecanismo do Universo", cuja visão constitui a experiéncia espiritual dessa Sephirah. De fato, Yesod poderia ser corretamente descrita como a Esfera do mecanismo do universo. Se comparássemos o reino da Terra a um grande navio, Yesod seria a casa das máquinas.

4. Yesod é a Esfera dessa substãncia peculiar, que participa tanto da natureza da mente quanto da da matéria, a que se chama o Éter do Sábio, o Akasha, ou Luz Astral, de acordo com a terminologia empregada. Não se trata do mesmo éter do físico, que é um elemento ígneo da Esfera de Malkuth, a que representa para esse éter o mesmo que este représenta para a matéria densa; ele é, na verdade, a base dos fenômenos que os físicos atribuem ao seu éter empírico. Poderíamos chamar o Éter do Sábio de raiz do éter dos físicos.

5. O universo material é um enigma insolúvel para o materialista, porque ele insiste em tentar explicá-to nos termos de seu próprio plano. Eis uma coisa que jamais poderá ser feita em qualquer Esfera de pensamento. Nada pode ser explicado em termos de si mesmo; só se pode fazé-lo, relacionandose uma coisa num todo maior. Os quatro elementos dos antigos encontram sua explicação num quinto elemento, o Éter, como sempre afirmaram os iniciados. Reza uma doutrina da filosofia esotérica que os quatro estados visíveis tém sua raiz num quinto estado, que é invisível. Por exemplo, os Quatro Mundos dos cabalistas radicam num ponto além dos Véus do Imanifesto. É apenas quando postulamos esse quinto imanifesto a lhe atribuímos certas qualidades deduzidas dos quatro manifestos como essenciais à primeira causa, que somos capazes de chegar a qualquer compreensão da natureza dos quatro estados. Assim, encontramos em Yesod o quinto imanifesto dos quatro elementos de

Malkuth, correspondendo o fogo dos antigos ao éter dos modernos, e a terra, a água e o ar, aos estados sólidos, líquido a gasoso da matéria.

6. Devemos conceber Yesod, portanto, como o receptáculo das emanações de todas as outras Sephiroth, como ensinam os cabalistas, a como o único a imediato transmissor dessas emanaçóes a Malkuth, o plano físico. Como diz o Texto Yetzirático, é função de Yesod purificar as emanações, e prová-las a corrigi-las; conseqüentemente, é na Esfera de Yesod que ocorrem as operações destinadas a corrigir a Esfera da matéria densa, ou dispor sua unidade de desenho. Yesod, portanto, é a Esfera essencial de qualquer magia que pretende agir no mundo físico.

7. É essencial notar que todas as Esferas operam de acordo com a sua natureza, a que essa natureza não pode, de maneira alguma, ser alterada por qualquer influência mágica ou milagrosa, embora cheia de poderes; podemos "corrigir" o "desenho" das representações. As coisas representadas permanecem firmes. As condiçóes do mundo material não podem, por conseguinte, ser arbitrariamente alteradas, nem mesmo pela força espiritual superior, como acreditam aqueles que pedem a Deus para intervir em seu próprio meio, curando-lhes as enfermidades ou fazendo a chuva cair sobre a terra; essas condições não podem igualmente ser influenciadas pelo mago mais poderoso com seus encantamentos. Só podemos nos aproximar de Malkuth por meio de Yesod, a só podemos nos aproximar de Yesod por meio de Hod, onde as "representações" são "desenhadas". Libertemos de uma vez por todas nossas mentes da idéia de que o espírito pode agir diretamente sobre a matéria. Isso jamais acontece. O espírito opera por meio da mente, e a mente opera por meio do Éter; e o Éter, que é a estrutura da matéria e o veículo das forças vitais, pode ser manipulado nos limites de sua natureza, que não são de maneira alguma estreitos. Todos os acontecimentos miraculosos a sobrenaturais ocorrem, portanto, pela manipulação das qualidades naturais do Éter e, se compreendêssemos a natureza do Éter, deveríamos compreender a racionalidade da produção desses acontecimentos. Não devemos atribuí-los à intervenção direta de Deus ou às atividades dos espíritos dos mortos, assim como não atribuímos hoje os fenômenos da combustão às atividades do flogisto, que as gerações anteriores acreditavam ser o princípio do fogo, cuja presença ou ausência determinava se uma dada substáncia queimaria ou não. Ainda vivem hoje algumas pessoas que ouviram falar da escola do flogisto, a que testemunharam a mudança de pensamento; da mesma maneira, virá o dia em que os homens considerarão os fenômenos psíquicos e a cura "espiritual" do mesmo ponto de vista que hoje encaramos o flogisto.

8. No estágio atual de nosso conhecimento, não é possível descrever de maneira detalhada a natureza do Éter Yesódico. Não obstante, podemos adiantar algumas coisas a seu respeito, ensinadas pela experiência. Entre elas, figuram as experiências com o ectoplasma, que é muito semelhante a esse Éter quanto à natureza; de fato, poderíamos descrevê-to como Éter orgánico, em contraposição ao Éter dos físicos, que é Éter inorgánico. Sabemos que o ectoplasma assume formas a as retém a as abandona com igual facilidade, o que mostra que não é a forma que confere a vida, mas a vida que determina a forma. Sabemos também que o ectoplasma pode ser emanado e absorvido, embora não conheçamos as condiçôes que governam esse fenômeno. O ectoplasma é, na verdade, uma espécie de protoplasma etéreo; e podemos conceber que o Éter ou a Luz Astral'tem com o ectoplasma a mesma relação que o ectoplasma tem com o protoplasma.

9. Embora não conheçamos a natureza última do Éter Astral, da mesma forma como não conhecemos a natureza última da eletricidade, não obstante sabemos, pela observação, que ele possui certas propriedades; sabemos, por experiência, que estas existem, porque nos permitem manipular essa substância sutil em certos modos definidos - como já explicamos - nos limites de sua própria natureza. Duas dessas propriedades são importantíssimas para o trabalho do ocultista prático, a formam, de fato, a base de todo o seu sistema.

10. A primeira dessas propriedades é a capacidade que o Éter astral apresenta de ser moldado pela mente; a segunda é a capacidade de sustentar as moléculas da matéria densa em seus raios parecidos a fios, como numa rede. Alguém poderá perguntar de que maneira sabemos que o Éter possui essas qualidades, tão vitais para nossas hipóteses mágicas. Respondemos que a existência dessas propriedades é a única explicação para as propriedades da matéria viva a da mente consciente. Não podemos explicar a mente ou a matéria apenas em seus próprios termos, nem podemos explicar a mente sem empregar os termos da consciência. A sensação é tanto um caso da mente quanto da matéria, inexplicável em si. Para explicar a sensação nervosa, devemos postular uma substãncia que é intermediária entre a mente e a matéria; para compreender o moviunento precisamos igualmente afirmar a existência de tal substância - isto é, que possui o poder de receber a manter a marca do pensamento a influenciar a posição no espaço das unidades atômicas da matéria. Essas são propriedades que atribuímos ao nosso hipotético Éter astral, empregando, para justificar esse procedimento, os mesmos argumentos que foram aceitos em benefício de um procedimento similar no caso do Éter dos físicos. Defenderemos o que precede em favor de nossa hipótese; a se os argumentos em favor do éter dos físicos são aceitos, é difícil entender por que um Éter não deveria ser admitido na psicologia. Diz uma velha máxima

que não se devem multiplicar desnecessariamente as hipóteses, mas, quando uma hipótese como a do Éter prova ser tão frutífera, estamos amplamente justificados em experimentar uma hipótese similar na ciência irmã da psicologia. Uma coisa é certa: a psicologia jamais fez qualquer progresso enquanto se lirnitou ao ponto de vista materialista a encarou a consciência como um epifenômeno, isto é, como um subproduto irrelevance a sem propósito da atividade fisiológica - se é que se pode dizer que algo na natureza é irrelevante a sem propósito. Aprendamos uma lição com o alcatrão, subproduto irrelevante a sem utilidade da produção do gás, que inicialmente desprezado revelou-se depois a fonte de muitos produtos químicos, tinturas a drogas.

II

11. Do ponto de vista da Magia, Yesod é a Sephirah importante, assim como Tiphareth é a Esfera funcional do misticismo, com seus contatos transcendentes com o Supremo. Se considerarmos a Árvore da Vida como um todo, veremos claramente que ela opera em tríades, tendo as Três Supremas suas correspondências num arco inferior em Chesed, Geburah a Tiphareth. Quem quer que tenha alguma experiência do cabalismo prático, Babe que, para todos os propósitos práticos, Tiphareth é Kether para nós, enquanto habitamos esta casa de carne, pois nenhum homem pode ver a face de Deus a sobreviver. Só podemos ver o Pai refletido no Filho, a Tiphareth "mostra-nos o Pai".

12. Netzach, Hod a Yesod formam a Tríade Superior, ofuscada por Tiphareth, assim como o Eu Inferior é ofuscado pelo Eu Superior. Poder-seia dizer, de fato, que as quatro Sephiroth inferiores formam a personalidade, ou unidade de encamação da Árvore; que a Tríade Superior de Chesed, Geburah a Tiphareth forma a individualidade, ou Eu Superior; a que as Três Supremas correspondem à Centelha Divina.

13. Embora cada Sephirah emane sua sucessora, as Tríades são sempre representadas, uma vez emanadas a em equilíbrio, como um par de opostos manifestando-se numa Terceira Funcional. Na Tríade inferior, encontramos Netzach a Hod equilibradas em Yesod, que é concebida como a receptora de suas emanações. Mas ela recebeu também as emanações de Tiphareth, e, por meio de Tiphareth, as de Kether, porque há sempre uma linha de força operando em sentido descendente num Pilar; conseqüentemente, como ela recebeu também de Netzach a Hod as influências que estas por sua vez receberam de seus respectivos Pilares, ela pode ser corretamente chamada, nas obras dos cabalistas, de "receptáculo

das emanações"; e é de Yesod que Malkuth recebe o influxo das forças divinas.

14. Yesod é também de suprema importância para o ocultista prático, porque ela é a primeira Esfera com que entra em contato quando começa a "elevar-se nos planos", a ergue a consciência acima de Malkuth. Tendo trilhado o terrível Trigésimo Segundo Caminho do Tau, ou Cruz do Sofrimento, a de Saturno, ele penetra em Yesod, a Casa do Tesouro das Imagens, a Esfera da Maia, a Ilusão. Yesod, considerada em si mesma, é inquestionavehnente a Esfera da Ilusão, porque a Casa do Tesouro das Imagens não é outra coisa senão o Éter Refletor da Esfera da Terra, a corresponde, no microcosmo, ao inconsciente dos psicólogos, repleto de coisas velhas a esquecidas, reprintidas desde o alvorecer da raça. As chaves que fecham as portas da Casa do Tesouro de Imagens a nos permitem comandar seus habitantes acham-se em Hod, a Esfera da Magia. Afirma-se corretamente nos Mistérios que nenhum grau se toma funcional antes de se alcançar o próximo. Todo aquele que tenta operar como um mago em Yesod logo aprende seu erro, pois, embora possa perceber as Imagens na Casa do Tesouro, ele não tem nenhuma palavra de poder para comandá-las. Por conseguinte, na iniciação no Caminho Ocidental pelo menos (não posso afirmá-to quanto ao Oriental, pois não o conheço), os graus dos Mistérios Menores seguem pelo Pilar Central até Tiphareth, a não a linha do Relâmpago Brilhante. Em Tiphareth, o iniciado toma o primeiro grau de adepto, a daí retoma, se o desejar, para aprender a técnica da Magia relativa à personalidade da Árvore, ou seja, a unidade macrocósmica da encamação. Se ele não o deseja, mas quer libertar-se da Roda do Nascimento a da Morte, ele avança pelo Pilar Central, que os cabalistas chamam de Caminho da Flecha, a passa por sobre o Abismo e atinge Kether. Aquele que penetra nessa luz não pode mais voltar.

15. Yesod é também a Esfera da Lua; por conseguinte, para compreender-lhe o significado, devemos saber algo a respeito de como a Lua é vista no ocultismo. Sustentam os iniciados que a Lua se separou da Terra num período em que a evolução estava no ápice entre a fase etérea de seu desenvolvimento e a fase da matéria densa. Aqueles que estão familiarizados com a terminologia astrológica sabem que a cúspide é a fase entre dois signos em que a influência de ambas se interpenetra. A Lua, então, tem algo de material em sua composição, daí o globo luminoso que vemos no céu; mas a parte realmente importante de sua composição é etérea, porque foi durante a fase da evolução em que a vida desenvolveu a forma etérea que a Lua teve o seu apogeu e, por essa razão, tal fase é chamada por alguns ocultistas de Fase Lunar da evolução. Aqueles que desejarem saber mais sobre esse assunto lerão com proveito Lhe Rosicnucian Cosmo-conception, de Max Heindel, e A doutrina secreta, de

Mme. Blavatsky. Como os cabalistas utilizam um sistema diferente de classificação do dos vedantistas, não podemos tratar do vasto assunto dos "Raios a Rondas" nestas páginas. Limitar-nos-emos a afirmar dogmaticamente certos fatos conhecidos dos ocultistas, indicando onde o leitor poderá encontrar, se o desejar, informações mais completas.

16. A Lua e a Terra, de acordo com a teoria ocultista, partilham um duplo etéreo comum, embora seus dois corpos físicos estejam separados e a Lua seja o elemento mais velho; ou seja, nos assuntos etéreos, a Lua é o pólo positivo da bateria, e a Terra é o pólo negativo. Yesod, como já observamos, reflete o Sol de Tiphareth, que por sua vez é Kether num arco inferior. Os astrónomos já nos falaram que a Lua brilha por causa da luz alheia, refletida do Sol, a eles estão começando agora a descobrir que o Sol pode receber sua energia ígnea do espaço exterior. Traduzido na terminologia cabalística, o espaço exterior seria o Grande Imanifesto, a os cabalistas têm ensinado essa doutrina desde os dias em que Enoch passeava com Deus e desapareceu, pois Deus o tomou - em outras palavras, Enoch recebeu a iniciação de Kether.

17. Viu-se mais acima que Yesod-Luna está sémpre num estado de fluxo a refluxo, por causa da quantidade de luz solar recebida a refletida, que brilha a se apaga num ciclo de vinte a oito dias. Malkuth-Terra está também num estado de fluxo a refluxo num ciclo de vinte a quatro horas, e pela mesma razão. Malkuth-Terra tem também um ciclo de trezentos a sessenta a cinco dias, cujas fases são assinaladas pelos equinócios a solstícios. É o conjunto de interações dessas marés que importa para o ocultista prático, porque muito de seu trabalho depende delas. Os mapas dessas marés foram sempre mantidos em segredo, a alguns são extremamente complexos. Como essas informaçóes dizem respeito aos trabalhos secretos - os genuínos a legítimos segredos ocultos, que são transmitidos apenas após a iniciação -, não podemos comunicá-las nestas páginas. Já dissemos o bastante, contudo, para indicar que certas marés no Éter lunar existem a são importantes, a que os estudantes do oculto perdem seu tempo se tentam operálas sem os necessários mapas.

18. Essas marés lunares exercem um papel importantíssimo nos processos fisiológicos das plantas a dos animais, a especialmente na germinação a crescimento das plantas a na reprodução dos animais, como o testemunha o ciclo sexual de vinte a oito dias lunares da fêmea humana. O macho tem um ciclo sexual baseado no ano solar, mas, em casas iluminadas e aquecidas artificialmente esse ciclo não é tão marcado; embora o poeta nos tenha chamado a atençáo para o fato de que "Na primavera, a fantasia de um jovem volta luminosa para os pensamentos de amor", e a referência é tão correta que basta apenas citá-la.

19. É a luz da Lua o fator estimulante dessas atividades aéreas e, como a Terra e a Lua partilham de um duplo etéreo, todas as atividades etéreas sâo mais ativas quando a Lua está em sua fase cheia. Da mesma maneira, durante a Lua nova, a energia etérea está em sua fase mais baixa, e as forças desequilibradas tendem a elevar-se a causar problemas. O Dragão das Qliphoth ergue suas múltiplas cabeças. Em conseqüência, é melhor abandonar o trabalho oculto prático durante a Lua nova, a só os trabalhadores experientes devem executá-lo. As forças que dão vida estão relativamente fracas a as forças desequilibradas relativamente fortes; o resultado, em mãos inexperientes, é o caos.

20. Todos os sensitivos estáo conscientes dessas marés cósmicas, e mesmo aqueles que não são deliberadamente sensitivos se vêem afetados muito mais por elas do que geralmente se reconhece, especialmente durante as enfermidades, quando as energias físicas estão em baixa.

21. Não se pode dizer muitas coisas a respeito de Yesod, porque nela estão ocultas as chaves dos trabalhos mágicos. Devemos, por conseguinte, nos contentar em elucidar o simbolismo numa forma um tanto quanto criptológica, embora aquele que tenha ouvidos para ouvir esteja livre para utilizá-las.

22. Já observamos a curiosa natureza dupla de Netzach a Hod, pois a imagem mágica de Hod é um hermafrodita, a os antigos representavam Vênus-Afrodite como uma mulher barbada. Encontramos novamente em Yesod esse simbolismo dual e, mais uma vez, como veremos depois, em Malkuth. Lsso indica claramente que nessas Sephiroth, que pertencem aos níveis inferiores da Árvore, devemos reconhecer definitivamente, em cada uma, um lado da força a um lado da forma. Esse aspecto se toma muito clam tanto em Yesod quanto em Malkuth, às quais se atribuem deuses e deusas.

23. Yesod é essencialmente a Esfera da Lua e, como tal, está sob o govemo de Diana, a deusa lunar dos gregos. Ora, Diana era no início uma deusa casta, etemamente virgem e, quando o ousado Acteão a importunou, foi ele destroçado por seus cães de caça. Diana, contudo, foi representada em Éfeso provida de muitos seios a reverenciada como uma deusa da fertilidade. Além disso, Isis é também uma deusa lunar, como o indica o crescente lunar sobre sua testa, que, em Hathor, se converte nos cornos da vaca, sendo a vaca, entre todos os povos, o símbolo especial da maternidade. No simbolismo cabalístico, os órgãos geradores são atribuídos a Yesod.

24. Tudo isso é muito enigmático à primeira vista, pois os símbolos parecem ser mutuamente exclusivos. Quando dermos um passo a mais, contudo, começaremos a descobrir os elos unificadores entre as idéias.

25. Três deusas são atribuídas à Lua: Diana, Selene ou Luna a Hécate. Esta é a deusa da feitiçaria a dos encantamentos, que preside também os partos.

26. Há também um deus lunar muito importante: Thoth, o Senhor da Magia. Portanto, quando descobrimos que Hécate na Grécia a Thoth no Egito são ambos atribuídos à Lua, não podemos deixar de reconhecer a importãncia da Lua nos assuntos mágicos. Qual é então a chave da Lua mágica, que é às vezes uma deusa virgem a às vezes uma deusa da fertilidade?

27. Não é preciso buscar muito longe a resposta. Ela se encontra na natureza rítmica da Lua, e, de fato, na natureza rítmica da vida sexual da mulher. Há ocasiôes em que Diana tem muitos seios; há ocasiões em que seus cães reduzem o intruso a pedaços.

28. Ao tratar dos ritmos de Luna, tratamos de estados etéreos, não de estados físicos. O magnetismo das criaturas vivas cresce a diminui com um ritmo definido. Isso é de fácil observação quando se conhece a meta almejada. A força magnética revela-se com clareza nas relações entre pessoas em quem o magnetismo está em perfeito equilíôrio. Às vezes, uma estará em ascensão e, às vezes, a outra.

29. Mas, poder-se-is perguntar, se a Esfera de Yesod é etérea, por que são os órgãos geradores atribuídos a essa Esfera, uma vez que a sua função é sem dúvida física? A resposta a essa questão reside no conhecimento dos aspectos mais sutis do sexo, conhecimento, aliás, que parece estar totalmente perdido no mundo ocidental. Não podemos aqui comentar esse tema em detalhes, mas basta assinalar que todos os aspectos mais importantes do sexo são etéreos a magnéticos. Podemos compará-to a um iceberg, cuja maior parte está sob a superfície. As reações físicas do sexo são apenas uma parcela muito pequena, de maneira alguma a parte mais vital de seu funcionamento. É por ignorarmos esse fato que muitos casamentos não conseguem cumprir o propósito de unir duas metades num todo perfeito.

30. Conferimos pouca importância ao lado mágico do casamento, a despeito do fato de a Igreja o classificar entre os sacramentos. Ora, um sacramento é definido como um signo exterior a visível de uma graça interior e espiritual, e é essa graça interior a espiritual que é tão raro encontrar no ato matrimonial das raças anglo-saxônicas, com seu

temperamento relativamente frígido a seu desrespeito pelo corpo. Essa graça interior a espiritual que faz do matrimônio um sacramento verdadeiro em seu gênero não é a graça da sublimação ou da renúncia, ou a pureza da negação a da abstinência; é a graça da bênção de Pã na alegria das coisas naturais, muito bem expressa por Walt Whitman em sua série de poemas Children of Adam.

31. A atribuição de perfumes a sandálias a YeSQd é muito significativa. Essas duas coisas exercem um papel muito importante nas operações mágicas. As sandálias, ou chinelos sem salto a confortáveis, são utilizadas no trabalho cerimonial para trilhar o círculo mágico. Elas são tão importantes no equipamento do ocultismo prático quanto a sua vara de poder. Deus disse a Moisés: "Retira os sapatos, pois o lugar em que estás é local sagrado." O adepto faz um campo sagrado para si mesmo colocando em seus pés as sandálias consagradas. O tapete de cor apropriada a gravado com símbolos adequados é também uma peça importante na mobffia das lojas ocultas. Ele concentra o magnetismo da Terra utilizado na operação, da mesma maneira como o altar é o foco das forças espirituais. Através de nossos pés, tocamos o magnetismo da Terra; e, quando esse magnetismo é de um tipo especial, utilizamos chinelos que não o inibem.

32. Os perfumes são também muito importantes nas operações cerimoniais, pois representam o lado etéreo. Sua influência psicológica é bem conhecida, mas a fina arte de utilizá-los psicologicamente tem sido pouco estudada fora das lojas ocultas. O use de perfumes é o meio mais efetivo de tirar proveito das emoções e, conseqüentemente, de alterar o foco da consciência. Como nossos pensamentos fogem rapidamente das coisas terrestres quando a fumaça errante do incenso chega a nós vinda do altar superior! E como retomam eles novamente quando sentimos um odor de patchuli vindo do banco que está à nossa frente!

33. E nas quatro cartas do Tarô atribuídas a essa Sephirah vemos claramente os efeitos do magnetismo etéreo. Possuímos uma Grande Força quando estamos em contato com a Terra, abençoados por Pã; há também a Alegria Material; de fato, sem a bênção de Pã, não pode haver nenhuma felicidade material, porque não há paz dos nervos. Nesse lado negativo, contudo, encontram-se as profundidades do desespero a da crueldade; mas, nos contatos terrestres firmes sob nossos pés, obtemos o Ganho Material, porque estamos prontos para trabalhar o plano material.

XXV. MALKUTH

Título: Malkuth, o Reino. (Em hebraico, מלכות : Mem, Lamed, Kaph, Vau, Tau.)

Imagem Mágica: Uma jovem coroada, sentada no trono.

Localização na Árvore: Na base do Pilar do Equilíbrio.

Texto Yetzirático: O Décimo Caminho chama-se Inteligência Resplandecente, porque é exaltado sobre todas as cabeças a tem por assento o trono de Binah. Ele ilumina os esplendores de todas as luzes, fazendo emanar a influência do Príncipe dos Rostos, o Anjo de Kether.

Títulos Conferidos a Malkuth: A Porta. A Porta da Morte. A Porta das Trevas da Morte. A Porta das Lágrimas. A Porta da Justiça. A Porta da Oração. A Porta da Filha dos Poderosos. A Porta do Jardim do Éden. A Mãe Inferior. Malkah, a Rainha. Kallah, a Noiva. A Virgem.

Nome Divino: Adonai Malekh, ou Adonai ha Aretz.

Arcanjo: Sandaephon.

Coro Angélico : Ashin, Almas de Fogo.

Chakra Cósmico: Cholem ha Yesodoth; Esfera dos Elementos.

Experiência Espiritual: Visão do Anjo da Guarda Sagrado.

Virtude: Discriminação.

Vício: Avareza. Inércia.

Correspondências no Microcosmo: Os pés. O ânus.

Símbolos: O altar do cubo duplo. A cruz de braços iguais. O círculo mágico. O triângulo de arte.

Cartas do Tarô: Os quatro dez: Dez dePaus: opressão; Dez de Copas: sucesso completo; Dez de Espadas: ruína; Dez de Ouros: riqueza.

Cor em Atziluth: Amarelo.

Cor em Briah: Citrino, oliva, castanho-avermelhado a preto.

Cor em Yetzirah: Citrino, oliva, castanho-avermelhado a preto, salpicado de ouro.

Cor em Assiah : Preto, com listras amarelas.

I

1. Já se terá observado que a conformação da Árvore abrange três triãngulos funcionais, mas que Malkuth não participa de nenhum deles, estando isolado; dizem os cabalistas que ela recebe as influências ou emanações de todas as outras Sephiroth. Mas, embora Malkuth seja a única Sephirah que não participa de um triãngulo, ela é também a única Sephirah representada por diversas cores em vez de uma única, pois ela se divide em quatro quadrantes, que são atribuídos aos quatro elementos: Terra, Ar, Fogo e Água. E, embora não seja funcional em nenhum triângulo, ela representa o resultado final de todas as atividades da Árvore. Malkuth é o nadir da evolução, o ponto mais afastado do arco em expansão, pelo qual passa toda a vida antes de retomar à sua origem.

2. Malkuth recebe o nome de Esfera da Terra; mas não devemos cometer o erro de pensar que os cabalistas designam por Malkuth apenas a Esfera terrestre. Eles designam também a alma da Terra - isto é, o aspecto sutil a psíquico da matéria, o número subjacente do plano físico que dá origem a todos os fenômenos físicos. Ocorre o mesmo com os quatro elementos. Eles não são a terra, o ar, o fogo, e a água dos físicos, mas os quatro estados em que a energia pode existir. O esoterista os distingue de suas contrapartes mundanas referindo-se a eles como o Ar do Sábio, ou a Terra do Sábio, conforme o caso. Ou seja, o elemento Ar ou Terra. como os conhece o iniciado.

3. O físico reconhece a existência da matéria em três estados. Em primeiro lugar, o sólido, em que as partículas componentes aderem firmemente umas às outras; em segundo lugar, o líquido, em que as partículas se movem livremente umas sobre as outras; em terceiro lugar, o gasoso, em que as partículas tentam separar-se o mais possível umas das outras, ou, em outras palavras, difundir-se. Esses três estados da matéria correspondem aos três elementos Terra, Água, a Ar, a os fenômenos elétricos correspondem ao elemento do Fogo. A ciência esotérica classifica todos os fenômenos que se manifestam no plano físico sob essas quatro rubricas, pois acredita que estas ofereçam a chave para a compreensão verdadeira de sua natureza; a ela reconhece que qualquer força dada pode passar de um estágio ao outro sob certas condições, assim como a água pode existir tanto mum estado de gelo e vapor como em sua fluidez normal.

4. O esoterista vê em Malkuth o resultado final de todas as operações; só depois de os pares opostos terem alcançado o equilíbrio que

estabelece o estado de Terra, ou coerência, é que se pode dizer que eles completaram um ciclo de experiência. Quando este é alcançado, eles constroem um veículo permanente de manifestação a estereotipam suas reações; o mecanismo de expressão assim desenvolvido torna-se auto-regulador, a continuará a funcionar sem alarde, assim como o coração humano abre a fecha suas válvulas com perfeita regularidade, em resposta a um ciclo estereotipado de impulsos e à pressão sangüínea.

5. O ponto capital concemente a Malkuth é que nela se completa a estabilidade. É na inércia de Malkuth que repousam suas virtudes. Todas as outras Sephiroth são dinâmicas em vários graus; mesmo o Pilar central só atinge o equiliôrio quando em funcionamento, como um equilibrista que caminha sobre um arame.

6. Como as demais Sephiroth, Malkuth só pode ser entendida se a considerarmos em sua relação com as vizinhas. Mas, nesse caso, só há um vizinho - Yesod. Não se pode compreender Malkuth a não ser por meio do entendimento de Yesod.

7. Embora Malkuth seja essencialmente a Esfera da forma, a coerência das partes, salvo as correntes mecânicas a as atrações a repulsões eletromagnéticas, depende das funções de Yesod. E Yesod, embora seja essencialmente uma Sephirah que produz formas, depende, para a manifestação de suas atividades, da substância fomecida por Malkuth. As formas de Yesod são "a tela com que se tecem os sonhos", que absorvem as partículas materiais de Malkuth para incorporar-lhes as formas. São sistemas de correntes em cuja estrutura se erguem as partículas físicas.

8. É semelhante a situação de Malkuth. Ela é matéria inanimada até que os poderes de Yesod a animem.

9. Deveríamos conceber o plano material como o signo exterior e visível da atividade etérea invisível. Malkuth, em sua essência primeira, só é conhecida com a ajuda dos instrumentos do físico. Não é necessário dizer que onde há vida, lá está Yesod, porque Yesod é veículo da vida; mas devemos compreender também que, onde há qualquer espécie de atividade elétrica ou condutividade, seja de cristais, metais ou químicos, há força yesódica em funcionamento. É esse fato que toma certas substâncias adequadas para a utilização como talismãs, porque elas se carregam de força astral.

10. Não é possível compreender nestas páginas um estado detalhado da física esotérica; cumpre, no entanto, dar ao estudante uma compreensão dos princípios que explicam esse conceito do mundo material, que parece serum manto visível lançado sobre uma estrutura invisível.

11. A natureza exata da relação entre Yesod a Malkuth precisa ser claramente entendida, pois é muito importante para o trabalho oculto prático. Yesod é, naturalmente, o princípio que confere as formas, a toda forma que é edificada nessa Sephirah tomará corpo na Esfera de Malkuth, a menos que contenha incompatibilidades, pois tenderá a atrair as condições da expressão material. As partículas materiais, contudo, são extremamente resistentes e inertes em sua natureza, e é apenas operando o aspecto mais tênue da matéria - que o iníciado chama de elemento Fogo - que as forças yesódicas podem produzir qualquer efeito. Assim que se obtém uma resposta desse Fogo elemental, os outros elementós podem por sua vez serem influenciados.

12.O Fogo elemental, contudo, é uma espécie de sobreestado da matéria com que apenas os físicos mais avançados têm qualquer familiaridade. Poderíamos chamá-to antes de estado de relações do que de uma coisa em si. O Ar elemental poderia ser descrito como a capacidade para obter essas relações e, como tal, ele é o princípio da vida física, pois é apenas na medi. da em que a matéria tem uma capacidade para a organização que a substância orgánica é possível. A Água elemental, a Água do Sábio, é na verdade protoplasma; e a Terra elemental é matéria inorgânica.

13. Ora, cada um desses tipos.de força organizada a de capacidade de reação tem a sua própria natureza defmida, da qual não se afasta por qualquer força no cosmo manifesto. Mas, como há inter-relações definidas de influência a expressão entre esses quatro estados elementais, é possível, utilizando suas influências recíprocas, obter resultados que por falta de compreensão são chamados de "mágicos". Esse é, na verdade, o método mágico de manipular as tênues formas elementais, mas é também o método ao qual a vida recorre para fazer a mesma coisa; a sea Magia é algo mais do que auto-sugestão, ela deve utilizar os métodos da vida - isto é, ela precisa operar por meio da intermediação do protoplasma, pois o protoplasma, em sua curiosa estrutura reticular, serve de veículo para a força magnética sutil do Fogo do Sábio, transmitido pelo Ar elemental. Em outras palavras, o operador precisa utilizar o seu próprio corpo como um arranque automático, pois é o magnetismo de seu próprio protoplasma que fornece a base de manifestação de qualquer força que é introduzida na Esfera de Malkuth. Levado à sua conclusão lógica, esse é o princípio de geração tanto dos protozoários como dos espermatozóides.

14. O conceito moderno da matéria aproxima-se bastante daquele que tem sido sustentado pela ciência esotérica desde tempos imemoriais. O que os nossos sentidos percebem são os fenómenos que se podem atribuir à atividade de diferentes tipos de forças, comumente organizados a

combinados. Apenas por meio de uma compreensão da natureza dessas forças é que podemos entender a natureza da matéria. A ciência exotérica está procurando resolver o problema refinando sua concepção da matéria, no sentido de extrair-lhe toda a substãncia. O que o físico agora conhece como matéria está muito longe do cònceito comum que se tem desse aspecto da natureza.

15. O esoterista, observando o problema do ponto de vista oposto, assinala que matéria a mente são dois lados da mesma moeda, mas que há um ponto de investigação em que é proveitoso mudar a terminologia, a falar de forças a formas em termos de psicologia, como se elas fossem conscientes e finalistas. Segundo sua óptica, isso nos permite lidar muito melhor com os fenómenos que encontramos do que se nos limitássemos aos termos que se aplicam apenas à matéria inanimada e à força cega a não-direcionada. Devemos sempre, pela natureza do nosso intelecto, utilizar a analogia como uma ajuda para a compreensão; se as analogias que utilizamos nesse nível de investigação são as analogias da matéria inanimada, descobriremos que elas são táo limitadas que conduzirão ao erro e à limitação e, em vez de esclarecer, darão lugar à confusão.

16. Se, contudo, utilizarmos as terminologias da vida, da inteligência e da vontade consciente, tendo o cuidado de adaptá-las às necessidades do estado muito rudimentar de desenvolvimento com que temos de lidar, descobriremos que temos uma analogia que é iluminadora em vez de limitadora, e que nos permitirá avançar em nossa compreensão.

17. É por essa razão que o esoterista personifica as forças mais sutis e as chama de Inteligências. Ele as aborda como se de fato fossem inteligentes, e descobre que há um lado sutil em sua própria natureza a consciência que responde a elas, a ao qual, como acredita convictamente, elas respondem. Pelos menos, haja uma resposta mútua ou não, seus poderes para tratar com elas ficam, por else meio, muito mais desenvolvidos do que quando ele as encara como um "concurso fortuito de acidentes sem relação".

II

18. Malkuth é o nadir da evolução, mas devemos encará-la não como o abismo último da não-espiritualidade, a sim como a bóia de sinal de uma corrida de barcos. Todo barco que retoma ao ponto de partida sem ter dado a volta pela bóia é desclassificado. Ocorre o mesmo com a alma. Se tentarmos escapar da disciplina da matéria antes de termos dominado suas lições, não avançaremos na direção do céu, mas sofreremos um atraso em

nosso desenvolvimento. São esses desertores espirituais que saltam de um rebanho a outro nas inúmeras organizações que nos chegam do Extremo Oriente a do Extremo Ocidente. Eles descobrem no idealismo vulgar uma escapatória para as rigorosas leis da vida. Mas else não é um meio de progresso, a sim um meio de retirada. Mais cedo ou mais tarde, eles terão de enfrentar o obstáculo a explicá-lo. A vida os agrupa a os coloca novamente à frente dal dificuldades, a utiliza o chicote e a espora da enfermidade psicológica, pois aqueles que não querem enfrentar a vida se dissociam, e a dissociação é a causa primária de muitas enfermidades de que a mente é a herdeira.

19. Se estudarmos as lições da história, veremos que muitos problemas morais a espirituais se esclarecem de um ãngulo imprevisto. Constataremos que a civilização e a inspiração surgiram no Oriente - fato que os orientais ou os seguidores de uma tradição oriental assinalam orgulhosamente, afirmando que o Ocidente deverá curvar-se aos pés do Oriente se desejar aprender os segredos da vida.

20. Ora, é inegável que há muitas coisas - especialmente os aspectos mais ocultos da psicologia - a respeito das quail o Oriente tem muito mais a dizer do que o Ocidente, a que seríamos sábios se as aprendêssemos; mas é inegável também que, tendo nascido no Oriente, o ponto focal da evolução agora se encontra no Ocidente, a que, no que toca ao avanço na arte de viver neste nosso planeta, é o Oriente que deve olhar para o Ocidente, a menos que se contente em retroceder ao padrão de vida da roda de fiar. Mas não esqueçamos que o padráo de vida primitivo corre paralelamente ao padrão de morte primitivo. Uma cultura primitiva só pode suportar uma população escassa. Muitas pessoas devem morrer, especialmente os velhos a os jovens. Quando retomamos à natureza, ela nos trata à sua própria maneira, com seus dentes a garras vermelhas. O impacto rude da Natureza não é uma coisa agradável. Quando os seres humanos se multiplicam na Terra, esta os ceifa com doenças a fome. A civilização do homem branco implica o saneamento do homem branco. Abstendo-se de todas as ações, o indivíduo pode libertarse do corpo mais iápida a efetivamente do que aquele que nelas se engaja, mormente se entre as ações refreadas estão aquelas relacionadas com a higiene comunitária numa terra densamente povoada.

21. Os gregos compreenderam melhor do que ninguém o princípio de Malkuth, a foram eles os fundadores da cultura européia. Eles nos ensinaram a ver a beleza na proporção a no funcionamento perfeito, a em nenhuma outra parte. As frisas dal figural na uma grega lançaram a mente de Keats na contemplaçáo da verdade a da beleza ideais. Esse é o ideal mais elevado da contemplação a que pode aspirar a mente finita, pois nesse

ideal a lei a os profetas se erguem muito mais acima das severas proibições do código mosaico, levando-o à inspiração de um ideal a ser seguido.

22. Foi na Esfera de Malkuth que a civilização se desenvolveu durante o último milênio. Não é preciso que um astrólogo nos diga que a Primeira Guerra Mundial assinalou o fim de uma época, a que estamos agora na aurora de uma nova fase. De acordo com a doutrina cabalística, o Relâmpago Brilhante, alcançando seu ponto terminal em Malkuth, é substituído pelo simbolismo da Serpente da Sabedoria, cujas espirais sobem pelos Caminhos até que sua cabeça repouse atrás de Kether. O Relâmpago Brilhante representa a descida inconsciente da força, que edifica os planos de manifestação e passa do ativo ao passivo, retomando ao ponto de partida para que o equilíbrio possa ser mantido. A Serpente que se enrosca nos Caminhos representa a aurora da consciência objetiva, e é o símbolo da iniciação; no Caminho trilhado pelos iniciados, que estão sempre à frente de sua época, a evolução se põe em marcha, conduzindo consigo a raça como um todo. É agora normal para o homem comum fazer o que apenas os iniciados costumavam fazer.

23. Vemos, por conseguinte, que o ponto focal da evolução começa a elevar-se de Malkuth a se dirige para Yesod. Isso significa que a ciência, tanto a pura como a aplicada, ultrapassa o estado da matéria inanimada a começa a ter em conta o lado etéreo a psíquico das coisas. Essa fase de transformação é visível em nosso redor para aqueles que podem ler os sinais dos tempos. Vemo-la na medicina, nas relações internacionais, na organização industrial. Por fim, a com muita relutância, vemo-la fazer-se sentir nas ciências da fisiologia a da psicologia, que se aferram tenazmente às explicações materialistas de todas as coisas, a especialmente dos processos vitais, mesmo depois de os físicos, que tratam reconhecidamente da matéria inanimada, terem abandonado a posição materialista a preferido falar em termos de matemática.

24. A divisão oculta de Malkuth nos quatro elementos dá-nos uma chave preciosa. Deveríamos encarar a matéria como a Terra de Malkuth. Os tipos diferentes de atividade física, nas massas ou nas moléculas, classificamse sob as rubricas do anabolismo a do catabolismo, ou seja, os processos de edificação a destruição, que se podem classificar, na terminologia esotérica, como a Água e o Ar de Malkuth. Tudo o que a filosofia esotérica ou a mitologia pagã pode dizer a respeito desses elementos será aplicável a esses dois processos a funções metabólicas. O Fogo de Malkuth é aquele aspecto eletromagnético da matéria que estabelece o vínculo com os processos de consciência a vida, aos quais se aplicam os mitos da vida.

25. Quando se compreende esse princípio de classificação, a terminologja alquimista toma-se menos abstrusa a absurda, pois então se vê que a classificação em quatro elementos se refere realmente aos quatro modos de manifestação no plano físico. Esse método de classificação é muito valioso, pois permite-nos compreender o relacionamento e a correspondência entre o plano físico e o processo vital subjacente. Ele é especialmente importante no estudo da fisiologia a da patologia, a representa, em sua aplicação prática, uma chave importantíssima para a terapêutica. Os médicos mais avançados estão começando a voltar-se para esse método, a as classificações de Paracelso estão sendo citadas por mais de uma autoridade médica. O conceito da diátese, ou predisposição constitucional, está merecendo uma atenção especial. A psicoterapia está novamente começando a compreender que a velha classificação em quatro temperamentos nos concede um guia proveitoso para o tratamento, a que não se deve tratar todos da mesma maneira, a que tampouco os resultados similares nascem sempre de causas similares nos reinos da mente, porque o temperamento intervém a falsifica os resultados. Por exemplo, a apatia no tipo fleumático pode significar um mero aborrecimento, ao passo que o mesmo grau de apatia no tipo sangüíneo pode significar um colapso completo de toda a personalidade. As analogias entre as coisas materiais a mentais podem conduzir a grandes enganos, ao passo que as analogias entre as coisas mentais a materiais podem ser muito esclarecedoras.

26. Os quatro elementos correspondem aos quatro temperamentos descritos por Hipócrates, aos quatro naipes do Tarõ, aos doze signos do Zodíaco a aos sete planetas. Se estudarmos as implicações dessa afirmativa, veremos que nela se ocultam algumas chaves muito importantes.

27.O Elemento Terra corresponde ao Temperamento Fleumático; ao naipe de Ouros; aos signos de Touro, Virgem a Capricómio; a aos planetas Vênus a Lua.

28.O Elemento Água corresponde ao Temperamento Linfático; ao naipe de Copas; aos signos de Câncer, Escorpião a Peixes; a ao planeta Marte.

29.O Elemento Ar corresponde ao Temperamento Colérico; ao naipe de Espadas; aos signos de Libra, Gêmeos a Aquário; a aos planetas Saturno e Mercúrio.

30.O Elemento Fogo corresponde ao Temperamento Sangüíneo; ao naipe de Paus; aos signos de Áries, Sagitário a Leão; a aos planetas Sol a Júpiter.

31. Portanto, se classificarmos os assuntos do mundo a os fenômenos em termos dos quatro elementos, veremos imediatamente sua vinculação com a Astrologia e o Tarô. Ora, a classificação é o estágio que segue imediatamente a observação no método científico. Boa parte do trabalho científico consiste simplesmente nesses dois processos; de fato, para os soldados rasos da ciência, eles representam toda a sua atividade. Se a ciência se limitasse a essas duas atividades, como de fato o faria se prestássemos ouvidos aos nossos cientistas mais prosaicos, ela seria apenas uma compilação dos fenómenos naturais, como se os agentes estivessem no universo. Mas o cientista imaginativo, o único que merece o nome de pesquisador, utiliza a classificação não tanto como meio para ordenar as coisas, mas para conhecer-lhes as relações.

32. A distância que vai do cientista imaginativo (que percebe) ao cientista filosófico (que interpreta) é muita pequena; e a distância que vai do cientista filosófico (que interpreta em termos de causa) ao cientista esotérico (que interpreta em termos de propósito e, assim, une a ciência à,ética) é menor ainda. A tragédia da ciência esotérica consiste no fato que seus expoentes nunca estiveram convenientemente apetrechados no plano de Malkuth, sendo, conseqüentemente, incapazes de coordenar seus resultados com aqueles obtidos pelos trabalhadores de outros campos. Enquanto tolerarmos esse estado de coisas, continuaremos a ter pensamentos confusos e suposições crédulas como nosso quinhão inalienável. A ciência esotérica precisa observar a regra da corrida de barcos, a fazer com que cada operação mágica contorne a bóia de marcação de Malkuth antes de poder vangloriarse de um êxito completo.

33. Tratemos agora de interpretar essa metáfora do ponto de vista do ocultismo técnico. Toda operação mágica tem por objetivo fazer com que o poder desça aos planos a pô-to a serviço do operador, que, então, o aplica à finalidade desejada. Muitos operadores se contentam em obter resultados puramente subjetivos - ou seja, uma sensação de exaltação; outros visam à produção de fenômenos psíquicos. No entanto, todos deveriam reconhecer que nenhuma operação é completada antes de o processo ser expresso em termos de Malkuth, ou, em outras palavras, antes de pôr-se em ação no mundo físico. Se isso não é feito, a força então gerada não se torna convenientemente "terrestre", e é essa força perdida, dispersada, que causa os problemas dos experimentos mágicos. Tal força pode não causar problemas num único experimento, pois poucos operadores geram bastante poder para fazer qualquer coisa, muito menos problemas; mas, numa série de experiências, o efeito pode ser cumulativo, a resultar em transtorno psíquico, em má sorte a em acontecimentos estranhos, relatados com freqüência pelos experimentadores. São essas coisas que dão má fama à Magia Experimental, fazendo-a ser vista como perigosa a comparada ao

use de drogas. A verdadeira analogia, contudo, seria com os perigos da pesquisa dos raios X em seus primórdios. É a técnica errada que causa a perturbação, como ocorre sempre que se operam poderes ativos. Aperfeiçoemos nossa técnica para evitarmos os problemas e, assim, teremos uma poderosa força à nossa disposição.

III

34. O único meio de transição entre Yesod a Malkuth é a mediunidade das substâncias vivas. Ora, há vários graus de vida. O esoterista reconhece a vida em qualquer parte em que haja forma organizada, pois ele diz que só a vida pode organizar a forma, embora naquilo que chamamos vulgarmente de "substâncias inorgânicas" a proporção de vida seja muito pequena, a em alguns casos infinitesimal. Em algumas formas de matéria orgânica, contudo, a proporção de vida não é, em absoluto, negligenciável, assim como nas plantas a proporção de inteligência não é em absoluto descartável. Só os mais recentes progressos do trabalho experimental, notadamente os de Sir Jagindranath Bhose, puderam demonstrar esse fato, mas ele é conhecido empiricamente há muito pelo ocultista prático. Este sempre fez use de substâncias cristalinas a metálicas como acumuladores de forças sutis, considerando a seda como um isolador a aproveitando-se das propriedades das mesmas substâncias que o eletricista emprega hoje. Os melhores talismãs são os discos de metal puro gravados com frases adequadas a recobertos em seda de cor apropriada com que o talismã está carregado. Uma pedra preciosa, que é naturalmente um cristal colorido, desempenha um papel muito importante em certas operaçôes, porque age como um foco para a força, a também em certos tipos de receptores sem fio. A influência das cores nos estados mentais é bem conhecida. Nenhum trabalhador permaneçe muito tempo nas salas vermelhas dos laboratórios fotográficos, pois sabe-se que esses trabalhadores estarão sujeitos a distúrbios emocionais a mesmo a um desequiliôrio mental temporário. Redescobrimos todas essas coisas por meio do moderno método científico a seus instrumentos, mas eles eram bem conhecidos dos antigos, a suas aplicaçôes práticas foram aproveitadas numa extensão com que hoje não sonhamos, exceto entre aqueles que são popularmente conhecidos como "excêntricos".

35. Também entre as plantas encontramos um grau variável de "atividade psíquica", atribuído especialmente às plantas aromáticas. Os antigos tinham um elaborado sistema de atribuição das plantas às diferentes formas de força sutil. Algumas dessas atribuiçôes são, evidentemente, fantasiosas, mas há certos princípios gerais que podem nos servir de guia.

Onde quer que encontremos uma planta tradicionalmente associada a qualquer divindade, podemos estar certos de que essa planta tem afinidades com o tipo de força que aquela divindade representa. Essa associação pode parecer superficial a irracional, como aquelas que Freud afirmou existirem na mente do sonhador, mas os adoradores da divindade, se a associação é consagrada pela tradição, terão estabelecido a conecção psíquica entre a planta e a força, e, como em todas as associações tradicionais, o vínculo, uma vez estabelecido, pode ser facilmente recuperado por aqueles que sabem como fazer use da imaginação criadora. Se existe qualquer relação intrínseca entre a natureza da planta e a natureza da força à qual é atribuída (como no caso da rosa a Vênus a do lírio à Virgem Maria), ela é estabelecida rapidamente pelos adoradores de um culto a também rapidamente recuperada por aqueles que lhe seguem as pegadas, mesmo após um lapso de séculos. Por conseguinte, para todos os propósitos práticos, há sempre uma relação; existente não apenas entre plantas a determinada divindade, mas, igualmente, também entre animais a divindades.

36. Uma atribuição que tem uma especial importância prática é a dos perfumes a das cores. As atribuições coloridas já foram indicadas nas tabelas no cabeçalho de cada capítulo. A respeito dos perfumes, é menos fácil formular regras precisas, pois os perfumes existentes são inumeráveis, a as forças no trabalho prático tendem a confundir-se com outras. Por exemplo, é difícil, a na verdade indesejável, manter as forças de Netzach separadas das de Tiphareth, ou as de Hod das de Yesod, ou de Yesod das de Malkuth; e todo aquele que tentar operar Geburah sem Gedulah "queimará os dedos".

37. Os perfumes não são empregados apenas para permitir a manifestação, mas para sintonizar a imaginação do operador. Para esse fim, eles são muito eficazes, como o poderá descobrir aquele que tentar executar uma cerimônia sem o perfume apropriado. Nos operadores inexperientes, é aconselhável dispensar a utilização dos perfumes, caso o efeito psíquico seja muito drástico para a sua tranqüilidade ou conveniência.

38. Falando de modo geral, podemos dividir os perfumes em dois grupos: aqueles que exaltam a consciência a aqueles que despertam a atividade da subconsciência. Entre os primeiros, as gomas aromáticas ocupam um lugar à parte, a são empregados exclusivamente na manufatura de incenso eclesiástico. Podemos acrescentar, a essa gomas, certos óleos essenciais que possuem propriedades similares, especialmente aqueles que estâo mais para aromáticos a adstringentes do que para ácidos. Essas substâncias sáo muito úteis em todas as operaçóes em que o objetivo é o aumento da clareza intelectual ou a exaltação do tipo místico.

39. Os perfumes que despertam a mente subconsciente são de dois tipos: os dionisíacos a os venusianos. Os odores dionisíacos são do tipo aromático a ácido, como a essência de cedro ou sándalo ou de pinho. Os odores venusianos são de natureza aromática a penetrante, como a baunilha. Na prática atual, esses dois tipos de odores se confundem, a os odores florais característicos encontram-se em ambas as divisôes. No trabalho prático de compor os perfumes quase sempre se faz uma mistura de ingredientes, pois eles se realçam mutuamente. Muitos perfumes que em si são acres a crus, ou adocicados a pesados, tomam-se admiráveis quando misturados.

40. Já se afirmou alhures que os perfumes sintéticos são inúteis para o trabalho mágico. Em minha opinião experiente, esse não é o caso, desde que a essência seja de boa qualidade. As boas essências sintéticas em nada diferem dos produtos naturais, a não ser nos testes químicos. Como o valor dos perfumes é psicológico, a sua ação se exerce sobre o operador a não sobre o poder invocado, a natureza química da substãncia é irrelevante, desde que produza os efeitos apropriados.

41. A mesma observação se aplica às pedras preciosas, embora isso pareça uma heresia. Tudo de que precisamos é um cristal de cor apropriada e, se ele é um rubi desta ou daquela classe, isso pouca diferença faz, a não ser na conta bancária. Que esse fato era bem conhecido pelos antigos, provamno as listas de pedras preciosas consagradas às divindades, nas quaffs figuram diversas classes de pedras. Por exemplo, Crowley, em 777, consagra as pérolas, as selenitas, o cristal e o quatzo às forças lunares, e o rubi ou qualquer pedra vermelha a Marte.

42. Acreditam os ocultistas que a concentração mental de uma corrente de vontade, apoiada pela imaginação, exerce um efeito sobre certos cristais, metais a óleos. Eles utilizam essa propriedade para conservar nesses objetos as forças de um tipo particular, de modo que essas forças possam ser facilmente despertadas à vontade, ou mesmo exercer ininterruptamente a sua influência por meio de uma emanação constante. Muitas cerimônias dependem, em algum grau pelo menos, do princípio das armas mágicas consagradas. É digno de menção que todo equipamento mais importante de uma igreja, antes de ser utilizado, é sempre consagrado. Não se pode duvidar de que essa consagração é efetiva. Todo bom sensitivo será capaz de distinguir um objeto consagrado de outro não-consagrado, desde que, é claro, essa consagração tenha sido efetiva. Todo ocultista prático sente por experiência a mudança marcante que o assalta quando manipula seus instrumentos mágicos ou veste as roupas consagradas. Ele pode realizar coin tais objetos o que de outro modo seria incapaz de executar. Ele também sabe que leva tempo para "domar" um novo

instrumento mágico. É interessante notar a esse respeito que não consigo escrever nada sobre a Cabala Mística sem minha velha a gasta "Árvore da Vida" atrás de mim. É igualmente interessante notar que, quando essa Árvore da Vida - que foi originalmente preparada para mim por uma certa pessoa - se tomou tão encardida a ponto de ser indecifrável, eu a repintei, a descobri que ela aumentou consideravelmente o seu magnetismo, comprovando assim a velha tradição de que, na medida do possível, devemos preparar nossas armas mágicas coin nossas próprias mãos.

43. O grande problema no trabalho prático consiste em trazer as coisas à Esfera de Malkuth. Os antigos descreveram muitos métodos - cuja veracidade não temos meios de comprovar. Até que ponto eram reais as materializações obtidas pelo método do sacrifício de sangue descrito por Virgílio, a até onde a imaginação exaltada dos participantes desses impressionantes ritos fornecia a base da manifestação?

44. Mas, quaisquer que sejam os fatos, os holocaustos dos antigos não constituem um método prático que os experimentadores possam seguir. A base da idéia, contudo, repousa no fato de quvsangue fresco derramado fornece ectoplasma. Na verdade, existem médiuns materializadores que também produzem ectoplasma sem o derramamento de sangue. Mas aqueles que são capazes de fornecer uma grande quantidade dessa substãncia sâo muito raros. Quando um número de pessoas psiquicamente desenvolvidas se reúnem num círculo para os fins da evocação, elas podem produzir uma quantidade suficiente de ectoplasma para formar a base necessária dos fenômenos físicos. Esse método não está isento de dificuldades, para não dizer de riscos, e o esoterista, que é antes um filósofo do que um experimentador, raramente lança mão dele. Basta-lhe obter manifestações na Esfera de Yesod e percebê-las coin sua visão interior.

45. O único canal de evocação satisfatório é o próprio operador. No método egípcio de evocação, conhecido como "ascensão das formas divinas", o operador identifica-se coin o deus a se oferece como canal de manifestação. É seu próprio magnetismo que vence o abismo entre Malkuth e Yesod. Não existe outro método tão satisfatório, pois a quantidade de magnetismo num ser vivo é maior do que em qualquer metal ou cristal, mesmo precioso.

46. Esse antigo método é também conhecido modernamente como "mediunidade". Quando o espírito fala através do médium em transe, ocorre o mesmo que ocorria no Egito antigo quando o sacerdote, coin a máscara de Hórus, falava coin a voz de Hórus.

47. Quando analisamos a Árvore microcósmica, o corpo físico é malkuth, o duplo etéreo é Yesod; o corpo astromental é Hod a Netzach; e a mente superior é Tiphareth. Tudo que a mente superior é capaz de conceber pode facilmente ser trazido à manifestação na esfera subjetiva de Malkuth. Deveríamos, sem dúvida, confiar antes nesse método de evocação do que nos meios estranhos de extrair ectoplasma ou de derramar os fluidos vitais, mesmo que esses métodos pudessem ser praticados em nossa moderna civilização.

48. A melhor arma mágica é o próprio mago, a todos os demais expedientes não passam de meios para um fim, a este é a exaltação a concentraçâo da consciência que transforma o homem comum num mago. "Não sabeis que sois o templo do Deus vivo?", disse um Grande Ser. Se sabemos como utilizar os objetos simbólicos desse templo vivo, temos as chaves do céu em nossas mãos.

49. A chave para essa utilização encontra-se nas atribuições microcósmicas da Árvore. Interpretando-as em termos de função, e a função em termos de princípios espirituais, podemos entreabrir a porta do "armazém de força". A melhor a mais completa manifestação do poder de Deus se produz por meio do entusiasmo energizado do homem treinado a devoto. Seríamos mais sábios se esperássemos o resultado final da operação mágica produzida por canais naturais do que se esperássemos uma interferência no curso da natureza - espera que, na própria natureza das coisas, está fadada ao desapontamento.

50. Procuremos esclarecer esse ponto por um exemplo. Supondo-se que a meta seja uma cura, deveríamos empregar, de acordo coin o método da Árvore, um rito ou uma meditação sobre Tiphareth. Mas devemos, por essa razão, limitar nossas operações à Esfera de Tiphareth a fazer da cura um assunto exclusivamente espiritual, como o fazem os cientistas cristãos? Ou devemos modificar o nosso método, de modo a utilizar a imposição das mãos e a unção do óleo, que são operações da Esfera de Yesod, planejadas para conduzir a força magnética? Ou deveríamos, de acordo coin o que me parece ser o método mais sábio, utilizar também uma operação de Malkuth, trazendo assim o poder para os planos da manifestação sem interrupção ou lapso na transmutação a condução?

51. E o que é uma operação da Esfera de Malkuth? Simplesmente uma ação no plano físico. Numa invocação de cura, por conseguinte, penso que deveríamos antes invocar o Grande Médico para que nos manifeste Seu poder por meio do médico humano, visto que esse é o canal natural, do que contar com uma força espiritual para a qual o único canal de evocação é a

natureza espiritual do paciente, que pode ou não ser capaz de responder ao chamado.

52. É fora de questão que grandes forças espirituais podem atuar eficazmente na cura de nossas doenças, mas elas precisam ter um canal de manifestação; a por que deveríamos fazer um esforço sobre-humano para construir um canal psíquico quando temos outro ao alcance das mãos? Deus manifesta Seus milagres de uma maneira misteriosa apenas enquanto a lei natural é um livro selado para nós; mas, quando compreendemos os meios do trabalho da natureza, vemos que Deus age de uma maneira perfeitamente natural, por meio de canais regularmente estabelecidos; a diferença entre o natural e o sobrenatural não reside nos canais de manifestação empregados, mas na quantidade de força que se manifesta através deles. O que varia não é a qualidade, mas a quantidade do fluxo de força quando as forças espirituais são evocadas com sucesso.

53. Todo problema de MaIkuth consiste numa questão de canais e elos de conexão. O resto do trabalho é realizado pela mente nos planos mais sutis; a dificuldade real repousa na transição do sutil ao denso, pois o sutil está mal-equipado para operar no denso. Essa transição se efetua por meio do magnetismo das coisas vivas, orgánicas ou inorgânicas. *Ce n'est que le demier pas qui côute* nas operações mágicas.

IV

54. Três idéias surgem da meditação sobre o Texto Yetzirático relativo a Malkuth - o conceito da Inteligência Resplandecente, que ilumina o esplendor de todas as luzes; a relação entre Malkuth a Binah; e a função de Malkuth em fazer uma influência emanar do Anjo de Kether.

55. Talvez pareça curiosa a idéia de que Malkuth, o mundo material, é o iluminador das luzes, mas poderemos entender o sentido dessa sentença se nos referirmos à analogia física, segundo a qual o céu só parece ser azul e luminoso devido à refração luminosa de inúmeras partículas de pó que flutuam na atmosfera; o ar absolutamente limpo carece de luz, a nosso céu teria a escuridão do espaço interestelar se não fosse a ação dessas partículas. Aprendemos também, pelo estudo da física, que vemos os objetos graças apenas aos raios de luz que suas superfícies refletem. Quando há pouco ou nenhuma refração, como ocorre com um objeto negro, este é quase invisível sob luz diminuta, propriedade de que se servem os prestidigitadores e ilusionistas.

56. É a função formadora a concretizante de Malkuth que toma finalmente tangível a definido o que era, nos planos superiores, intangível e indefinido, e é esse seu grande serviço à manifestação a seu poder característico. Todas as luzes, ou seja, as emanações de todas as outras Sephiroth, tornam. se luminosas a visíveis quando refletidas nos aspectos concretos de Malkuth.

57. Toda operação mágica deve chegar a Malkuth antes de poder completar-se, pois somente em Malkuth a força se aloja na forma. Portanto todo trabalho mágico se cumpre melhor na forma de um ritual executado no plano físico - ainda que o operador trabalhe só - do que por qualquer forma de meditação que opere apenas no plano astral. Deve haver algo no plano físico, mesmo que sejam apenas as linhas traçadas num talismã, ou os sinais traçados no ar, que traz a ação ao plano de Malkuth. A experiência prova que uma operação assim executada é muito diferente de uma operação que começa a termina no astral.

58. A relação entre Malkuth a Binah é claramente indicada nos títulos atribuídos a ambas essas Sephiroth. Binah é a Mãe Superior a Malkuth, a Mãe Inferior. Como já vimos, Binah é o Dador de Forma primordial. Sendo Malkuth a Esfera da Forma, a relação é óbvia. O que se iniciou em Binah encontra sua cuIminação em Malkuth. Este ponto nos dá uma importante chave por meio da qual podemos guiar nossas pesquisas entre as ramificaçôes dos panteões politeístas. O sistema cabalístico é explícito a respeito da doutrina das Emanaçôes, por meio das quaffs o Um se transforma no Múltiplo, e o Múltiplo é reabsorvido no Um. Nenhum outro sistema é específico sobre esse ponto, embora se encontre em todos eles uma alusão ao método à guisa de genealogia. As uniões a as descendências de deuses a deusas - de modo algum realizadas sempre no âmbito do sagrado matrimbnio - apresentam uma indicação definida das doutrinas implícitas da emanação a da polaridade, a não são apenas fantasias grosseiras do homem primitivo, que criou os deuses à sua imagem a semelhança.

59. Uma cuidadosa comparação das informações que temos sobre os ritos pelos quaffs os amigos reverenciavam suas inúmeras divindades revela que os mitos bem delineados que tanto deleitam as crianças tinham pouca ascendéncia sobre a religião real dos povos que os utilizavam como meio de expressão para os ensinamentos espirituais. Os deuses a deusas fundem-se de modo enigmático, de sorte que temos Vénus Barbada, a Hércules, o herói viril entre todos, com trajes femininos.

60. Fica claro, no estudo da arte antiga, que as pessoas a as características dos vários deuses a deusas eram utilizadas como uma forma

pictográfica para indicar idéias abstratas defmidas, cuja convenção era bem conhecida pelos sacerdotes. Tendo de lidar com uma população na maior parte analfabeta, pois o ensino era limitado a pouquíssimas pessoas naqueles dias, os sacerdotes diziam sabiamente: "Observem este símbolo a reflitam sobre ele; vocês podem não saber o que ele significa, mas estão olhando na direção certa, a direção de onde provém a luz; e, na medida em que puderem recebé-la, a luz fluirá para suas almas, se contemplarem essas idéias." É certamente provável que a iluminação conferida nos Mistérios incluía a elucidação metafísica desses mitos.

61. Perséfone, Diana, Afrodite, Hera mudam seus símbolos, funçôes, características, a mesmo títulos acessórios, de maneira desconcertante nos mitos a na arte grega. Também Priapo, Pã, Apolo a Zeus. O melhor que podemos dizer deles é que todas as deusas são Grandes Mães a que todos os deuses são Dadores de Vida; a diferença entre eles reside não na função, mas no nível em que funcionam. Existe uma distinção entre Vênus Celestial e a deusa do amor terreno de mesmo nome; aquele qué sabe ler saberá notar uma igual distinção a uma mesma identidade secreta entre Zeus, o Pai de Todos, a Priapo, igualmente inclinado à paternidade, mas de outra maneira, sendo um terrestre e o outro celeste. Não obstante, eles não são dois deuses, mas um só: assim como Binah a Malkuth não são dois tipos distintos de força, mas a mesma força funcionando em níveis diferentes. Essa é a chave da compreensão do significado do culto fálico, que exerce um papel tão importante em todas as fés antigas a printitivas - papel, aliás, tão pouco compreendido por seus intérpretes escolásticos. Seu sentido real é a descida da divindade até a humanidade, na esperança de elevar a humanidade à divindade. Esse processo é a base igualmente da terapia freudiana.

62. A afirmação de que Malkuth faz uma influência emanar do Anjo de Kether confirma plenamente essa idéia. Vemos que a Grande Mãe, que é Malkuth, se polariza com o Pai Universal, que é Kether.

63. Essa classificação, contudo, é demasiadamente simples para servir-nos adequadamente, seja porque queiramos reduzir um panteão pagão aos seus termos mais simples, seja porque tratamos das vicissitudes a das faces da vida pessoal. Mas encontramos, nos quatro quadrantes em que Malkuth se divide, a chave de que precisamos.

64. Esses quatro elementos são a Terra, o Ar, o Fogo e a Água do Sábio - ou seja, os quatro tipos de atividade. A notação da ciência esotérica os representa por quatro diferentes tipos de triângulo. O Fogo é representado por um triángulo, do qual uma das pontas está voltada para cima; o Ar, por um triãngulo semelhante atravessado por uma barra,

indicando assim que o Ar tem uma natureza semelhante à do Fogo, porém mais densa. Aliás, não estaríamos errados se chamássemos o Ar de "Fogo Negativo", ou o Fogo de "Ar Positivo". A Água é representada por um triângulo voltado para baixo, e a Terra, pelo mesmo triãngulo atravessado por uma barra; e a esses dois símbolos se aplicam os mesmos princípios anteriores.

65. Supondo-se que consideremos o triângulo do Fogo como representante da força incondicionada e o triângulo do Ar como representante da forma totalmente inerte, e o triângulo da Água como representante de um tipo ativo de forma, teremos outra forma de classificação disponível. Nos mitos mais antigos, o ar, ou o deus do espaço, é o pai do Sol, o fogo celestial, e a água é a matriz da Terra. Isso fica bem clam no Pilar Central da Ãrvore da Vida, onde Kether, o espaço, ofusca Tiphareth, o centro solar, e a Esfera aquática de Yesod, o centro lunar, ofusca a Esfera terrestre de Malkuth.

66. Supondo que ordenemos os símbolos compondo o hieróglifo de outra maneira (uma das glórias da Arvore é permitir-nos fazé-lo), a coloquemos como os quatro elementos o citrino, a oliva, o castanho-avermelhado e o preto na Esfera de Malkuth, a consideremos que a forma vital que desce de Kether opera como uma corrente elétrica altemante, como a doutrina da polaridade altemante nos ensina a fazer, descobriremos que a força flui às vezes de Malkuth a Kether a às vezes de Kether a Malkuth.

67. Esse é um ponto capital quando aplicado ao microcosmo, pois nos ensina que precisamos estar em circuito com a alma da Terra, assim como com o Deus do céu; há uma inspiração que surge da inconsciência, assim como há uma inspiração que flui da supraconsciência.

68. Isso fica muito claro nos mitos gregos, em que encontramos forças terrestres positivas como Pã, que, graças ao seu simbolismo caprino, só pode ser atribuído à Esfera da Terra, pois Capricómio é o signo mais terrestre da triplicidade terrestre. Pã representa o magnetismo positivo da Terra que volta, em seu retomo, ao Pai Universal. Ceres, por outro lado, ou Diana de Muitos Seios, ambas Vénus muito terrestres a de modo algum virginais, representam a encamação final da força celeste na matéria densa. Hera, que foi chamada de Vênus Celestial ou Afrodite Celeste, representa o retomo da força terrestre ao céu, e é terra positiva num nível celestial.

69. Essas são coisas difíceis de elucidar para aqueles que não viram o Sol da meia-noite. Elas se revelam claramente na meditação, a muito pouco pela discussão.

V

70. As adivinhações se operam na Esfera de Malkuth. Ora, o objeto de todo método de adivinhação é descobrir um grupo de coisas no plano físico que corresponda precisa a compreensivamente às forças invisíveis, da mesma maneira pela qual os movimentos dos ponteiros de um relógio correspondem à passagem do tempo.

71. Para revelar tendências a condições gerais, a experiência universal daqueles que estudaram essas matérias concorda em que a Astrologia é o meIhor sistema de correspondências. Mas, para obter respostas a uma questão isolada, ela não é suficientemente específica, pois muitos fatores podem entrar em jogo, modificando o resultado. O adivinho iniciado faz uso, por conseguinte, de sistemas mais específicos, como a adivinhação pelo Tarô ou pela geomancia, quando deseja obter uma respota a uma questão específica.

72. Mas não vale a pena entrar numa loja a comprar um baralho de Tarô, a menos que se tenha o conhecimento necessário para construir as correspondências astrais de cada carta. Isso leva tempo, pois é preciso utilizar setenta a duas cartas. Uma vez isso feito, contudo, o operador poderá manipular as cartas com a plena certeza de que sua mente subconsciente, de qualquer maneira, escolherá as cartas que se referem ao assunto em questão. Não sabemos exatamente como isso se produz, mas uma coisa é certa, quando entramos em contato com o Grande Anjo do Tarô, as cartas são extremamente reveladoras.

73. Havendo considerado os princípios gerais da Esfera de Malkuth, estamos agora em posição de estudar-lhe, com proveito, o simbolismo.

74. Malkuth recebe o nome de Reino - em outras palavras, a Esfera governada por um rei - e Rei é o título de Microprosopos, que consiste nas seis Sephiroth centrais, com exclusão das Trés Supremas. Podemos considerar Malkuth, ou a Esfera material, como a Esfera da manifestação dessas seis Sephiroth centrais, as quais, por sua vez, emanam das Três Supremas. Portanto, tudo termina em Malkuth, assim como tudo começa em Kether.

75. A imagem mágica de Malkuth é uma jovem mulher, coroada a velada; trata-se de Ísis da Natureza, cuja face velada indica que as forças espirituais estão ocultas pela forma exterior. Essa idéia está presente também no simbolismo de Binah, que se resume no conceito do "manto exterior de ocultamento". Malkuth, como o indica o Texto Yetzirático, é Binah num arco inferior.

76. Binah recebe o nome de Mãe Celestial Obscura, a Malkuth, o de Noiva do Microprosopos, ou Mãe Fértil Brilhante, a ambos os títulos correspondem aos aspectos duais da deusa lunar egípcia, Isis a Hathor, sendo aquela o aspecto positivo da deusa a esta o aspecto negativo. No simbolismo grego, corresponderiam a Afrodite a Ceres. Ora, Afrodite é o aspecto positivo da potência feminina, pois lembremos que, sob a lei da polaridade alterrrante, o que é negativo no plano exterior é positivo no plano interior, e viceversa. Afrodite, a Vênus Celestial, é quem confere o estímulo magnético ao masculino espiritualmente negativo; pelo fato de sua função não ser compreendida na vida moderna é que tanta coisa nela está errada. Binah, o aspecto superior de Isis, é, contudo, estéril, porque o pólo positivo é sempre o dador do estímulo, a nunca o produtor do resultado. O aspecto Malkuth de Isis é a Mãe Fértil Brilhante, a deusa da fecundidade, indicando assim o resultado final da operação de Isis no plano físico.

77. A posição de Malkuth na base do Pilar do Equilíbrio a coloca na linha direta da descida do poder que provém de Kether, transmuda-se em Daath, a Sephirah Invisível, a passa aos planos da forma via Tiphareth. Esse é o Caminho da Consciéncia, ao passo que os dois Pilares Laterais são Caminhos de Furrção; mas os dois Pilares Laterais também corfvergem para Malkuth via o Trigésimo Primeiro e o Vigésimo Nono Caminhos. Conseqüentemente, tudo termina em Malkuth.

78. Nós, que estamos encarnados em corpos físicos, achamo-nos em Malkuth e, quando abraçamos o Caminho da Iniciação, nossa rota segue pelo Trigésimo Segundo Caminho até Yesod. Esse Caminho, que sobe a linha reta para o Pilar Central, chama-se Caminho da Flecha, lançada por Qesheth, o Arco da Promessa; é por essa rota que o místico se eleva aos planos; o iniciado, contudo, acrescenta à sua experiência os poderes dos Pilares Laterais, juntamente com as realizações do Pilar Medial.

79. Esse aspecto do Pilar Central é expresso no Texto Yetzirático, que afirma que Malkuth faz uma influéncia emanar do Príncipe dos Rostos, o Anjo de Kether.

80. Os títulos adicionais atribuídos a Malkuth explicam claramente seus atributos. Ela é a Porta e a Esposa. Essas duas idéias representam na verdade uma única idéia, pois o útero da Mãe é a Porta da Vida. Ela é também a Porta da Morte, pois o nascimento no plano da forma é a morte para as coisas superiores.

81. Malkuth é também Kallah, a Noiva de Microprosopos, a Malkah, a Rainha de Malekh, o Rei. Isso indica claramente a função na polaridade que prevalece entre os planos da forma a os planos da força, sendo os

planos da forma o aspecto feminino, polarizado a fertilizado pelas influências dos planos da força.

82. O Nome divino de Malkuth é Adonai Malekh, ou Adonai ha Aretz, que significa "O Senhor que é Rei", a "O Senhor da Terra". Vemos aqui claramente a afirmação da supremacia do Deus único nos Reinos da Terra, a toda operação mágica, em que o operador toma o poder em suas próprias mãos, deveria começar corn a evocação a Adonai para habitar seu templo da Terra a govemá-lo, para que nenhuma força possa desviar de sua obediência ao Um.

83. Aqueles que invocam o Nome de Adonai invocam o Deus manifesto na Natureza, que é o aspecto de Deus adorado pelos iniciados dos Mistérios da Natureza, seja os de Dionísio ou os de fsis - que concemem aos diferentes meios de abrir a supraconsciência por meio da subconsciência.

84. O arcanjo é o grande anjo Sandalphon, que os cabalistas chamam às vezes de Anjo Negro, ao passo que Metraton, o Anjo do Rosto, é o Anjo Brilhante. Esses dois anjos, como se diz, permanecem atrás dos ombros direito a esquerdo da alma em suas horas de crise. Eles poderiam representar o born Carma e o mau Carma. É relativamente à função de Sandalphon como o Anjo Negro, que preside sobre a dívida cármica, que Malkuth recebe o título de Porta da Justiça a Porta das Lágrimas. Disse um humorista, corn mais verdade do que poderia ele supor, que este planeta é atualmente o inferno de outro planeta. Ele é, na verdade, a esfera em qpe se cumpre normalmente o carma. Onde há suficiente conhecimento, contudo, o carma pode ser operado nos planos mais sutis, a esse método é uma das formas da cura espiritual.

85. O coro angélico atribuído a Malkuth é o dos Ashim, as Almas do Fogo, ou Partículas Ígneas, sobre as quais Mme. Blavatsky diz algumas coisas muito interessantes. Uma Alma do Fogo é, na verdade, a consciência de um átomo; os ~ por conseguinte, representam a consciência natural da matéria densa; sáo eles que lhe dáo suas características. São as Vidas Ígneas, essas cargas elétricas infinitesimais, que ondulam sem cessar para frente a para trás corn tremenda atividade na estrutura da matéria a lhe formam a base. Tudo que conhecemos como matéria baseia-se nessa estrutura. É corn a ajuda dessas Vidas fgneas que certos tipos de magia são operados. São pouquíssimas as pessoas que podem operar essa magia, pois quanto mais denso o plano a ser manipulado, maior deve ser o poder do mago.

86. O chakra cósmico de Malkuth é a Esfera dos Elementos, a qual já foi considerada em detalhes nestas páginas.

87. A experiência espiritual de Malkuth é a visão do Anjo da Guarda Sagrado. Esse anjo, que, de acordo corn os cabalistas, é atribuído a cada alma que nasce a que a acompanha até a morte, quando então a toma e a apresenta diante da face de Deus para julgamento, é na realidade o Eu Superior de cada um de nós, que formula a Centelha Divina - o núcleo da alma - e persiste por uma evolução, estabelecendo um processo na matéria a cada encamação para formar a base da nova personahdade.

88. Quando o Eu Superior e o Eu Inferior se unem, pela completa absorção do inferior pelo superior, alcança-se o verdadeiro Adeptado; é a Grande Iniciação, a União Divina Menor. É a suprema experiência da alma encarnada; e, quando isso ocorre, ela está hvre de qualquer compulsão para reencarnar na prisão da carne. Ela está hvre para subir aos planos a entrar em seu repouso, ou, se assim escolher, para permanecer na Esfera Terrestre a funcionar como um Mestre.

89. É essa, pois, a experiência espiritual atribuída a Malkuth - a descida da Divindade na humanidade, assim como a experiência espiritual de Tiphareth é elevar a humanidade à Divindade.

90. A virtude especial de Malkuth é a discriminação. Essa idéia é bem exemplificada no curioso simbolismo dos antigos, que declararam que a correspondência no microcosmo se estabelece corn o ânus. Tudo o que na vida está corrompido deve ser excretado, e a excreção macrocósmica se dá nas esferas qliphóticas, que dependem de Malkuth, de onde os excrementos cósmicos não podem retomar aos planos da forma organizada sem antes encontrar o equilibrio. Há, portanto, no mundo qhphótico, uma Esfera que não é o inferno, mas o purgatório; é um reservatório de forças desorganizadas emanadas de formas destruídas a expulsas pela evolução; é o caos num arco inferior. É desse receptáculo de fomias voltadas à destruição que as Conchas, ou entidades imperfeitas, extraem seus veículos. Essa Esfera serve também para os tipos inferiores de magia de má espécie. A tendência dessas forças que se encontram na Esfera qliphótica é sempre a de assumir uma vez mais as formas a que estavam acostumadas antes de sua desintegração a redução ao seu estado primordial; como essas formas eram pelo menos antiquadas, se não ativamente más, segue-se naturalmente que essa matéria de caos não é uma substância desejável corn a qual se possa trabalhar. Seria melhor deixá la até que sua purificação seja completa a que ela tenha sido filtrada pela Esfera da Terra pelos canais naturais a lançada umá vez mais no fluxo da evolução. É por essa razão que todos os cultos subterrâneos e a evocação dos mortos são indesejáveis, pois

as formas que as entidades manifestas assumem devem ser construídas em parte corn essa substância do caos.

91. Portanto, a virtude especial de Malkuth é agir como uma espécie de filtro cósmico, expulsando a excreção a preservando o que ainda tenha alguma utilidade.

92. Os vícios característicos de Malkuth são a avareza e a inércia. É fácil ver como a estabilidade de Malkuth pode ser levada ao excesso, a dar origem à lerdeza e à inércia. O conceito de avareza, embora não seja tão óbvio na superfície, revela rapidamente seu significado à investigação, pois o apego excessivo da avareza é uma espécie de constipação espiritual, o oposto exato da discriminação que rejeita as excreções da vida por meio do ánus cósmico deitando-as no esgoto cósmico das Qliphoth. É interessante notar que Freud declara que o avarento está invariavelmente constipado, associando, ademais, o sonho da moeda às fezes.

93. Uma das coisas mais importantes que temos de fazer antes de podermos nos elevar das limitações da vida em Malkuth a respirar uma atmosfera mais leve é aprender a nos desapegarmos das coisas; a sacrificar o inferior em função do superior, construindo, assim, a preciosa pérola. É a discriminação que nos permite saber qual é o valor menor que deve ser abandonado, a fim de se obter o maior, pois não há ganho sem sacrifício. O que não compreendemos é que todo sacrifício deve ter uma utilidade substancial para o céu, onde nem a traça nem a ferrugem corrompem, pois, do contrário, ele representará uma perda inútil.

94. 1á observamos uma das correspondências atribuídas a Malkuth no microcosmo. Contudo, diz-se também que Malkuth corresponde ao pés do Homem Divino. Temos aqui novamente um importante conceito, pois, a menos que os pés estejam firmemente plantados na Mãe Terra, nenhuma estabilidade é possível. Há, não obstante, muitíssimos místicos desequilibrados que gostam de pensar que o Homem Divino termina no pescoço como um querubim, a não dão lugar aos órgãos geradores de Yesod, ou ao ânus de Malkuth. Eles precisam aprender a lição que o sonho celestial ministrou a São Pedro - ou seja, de que nada que Deus fez é impuro, a não ser que nós o tomemos impuro. Deveríamos reconhecer a Vida Divina em todas as suas funções, a assim elevar a humanidade até a Divindade a santiflcá-la. A pureza está próxima à Divindade, especialmente a pureza interna. Se fugimos de uma coisa e a evitamos, como podemos mantê-la pura a saudável? Os tabus dos povos primitivos foram completamente esquecidos em nossa vida civilizada, com desastrosas conseqüências para a saúde e o bem-estar da humanidade.

95. Os símbolos de Malkuth são o altar do cubo duplo e a cruz de braços iguais, ou cruz dos elementos.

96. O altar do cubo duplo simboliza a máxima hermética "Como em cima, tal é embaixo", a ensina que o que é visível é o reflexo do que é invisível, a lhe corresponde exatamente. Esse altar cúbico é o altar dos Mistérios, em oposição ao altar horizontal, que é o altar da Igreja. Pois o altar horizontal permanece no léste, ao passo que o altar cúbico permanece no centro. Afirma-se que ele está bem proporcionado quando a altura do centro é de seis pés, e a largura e a profundidade são a metade da altura.

97. A cruz de braços iguais, ou cruz dos elementos, representa os quatro elementos em perfeito equilíbrio, que é a perfeição de Malkuth. Ela é representada na Árvore da Vida pela divisão de Malkuth em quatro quadrantes, nas cores citrino, oliva, castanho-avermelhado a preto, estando o citrino voltado para Yesod e o negro para as Qliphoth, o oliva para Netzach e o castanho-avermelhado para Hod. São os reflexos dos Três Pilares a da Esfera Qhphótica, atenuados a filtrados pelo véu da Terra.

98. Todas as coisas se resumem, desse modo, em Malkuth, embora vistas num cristal turvo, por reflexo, a não face a face.

99. As quatro cartas do Tart produzem curiosos resultados quando sujeitos à meditação à luz do que sabemos sobre Malkuth. O Dez de Paus chama-se Senhor da Opressâo; o Dez de Copas, o Senhor do Sucesso Completo; o Dez de Espadas, o Senhor da Ruína; e o Dez de Ouros, o Senhor da Riqueza.

100. Como já vimos, é em Malkuth que as forças espirituais atingem sua perfeição no plano da forma e, tomando essas formas completas a "sacrificando-as", podemos reconduzi-las ao estado de poderes espirituais.

101. Essas quatro cartas do Tarô, note-se, são alternadamente boas e más em seu significado; de fato, o Dez de Espadas é a pior carta que se pode tirar numa adivinhação. A esse propósito, poderíamos lembrar uma curiosa doutrina alquímica, a qual ensina que os signos dos planetas são compostos de três símbolos: o disco solar, o crescente lunar e a cruz da corrosão ou do sacrifício. Esses símbolos, quando corretamente interpretados, dão a chave da natureza alquímica do planeta a da sua utilidade prática na Grande Obra da transmutação. Por exemplo, Marte, em cujo símbolo a cruz encima o círculo, é, como se afirma, externamente corrosivo a internamente solar; Vênus, em que o círculo encima a cruz, é externamente solar a internamente corrosiva, ou, nas palavras da Escritura, "doce nos lábios, mas amarga nas entranhas".

102. Nos quatro dez do Tarô prevalece o mesmo princípio. Cada carta representa a operação de um certo tipo de força espiritual, no plano da matéria densa. A carta mais espiritual, o dez do naipe cujo ás é a Raiz dos Poderes do Fogo, chama-se Senhor da Opressão. Isso nos ensina que as forças espirituais superiores podem ser externamente corrosivas quando operam sobre o plano da matéria. Os Poderes do Fogo, em sua potência mais elevada, no dez de paus, são os do fogo refinador. "Assim como o ouro se prova pela chama, assim o coração se prova pela dor."

103. Por outro lado, todo o simbolismo do naipe de Copas, ou Cálices, manifests claramente a influência venusiana; é nesse naipe que encontramos os Senhores do Prazer, da Felicidade Material a da Abundância. Mas encontramos também os Senhores do Sucesso Ilusório, do Sucesso Abandonado, da Perda no Prazer, o que mostra claramente que esse naipe, embora externamente solar, é internamente corrosivo.

104. As Espadas estão sob a influência marciana, e o Senhor da Ruína indica o sacrifício total de todas as coisas materiais.

105. Mas, em Ouros, Terra da Terra, a combinação é inversa, a descobrimos que o dez de Ouros é o Senhor da Riqueza.

106. Observamos, dessa maneira, que as cartas de naipes de natureza primordialmente espiritual são externamente corrosivas no plano físico; a as cartas de naipes de natureza primordialmente material são externamente solares, ou benéficas, no plano material. Isso ensina uma lição muito útil, a dá uma importante chave quando utilizada nos sistemas de adivinhação em que se procura discemir a ação dos poderes espirituais que agem num determinado caso.

107. Todos os assuntos do mundo sobem a descem como as ondas do mar, uma crista seguindo a outra em progregão rítnrica; por conseguinte, quando uma situação cósmica está no zênite ou no nadir sabemos que uma mudança de maré deve ser esperada no futuro próximo. Essa noção se acha expressa em muitos ditados populares: "Não há mal que sempre dure"; "A hora mais negra é a que precede a aurora". Harriman, o grande milionário norte-americano, dizia que fez sua fortuna comprando sempre nos mercados em baixa a vendendo em alta - procedimento oposto à prática normal. Não obstante, é um procedimento engenhoso, pois a alta transforms-se em depressão, e a depressão resulta em alta. Isso ocorre tão freqüentemente que deveríamos esperar que os especuladores conhecessem essa lição histórica, mss eles não conhecem. Foi o conhecimento desse fato que permitiu à Sociedade da Luz Interior seguir firmemente sua marcha em meio às dificuldades do pós-guerra, a atravessá-las sem ter de restringir

nenhuma de suas atividades. Há ocasiões em que é necessário ser modesto para continuar solvente, mss há ocasiôes em que se pode ser arrojado, a despeito de todas as indicações em contrário, porque se sabe que a maré está subindo.

108. Essas quatro cartas, portanto, dão uma indicação muito,exata da natureza da operação das forças em Malkuth e, quando elas se apresentam numa adivinhação, podemos esperar que o ouro material irá corromperse, e a corrosão exterior se voltará ao ouro, mais cedo ou mais tarde, sendo conveniente conduzir os negócios de acordo com essa situação.

109. É a verdadeira utilidade da adivinhação permitir-nos discernir as forças espirituais implicadas em qualquer acontecimento, para agirmos adequadamente. Qual seria a utilidade, então, da adivinhação executada por alguém que não tem discernimento espiritual? E podemos esperar encontrar discernimento espiritual no ocultismo mercenário que fornece um tanto por uma certa quantia a muito mais por uma quantia maior? As coisas espirituais não se fazem dessa maneira. Entre os antigos, a adivinhação era um rito religioso, a deveria sê-to para nós, a não ser que desejemos semear a má sorte.

XXVI. AS QLIPHOTH

1. No capítulo anterior, fizemos referência às Qliphoth, as Sephiroth malignas a adversas; é hora, portanto, de estudá-las em detalhe, embora elas sejam "forças terríveis, havendo perigo até mesmo em pensar nelas".

2. Poder-se-á perguntar então por quê, sendo essas formas tão perigosas, será preciso estudá-las. Não seria melhor desviar a mente a impedir que as imagens de tais forças se formem na consciência? Em resposta a essa quetão, podemos citar os preceitos de Abramelin, O Mago, cujo sistema de magia é o mais completo a poderoso que possuímos. De acordo com esse sistema, o operador, depois de um prolongado período de purificação a preparação, evoca não apenas as forças angélicas, mas também as demoníacas.

3. Muitas pessoas queimaram os dedos com o sistema de Abramelin, e por uma razão muito simples, pois, se examinarmos seus relatos, descobriremos que elas nunca seguiram o sistema por completo, escolhendo uma ceri• mônia aqui a uma invocação acolá, segundo seus humores. Conseqüentemente, o sistema de Abramelin ganhou má reputação por ser uma fórmula singularmente perigosa, ao passo que, executada por completo, é singularmente segura, porque trata de todas as reações das

forças evocadas sob o que poderíamos chamar de "condições de laboratório" neutralizando-as, assim.

4. Todo aquele que tenta manipular o aspecto positivo de uma Sephirah precisa lembrar que ela tem também um aspecto negativo, a que, a não ser que ele possa manter o necessário equilíbrio de forças, esse aspecto negativo pode tomar-se dominante a arruinar a operação. Há um ponto em toda operação mágica em que se encontra o aspecto negativo da força e, a não ser que seja enfrentado, ele jogará o experimentador na fossa que abriu. Há uma sábia máxima mágica que aconselha a não evocarmos qualquer força a não ser que estejamos preparados para enfrentar o seu aspecto adverso.

5. Ousaríamos, por acaso, evocar a energia ígnea de Marte (Geburah) em nós mesmos, se não nos tivéssemos disciplinado a purificado para podermos impedir a força marciana de chegar aos extremos a induzir à crueldade e à destrutividade? Se temos alguma compreensão da natureza humana, devemos saber que todo indivíduo tem os defeitos de suas qualidades - ou seja, se ele é vigoroso a enérgico, ele está predisposto a incorrer na crueldade e na opressão; se é calmo a magnãnimo, está predisposto às tentações do laissez faire a da inéreia.

6. As Qliphoth recebem corretamente o nome de Sephiroth malignas e adversas, porque não são princípios ou fatores independentes no esquema cósmico, a sim o aspecto desequilibrado a destrutivo das próprias Estações Sagradas. Não existem, na verdade, duas Árvores, mas apenas uma, a uma Qliphah é o reverso de uma moeda cujo lado oposto é uma Sephirah. Todo aquele que utiliza a Árvore como um sistema mágico deve necessariamente conhecer as Esferas das Qliphoth, porque ele não tem outra opção senão enfrentá-las.

7. Só o plano de Atziluth possui um Nome de Poder associado a uma única Sephirah, a ele é o Nome de Deus. Ao arcanjo corresponde o diabo e, ao coro angélico, a corte de demônios; a as Esferas sephiróticas têm suas correspondências nas Moradas Infernais.

8. O estudante deve fazer uma cuidadosa distinção entre o que o ocultista chama de Mal positivo a negativo. Esse é um ponto capital na filosofia esotérica, e a não-compreensão de seu significado conduz a erros práticos posteriores, danificando a vida a obra do iniciado, ou, pelo menos, do ser humano que tenta desenvolver uma quantidade módica de livre escolha a autodomínio. Esse é um ponto pouco compreendido, mas singularmente importante na prática, porque influencia imediatamente nossos pontos de vista, de julgamento a de conduta.

9. O Mal positivo é uma força que se move contra a corrente da evolução; o Mal negativo é simplesmente a oposição de uma inércia que ainda não foi superada, ou de um movimento que ainda não foi neutralizado. 11ustremos essas definições por um exemplo. O conservadorismo natural de uma mente amadurecida é encarado como mau pelo futuro reformador; a iconoclastia natural da juventude é encarada como má pelo administrador que estabeleceu seu sistema. Não obstante, nenhum desses fatores oponentes pode ser dispensado 'se queremos que a sociedade se mantenha num estado saudável; entre esses extremos, obtemos um progresso firme que não desorganiza a sociedade, nem permite arrojá-la na inércia a na decadência. Ambos esses fatores são indispensáveis ao bem-estar social, e a ausência de qualquer um deles conduziria a sociedade à ruína.

10. Não podemos considerá-los, portanto, como um mal social, a não ser que haja um excesso. Deveríamos, por conseguinte, na terminologia da filosofia esotérica, classificar o conservadorismo como um Mal negativo, quando considerado do ponto de vista do reformador, e a iconoclastia como um Mal negativo quando considerada do ponto de vista do conservador.

11.O Mal positivo é algo completamente diverso. Poderá ele ter a natureza de uma iconoclastia excessiva, que beira à anarquia pura a simples; ou a natureza do conservadorismo excessivo, que se toma um privilégio de classe, interesse petrificado que milita contra o bem comum. Ou pode tomar a forma da corrupção política atual, que destrói a eficiência da máquina administrativa, ou de corrupção social, tal como a prostituição organizada ou a exploração do trabalho de crianças, que mina a saúde do corpó-nacional.

12. O impulso conservador e o impulso radical atrairão aqueles que simpatizam com esses pontos de vista, a seus partidários organizar-se-ão rapidamente em partidos políticos; esses partidos não são maus, a não ser aos olhos preconceituosos de seus adversários políticos; o corpo principal da nação contrapõe-se a eles a os suporta imparcialmente, reconhecendo que eles representam fatores complementares. Da mesma forma, os elementos corruptos a criminais da sociedade tenderão a organizar um Tammany Hall próprio. Ora, os partidos Conservador a Radical' poderiam ser associados a Chesed a Geburah, respectivamente. O Tammany Hall poderia ser comparado à Qliphah correspondente de Geburah, as forças incendiárias e opositoras; a os reacionários organizados, à Qliphah de Chesed, os engendradores da destruição.

13.O mal negativo é o corolário prático do princípio do Equilíbrio. O equilíbrio é o resultado do equilíbrio das forças opostas; conseqüentemente,

elas devem combater-se mutuamente. Não devemos incorrer no erro de classificar uma força de um par de forças oponentes como boa e a outra como má, pois fazê-to é cair na heresia fundamental do dualismo.

14. Os comentadores instruídos a esclarecidos de todas as religiões encaram o dualismo como uma heresia; somente os adeptos ignorantes de uma fé acreditam no conflito entre luz a trevas, espírito a matéria, que resultará eventuahnente no triunfo de Deus a na abolição a eliminação total de todas as influências opostas. O Protestantismo esquece que Lúcifer é o Dador-de-Luz, que Satã é um anjo caído, a que o Senhor não limitou Seu ministério à humanidade, mas desceu ao inferno a pregou aos espíritos cativos: Não podemos lidar com o Mal cortando-o a destruindo-o, mas apenas absorvendo-b a colocando-nos em harmonia com ele.

15. Em todos os nossos cálculos a conceitos, devemos fazer uma clara distinção entre a resistência da Sephirah compensadora e a influência da Qliphah correspondente. As duas Árvores, a Divina e a Infernal, a Sephirótica e a Qliphótica, são comumente representadas como apareceriam se a Árvore adversa fosse um reflexo da Árvore Celestial num espelho colocado em sua base, igualando assim, proporcionalmente, a altura da outra. Obteríamos, então, um conceito mais exato se concebêssemos os dois hieróglifos como inscritos em cada lado de uma Esfera, de modo que, se um pêndulo balançasse entre Geburah a Gedulah (Marte a Júpiter), ele atingiria o lado oposto do globo, girando na direção da influência da Sephirah adversa correspondente. Se ele se afastar em demasia de Geburah (Severidade), ele chegará à Esfera das forças incandescentes a destrutivas a do ódio; se ele se afastar na direção da Misericórdia, chegará à Esfera dos engendradores da destruição, a esse nome é muito significativo.

16.O místico diz-nos que seu objetivo é operar na Esfera do espírito puro sem qualquer combinação com a Terra e, por isso, ele evoca apenas o Nome de Deus; mas o ocultista replica: "Enquanto estiveres num corpo terrestre, és um filho da Terra, a para ti o espírito não pode ser puro. Quando evocas o amor de Deus, este não pode it até ti a não ser por meio de um Redentor. A Esfera do Redentor é Tiphareth a seu arcanjo é Rafael, O Curador, pois não reconhecemos a influência do Redentor por meio de sua influência curadora sobre o corpo e a alma? Mas o oposto do Redentor que harmoniza são os Zourmiel, Os Querelantes, "os grandes gigantes negros que combatem sem cessar". Não vemos a sua influência nas doutrinas mais sombrias do Cristianismo, na idéia do castigo eterno sob o domínio do Demônio, contrastado com a recompensa eterna sob o domínio do vingativo a venal Jehovah? Se essas não são Forças Duais Contrárias, o

que são? O moderno pensamento religioso comete um grande erro ao não compreender que o excesso de um Bem é afinal de contas um excesso.

17. O único período durante o qual há perfeito equilíbrio de força é durante um Pralaya, uma Noite dos Deuses. A força em equilíbrio é estática, potencial, jamais dinâmica, porque a força em equilíôrio implica duas forças opostas que se neutralizaram perfeitamente e, assim tomaram-se inertes a inoperantes. Destrua-se o equilíbrio, a as forças serão libertadas para a ação, dando margem à mudança, ao crescimento, à evolução e à organização. Não há possibilidade alguma de progresso no equilíbrio perfeito; é um estado de repouso. Ao final de uma Noite Cósmica, o equilíbrio é destruído e, em cónseqüência, ocorre mais uma vez uma efusão de força, dando origem novamente à evolução.

18.O equilíbrio do universo poderia ser mais bem comparado antes ao movimento de um pendulo do que à apreensão de uma.tenaz. O equilíbrio não é imóvel, a há muita difereXiça entre esses dois conceitos. Pois, no controle, há sempre uma pequena vibração, um tremor entre as forças opos tas que o mantém firme; é uma estabilidade, não da inércia, mas do esforço.

19. Esse aspecto é representado na Árvore pelos dois Pilares da Mise ricórdia a da Severidade, que se opõem mutuamente. Geburah (Severidade; se opõe a Gedulah (Misericórdia). Binah (Forma) se opõe a Chokmah (For ça). Se essa oposição cessasse, o universo entraria em colapso, tal como un homem que está puxando uma corda cai se essa corda se rompe. Devemo; compreender claramente que essa tensão, essa resisténcia contra a qual deve mos nos debater em cada uma de nossas ações, não é má; é o contrapeso ne cessário de toda força que empregamos.

20. Como já observamos num capítulo anterior, cada Qliphah nascei primordialmente como uma emanação da força desequilibrada no curso d< evolução da Sephirah correspondente. Houve um período em que as força: de Kether se expandiram para formar Chokmah, e o Segundo Caminho esta va em vias de existir, sem se ter, porém, totalmente estabelecido; Kelhe~ encontrava-se, portanto, em desequiliôrio - expandido, mas não compen sado. Vemos esse mesmo fenômeno do estado de transição patológica cla ramente ilustrado no caso do adolescente que deixou de ser uma criança sob controle a ainda não se tornou adulta a capaz de controlar-se a si mesma.

21. Foi esse inevitável período de força desequilibrada, a patologia d, transição, que deu origem a cada uma das Qliphoth. Segue-se, portanto que a solução do problema do Mal a sua erradicação do mundo não serãc

obtidas por meio de sua supressão, cortando-o ou extirpando-o, mas po meio de sua compensação a conseqüente absorção na Esfera de onde pro veio. A força desequilibrada de Kether, que deu origem às Forças Duai: Compensadoras, precisa ser neutralizada por um aumento correspondente da atividade de Chokmah, a Sabedoria.

22. A força desequilibrada de cada Sephirah, portanto, que surgiu sem controle durante as fases temporárias do desequilíbrio que ocorre perio dicamente no curso da evolução, forma o núcleo em tomo do qual se or ganizaram todas as formas mentais do Mal que surgem na consciéncia do; seres perceptivos ou por meio da operação das forças cegas que se encon travam desequilibradas, buscando cada espécie de desarmonia o lugar que lhe correspondesse. Podemos deduzir então que um mero excesso de força; embora pura a boa em sua natureza intrínseca, pode, quando não-compen sada, tomar-se, no curso das eras, um centro altamente organizado a desen. volvido do Mal positivo a dinâmico.

23. Um novo exemplo nos ajudará a compreender esse ponto. Um excesso da energia necessária de Marte (Geburah), a energia que destrói a inér-

cia a faz desaparecer o excremento e a substância usada, deveria necessariamente ocorrer durante o período que precede a emanação de Tiphareth, o Redentor. Assim que é emanado, o Redentor compensa as severidades de Geburah, assim como disse o Senhor: "Dou-vos uma nova lei. Já não direis: olho por olho, dente por dente (. . .)". Ora, essa severidade unilateral de Geburah deu-nos o ciumento Deus do Velho Testamento a todas as perseguições religiosas que se fizeram em Seu desequilibrado Nome. Ele forma as Qliphah de Geburah, a toda natureza cruel a opressora está sintonizada com essa divindade. Para sua Esfera flui todo excesso de força que emana e que não é absorvido pela força oposta no universo - toda vingança insatisfeita, toda sede de crueldade não-satisfeita, a essas forças, sempre que encontram um canal de expressão aberto, se manifestam por meio dele. Conseqüentemente, o homem que se deixa arrastar pela crueldade descobre cedo que não está expressando os impulsos de sua própria natureza não-desenvolvida ou disforme, mas que uma grande força, tal como uma corrente em jorro, corre por ele, levando-o de um ultraje a outro, até que ele perca fmalmente seu autocontrole a discrição, a destrua a si mesmo por alguma expressão incauta de seus impulsos.

24. Toda vez que nos tomamos um canal de alguma força pura, ou seja, qualquer força que é simples a não-diluída pelos motivos ulteriores e considerações secundárias, descobrimos que há um rio caudaloso atrás de nós - o fluxo das forças Sephiróticas a Qliphóticas correspondentes - que

abre um canal, utilizando-nos como seu intermediário. É isso que dá ao fanático ignorante o seu poder anormal.

XXVII. CONCLUSÃO

1. Tendo terminado meu estudo desta parte da Sagrada Cabala que concerne às Dez Sephiroth na Árvore da Vida, não posso dizer outras palavras senão estas: "Fizemos tão pouco . . . E quanto resta por fazer!".

2. Espero que este livro suscite a publicação de outras obras. Os Vinte a Dois Caminhos formam um sistema de psicologia mística concernente às relações entre a alma humana e o universo. Assim como as Dez Sephiroth, que dizem respeito ao macrocosmo, sáo a chave da iluminação, também os Vinte a Dois Caminhos, que dizem respeito às relações entre macrocosmo e microcosmo, sáo a chave da adivinhação; e a adivinhação, tomada em seu sentido verdadeiro, é diagnose espiritual, algo muito diferente da cartomancia.

3. Ás Esferas dos deuses na Árvore representam uma questão de profundo interesse a imediata aplicação prática, pois elas dão a chave dos ritos que foram executados como meio - e meio efetivo, sublinhamos -, de entrar em contato com as diferentes forças personalizadas sob os nomes dos deuses a de equilibrá-las.

4. Todas essas coisas, contudo, requerem um conhecimento detalhado, a este só pode ser alcançado gradualmente. Eis uma tarefa que está além das forças de um único autor, a eu receberia com prazer a correspondência daqueles que estão interessados nesses assuntos, não como estudo da Antigüidade, mas como forças vivas que dizem respeito aos assuntos a ao coração do homem.

5. Tudo que nos restou do cerimonial no Ocidente está nas mãos da Igreja, dos maçons a dos exploradores de cabaré. Os três são efetivos em seu gênero: a Igreja invocando o amor de Deus; a Maçonaria invocando o amor do homem; e o cabaré invocando o amor das mulheres.

6. Visto como meio de invocar o espírito de Deus, o cerimonial não passa de superstição; mas, visto como meio de invocar o espírito do homem, é psicologia pura, e é assim que eu o vejo. Trata-se de uma arte perdida no Ocidente, mas uma arte que valeria a pena reviver.

7. Nestas páginas, ministrei a base filosófica do que resta dessa arte. Sua aplicação prática depende não apenas do conhecimento técnico, mas do

desenvolvimento de certos poderes da mente pelo treinamento cuidadoso e prolongado, sendo o primeiro desses poderes o poder da concentração, e o segundo, o poder da imaginação visual. No que respeita ao poder da imaginação visual, nós, ocidentais, nos encontramos numa lamentável ignorância. Coué não cumpriu sua missão ao buscar na atenção prolongada um substituto da emoção espontânea.